# MESTRADO EM CONCLAS SOCIAIS

MCEMA PARENTE AUGEL

VISITANTES ESTRANGEIROS NA BAHIA OITOCENTISTA

Dissertação final apresentada ao Mestrado de Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia.

Salvador-Bahia

1 9 7 5

BRIVERSIA .. DA PARIA PASULBADI DE PER SEPIA BIBLIOTECA No. de Tembe 4500

# Universidade Federal da Bahia - UFBA Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Esta obra foi digitalizada no Centro de Digitalização (CEDIG) do Programa de Pós-Graduação em História da UFBA

Coordenação Geral: Carlos Eugênio Líbano

Coordenação Técnica: Luis Borges



2008

Contatos: <u>lab@ufba.br</u> / <u>poshisto@ufba.br</u>

a Claus e Christina para Johannes

#### INDICE

pa	zinas
NOTA PRÉVIA	4
INTRODUÇÃC	ē
I - OS VISITANTES ESTRANGEIROS E SEUS RELATOS DE VIAGEM	2 €
1630 - 1809	30
1810 - 1819	41
1820 - 1829	61
1930 - 1839	69
1840 - 1849	77
1850 - 1859	90
1860 - 1869	102
1870 - 1879	120
1880 - 1889	12-
1890 - 1899	131
Outros relatos de viagem	137
II - A CIDADE. ASPECTOS TOPOGRÁFICOS E URBANÍSTICOS	146
A Cidade Baixa	151
A Cidade Alta	154
Arquitetura Civil	156
Arquitetura Militar	168
Arquitetura Religiosa	169
Os bairros residenciais	172
II - A CIDADE. ASPECTOS SOCIAIS	184
Estratificação social	186
A classe alta	189
O elemento estrangeiro	197
Estratos intermediários	205
A classe servil	208
Sincretismo religioso	215
Negros libertos	216
Preconceito	223
A família e a mulher	227
CONCLUSÃO: Os viajantes estrangeiros e o processo de euro-	
peização	24.
VIAJANTES E VISITANTES ESTRANGEIROS NA BAHIA NO SÉCULO XIX.	25
DERI TOODATTA	251

Ao escolher como tema de dissertação la Visitantes estrangeiros na Bahia Oitocentista, moveu-nos a certeza da importância do assunto para a historiografia brasileira, animando-nos a originalida de da tarefa, uma vez que não conhecemos trabalho congênere, pretendendo arrolar exaustivamente o testemunho dos estrangeiros que passa ram durante uma centúria em um determinado ponto do país, procuraz do interpretar suas informações e influências, situá-las em seu con texto próprio.

No momento em que concluímos esta diesertação, preenchendo com ela a última parte das exigências para a citenção do grau de Mes Tre em Ciências Humanas, desejamos expressar nosso penhor ao Professor José Calasans Brandão da Silva, orientador deste trabalho, e que o enriqueceu com valiosas sugestões e críticas, ao tempo em que venç ramos a lembrança de Anfrisia Santiago, amiga e mestra, e recordamos ter sido José Calasans o nosso primeiro professor de História, ainda nos bancos do sempre presente Colégio Nossa Senkora Auxiliadora.

Este trabalho não teria sido realisado se não nos tivesse sido generosamente franqueado o acesso à Biblioteca Prederico Edelweiss, ora pertencente ao Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia. Ao Professor Edelweiss, que sempre se mostrou infatigavel e solicito, desencavando da memória e das estantes raridas preciosas, nossa gratidão.

Agradecemos sinda à Universidade Federal da Bahia que, facultando-nos uma bolsa is estudos, auxiliou e incentivou desse modo a realização da pesquisa iniciada.

A todos os muitos que, de uma maneira su de outra, contribuíram para tornar esta trabalho exequivel, os nossos agradecimentas sinceros na esperança de qua ela posse causar-lhes alguma alegria ouproveito.

"Les événements sont comme l'écume de l'his toire, des bulles, grosses ou menues, qui crèvent en surface, et dont l'éclatement suscite des remous qui plus ou moins se propagent".

Georges Duby, Le dimanche de Bouvines.

"A verdadeira história de uma nação, a his tória realmente digna de tornar-se popular, jaz ainda enterrada na poeira das crônicas."

A. Thierry, Lettres sur l'histoire de France, I.

Com o presente trabalho, procuraremos enfocar aspectos da sociedade baiana oitocentista, tomando como principal fonte de conhecimento e informação históricas o testemunho escrito legado por estrangeiros de passagem pela Bahia durante o século dezenove.

Antes, porém, parece-nos necessária, senão imprescindível, uma reflexão sistemática e minuciosa, na qual pretendemos justificar e analisar o tema escolhido, delimitar nosso campo de pesquisa e  $f\underline{i}$  xar nossos objetivos.

Se a época dos descobrimentos e das grandes navegações des pertou no europeu a curiosidade do mundo, de um modo episódico e oca sional sempre houve, por todos os tempos, um ou outro espírito inquieto que demandou outras terras à procura de outras experiências, voltan do à pátria com o alforje repleto de aventuras para contar e maravilhar.

Por muito tempo, o exotismo e o mistério das terras distan tes ecoaram no ouvido e na fantasia do mundo civilizado através das narrativas de viagens relatadas por mercadores ou marinheiros. Rela tos fabulosos, pontilhados de aventuras, entremeados de pitoresco, despertando o pasmo e a inveja, embalando silenciosos anelos de cora gem, ou auxiliando a engenhar os meios para atirar-se ao desconheci do, ao perigo, à glória e à fortuna, envolvendo esses viajantes numa aura de admiração, legenda e fama.

As descrições de viagem de Marco Polo, desvendando a Ásia, do século treze, aos olhos europeus, percorrendo a Mongólia, a China, a Índia, ou as histórias de Ibn Battuta, explorador árabe do sécu

lo XIV, que enfrentou os mistérios da Ásia Central e do Oriente Próximo, da Índia, da China, da Sumatra e da África oriental; as desditas narradas por naufragos, imaginarios ou verídicos, como um Robinson Crusoe ou um Hans Staden, os resultados das expedições de Alexander von Humboldt ou de Sven Hedin, as paginas literarias dos Lusiadas de Camões ou as crônicas de viagem de Goethe são apenas alguns exemplos eloqüentes dos efeitos e repercussões que tais aventuras e a sua divulgação podem ocasionar.

Mais lembrados uns, menos outros, ou completamente esqueci dos ainda outros mais, sempre houve um punhado de homens intrépidos, amantes do risco, sedentos de aventuras, ávidos de novidades que se deslocou, por terra ou por mar, enfrentando desertos e geleiras, mon tanhas e abismos, desafiando intempéries e magias, provocando o Mar Tenebroso, desmitificando crenças e pavores milenares.

A popularidade do gênero literário de descrições de viagem atingia um grau antes desconhecido no último quartel do século passa do, sendo nos decênios anteriores já bastante difundida, fenêmeno paralelo e apendicular de toda a aventura da expansão européia no mun do.

As bibliografias especializadas revelam a espantosa quantidade de publicações desse jaez. Para dar apenas uma visão geral das grandes obras de referências mais consultadas e conhecidas, citamos o guia para literatura de viagem de Edward Godfrey Cox, a bibliote ca geográfica de Wilhelm Engelmann, a bibliografia brasileira de Anatole Louis Garraux, a de Maggs Bros, ou ainda a Bibliografia Crí

<sup>1)</sup> Edward Godfrey Cox. A reference guide to the literature of travel including voyages, geographical descriptions, adventures, shipwre cks and expeditions. Seattle, University of Washington Press. 1935-1949, 3 vols. O volume que trata do Brasil é o segundo.

<sup>2)</sup> Wilhelm Engelmann, Bibliotheca geographica. Verseichniss der seit der Mitte des 18. Jahrhunderts bis zu Ende des Jahres 1856 in Deutschland erschienenen Werke ueber Geographie und Reisen mit Einschluss der Landkarten, Plaene und Ansichten. Hrgb. von..., Amstercam, Meridien Publishing Co., 1965, 2 vols. (reimpresse: de edição de 1857).

<sup>3)</sup> Anatole Louis Garraux. Bibliographie brésilienne. Catalogue des ouvrages français & latins relatifs au Brésil (1500-1898):par..., ex-libraire à Saint-Paul (Brésil). Paris, Ch.Chadenat, Jatlonski, Vogt et cie., 1898.

<sup>4)</sup> Maggs Bros., Bibliotheca Brasiliensis. Londres, Maggs Bros., 1927

tica da Etnologia Brasileira, de Herbert Baldus. <sup>5</sup> Acrescentamos ai<u>n</u> da Alfredo de Carvalho com a Biblioteca Exótico-Brasileíra, <sup>6</sup> Rubem Borba de Morais, com o Manual **B**ibliográfico <sup>7</sup> e José Carlos Rodrigues, com a Bibliotheca Brasiliensis. <sup>8</sup>

Outros trabalhos de menor porte, mas de grande importância são, por exemplo, o de Paulo Berger, ou o de Rosemarie E. Horch, Vizjantes estrangeiros no Brasil<sup>10</sup> ou ainda, a Americana, de Otto Lange, e a pesquisa de Monique Chambolle sobre os viajantes franceses no Brasil no século XIX.<sup>12</sup>

Poderíamos ainda acrescentar Charles Granville Hamilton, que escreveu sobre viajantes anglofones no Brasil. 13 Bernard Naylor, com seus relatos da América do Sul no Século XIX, 14 Georges Raeders, que

<sup>5)</sup> Herbert Baldus, Bibliografia aritica da etnologia brasileira.Sac Paulo, 1954, 2º vol. Hannover, 1959

<sup>6)</sup> Alfredo de Carvalho, Bibliotheca Exética-Brasileira. Rio de Janeiro, Empreza Graphica Editora, 1925. 3 vols. Continuação no vol 77 (1957) dos Anais da Biblioteca Nacional.

Rubem Borba de Moraes e William Berrien, Manual Bibliografico de Estudos Brasileiros. Rio de Janeiro, Gráfica Editora Souza, 1942

<sup>8)</sup> José Carlos Rodrigues, *Bibliotheca Brasiliensis*. Catálogo anctado dos livros sobre o Brasil. Rio de Janeiro, Typ. do J. do <u>Commercio</u>, 1907.

<sup>9)</sup> Paulo Berger. Bibliografia do Rio de Janeiro de viajantes e autores estrangeiros. 1531-1900. Rio de Janeiro, Livraria S. José Ltda., 1984.

<sup>10)</sup> Rosemarie E. Horch, Viajantes estrangeiros no Brasil. Um ensaic bibliográfico. Separata da Revista de Historia, nº 74, S. Paulo, 1966, pp.534-537. Trata-se sobretudo de uma bibliografía de bi bliografías.

<sup>11)</sup> Otto Lange, Americana. Voyages around the world. Florença 1936 (1. Catálogos de editores: 2.viagens ac redor do mundo).

<sup>12)</sup> Monique Chambolle, Les voyageurs français au Brésil au XIXe. siè cle. Paris, s.d.. Trata-se de uma "memória"de conclusão de estudos, para obtenção do Diploma do Instituto Nacional das Técnicas de Documentação (Institut National des Techniques de la Documentation). Mimeografado.

<sup>13)</sup> Charles Granville Hamilton, English-speaking travelers in Brazil, 1851-1887. in: Hispanic American Historical Review , 40:4 November, 1960, pp.533-547.

<sup>14)</sup> Bernard Naylor, Accounts of Nineteeth-Century South America. An Annotated Checklist of Works by British and United States Observers. London, The Athlone Press of the University of London. Published for the Institute of Latin American Studies, 1989.

coletou um grande número do obras francesas sobre o Brasil no início do século XIX. 15 e muitos outros.

Esse tipo de literatura constituiu, em parte, um elemento de relevância právica, tanto do ponto de vista político como militar, para os avanços de imperialismo combatente na Europa sobre os demais continentes. En seu actuado sobre a diplomacia do imperialismo, William L. Langur examina esse efeito estimulador da literatura de aven turas, 16 começando por ludyard Kipling, que desde seu primeiro livro, aparecido na Inglaterra em 1890, vave grande sucesso, publicando vários volumes de narrativas da vida na Índia, sua pátria, viajando ain da pela África e ilhas occânicas, pelo Japão. China, América, glorificando o imperialismo inclês em seus poemas, romances e novelas, me recendo em 1907 o Prêmio Mobel de Littratura. Como ele, Alfred Milhar, Sir Alfred Lyall, Lord Robert, William V. Hunter, Georg Younghus bands, o pastor Chrwaller, cujas "lea anos de prisão no Campo do Mah di" (1892) teve daz edições num sõ ano, e muitos outros. 17

Concemitantementa, uma grande onda de notícias de jornais, aproveitando-se de popularidade do gênero das aventuras, ao mesmo tem po contribui para a sua popularidade e difusão, criando um amplo in teresse, uma viva porticipação e o consentimento público e político em relação ao expansionismo econômico-militar e político da Grã-Bretanha no mundo. Alfred Marasvorth foi um dos grandes propagadores dessa nova forma harata o popular de divulgação de aventuras. Admira dor incondicional de Chamberlain, empenhou-se com todo o vigor e po der de sua pena pela causa do imperialismo, utilizando-se para isso de seu jornal, "Daily Mail", que, em 1901, atingiu a cifra incrível de uma tiragem de um milhão de exemplares diários. 18

Se nos servimos de alguns exemplos tirados da literatura inglesa de viagem e aventura, é porque é a Inglaterra o representante mais típico da época caracterizada, comumente, como a do imperia

<sup>15)</sup> Georges Raeders, Ouvrages français sur le Brésil au début du XIX siãole. São Paulo, 1956. Separate da Rev. os Univ. Cat. de S.Peulo, vol.X, junho-set. 1956, fasc. 18-19, pp.226-240.

<sup>16)</sup> William L. Langer, The Diplomacy of Imperialism, 1890-1902. K. York, 1935, parte I, pp.82-85, Apud Louis L. Snyder, The Imperialism Reader, Decuments and Readings on Medern Expansionism. Port Washington/London, Kennikat Press, 1973, pp.78-82.

<sup>17)</sup> Cf. ibidem. op.c/t., p.80

<sup>18)</sup> Ibidem, pp.81 s ss.

lismo, correspondendo mais ou menos ao período que vai de 1870 até a primeira guerra mundial, mas que já ensaia seus passos por toda a cen túria, numa crescente expansão. Sem aprofundar o assunto, ressalta mos que é uma determinada sociedade, em uma fase característica da sua formação, que produz uma determinada literatura. Temos que levar em conta esse aspecto fundamental da geração da literatura de via gens ao analisarmos os relatos e demais exteriorizações dos estran geiros que estiveram na Bahia, registrando suas impressões, interpre tando a realidade exótica com que se confrontavam, divulgando, com seus escritos, informações e imagens, apreciações e julgamentos.

Portugal procurou, por três séculos. esconder ciumentamen te sua principal colônia da cobiça das nações mercantes, punindo du ramente as tentativas descobertas de contrabando, dificultando a ar ribada de navios de outras bandeiras aos portos brasileiros. As me didas tomadas pela Coroa eram as mais severas possíveis. 20

O Capitão Aguirre, que esteve no Rio de Janeiro em 1782, de fiando uma das quatro comissões designadas pelo Vice-Rei de Buenos Aires para delimitar as fronteiras entre as possessões portuguesas e espanholas, em cumprimento ao estipulado pelo Tratado de Santo Ilde fonso de 1777, registra a reserva que as pessoas do lugar timham no simples contato com estrangeiros, receosos da pressão ou sanção governamental. 21

O viajante inglês John Barrow, que passou pelo Rio de Janeiro em dezembro de 1792, narra, divertido, o episódio de sua chega da aquela cidade, quando os funcionários da alfândega se indignaram por ele ter dado como motivo e razão de sua visita o intuito de cagar borboletas... O Vice-Rei acabou concedendo-lhe a permissão desejada, enviando, porém, um oficial para acompanhá-lo na "caçada". <sup>22</sup> É ainda

<sup>20) &</sup>quot;Desde 18 de março de 1604 se proibira a vinda de estrangeiros per ra o Brasil, e desde 12 de dezembro de 1605 se ordenara o internamento, a 12 léguas da costa, dos estrangeiros nela encontrados". Cf. J.H.Rodrigues, História e Historiografia, Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1970, p.21.

<sup>21)</sup> Juan Francisco Aguirre, Diário del Capitán de Fragata D.Juan Francisco Aguirre, in: Revista de la Biblioteca Nacional, tomo XVIII, 1º e 2º trimestre de 1948, nºs 45 y 46. B.Aires, Imprenta de la Biblioteca Nacional, 1949, p.167.

<sup>22)</sup> John Barrow. A Yoyage to Conchinchina in the Years 1792 and 1793. London, T.Cadell and W. Davies, 1806, p.86.

Barrow quem informa que o estrangeiro não podia sair à noite de seu alojamento e mesmo durante o dia "o governo, ciumento, é tão pouco hospitaleiro" que não permite que se vá à rua"sem um soldado nos cal canhares". <sup>23</sup>

Um outro in ¿les, John Turnbull, em 1800, esteve em grandes dificuldades quando ancorou na Bahia, porque seu navio sofreu avarás e teve necessidade de reparos. Receoso da espionagem, o governador não lhe permitiu senão quatro dias de estadia,conservando o navio e a equipagem sob severa custôdia.

Pouco tempo depois, tem-se o depoimento de Thomas Lindley, que esclarece a seus conterrâneos que "nenhum barco estrangeiro pode comerciar nessa cidade, a pretexto algum, ou até mesmo entrar em seu porto, salvo se estiver em perigo ou necessitar de reparos, aguada ou aprovisionamento. Para impedir a possibilidade de comércio, seis fun cionários aduaneiros postam-se a bordo de cada navio que entra; um barco-vigia é amarrado à sua popa, tripulado por um tenente e alguns soldados; e o navio é visitado, além disso, por um magistrado, um coronel, oficiais da marinha e um carpinteiro. Seus papéis são examinados, bem como a causa ( real ou fictícia) de sua arribada; elabora-se um relatório escrito de tudo isso, o qual é submetido ao gover nador. Este concede, então, o prazo de quatro a vinte dias para a permanência do navio, conforme urgência do caso e os termos do relatório. O pessoal de bordo tem licença para desembarcar, sob fiscalização imediata do barco-vigia".

Até o início de oitocentos, Portugal tentou preservar cio samente para si, por todo o longo da extensa costa brasileira, o mo nopólio absoluto do movimento portuário embora, usando a expressão de Wanderley Pinho, o regime dos portos fechados não era o de portas trancadas. <sup>26</sup> A partir de 28 de janeiro de 1808, o Príncipe Regente es

<sup>23)</sup> Ibidem, p.85

<sup>24)</sup> John Turnbull, A Voyage round the World in the Years 1800, 1801, 1802, 1803 and 1804; in which the Author Visited Madeira, the Brazils, Cape of Good Hope, the English Settlements at Botany Bay and Norfolk Islands in the Pacific Ocean; with a Continuation of their History to the Present Period, by J.T. Second edition, London. A. Maxell, 1813.

<sup>25)</sup> Thomas Lindley, Narrativa de uma viagem no Brasil.S.Paulo, Companhia Editora Nacional, 1969, p.24.

<sup>26)</sup> Cf. Wanderley Pinho. A Abertura dos Portos, Bahia. Publicacões da Universidade da Bahia, 1961, p.6.

crevia textualmente ao Conde da Ponte, Governador e Capitão Geral da Capitania da Bahia, ordenando-lhe "que sejam admissíveis nas Alfande gas do Brasil todos e quaesquer generos, fazenda e mercadoria trans portados, em navios estrangeiros das Potencias que se conservam em paz e harmonia com a minha Real Coroa, ou em navios dos meus vassa los.". 27

Com esse ato régio abriu-se uma nova fase para o Brasil. Se gundo Alan Manchester, em 1808, noventa navios de bandeira estrange<u>i</u> ra chegaram ao Rio, e no ano seguinte esse número elevou-se a 422,en tre portugueses e de outras nações. A Bahia aumentou suas importações en cinquenta por cento, e as exportações subiram em quinze por cento, no espaço de 1807 c 1810. 28

0 surto econômico irrompeu euforicamente, abrindo escrit $\underline{\delta}$  rios comerciais, lojas das mais diversas mercadorias, coalhando os portos de navios, "e com verdadeira fúria - assim se expressa Nelson Wernech Sodré - os comerciantes ingleses se atiraram ao mercado ago ra aberto".  $^{29}$ 

A representação diplomática logo viria selar e facilitar o intercâmbio mercantil. Por razões óbvias, a precedência coube ao representante britânico, e o ministro plenipotenciário Lord Strangford chegou poucos meses após o Príncipe Regente. Ainda em 1808 apresentou-se o prelado Lourenço Galeppi, representante da Santa Sé. O ple nipotenciário americano chegou dois anos depois, na pessoa de Thomas Sumter, e o da Rússia, o conde de San Pahlen, em 1812. As guerras napoleônicas interpuseram uma pausa forçada a esse afluxo diplomático. O cônsul geral da França, coronel Mahler, e o plenipotenciário holandês vieram em 1815. Depois da elevação do Brasil a Reino, apresentaram-se, em 1817, o encarregado de negócios da Áustria-Hungria, o

<sup>27)</sup> Carta Régia de 28 de janeiro de 1808

<sup>28)</sup> Cf. Alan K. Manchester, Preeminência inglesa no Brasil, S. Paulo, edição brasiliense, 1973, p.78

<sup>29)</sup> Nelson Werneck Sodré, As razões da Independência, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira S.A., 1985, p.150.

<sup>30)</sup> Sobre a presença e as ctividades do ministro inglês no Rio de Janeiro há muita coisa escrita, sobretudo pelos autores que tratam desse período da história brasileira. Existe uma pequena publicação que trata em especial das atividades de dois dos representantes inglesos no Brasil: Alberto Rangel, Os dois inglesos. Strangford e Stuart. Rio de Janeiro, Publicação conjunta do Conselho Federal de Cultura e do Arquivo Nacional, 1972.

Barão de Neveu e os enviados extraordinários de Bremen (Gildemeister) e da Prússia (o conde Fleming). 31

Seria exaustivo, e fugiria as nossas finalidades imediates, enumerar aqui a infinidade de estrangeiros - ingleses, franceses, ale mães, holandeses, suíços, suecos, espanhois, americanos - que visita ram as terras brasileiras, varando-as em todas as direções, levados pelos mais variados impulsos.

Foram representantes diplomáticos, os primeiros dos quais acabamos de enumerar, enviados oficialmente por seus países para cul tivarem as relações políticas e comerciais com a nova potência surgia no Atlântico foram homens de negócios, antevendo aqui escoadouro quase virgem para seus produtos e manancial inesgotável de téria prima, campo de enriquecimento rápido e certo para a opercsida de e tenacidade a que o europeu estava habituado; foram naturalistas. exploradores e cientistas, deslumbrados com a nova seara de descober tas botânicas, zoológicas, mineralógicas, geológicas do Novo Munco, desbravadores das florestas do Amazonas ao Prata; foram artistas, que souberam captar o elemento novo, a situação diversa, os traços e os passos da brasilianidade em formação; foram religiosos, missionários, educadores, que se dedicaram sobretudo à população aborígene, mas tal. bem capelaes das diferentes missões europeias que se iam instalando, prestando assistência a seus compatriotas, e quase sempre fixando no papel suas observações em correspondência particular ou relatórios o ficiais. São profissionais liberais, técnicos, engenheiros, muitos médicos, que acorrem espontaneamente ou em apelo às necessidades es pecíficas de uma comunidade, como o caso de médicos das colônias ou de bordo, tão numerosos.

Impelidos pelo acaso ou pela inquietude, pela ciência, pela arte ou pela fé, pela ambição ou pelo fastio, os viajantes mantêm entre si o denominador comum de estrangeiros imersos numa realidade totalmente outra daquela de onde provieram.

Todos os aspectos imagináveis de uma sociedade em amálgama, todas as facetas da cultura, todas as áreas do interesse humano estão de um modo ou de outro captados e cristalizados pela pena intencional ou fortuita de um desses viajantes. O valor desses relator

<sup>31)</sup> Cf. Frederico Edelweiss, A Secular Presença da Alemanha na Bahia, in: Anais do Arquivo do Estado da Bahia, 1970, vol.39 p.226.

de viagem, desses testemunhos de vivências as mais variadas é pacífico e é patente. Entre as fontes históricas para o estudo do século XIX, o depoimento dos visitantes que por aqui estiveram constitui, por tanto, manancial precioso, filão já muito explorado mas que, em núme ro considerável, continua inaccessível, jazendo anonimamente em biblic tecas e arquivos nacionais e estrangeiros.

Foram muitos os estudiosos de assuntos brasileiros que tra taram especificamente dessa fonte histórica. Relembraremos apenas os muitos livros e artigos de Affonso de E. Taunay, que divulgou visitantes do Brasil colonial, mais ou menos conhecidos, informando sobre estrangeiros em Santa Catarina ou na Bahia, no Rio ou em S. Paulo, dando pela primeira vez notícia de um ou outro manuscrito descoberto ou algum velho diário engavetado em arquivos ou bibliotecas, o mesmo acontecendo com Alfredo de Carvalho, o incansável bibliófilo pernambucano, a quem se deve a tradução para o vernáculo de tantas obras importantes, além de juízos críticos e análises e sobretudo a sua Biblioteca Exótico-Brasileira, que não chegou a terminar, deixando-a inacabada, 33 ou C.de Mello Leitão, com seus Visitantes do Primei

<sup>32)</sup> Affonso de E. Taunay, Na Bahia colonial. 1610-1764, in: Revista do Instituto Ristorico e Geographico Brasileiro, tomo 90, vol.144 1921, Rio de Janeiro. 1924, pp.237-382; Visitantes do Brasil Colonial. Séculos XVI-XVIII. São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1934; No Brasil de 1840, in: Annaes do Museu Paulista, São Paulo, tomo 7, 1936, pp.249-416; Em Santa Catharina Colonial. Langsdorff (1803) in: Annaes do Museu Paulista, São Paulo, tomo 7, 1936, pp.587-729; A Missão artística de 1816, Rio de Janeiro, 1956; Um Sueco na Cidade do Salvador (1756), Bahia, 1960. Centro de Estudos Baianos, Publicação nº 40; Na Bahia de D. João VI. Bahia, Imprensa Official do Estado, 1928.

<sup>33)</sup> Alfredo de Carvalho, Horas de Leitura. Recife, M.Nogueira de Scuza, Editor, 1907; Viajantes inglêses em Pernambuco, in: Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geographico Pernambucano, Recife, junho de 1908, vol XIII, nº 72, pp.265-271; Aventuras e Aventureiros no Brasil, Rio de Janeiro, Paulo Pongetti, Empreza Graphica Editora, 1929, 3 vols. Além de incontáveis traduções de viajantes estrangeiros em diversas revistas especializadas. O vol. 77 dos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, além de trazer a complementação da Biblioteca-Exótico Brasileira e uma Biblioteca Exótica Pernambucana, arrola a bibliografia de Ai fredo de Carvalho (Cf. Anais..., vol. 77, 1957).

ro Império, <sup>34</sup> ou 0 Brasil visto pelos ingleses, <sup>35</sup> ou ainda a História das expedições científicas no Brasil. <sup>36</sup> Não podemos esquecer Theo doro Sampaio, que arrolou e comentou os naturalistas viajantes em relação à etnografia indígena, <sup>37</sup> ou a avalanche de material fornecida por Gilberto Freyre com seus trabalhos sobre os ingleses no Brasil, a Europa germânica, um engenheiro francês no Recife, além do manancial de suas anotações aos diferentes capítulos de Casa Grande e Senzala e Sobrados e Mucambos. <sup>38</sup>

A par da literatura especificamente sobre os viajantes, exis te toda uma série de obras, mais ou menos extensas, que tratam da pre sença de grupos de estrangeiros no país, e sua influência e o papel desempenhado em uma determinada época ou em um determinado setor da ciência. Aí estão incluídos o trabalho de Alan K. Manchester sobre preeminência inglesa no Brasil, 39 ou o de Richard Graham, Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil, 40 o livro de Ezekiel Stanley Ramirez sobre relações entre a Áustria e o Brasil, 10 ou o de Karl Oberacker Júnior, tratando da contribuição alemã para a formação da nação -

<sup>34)</sup> C. de Mello Leitão. História das expedições científicas no Brasil. São Paulo. Comp.Ed.Nacional. 1942, p.360. (Série Brasiliana, v. 209).

<sup>35)</sup> C.de Mello Leitão, *O Bracil visto polas Ingleses*, São Paulo, Comp. Ed.Nacional, 1937, p.271 (Série Brasiliana, v.82).

<sup>36)</sup> C.do Mello Leitão, *Visitantes do Primeiro Império*, São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1934, p.251, ests. (Série Brasiliana, v.32).

<sup>37)</sup> Theodoro Sampaio, Explorações scientificas no Brasil no século da Independência, In: O Estado de São Paulo, 7-IX-1922, p.10 em come moração ao centenário da Independencia; Os noturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX a a etnografia indígena, Salvador, Livr. Progresso Editora, 1955, 305 p.ilus, (Col.Estudos Brasileiros, Série Cruzeiros, 8).

<sup>38)</sup> Gilberto Freyre, Casa-Grande & Senzala, Formação da família brasi leira sob o regime de economia patriareal. Socol. R. de Janeiro. José Olympio. 1950. 2 vols.; Sobrados e Mucambos. Decadência do patriareado rural e desenvolvimento urbano, 4e.ed. Rio de Janeiro. José Olympio. 1968. 2 vols.; Diario Intimo do Engenheiro Vauthier. Serviço Gráfico do Ministro de Educeção e Saúde, Rio de Janeiro. 1940; Ingleses no Brasil (palectos de influencia britani ca sobre a vida. a paisagem e a cultura do Brasil). Livraria José José Olympio Editora, Rio. 1948; Nós e a Europa Garmânica. R. de Janeiro, Grifo Edições, 1971, p.172.

<sup>39)</sup> Alan K. Manchester, op.cit.,

<sup>40)</sup> Richard Graham, Grá-Dretanha e o início da modernização no Brasil São Paulo, edição brasiliense, 1973.

<sup>41)</sup> Ezekiel Stanley Ramirez, As relações entre a Austria e o Brasil, São Paulo, Cia.Editora Nacional, 1988,

brasileira, 42 ou ainda Oscar Canstatt, com seu Repertório crítico da literatura teuto-brasileira. 43 O professor Othon Henry Leonardos é autor de um estudo sobre a participação alemã ao desenvolvimento do Brasil, de Geo-ciências no Brasil (a contribuição germânica), e ain da de um estudo relativo à contribuição inglesa no mesmo campo. 44

Enquanto toda a historiografia sobre o século dezenove se serviu, em maior ou menor grau, do testemunho dos viajantes estran geiros e os manuais de História do Brasil trazem em geral um capítu lo a respeito, 45 alguns autores usaram dessa fonte de modo mais específico, como o trabalho de Carlos Guilherme Mota, Europeus no Brasil às vésperas da Independência: um estudo, aparecido nos Anais do Museu Paulista, 46 ou o artigo de Manoel Cardozo, A escravidão no Brasil, tal como é descrita pelos americanos: 1822-1888, traduzido do inglês e divulgado na Revista de História, 47 ou ainda de Carlos H. O

<sup>42)</sup> Karl Heinrich Oberacker Junior. Der deutsche Beitrag sum Aufbau, der brasilianischen Nation, Sao Paulo, Herder Editora Livraria Ltda., 1955.

<sup>43)</sup> Oscar Canstatt, Repertório Crítico da literatura teuto-brasilei ra, Rio de Janeiro. Editora Presença, 1967.

<sup>44)</sup> Othon Henry Leonardos. Geociância no Brasil. A contribuição bri tânica, Rio de Janeiro, Forum Editora, 1970. Idem, Geociências no Brasil. A contribuição germânica. Rio de Je neiro, Forum Editora, 1973. Nesse livro é anunciado, como comple mento, o volume Participação alemá no desenvolvimento do Brasil. mas que não conhecemos. Sobre a imigração alemã ou assunto afim, existe uma enorme bibliografia, que não cabe enunciar aqui. Gos taríamos apenas ainda de lembrar o trabalho de Wilhelm Overbeck, Punfzig Jahre Deutscher Verein Germania und Deutschtum in Bahia (50 anos do Clube alemão Germania e o espírito alemão na Bahia). Berlin 1923, e ainda, no mesmo gênero, porém bem mais amplo,o tra balho de H. Hinden, Deutsche und deutscher Handel in Rio de Jane! ro, 1821-1921. Ein handertjähriges Kulturbild zur Zentenar Feier der Gesellschaft "germania". Rio de Janeiro, 1921 (Alemaes e co mércio alemão no R. de Janeiro, 1821-1921. Um quadro cultural de 100 anos por ocasião da festa do centenário do Germania).

<sup>45)</sup> Cf., por exemplo Sergio Buarque de Holanda (organizador). Bistó ria Geral da Civilização Brasileira II, vol.1, S.Paulo, pifusão Europeia do Livro, 1969, pp.119-131; vol.3, pp.445-467.

<sup>46)</sup> Carlos Guilherme Mota, Europeus no Brasil às vésperas da Independencia. Um estudo. In: Anais do Museu Paulista, tomo XIX, S.Paulo, 1965, pp.11-25.

<sup>47]</sup> Mancel Cardozo, A escravidão no Brasil, tal como é descrita pelos americanos: 1822-1888, in: Revista de História, nº 43, S.Paulo, 1960, pp.139-163

beracker, Vestígios suíços na história do Brasil. 48 Sobre assunto se melhante, Hermann Neeser elaborcu um trabalho que continua inétito, e que não pode concluir antes de falecer, sobre Suíços no Sul da Bahia. 49 O sueco Svend Ola Swärd escreveu, para a Revista de História, As relações sueco-brasileiras no início do XIX século, 50 ou o livro de Kátia Mattoso, Presença Francesa no Movimento, ou ainda o recente estudo de Thales Azevedo sobre os italianos no sul do Brasil. 52

O estudo dos viajantes estrangeiros pode, por si só, cong tituir um objeto de análise histórica, sociológica ou literária, ou mesmo psicológica. O fato de serem eles tão usados como fonte de in formação, aliado à constatação da existência de tantas obras sobre o assunto, justificaria, por si, uma tentativa de uma bibliografia am pla, crítica e interpretativa dos viajantes e da literatura de viagem. Como primeira parte do presente trabalho, sem pretender pelos limites que nossa pesquisa nos impunha, a um tratamento aprofundado e exaustivo, arrolamos os viajantes e demais visitantes que passara pela Bahia durante o século dezenovo, esboçando rápidos traços bio gráficos de cada um (na medida em que foi possível coletá-los) e procurando localizar as publicações no contexto das atividades dos seuautores, ao mesmo tempo em que destacamos a importância da descrição

<sup>48)</sup> Carlos H. Oberacker Jr., Vestígios suíços na história do Brasil, in: Revista de História, nº 72. 1967, pp.463-482.

<sup>49)</sup> Hermann Neeser, Suícos no Sul da Bahia, manuscrito inédito.

<sup>50)</sup> Ola Svend Swärd. As relações sueco-brasileiras no início do XIX se culo, in: Revista de História, nº 59, 1964. pp.133-146.

<sup>51)</sup> Kātia M. Queiroz Mattoso, Presença Francesa no Movimento Democrātico Baiano de 1798. Bahia, Ed. Itapoā, 1969.

<sup>52)</sup> Theles Azevedo, Italianos e Gaúchos. Os anos pioneiros da colo-nização italiana no Rio Grande de Sul. Porto Alegre. A Neçês-DAC/ SEC, 1975. Sobre a imigração italiana há igualmente uma grande bibliografia, Francesco Pattinati, em O Elemento italiano na formação do Brasil De Americo Vespucci a Libero Badaró, S.Paulo, Pocai (etc.), 1935 2a.ed., aponta alguns cientistas italianos que viajaram pelo Bra sil, mas sobretudo na Amazônia: Giuseppe Raddi, Enrico Foggia, 😇 Giovanni Casaretto e outros. Não nos foi possível conseguir uma boa bibliografia de viajantes italianos, e quase não conhecemos nomes que estiveram no Brasil. Vimos apenas o trabalho de Ubaldo A.Moriconi. Nel Paese de' "Macacehi", Torino. Roux Frassati c Co., 1897. Muito noticioso, muito polêmico, tremendamente negati vo,pinta um quadro triste e parcial do país, cheio de ressentimo to pelo desprezo pelos italianos que diz existir no Brasi. Lembra mos ainda os Relatórios sobre o Brasil (1828-1831) do Barac Antonini, representante da primeira missão diplomática napolitana na América do Sul (S.Paulo, Instituto Cultural Italo-Brasilairo, ca derno nº 2, 1962).

da Bahia no conjunto da obra.

Com um tal capítulo, intencionamos apresentar uma visão geral de um conjunto em si bastante heterogêneo e diversificado, ressaltando, se bem que de modo breve, a origem, a profissão ou a ativida de, a época em que estiveram no Brasil e na Bahia, o espaço de tempo em que ali se detiveram, assim como a importânica e a repercussão desses relatos de viagem. Julgamos necessária uma busca, mesmo ligeira, sobre a proveniência, interesse, formação e grau de cultura, status social e posição, não só no país de origem como no país visitado, desse enorme número de cronistas e informantes. A importância de um tal estudo nos ficou ainda mais patente ao nos depararmos com as dificuldades que encontramos para a coleta de dados, lacunesos, falhos, dispersos, demandando sem dúvida dedicação e um grande investimento de tempo.

Os autores mais consultados e conhecidos encontraram muitas vezes biógrafos que nos facilitaram a tarefa; outras vezes, lan çamos mão de obras gerais e específicas, como i biografia alemã geral, o dicionário da biografia nacional, bu de Oxford, a biografia u niversal antiga e moderna, base a Enciclopédia Francesa, a Enciclopédia e Diccionário Universal, além de necrológios e outras obras de tipo enciclopédico. Na bibliografia geral, computamos apenas as que nos auxiliaram com informações mais relevantes.

Depois desse capítulo, a bem dizer introdutório, sobre os viajantes, segue-se um esboço topográfico e urbanístico da cidade do

<sup>53)</sup> Allgemeine deutsche Biographie (ADB), ed. pela Academia das Ciências, Munique, 56 vols., Leipzig 1875-1912; reprodução. Berlim, Duncker e Humblot, 1967-1971.

<sup>54)</sup> The dictionary of national biography. From the earliest times to 1900 (DNB). Fundado por George Smith, ed.por Sir Leslie Stephen e Sir Sidney Lee, Reprodução dos vols. 1-22. Oxford, University, Press, 1968.

<sup>55)</sup> Louis Gabriel Michaud, Biographie universelle ancienne et moderne. Histoire, par ordre alphabetique, de la vie publique et priveé de tous les hommes qui se sont fait remarquer par leurs écrits... 45 vols.Paris, 1854, Reimpressão Graz, Ahad.Druck-und Verlageanstalt, 1966-1970.

<sup>56)</sup> La Grande Encyclopédie. Inventaire Raisonné des Sciences des Lettres et des Arts. 31 vols. Paris, H. Lamirault et Cie., Editeurs.

<sup>57)</sup> Encyclopedie e Diccionario Internacional. 20vols. Rio de Janeiro Nova York. W.M.Jackson, Inc. Editores (s.d.).

Salvador, composto a partir dos elementos trazidos pelos visitantes estrangeiros, não pretendendo um estudo definitivo a respeito, mas tão somente acompanhar os passos que iam describindo a cidade, e per guntar-nos, ao n.e. mo tempo, o porque dos itinerírios e da escolha dos objetos descritos.

Ao dispor-nos a um estudo de aspectos da sociedade baiana do século XIX, vista a partir das narrativas e crônicas, dos comentários e descrições, correspondência e diários deixados por visitantes estrangeiros, não intencionamos chegar a generalizações sobre o comportamento social ou sobre estruturas de classes, mas sim pôr em relevo elementos constitutivos dessa sociedade, seus interrelacionamentos intimos e seu significado histórico mais lato. Indo além do meramente descritivo, moveu-nos o interesse de fazer sobressaírem certos traços daquela sociedade.

Por mais preciosos e abundantes que sejam os dados que os relatos de viagem encerram, é indispensável uma abordagem crítica a essa fonte de informação, relativando-as e sopesando-as, avaliando-as no contexto de que são originárias.

Sabe-se que há vantagens e desvantagens no fato da socieda de local ser descrita e interpretada por forasteiros. O visitante tem a natural tendência de comparar as novas experiências com que se depara com suas vivências anteriores, fazendo sobressair o diferente, a novidade, aplaudindo-as, registrando-as ou rejeitando-as. Mas tam bém descamba, consciente ou inconscientemente, de uma observação par ticular para uma generalização comprometedora. Vê, muitas vezes com propriedade, uma parte de uma realidade mas que, o desconhecimento cu a falta de informação prévia, levam a totalizar perigosa e falsamente.

O método crítico do historiador levará em conta essa refle xão, esforçando-se para, no emprego da documentação fornecida pelos viajantes, distinguir e separar a descrição dos fatos da inferência do informante.

Grande valor, entretanto, para o estudioso de costumes, constituem, sem dúvida, os aspectos da sociedade que são enfocados por olhos estranhos a essa realidade, por um observador exógeno, que não compactua com os hábitos locais, desvendando-os assim ao registrar detalhes que não seriam percebidos pelos nativos, ou pelo menos não teriam sido registrados, considerados banais ou indignos de atencão.

A histografia do século XIX ainda se baseava na história política e fatual, pouco sensibilizada com o cotidiano, enfatizando bem mais a narrativa ou comentário dos acontecimentos "históricos" dos fatos marcantes e "importantes", realizados no âmbito da classe dirigente. Os atos governamentais, militares e políticos ocuparam o primeiro plano das indagações históricas. A reconstituição da socieda de da época tem, por isso mesmo, que enfrentar a ausência de documentação intencional, metódica e sistemática. Daí, nunca é demais repetir, o indizível valor do testemunho dos visitantes estrangeiros, muito menos sensibilizados por atos cívicos ou heróicos de um país que não era o deles, não envolvidos geralmente na política (salvo em certos casos de que trataremos a seguir), confrontados muito mais com o que havia de diferente, de novo, de estranho, de escandaloso, de encantador, de curioso, de anedótico no ambiente em que estavam circulando.

É preciso distinguir os relatos de viagem que foram escritos para vir a público, daqueles que apenas casualmente encontraram editor e divulgação, como o caso das cartas de Ferdinand Denis, as no tas de Wetherell, o diário de Riedel. Entre os primeiros, cabe ainda uma demarcação: temos relatos de viagem, propriamente ditos, regis tros mais ou menos em forma de diário dos acontecimentos cronológicos durante um cruzeiro ou uma excursão, como é o caso de Turnbull, Keith, Beyer, Graham, Maximiliano da Austria ou diários mantidos com fins científicos, como os dos naturalistas Martius, Maximiliano de Wied-Neuwied, Darwin, Gardner, Adalbert da Prússia, Detmer. Pode-se distinguir ainda as relações de "permanência", como é o caso de Tollenare, de Lindley, de Asschenfeld, de Naeher.

Há uma outra ampla categoria de obras informativas sobre o Brasil de modo geral, escritas por visitantes que, depois de uma via gem de conhecimento e reconhecimento, resolvem-se a reunir suas notas e impressões, acrescentando, para informação do futuro leitor, da dos históricos, econômicos, geográficos, a par dos relatos de viagem propriamente ditos, como o fizeram Kidder e Fletcher, Rugendas, Marjoribanks, Canstatt, Lamberg. As obras de divulgação escritas por autores que não chegaram a vir ao Brasil não foram em geral levadas em conta em nosso estudo.

Um dos campos que levou à produção de literatura de viagem e que tem que ser considerado como enfoque para a análise do material apresentado é o setor das viagens comerciais, com intenções mercantis, de um lado, como os relatórios das duas corvetas austro-húngares, "Aurora" e "Albatros", que fizeram um reconhecimento da costa brasi

leira, ao mesmo tempo em que colheram informações e auscultaram  $\,$  as possibilidades de investimento e troca de seu país.  $^{58}$ 

Do outro lado, está toda a produção de uma literatura com interesse na colonização e emigração, politicamente engajada, portan to, rica em dados econômicos e pormenores sobre a agricultura, o clima, além de valiosos detalhes acerca do tipo de utensílios, roupa, que o imigrante deve trazer, informações sobre preço de mercadorias e produtos, enfim, uma fonte bastante variada e fértil, como é o caso, se nos limitamos aos viajantes arrolados em relação à Bahia, de Freireiss, Scully ou o já residente e integrado Stolze.

É interessante observar que os próprios autores chamam as vezes a atenção sobre o grau de objetividade que norteia essas obras como, por exemplo, Freyreiss, que adverte haver escritores que pintam e Brasil como um "país de fadas", enquanto outros, tomando as do res dos "pobres imigrantes", apresentam um quadre dos mais negativos do país. Raramente se é objetivo ou realista, continua o naturalista-colonizador; ou se é pessimista demais, ou por demais otimista. Em suas "Contribuições para o conhecimente do Império do Brasil" ele pretende, então, trilhar esse caminho da verdade objetiva. 59

O viajante suíço Tschudi, no prefácio de sua vasta obra "Viagem pela América do Sul", lembra que "o primeiro e mais importan te dever de um viajante é, antes de emitir um julgamento, partir de uma posição o mais possível neutra e examinar com clarividência a si tuação". Lembra, como Freyreiss o fizera quase quarenta anos antes, a coexistência de dois tipos de obras de divulgação, ambos com intuitos publicitários, cada um tendendo para um extremo, ambos igual mente prejudiciais e criticáveis: de um lado, o elogio desbragado e exagerado, do outro a difamação, a ridicularização. 61

É ainda Tschudi que adverte do perigo, para o viajante de sejoso de conhecer o máximo sobre a terra e a gente visitadas, de que

<sup>58)</sup> Um interessante trabalho que analisa esse tipo de literatura de viagem com intenções e finalidades comerciais à o livro de M. Schumacher, Auslandsreisen deutscher Unternehmer 1750-1851 unter besonderer Berücksichtigung von Rheinland und Westfalen.Köln 1968 (Viagens de empresarios alemães. 1750-1851, com especial en fase na Renânia e na Vestfâlia).

<sup>59)</sup> Cf. Freireiss, Beiträge zur näheren Kenntnis des Kaisertums Brastlien. Erster Theil, Frankfurt am Main 1824, p.VIII e ss..

<sup>60)</sup> Johann Jakob von Tachudi, Reisen durch Südamerika, Stuttgart 1971. vol. I, p. VII.

<sup>61)</sup> Ibidem. p.IX

o informante não lhe comunique a verdade, e com isso se incorra em graves imprecisões e falhas.

O fator lingüístico é ainda uma questão importante a ser levada em conta, pois o descenhecimento da língua local pode representar uma dificuldade ou impedimento para o viajante para penetrar no seio da sociedade ende ele se encontra, de entender as coisas mais do que de um ponto de vista do observador distante, incomunicável. A lém disso, o esforço para diminuir essa incomunicabilidade pela escolha de um interprete vai resultar, em parte, numa seleção dos informantes e dos contactos mantidos pelo estrangeiro. Este convive, prin cipalmente, com as camadas sociais mais accessíveis, mais cultas, mais "europeizadas".

Aqui cabe um outro tipo de reflexão, que nos parece do su ma importância: os escritores estrangeiros, redigindo seus de viagem e descrições de terras distantes, visam o leitor de proprio país, do outro lado de oceano, intencionando, com sua mentação e testemunho, instruir e deleitar o europeu (ou o norte-ame ricano). Pela ausência de estudo metódico e específico contemporâne o, feito no próprio país, é sobretudo esse tipo de literatura que for nece as informações básicas para um grande setor do conhecimento, no caso, da sociedade e da cultura oitocentista brasileira. vas e testemunho dos viajantes, sofrendo o natural crivo do etnocentrismo, da deformação advinda da distância cultural, do choque inevi tavel de valores, representam uma fonte de conhecimento da realidade de uma época, realidade que foi captada e reproduzida por observadores fortuitos, de passagem, mesmo que essa passagem se tenha prolon gado, mas observadores alheios a ela. E são essas informações, luzes filtradas e de novo refletidas da realidade, mas sem serem dela detentoras, que servem de larga base para os nacionais para a interpre tação e conhecimento da sociedade de seu proprio país.

Um tal tipo de reflexão não intenciona em absoluto desmere cer nem tão pouco minimizar a importância dos relatos de viagem, mas tão somente tentar situar de modo crítico esse precioso veio de informação. A posição de todo observador é relativizada pela transposição feita, inconscientemente e malgrado ele mesmo, do sistema de valores pessoal, vigente em sua camada social ou em seu país de origem, deformando inevitavelmente a objetividade da realidade observada, fazen do chegar a conclusões unilaterais, enfatizando sobremaneira certos aspectos, levando a conclusões senão errôneas, muitas vezes por demais unilaterais. Típico, por exemplo, dessa nossa ressalva, é o mo

do de ver a monarquia por parte dos americanos republicanos, ou a crítica religiosa feita pelos protestantes, ou a benevolência complacen te ante a civilização em formação por parte dos europeus em férias, maravilhados com a beleza tropical. 62

A própria seleção dos fatos e objetos observados já é influenciada por toda uma série de fatores, alheios ao objeto, ligados à personalidade, às experiências, às necessidades e motivações pessoais do observador, e dependendo ainda de seus próprios quadros de referências. O mecanismo de percepção, que rege e preside a seleção do conteúdo dos relatos o crônicas de viagem, muitas vezes deforma o dado objetivo. E se é verdade o que afirmam os psicólogos que "não se percebe senão o que se sabe que se vai perceber", 63 mais necessário se faz revestir-se de redobrada cautela ao se manejar o nem por isso menos válido e precioso instrumental fornecido pela literatura de viagem.

Outro ponto que não se pode deixar de levar em conta, ao u tilizarmos os viajantes estrangeiros como fonte histórica, é c aspec to das naturais limitações desses depoimentos. Nenhum autor esgota nenhum aspecto da sociedade ou da cultura por ele descrita. rio se faz, portanto, ir cuidadosamente levantando o mosaico multifor me dos elementos por eles apresentados, não esquecendo que sempre fal tarão pedras, sempre se evidenciarão lacunas, impostas pelo próprio caráter fechado e exclusivista da sociedade patriarcal brasileira, cerrando-se em si mesma, vedando aos olhos de estranhos a intimidade São centelhas, frações desse dia-a-dia que se a do seu dia-a-dia. presentam. Mas nunca o todo, nunca o global. É também um trabalho sutil e demandando perspicácia e sensibilidade detectar, em meio massa de impressões borbulhantes, o detalhe que de fato é original e indispensavel à elaboração do mosaico a que nos propusemos. quer modo, precisaremos completar as informações colhidas, das pelos viajantes, através de outras fontes primárias ou secundá-

<sup>62)</sup> Df. sobretudo o artigo de Cardozo, sobre a escravidão e a religião vistas pelos viajantes anglofones (op.cit.,).

<sup>63)</sup> Cf. sobre o assunto Chombert de Lauwe. La femme dans la societé. Peris, Centre National de Recherches Scientiphiques, 2ème ed., 1967, p.23 e ss.; John Madge, Las herramientas de la clencia social, Buenos Aires, Paidos, 1969, pp.118 e ss.; Thomas Rhys Williams, Field Methods in the study of culture, N.York, etc., Holt and Winston, 1967, etc.

rias accessórias. Tanto para testar e verificar a verossimilhança dos testemunhos, como também para suprir as eventuais falhas cu ine vitáveis vácuos em assuntos importantes e sobre os quais os autores, por motivos diversos, não trataram.

No estudo de aspectos da sociedade baiana oitocentista, de sejamos nos limitar aos viajantes que estiverem na Bahia. Excluímos os testemunhos manuscritos, com uma única exceção, e só lançamos mão de relatos de outros séculos ou de outras partes do país quando sentimos a necessidade de uma ilustração ou um cotejo.

Apesar da amplitude de um lapso de tempo tão grande, pensamos que seria especialmente enriquecedor se tomássemos, como fizemos, os viajantes de toda uma centúria, abarcando relatos de experiências de um Brasil ainda setecentista, como Turnbull e Lindley, acompanhamo do a evolução trazida com a abertura dos portos e avinda da Família Real, enfocando a Bahia Império em seu conjunto e seu desenvolar, a té os albores da República. Um enfoque abrangendo todo o século de zenove nos permite seguir a trajetória do desenvolvimento da Bahia e perscrutar alguns aspectos de estagnação e progresso numa perspectiva diacrônica sobremaneira ilustrativa.

### Scitráge

1 11 1

naberen Renntnif

2 : 6

## Kaiserthums Brasilien

nebf: einer

Schillerung ber neuen Gefenle Leevelbing und ber midnig ten Erwerbeneige für euroranide linfiebler, fo wir auch einer Darfiellung ber Unfaden, roburd mehrere Unfiebelungen miggifidien

1.61

#### Grorg Wilhelm Frenreiß

Erffer Theil.

Grantfurt am Dain.

Gebrudt und verlegt bei Sebann Davib Cauerlanber.

1, 9 2 4.

OS VISITANTES ESTRANGEIROS E SEUS RELATIS DE VIAGEM

"Senhor

Posto que o capitam moor desta vossa frota, e asy os outros capitames sprevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que se ora neesta navegaçom achou nom leixarey tambem de dar d'isso minha comta a Vossa Alteza asy como u milhor poder ajmda que, pera o bem contar e falar, osaiba pior que todos fazer; pero tome Vossa Alteza minha inoramcia por boa von tade; a qual bem certo crea, que por afremmosen tar nem afear aja aquy conta a Vossa Alteza, por que o nom saberey fazer, e os pilotos devem ter ese cuidado; e portamto, senhor, do que ey de fa lar começo e diguo:"

Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel. Até a primeira década do século XIX, quando os portos ai<u>r</u> da não estavam franqueados aos estrangeiros, o número de visitantes no Brasil era relativamente muito pequeno.

Quando, em 1699, o célebre marinheiro William Dampier este ve na Bahia, refere-se a um inglês ali residente, Mr. Coock, homem de "boa reputação", que "tinha patente para ser cônsul da nação ingle sa", não lhe interessando, porém, "tomar esse caráter público" uma vez que os navios ingleses "não vão quase nunca a esse porto", haven do dez ou doze anos que nenhum passava por ali.

Dampier, segundo Borba de Morais, seria cronologicamente o autor da terceira relação de viagem existente sobre a Bahia, precedido apenas por Pyrard de Laval<sup>2</sup> e Froger.<sup>3</sup> Frederico Edelweiss evoca ainda Johann Gregor Aldenburgk, "ao que se saiba o primeiro alemão que teve contato pessoal mais direto com a Cidade do Salvador e o Re

William Dampier, A New Voyage round the World. A edição que consultamos é uma versão francesa, Voyage aux terres australes, tomo quatriême, Rouen, 1723; citação da p.47.

Voyage de François Pyrard de Laval, contenant sa navigation aux Indes Orientales, Maldines, Moluques & Brésil..., Paris, 1675. Le val esteve por dois meses na Bahia, em 1610.

<sup>3.</sup> Froger embarcou como engenheiro voluntário na esquadra de De Gennes, fazendo um relato de viagem da expedição: F. Froger. Relation d'un voyage fait en 1695, 1696, 1697 aux Côtes d'Afrique, Détroit de Magellan, Brésil..., Paris, à la Sphère Royale, 1698.

côncavo baiano... quando, ao serviço da Companhia das Índias Ociden tais, como soldado, tomou parte na invasão da cidade pelos holandeses, em 1624, e na rendição às forças luso-espanholas, em 1625". Po deríamos ainda lembrar Jacobs Wilkins, almirante inglês, que também se distinguiu na invasão holandesa, autor de "uma verdadeira descrição da Baia de Todos os Santos no Brasil", publicada em Londres, em 1625, ou ainda a "relação da Inquisição de Goa", pelo francês Gabriel Dellon, que esteve acidentalmente no Brasil, permanecendo na Bahia de 19 de maio a 3 de setembro de 1676, em viagem de volta de Goa para Lisboa, onde deveria apresentar-se à Inquisição. Teremos, assim, duplicado a lista de Borba de Morais sem, contudo, pretender mos tê-la esgotado.

Do século XVIII, poderíamos citar as relações de viagens do capuchinho tirolês Zucchelli, que fez duas viagens à Bahia,uma na ida, ainda no século anterior, a outra na volta de sua estada em Goa, já em 1702. Sua obra saiu simultaneamente em alemão e em italiano, sendo pouco divulgada. Da mesma época, tem-se um diário de viagem anônimo, de um oficial da marinha francesa, envolvido no tráfico ne greiro, tendo estado na Bahia e no Rio de Janeiro. Na opinião de Borba de Morais, é livro interessantíssimo, embora contenha aventuras e observações pouco fidedignas. O francês Frézier esteve em Santa Catarina em 1712, velejando depois para o norte, e tocando na Bahia. A "viagem à volta do mundo" de Le Gentil de la Barbinais é

Edelweiss, op.cit., p.224. Há dele uma reedição facsimilar comentada, publicada em São Paulo, em 1961, com tradução de Alfredo de Carvalho.

<sup>5) &</sup>quot;A true description of the Bay Todos los Santos in Brazil, and taking the Towns Salvador by the Admiral Master Jacob Wilkins 1824."

London, 1625,

<sup>5)</sup> Gabriel Dellon, Relation de l'Inquisition de Goa. Paris, 1687.

Antonio Zucchelli von Gradisca, Merckwürdige Missions-und Reise-Beschreibung nach Congo in Ethiopien. Franckfurt am Mayn 1715.

<sup>8)</sup> Cf. Journal d'un voyage sur les costes d'Afrique et aux Indes d' Espagne, avec une description particulière de la riviere de la Pla ta, de Buenos-Ayres & autres lieux; commencé en 1702 & fini en 1706. Amsterdam, Aux dépens de la Compagnis, 1730 (Borba de Morais op.cit., /4258/ , p.611).

<sup>9)</sup> Amadé François Frézier, Relation du voyage de la Mer du Sud aux cotes du Perou fait pendant les années 1712, 1713 & 1714... par M. Frézier, ingénieur ordinaire du Roy; ouvrage enrichi de quantité de planches en taille-douce. Paris, Nyon, 1716.

bastante conhecida. Esteve ele três meses na Bahia, na mesma época que Frézier, e é autor do relato sobre os escândalos assistidos no convento do Desterro, por ocasião da festa de Natal. 10 primeiro sue co chegado a Salvador foi Johan Brelin, pelo ano de 1756. Sua narra tiva de viagem foi publicada em Upsala, em 1758, e posteriormente re editada pelo Instituto Ibero-Americano de Gotemburgo, tendo sido tra duzida para o português pelo cônsul português naquela cidade, Carlos Pericão de Almeida, narrando a sua passagem pelo Brasil e Portugal. 11

O primeiro relato feito por uma mulher sobre a Bahia  $\acute{\rm e}$  o de Mrs. Nathaniel Kindersley, com suas "cartas" datadas de 1764, e publicadas em 1777, encerrando preciosas notícias sobre usos e costumes, comportamento feminino, etc..  $^{12}$ 

Desejamos citar ainda um raro relato biográfico, a vida do Major J.G.Semple Lisle, que pretende conter "uma fiel narrativa das vicissitudes alternadamente de esplendor e infortúnio", "escrita por ele mesmo", "o conjunto intermeado de interessantes episódios e relatórios autênticos de importantes transações públicas, 13 relato esse vulgarizado no Brasil por dois incansáveis respigadores de viajantes, Alfredo de Carvalho 14 e Affonso de Escragnolle Taunay. 15 Em meio a a venturas fantásticas demais para serem verdadeiras, já quase no fim

<sup>10)</sup> Le Gentil de la Barbinais, Nouveau Voyage autour du monde. Paris, 1728.

<sup>11)</sup> Cf. Carvalho, 1929, I. p.254; Freyre, 1968, I, p.247.

<sup>12)</sup> Mrs. Nathaniel Kindersley, Letters from the Island of Tenerriffe, Brazil, the Cape of Good Hope, and East Indies, London, 1777.

<sup>13)</sup> É o que consta da folha de rosto: The Life of Major J.G. Lisle; containing a Paithful Narrative of his Alternate Vicissitudes of Splendor and Misfortudes. Written by Himself. The Whole Intereped with Interesting Anecdotes, and Authentic Accounts of Important Public Transactions. Consultamos a segunda edição, saída um ano depois da primeira (1799), evidenciando o sucesso desse livro de aventuras.

<sup>14)</sup> A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro possui um trabalho de Alfredo de Carvalho, de 12 folhas datilografadas, sem o nome do autor, em que são descritas as peripécias de Lisle no Brasil, sob o título Proezas de um degredado inglês (cf. Secção de Manuscritos, I-4, 31,6); posteriormente transcrito em Aventuras e Aventuras e aventuras, do mesmo autor. Op.cit., pp.237-249.

<sup>15)</sup> Taunay, 1933, pp.133-241.

do livro, Lisle recorda sua estada na Bahia, suas aventuras à Alexan dre Dumas, seu bom relacionamento com o Governador Geral, "seu melhor amigo",  $^{16}$  que lhe deu uma casa e um lugar à sua mesa,  $^{17}$  pasma face a incrivel quantidade de ouro e pedrarias das igrejas baianas,  $^{18}$  e fala mais de si mesmo que da cidade.

Taunay refere-se ainda a John Browne, autor de uma narrati va impressionadora das extraordinárias aventuras e sofrimentos — de seis desertores da artilharia da guarnição de Santa Helena, no ano de 1799, realizada sob juramento, merante um Conselho de — Investigação reunido em Santa Helena, a 12 de dezembro de 1801. 19

Esses poucos relatos de viagem - embora sabendo-se serem e les mais numerosos do que os arrolados ou os conhecidos - evidenciam o isclamento em que o país vivia, sobretudo quando comparamos o acer vo existente relativo ao século XIX. Pela raridade que representam, pela possibilidade que proporcionaram aos estudiosos dos séculos se guintes, revelando uma realidade dificilmente accessível, por causa da exigüidade de fontes contemporâneas, são eles de maior relevância ainda, e de valor documental inigualável.

1800 - 1809

Temos arrolados quase uma centena de visitantes estrangeiros que passaram pela Bahia no século XIX, e sabemos notícia de um sem número de outros que, entretanto, não conseguimos ainda localizar. Pretendemos, no presente capítulo, como já dissemos na introdução, dar uma idéia de conjunto dessa nossa bibliografia básica, tentan do, na medida do que nos foi possível coletar, oferecer igualmente al guns dados biográficos desses informantes estrangeiros, ao tempo em que caracterizamos, em traços gerais, os seus relatos de viagem. As notícias biográficas serão apenas para situar um pouco os autores no seu contexto cultural, não pretendendo de forma alguma serem completas. Os livros traduzidos para o português serão abordados mais ligeiramente, uma vez que são mais accessíveis ao leitor brasileiro.

<sup>16)</sup> Lisle, 1800, p.297

<sup>17)</sup> Ibidem, p.282

<sup>18)</sup> Ibidem, p.286

<sup>19)</sup> Cf. Taunay, 1928, pp.89-137

Distinguimos alguns parâmetros classificatórios, agrupando os por nacionalidade, por atividade ou interesse, por duração de estada na cidade do Salvador, indicando ainda a relação dessa estada com o resto do tempo de permanência no Brasil.

Na primeira década de oitocentos, registramos a presença dos ingleses John Turnbull, Thomas Lindley, George Keith, Thomas O'Neil, dos holandeses Q.M.R. Ver Huell, oficial da marinha, assim como o capitão do navio em que este último se encontrava, W.Kreekel, e o americano Henry Hill. Depois da chegada da corte portuguese ao Brasil, Louis de Boisgelin, francês, e o inglês John Mawe também es creveram notícias sobre a Bahia.

Turnbull e Lindley são navegadores mercantis. Hill é comerciante, Keith, O'Neil, Ver Huell e Kreekel são oficiais da marinha. Mawe, mineralogista com vezos comerciais e Boisgelin, militar.

Mawe e Boisgelin parecem não ter estado na Bahia, embora conste uma descrição da cidade em seus livros. Turnbull esteve alguns dias na Bahia, O'Neil ali passou duas vezes por poucos dias, Keith, cerca de três semanas. Lindley viveu na Bahia cerca de um ano, Ver Huell, cerca de dois anos e o comandante Kreekel por alguns meses. Hill parece ter-se radicado na Bahia por longos anos.

JOHN TURNBULL foi um navegador que se enfronhou em negócico mercantis, tentando fortuna no campo da exportação e importação. Em 1799 esteve na China, chegando à conclusão de que faria melhor desviando seus interesses do Oriente, onde a concorrência era forte de mais, conseguindo convencer alguns mercadores ricos a financiar um navio para uma viagem à América.

Em maio de 1800, deixou a Inglaterra, capitaneando o "Margaret", de dez canhões, tocando a Ilha da Madeira. Por motivos alhei os à sua vontade, teve que desistir do empreendimento anteriormente planejado, dirigindo-se para as ilhas do Pacífico, e dedicando os três anos seguintes à exploração da Nova Zelândia, das Ilhas Sandwich, as sim como de colônias inglesas, tendo estado igualmente em vários pontos do Mar do Ŝul e passando também pela Patagônia. Retorna à Inglaterra em junho de 1804, publicando em Londres, no ano seguinte,a nar rativa de suas viagens. 20

<sup>20)</sup> John Turnbull, op.cit.

Há uma tradução francesa, de 1607, e uma alemã, já anterior (1806). A obra teve uma segunda edição em 1813, largamente aumentada.

Bem no começo da travessia, Turnbull decide-se a aportar na Bahia, para ultimar reparos indispensáveis em sua embarcação. So fre as conseqüências da política de hostilidade face ao estrangeiro, professada na Bahia da época, como em todo o Brasil. O Vice-Rei o manda chamar, recebendo-o com frieza e arrogância, pensando ser o co merciante inglês um espião e o seu navio, uma embarcação de guerra disfarçada, dando-lhe apenas quatro dias para consertar seu barco.

A descrição de Turnbull a respeito dessas peripécias confirma a narração de Lindley, que acrescenta ser em geral dada uma permissão de quatro a vinte dias para a permanência no porto, conforme a avaliação do relatório apresentado pelo capitão. <sup>21</sup>

Na primeira edição, Turnbull descreve suscintamente a cida de, dá rápidas informações sobre o comércio e os impostos, queixa-se da hostilidade e arbitrariedade com que é tratado, mas reconcilia-se com a terra e com a gente, à vista de uma cerimônia religiosa, onde encontrou tal piedade e temor de Deus que, embora sendo protestante, não podia deixar de admirar e louvar. 22

Encerra sua narrativa sobre a Bahia com o prognóstico de que, mais cedo ou mais tarde, a França ou a Inglaterra têm que tomar posse do Brasil.  $^{23}$ 

A segunda edição inglesa do livro de viagens de Turnbull é de 1813. No prefácio, o autor declara que a transmigração da família real portuguesa para o Brasil deu à colônia uma nova importância e por isso resolveu ampliar a parte da descrição de sua viagem relativa ao Brasil.

Registra 90 a 100 mil habitantes para a Bahia, <sup>24</sup>descreve a cidade baixa, cujas ruas são tão estreitas que dois vizinhos em sa cadas opostas quase podem dar um aperto de mão, <sup>25</sup> refere-se às lojas

<sup>21)</sup> Lindley, op.cit., p.24

<sup>22)</sup> Turnbull, pp.8 a 14 da edição alemã de 1806.

<sup>23)</sup> Ibidem, pp.14 e ss. As notas biográficas sobre o autor foram tiradas da DNB, vol.19, p.1256.

<sup>24)</sup> Turnbull, 1813, p.25

<sup>25)</sup> Ibidem

de pedras preciosas e semipreciosas, <sup>26</sup> aos estaleiros, onde são fa bricadas excelentes embarcações, com madeira melhor e mais durável que a dos navios mercantes ingleses, <sup>27</sup> tece considerações gerais so bre a indústria no Brasil e o comércio com o Brasil, <sup>28</sup> demora-se na descrição de uma cerimônia religiosa a que assistiu e da procissão que se seguiu, quando foram carregados em andores, pelas ruas principais, a imagem da Virgem e o retrato do Príncipe, em tamanho natural, <sup>29</sup> acrescentando que as igrejas e os conventos são os únicos lo cais onde as mulheres podem ir sem restrição. <sup>30</sup>

Suas considerações finais são a respeito da riqueza e das possibilidades do país; o povo retribui com indolência a riqueza do solo, mas nenhum país tem tanta capacidade e futuro como o Brasil, precisa-se apenas de um sistema encorajador e prudente. 31

Sabe-se muito pouco de THOMAS LINDLEY, sendo o prefácio à tradução brasileira de sua Narrativa de uma Viagem ao Brasil, escrito por Wanderley Pinho, a melhor notícia que se tem dele, e onde, a par a reprodução das indicações fornecidas por Taunay, <sup>32</sup> acrescenta o resultado de pesquisas mais recentes. <sup>33</sup>

Conforme o próprio Lindley revela, na introdução do seu diário, participou ele do financiamento de um brigue com destino a Santa Helena, assumindo o encargo de dirigir pessoalmente a viagem. Ao voltar de Santa Helena foi vítima de uma tempestade que, avariando a embarcação, o obrigou a procurar o porto mais próximo, atingin do, com isso, as costas da Bahia em meados de abril.

Na Bahia, envolveu-se em contrabando do pau-brasil e foi preso, assim como sua mulher e a tripulação de seu barco, o qual foi apreendido. Lindley passou de julho a setembro de 1802 em Porto Seguro, sendo remetido em seguida para Salvador, onde se devia realizar seu processo; lá ficou até agosto de 1803, parte no Forte do Mar,

<sup>26)</sup> Ibidem

<sup>27)</sup> Ibidem, pp.26 e ss.

<sup>28)</sup> Ibidem, pp.29 e ss.

<sup>29)</sup> Ibidem, p.33

<sup>30)</sup> Ibidem, p.35

<sup>31)</sup> Ibidem, pp.37 e ss.

<sup>32)</sup> Cf. Taunay, 1928

<sup>33)</sup> Cf. Lindley, op.cit., pp.7 a 13

<sup>34)</sup> Ibidem, p.23

parte no do Barbalho, até que, auxiliado por companheiros maçons con seguiu fugir, chegando ao Porto a 2 de novembro, alcançando depois a Inglaterra. 35

O diário de Lindley tem o grande valor de registrar os acon tecimentos cotidianos, muitas vezes comezinhos, de sua estada na Bahia, durante um lapso de tempo relativamente longo. Os fatos são narrados na ordem em que se sucedem, havendo observações sobre o povo e sobre costumes, descrições de festas religiosas, procissões, funerais, referências a passeios e excursões, comentários bastante amargos e pouco lisongeiros acerca do observado, deixando perceber to da sua queixa e revolta pela angustiosa situação em que se encontra va.

O diário é complementado por uma descrição de Porto Seguro e outra da cidade de Salvador, onde dá notícias gerais e condensadæs, frutos sobretudo de sua vivência local. Traz ainda informações aos navegantes, tais como uma tabela de câmbio, uma tabela das moedas, as taxas portuárias de Pernambuco ou Bahia e do Rio de Janeiro e final mente uma "tábua correta das latitudes e longitudes dos portos brasileiros", fruto de um trabalho de pesquisa e comparação, segundo o au tor. 36

O livro de Lindley, editado pela primeira vez em 1805, teve reedição em 1808 e traduções em francês (1806) e alemão (1806). $^{37}$ 

Sir GEORG KEITH deixou uma interessante publicação, sua via gem à América do Sul e ao Cabo da Boa Esperança, realizada no Brigue "Protector" em 1805, publicada em Londres, em 1819.

A vida do Visconde de Keith foi das mais aventurosas. Nas cido na Escócia, em 1746, entrou para a marinha, envolvendo-se em lu

<sup>35)</sup> Ibidem, p.30

<sup>36)</sup> Lindley, op.cit., p.188

<sup>37)</sup> O título original é o seguinte: Narrative of a voyage to Brazil terminating in the Seizure of a British vessel, and the imprison ment of the author and the ship's crew by the Portuguese. Etc.. London, J.Johnson, 1805.

<sup>38)</sup> George Keith, A Voyage to South America and the Cape of Good Hope, in this Majesty's Brig Protector, by G.M.K., London, Printed for the Author, 1819.

tas contra corsários, participando de conquistas coloniais inglesas, apoderando-se inclusive de possessões francesas. Vice-almirante des de 1795, foi enviado como comandante em chefe para as Índias, tendo o encargo de, no caminho, capturar o Cabo da Boa Esperança. No prefácio de seu livro, Keith declara que "provavelmente nenhuma expedição que deixou as praias da Britânia foi planejada com mais cuidado, nem conduzida com maior segredo, e levada a efeito com superior coragem e bravura, ou coroada com mais completo sucesso" do que aquela. Seith não só tomou o Cabo da Boa Esperança, como ainda estabelecimen tos do Ceilão e a ilha de Minorca. Em Cadiz, entretanto, não conseguiu desembarcar, dada a resistência encontrada.

Comandante em chefe da Mancha desde 1812, Keith foi o encar regado de transmitir a Napoleão as decisões relativas a seu banimen to para Santa Helena. Desde 1780 eleito membro do Parlamento, Keith veio a ser um dos homens mais populares da Inglaterra no seu tempo, vindo a falecer em 1823, aos 77 anos.<sup>40</sup>

Keith deixa a Inglaterra a 25 de agosto de 1805, e a 4 de novembre avista terras brasileiras, chegando, poucos dias depois, à Baia de Todos os Santos. O quinto capítulo de sua obra descreve a cidade. Encanta-se com a paisagem, decepciona-se com a sujeira da Rua da Praia, critica a pobreza do "palácio" governamental, espanta-se com o vazio das ruas, e queixa-se da "costumeira avareza" dos portugueses, que exploram o viajante recém chegado, triplicando o preço dos artigos e produtos à venda, seja uma laranja ou uma pipa de vinho, recusando moeda estrangeira, a não ser sob um desconto de vinte por cento. "1

Detém-se na Bahia até o fim de novembro, alcançando a 3 de dezembro o Rio de Janeiro, que descreve no VII capítulo de seu livro.

O Conde THOMAS O'NEIL, tenente da marinha britânica, escreveu um "relatório conciso e acurado" da viagem efetuada, sob o comando do almirante real Sir Sydney Smith, encarregado de acompanhar e proteger a corte de Lisboa em sua fuga de Portugal, rumo ao Brasil, em novembro de 1807. O "London", de cuja oficialidade O'Neil fazia

<sup>39)</sup> Keith. Introdução.

<sup>40)</sup> As notas biográficas sobre Keith foram extraídas da Enciclopédia e Diccionario Internacional, vol.XI, p.6229.

<sup>41)</sup> Keith, p.26

parte, não tocou na Bahia, quando o Príncipe Regente ali aportou se guindo diretamente para o Rio de Janeiro, mas tendo ocasião de visitar a Bahia por duas vezes ao longo do ano de 1808. Transcreve uma carta de um amigo e colega seu, oficial do "Bedford", chegado a Salvador com D. João, um relativamente longo depoimento, que preparou o espírito de O'Neil para sua visita posterior, tendo encontrado "o porto como meu amigo o representou", 42 diz ele ao chegar, ofere cendo-se então para fazer da Bahia "a melhor descrição que a sua situação lhe possibilitava". 43

O'Neil, considerando a cidade "ampla, bem construída e populosa", "muito além da sua expectativa", "4 descreve a cidade baixa "não muito limpa", com excelentes joalherias, sendo a parte alta "de liciosa", apresentando "a paisagem mais bela possível". 45 Chamou-lhe ainda a atenção as deliciosas frutas do lugar, as belas casas dos arredores e as magníficas igrejas, semelhantes às do Rio, sensibilizando-o a boa acolhida dispensada aos ingleses. 46 A descrição do banquete oferecido pelo religioso Francisco Agostinho Gomes à oficialidade e à tripulação do "London" é uma bela crônica sobre a arte gastronômica da Bahia da época. 47

Curioso é o tom de revolta e ódio contra Napoleão, "infa me emblema de Lucifer", 48 que obrigou a Família Real a fugir da pá

<sup>42)</sup> Thomas O'Neil, A Concise and Accurate Account of the Proceedings of The Squadron under the Command of Real Admiral Sir Sidney, K. S. &c. in Effecting the Escape of The Royal Pamily of Portugal to the Brazil on Rovemb. 29. 1807; and also the Sufferings of the Royal Fugitives &c. During their Voyage from Lisboa to Rio de Janeiro; with a variety of other interesting and Authentic Facts. By lieut. Count Thomas O'Neil, of the Royal Marines; Author of the Treatise of the Eighteen Mansuvres" and of "An Address to the Inhabitants of the United Kingdom" etc.. London: Carlisle-Street, Soho-Square 1810, p.39.

<sup>43)</sup> Ibidem, p.34

<sup>44)</sup> Ibidem, p.39

<sup>45)</sup> Ibidem, p.34

<sup>46)</sup> Ibidem, p.33

<sup>47)</sup> Lindley também se refere a esse religioso, por todos chamado de padre, homem rico e influente, além de possuidor de grande cul tura. (Cf. p.70 de Lindley, op.cit..) A respeito, cf. ainda Cid Teixeira, Francisco Agostinho Gomes e seu brasão de armas, in: Revista do Instituto Genealógico da Bahía, I, 1, 1945, pp.11-18.

<sup>48)</sup> O'Neil, op.cit., p.12

tria. O livro de O'Neil é também um excelente documentário dessa fuga, contendo interessantes notícias sobre o sofrimento e dificuldades da travessia. O título do livro já deixa, aliás, entrever o conteúdo, instruindo inclusive sobre mais duas publicações do autor.

Quando o Príncipe D. João esteve na Bahia, já lá estava o comerciante americano HENRY HILL, que não pode ser considerado viajante, e sim um estrangeiro mais ou menos integrado no Brasil, com
ligações comerciais na Bahia e posteriormente no Rio de Janeiro. Um
dos atos de D. João na Bahia foi justamente a nomeação de Hill, cida
dão americano, "por Consul d'aquella Nação na Cidade de São Salvador
Bahia de Todos os Santos, e mais Portos d'alli visinhos, onde não hou
ver outro Consul Americano". 50

De Hill, conhece-se uma edição feita em base de um documen to por ele apresentado ao Departamento de Estado dos Estados Unidos, uma pequena brochura bilíngüe com dados informativos, endereçados ao governo de seu país, e conselhos a respeito dos artigos mais conveni entes para o consumo local, alertando que não ocorra, como na Ingla terra, o envio de grande variedade de artigos impróprios, <sup>51</sup> informan do que, contando a população local no máximo três milhões de almas, "mais de dois terços pertencem aquela classe que subsiste graças aos produtos da terra e para a qual as extravagâncias estrangeiras são desconhecidas". <sup>52</sup>

Os mapas E e F do livrinho são interessantes de serem ana lisados, trazendo a lista dos artigos que podem ser importados pelo Rio e por Salvador, fazendo Hill observações sobre cada um. Ao referir-se à perfumaria, por exemplo, acrescenta: "nenhum consumo". Por menor curioso, se comparamos as listas de importação posteriores, como se pode ver nos documentos sobre a "Importação de mercadorias es trangeiras... em 1842-1843", onde a categoria de perfumes ocupa um lugar saliente, entrando no país artigos no valor de 88:576\$222, mais

<sup>49)</sup> Cf. note anterior

<sup>50)</sup> Cf. Pinto de Aguier, A Abertura dos Portos do Brasil, Behia, Livraria Progresso Editora, 1960, p.115.

<sup>51)</sup> Henry Hill, A View of the Commerce of Brasil/Uma visão do comercio do Brasil em 1808. Traduzido por Gilda Pires, com notas de Luis Henrique Dias Tavares, Rio de Janeiro, 1964, p.17.

<sup>52)</sup> Ibidem, p.39

da metade desse valor sendo proveniente da França. 53

O Tenente VER HUELL reuniu em um livro as suas de viagens durante os anos de 1803 a 1810, livro esse que saiu publi cado em Roterdam, em 1842, na qual narrava sua primeira viagem marí tima . 54 Uma nova edição está sendo preparada pelo Dr. H.J.de Graaf, da Associação Linschoten, de Haya que, em carta de 10 de julho 1975, assim fala do trabalho: "A obra não é um diário dando. em forma de relatório corrente, os acontecimentos mais importantes da vida do autor de 1803 a 1810, isto é: o início de suas atividades na Marinha Neerlandesa, seu encontro com a assim chamada flotilha bata va em Boulogne em 1804 e 1805, a viagem com o "De Vlieg" em 1810, sua permanência no Brasil falando \_\_detalhadamente sobre terra e a gente da Bahia. Possivelmente a obra aparecerá em 1976". Na mesma carta, o Dr. de Graaf informa que já está em estado de revi são a publicação na Holanda do diário de bordo do brigue de "De Vlieg", da viagem ao Brasil de 1807 a 1808, pelo comandante W. Kreekel.

LOUIS DE BOISGELIN, Cavaleiro de Malta, escreveu um apênd $\underline{i}$  ce ao trabalho do Abbé Vertot, sobre a história das revoluções de Po $\underline{r}$  tugal, fazendo uma breve descrição do Brasil.  $^{56}$ 

Boisgelin nasceu em 1758, na diocese de St. Brieux, na França. Tendo passado parte de sua juventude no seminário de St.Sulpice, acabou entrando na carreira das armas, tendo sido nomeado oficial no regimento real de infantaria. Escreveu vários trabalhos, entre eles um sobre a Malta antiga e moderna, em inglês, em 1804, traduzido de pois para o francês, em 1809, em tres volumes, contendo um alentado

<sup>53)</sup> Documento publicado em 1845, e que se encontra na Biblioteca Na cional do Rio de Janeiro, secção de manuscritos, 26 páginas, ten do o seguinte título completo: Importação de mercadorias estran geiras, despachadas para consumo nas Alfândegas do Império do Brasil, em o anno financeiro de 1842-1843.

<sup>54)</sup> Q.M.R. Ver Huell, Mijne eerste Zeereis, A Rotterdam, 1842.

<sup>55)</sup> Carto do Dr. H.J. de Greef, Velp, em holandês, de 10 de julho de 1975.

<sup>56)</sup> Cf. Abbé de Vertot. Histoire des Révolutions de Portugal, continuée jusqu'au temps présent, enrichie de notes historiques et critiques, d'une table historique et chronologique des rois de Portugal et d'une description du Brésil. per Louis de Boisgelin, Chevalier de Malte. Londres, imprimé par et pour P. Juigné. 1809.

estudo sobre a ilha e sobre a Ordem de Malta, isto é, a Ordem de S. João de Jerusalém. Escreveu ainda relatos de viagens pela Dinamarca e Suécia, também em inglês, que obteve grande aceitação. Um ano an tes, apareceu o trabalho de Vertot. Boisgelin ainda escreveu outros livros e a biblioteca pública de Aix-en-Provence guarda alguns manus critos seus.

O Cavaleiro Pierre-Marie-Louis de Boisgelin Verdu, assim se chamava o Cavaleiro de Malta, morreu em 1816, só tendo retornado  $\tilde{a}$  França dois anos antes, com a volta dos Bourbon.  $^{57}$ 

A sua descrição de Brasil ocupa as páginas 184 a 220 do li vro de Vertot, trazendo referências suscintas de cada província brasileira. O oficial francês não esteve no Brasil, mas não se sabe de onde ele tirou suas notícias. Além dos assuntos que o título do li vro já anuncia, foi incluído também um catálogo dos principais livros escritos sobre a história de Portugal e nomes dos principais autores que escreveram sobre o Brasil, o que mostra que os signatários esta vam a par da bibliografia existente na época.

Boisgelin dá a Salvador duas mil casas, a maior parte das quais "magnificamente construídas". <sup>58</sup> Considera que os principais produtos para o comércio são sobretudo o fumo e a baleia, e em menor escala, também o açucar e o algodão. Trata rapidamente da história natural do país, das minas de diamantes, e traz informações gerais sobre a escravidão.

Incluímos também JOHN MAWE em nosso rol por se tratar de um viajante bastante conhecido e citado, embora não tenha estado na Bahia. A par da descrição de suas viagens feitas "ao interior do Bra sil, particularmente aos distritos do ouro e do diamante", dã uma rấ pida notícia sobre as diferentes províncias, ocupando a parte da Bahia as páginas 265 a 270 da tradução brasileira. A primeira edição inglesa é de 1812.

John Mawe nasceu em 1764, em Derbyshire. Mineralogista, em preendeu algumas viagens, inclusive em minas da Inglaterra e da Escócia, colecionando minerais para o gabinete de história natural do rei da Espanha. Em agosto de 1804 começou uma viagem no Rio da Prata. Em Montevideo foi feito prisioneiro, por ser considerado espião inglês, só conseguindo libertar-se com a captura da cidade pelo Gene-

<sup>57)</sup> Cf. Michaud, op.cit., IV, pp.578 e ss.

<sup>58)</sup> Boisgelin, op.cit., p.195

ral Beresford, em 1806. Esteve ainda na Argentina, de lá dirigindose ao Brasil, onde foi bem recebido pelo Príncipe Regente, que lhe
concedeu permissão para visitar as minas de diamante das Minas Gerais
e outras partes do interior do país, durante os anos de 1809 a 1810,
permitindo-lhe, inclusive, acesso aos arquivos governamentais. Um
tratamento tão generoso não tinha ainda merecido até então nenhum vi
sitante estrangeiro.

Mawe voltou para Londres em 1811, abrindo uma loja de pedras preciosas, trazidas de suas muitas excursões, tornando-se muito conhecido como bem versado na matéria. Morreu em Londres, em outubro de 1829.

A Viagem ao interior do Brasil  $\tilde{\epsilon}$  sua publicação mais importante, tendo conhecido varias edições. Escreveu ainda diversos trabalhos de mineralogia e sobre lapidação, havendo ainda um manuscrito de sua autoria, sobre uma Mina de Ouro na América do Sul, guardado na biblioteca da Geological Society. §9

A Viagem ao interior do Brasil foi dada ao público pela pri meira vez um ano depois da volta do mineralogista à Inglaterra, isto é, em 1812. 60 É considerada obra classica, trazendo para o conhecimento da região mineira brasileira uma importante contribuição. A tradução brasileira é de 1944. 62

O autor completa a parte relativa às suas experiências mais longas no Brasil com uma descrição das várias províncias do país. Quanto à Bahia, Mawe descreve em poucas páginas a cidade e seus habitantes, informando que "os usos e costumes do povo pouco diferem dos da Capital. Mas consta que lá reinam maior alegria e urbanidade, sen do as elites mais associáveis que no Rio". 62 O gosto pela música é generalizado, quase todas as famílias possuindo guitarras e, as mais abastadas, pianoforte". As senhoras vestem-se à inglesa, enfeitam-

<sup>59)</sup> Cf. DNB, op.cit., XIII, pp.110 e ss. Daí retiramos igualmente a maior parte das notas biográficas sobre o autor.

<sup>60)</sup> John Maws. Travels in the interior of Brazil, particulary in the gold and diamond districts of that country. London, 1812.

<sup>61)</sup> John Mawe, Viagens ao Interior do Brasil, principalmente aos Distritos do ouro e dos diamantes. Tradução de Solena Benevides Viana. Rio de Janeiro, Zélio Valverde, 1944.

<sup>62)</sup> Ibidem, p.266

se com colares de ouro, mas usam poucos diamantes. O clima é mais saudável que o do Rio, o mesmo acontecendo com a água. 63 Na Bahia se exporta mais açucar do que em todos os outros portos brasileiros reunidos, e de superior qualidade; não melhor, porém, que o produzido pelos ingleses, nas Indias Orientais. 64

## 1810 - 1819

Na década seguinte, arrolamos dez visitantes estrangeiros, a saber, o sueco Gustav Beyer, médico, os ingleses James Prior. oficial, e o médico do Hospital inglês na Bahia, Robert Dundas; os franceses Ferdinand Denis, estudioso de línguas orientais e mais tarde a mericanista de renome, e L.F. Tollenare, comerciante de algodât. Os alemães estão representados por uma série de cientistas famosos,o mineralogista Wilhelm Christian Gotthelf von Feldner, os naturalistas Maximiliano von Wied-Neuwied, Johann Baptist von Spix, Karl Friedrich Phillip von Martius e Georg Wilhelm Freyreiss. Creio que também ca be incluir aqui o médico alemão Carl August Delsner de quem nada se sabe, mas que deve ter vivido por essa época na Colônia Leopoldina, no sul da Bahia.

Cronologicamente, GUSTAV BEYER é o primeiro que conhecemos a ter estado na Bahia neste período entre 1810 e 1820. No verão de 1813, tocou a Bahia, a caminho do Rio de Janeiro e São Paulo.

Na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, no XII volume, foi publicado em 1907 a tradução das notas de viagem do médico sueco. O trabalho original apareceu em Estocolmo, em 1814 sendo encontrados dois exemplares na biblioteca particular do Rei Os car II, da Suécia, o qual, cedendo um dos exemplares a Alberto Löfgren, possibilitou-lhe a tradução e a divulgação no Brasil. Na opinião de Borba de Morais, trata-se de "uma das relações mais interes santes que existe sobre S. Paulo dos princípios do século 19". No mesmo volume em que saiu a tradução, existem alguns artigos a respeito desse viajante. 66

<sup>63)</sup> Ibidem

<sup>64)</sup> Ibidem, p.269

<sup>65)</sup> Borba de Morais, 1949, pp.594 e ss. (4140)

<sup>66)</sup> Os artigos são de Vieira Fazenda e de Oliveira Lima. No vol.XIV. há ainda um artigo de Löfgren e outro de João Wetter (cf. Revista do Instituto Histórico e Geográfico, S. Paulo, nºs XII (1907) e XIV (1908).

Beyer nasceu em Ystad a 19 de agosto de 1775; em 1785 come çou a estudar ciências médicas em Lund. Posteriormente foi médico de uma expedição ao imperador do Marrocos, e nessa ocasião visitou os grandes hospitais e outras instituições da Inglaterra, França e Itália.

Por muitos anos, exerceu as funções de médico da esquadra sueca. Em 1806, o Príncipe Regente o nomeou cônsul geral de Portugal na Suécia.

No outono de 1812, "munido das mais amplas recomendações de rei da Suécia e do príncipe regente de Portugal, dirigiu-se o æ.Beyer para o Brasil com o fim de estabelecer relações comerciais entre o Brasil e a Suécia".

De volta do Brasil, retoma suas funções consulares.

Morre a 10 de junho de 1852, aos 77 anos. 67

Sobre a Bahia, Beyer não dá grandes informações, ocupando suas notas a respeito apenas duas páginas do conjunto. Considera o comércio da Bahia muito bom, "o porto excelente e bem defendido por uma guarnição numerosa". Encanta-o o Passeio Público, "belo, extenso e bem traçado jardim público que de noite costuma estar capricho samente iluminado". Enforma ainda que a Bahia possui "grandes docas, fábricas de algodão, fumo e aço, tão boas quanto na Inglaterra". "A posição da cidade, no caminho da Europa para a India", continua Beyer, "e a actividade de saus habitantes, crearam alí uma riqueza que dificilmente pode ser calculada". 69

Gustav Beyer segue viagem para o Rio e São Paulo, destino de sua viagem, pois tinha saído da Suécia expressamente para receber do diretor da fábrica de ferro de Ipanema, seu compatriota Hedberg, a soma que lhe era devida, no valor de de dez mil cruzados. 70

<sup>67)</sup> Cf. Alberto Löfgren, ibidem, t. XIV, 1908.

<sup>68)</sup> Gustav Beyer, Ligeiras notas de viagem do Rio de Janeiro à capitania de S.Paulo, no Brasil, no verão de 1813, com algumas noticias sobre a cidade da Bahia e a ilha Tristão da Cunha, entre o Cabo e o Brasil e que há pouco foi occupada. Tradução do suecepelo dr. Alberto Löfgren, in: R.I.H.G. S.Paulo, vol.XII, 1907, S. Paulo, 1908, p.275.

<sup>69)</sup> Idem, p.275

<sup>70)</sup> Cf.Oliveira Lima, in: O Estado de São Paulo de 10.12.1907.

Bem mais noticioso é JAMES PRIOR, sobre quem, entretanto, nada pudemos apurar. Sua "viagem pela Costa Oriental da África, para Moçambique, Joana e Quiloa, para Santa Helena, para o Rio de Jameiro, Bahia e Pernambuco no Brasil na Fragata Nisus", foi publicada em Londres, em 1819. Na "advertência" final, Prior esclarece que a viagem pela parte leste da África, ali descrita, teve lugar em consequência da chegada, no Cabo da Boa Esperança, em 1812, de um embaixa dor do Rei das Ilhas Comoro, a quem o governador daquele colônia pedira ajuda, para defender-se dos nativos de Madagascar, muito belico sos. 71

Partiu em 1812, chegando ao Rio de Janeiro em outubro de 1813 e, depois de quatro semanas na Corte, onde se espanta com a simplicidade dos edifícios públicos e do palácio real, a ausência de guardas e de aparato, 72 chegando a Bahia em novembro do mesmo ano.

Horroriza-se com a sujeira da Cidade Baixa, referindo-se  $\underline{i}$  ronicamente  $\bar{a}$  deusa Cloacina, cujos admiradores eram de tal modo de votos que nunca removiam suas ofertas, exceto pela influência reun $\underline{i}$  da do sol, das chuvas e dos ventos"...

Considera o palácio do governador, pelo menos na aparência, "muito inferior ao do Rio", o teatro não é deselegante, havendo qua tro mosteiros masculinos e cinco conventos femininos, dos quais três encerram esposas cujos maridos estão ausentes. Mas por uma questão de justiça, esclarece que muitas dessas mulheres para lá se retiram espontâneamente, ou por economia, ou para estarem mais seguras tanto de um escândalo como de uma tentação. 74

Espanta-se ainda o militar inglês com o fato das mulheres, quando vestidas a rigor, deixarem os braços e o busto liberalmente expostos, "singular costume num povo que, se não é completamente ciumento, pelo menos apenas e mal escapa desse vício". 75

<sup>71)</sup> James Prior, Voyage along the Eastern coast of Africa to Mosambique, Johanna, and Quiloa; to St. Helena, Ric de Janeiro, Bahia, Pernambuco in the Nisus fragate, London, 1819. Cf. "Advertisement". no final do livro (não paginado).

<sup>72)</sup> Ibidem, p.96

<sup>73)</sup> Ibidem, p.101

<sup>74)</sup> Ibidem, p.103

<sup>75)</sup> Ibidem, p.104

Fiel a mesma linha de pensamento, considera Prior ainda que viu nas mulheres baianas muitas joias... mas nem sempre muitas virtu des.  $^{76}$ 

Nota na Bahia de 1813 "um forte impulso para a independência", reconhecendo que, sendo o mais rico e poderoso ponto do Brasil, tendo uma posição central, um bom porto, e ilimitados meios de crescimento, tudo contribui para que seja ela "a verdadeira capital do país". 77

James Prior é um dos poucos viajantes que, na Bahía, se referem ao fato de terem visto prostitutas. Ao descrever a cidade, es tabelece uma interessante série de paralelos entre as duas partes, a baixa e a alta, registrando na primeira "o povo, assemelhando-se a pobres e esquálidos objetos... mulheres de fácil acesso mostrando seus atrativos para o incauto, e às vezes crianças semi-nuas, suplicando caridade". 78

0 oficial britânico registra um desabamento havido cinco me ses antes de sua chegada, quando uma parte da montanha cedeu, causan do muitas destruições e mortes.  $^{79}$ 

No dia de Natal, James Prior e sua fragata Nisus chegam a Pernambuco, onde viram "muito pouco que admirar".  $^{80}$ 

Ja em 1907, Alfredo de Carvalho encarregou-se de divulgar parte do trabalho do viajante inglês, traduzindo o relato referente à Pernambuco em artigo para uma revista local.

WILHELM CHRISTIAN GOTTHELF von FELDNER nasceu na Silesia em 1772 e morreu em Lisboa em 1822, tendo passado onze anos no Brasil. Fantando-lhe meios financeiros para concluir os estudos universitários, por lhe ter falecido o pai, Feldner vai ganhar a vida como "mi neiro prático" nas minas de carvão. Em 1803 passa-se para Lisboa,

<sup>76)</sup> Ibidem

<sup>77)</sup> Ibidem, p.108

<sup>78)</sup> Ibidem, p.100

<sup>79)</sup> Ibidem, p.101

<sup>80)</sup> Ibidem, p.108

<sup>81)</sup> Cf. Alfredo de Carvelho. O Recife de 1813, in: Rev. do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Fernambucano, XII, nº 68 (1907).

com a esposa, com a patente de sargento de artilharia, para lá continuar com atividade semelhante. Com a transferência da Corte para o Brasil, viu-se Feldner obrigado a embarcar para o Rio de Janeiro, a fim de resolver pessoalmente e recisão de seu contrato, pois deseja va retornar à pátria. Embarca com a mulher e três filhos em 1810, tendo como companheiro de bordo o Barão Eschwege. Essa viagem inicia uma permanência de onze anos em solo brasileiro, voltando Feldner para Portugal em 1821, com D. João VI, no grau de tenente-coronel do Corpo Real de Engenheiros. No ano seguinte, em 1822, aos 49 anos de idade, vem a falecer, deixando numerosos filhos. Para auxiliar a viú va, informa Leonardos, 20 secretário da legação prussiana Ignaz von Olfers compra os arquivos deixados pelo mineralogista e toma a iniciativa de publicar suas notas de viagem, que vão aparecer em 1828 sob o nome de "viagem por várias províncias do Brasil", em dois volumes. 83

O primeiro volume é uma "visão geral" das diversas províncias e do país em seu conjunto, com notas muito suscintas, enquanto e segundo traz o diário de suas viagens. De julho a novembro de 1811, Feldner encontrou-se no Rio Grande do Sul, examinando as jazidas de carvão do Rio Pardo, recentemente descobertas; em 1812 e 1813, esteve em Porto Seguro, por duas vezes, e em 1816 vamos encontrá-lo, a mando do Rei, na Bahia, quando já se preparava para gozar de merecidas férias na pátria.

O terceiro capítulo, que trata de sua segunda viagem a Porto Seguro, traz como adendos um estudo sobre os Machacalis, um voca bulário botocudo e a tradução em alemão da carta de Pero Vaz de Caminha.

O quarto capítulo trata de sua viagem à Bahia de Todos os Santos, realizada de fevereiro a setembro de 1816. Saindo do Rio a 24 de fevereiro, Feldner alcança a Bahia a 1º de abril. O governador o recebe com cordialidade, oferecendo-lhe um aposento no palácio. Feldner, logo à sua chegada, entra em contato com alemães residentes

<sup>82)</sup> Leonardos, 1973, pp.30.31, de onde extraimos as notícias biográficas. Cf. tb. Oberacker, 1955, p.200.

<sup>83)</sup> Alfredo de Carvalho traduziu em parte a obra de Feldner em dois trabalhos ainda inéditos: Uma excuraão mineralógica ao Rio Grande do Sul em 1811 (43 fla.mss) e As viagens científicas de Guilherme Feldner na Bahia em 1812, 1818 e 1816 (incompleta, só tratando da 1a. viagem, de 1812, e d'uma parte da segunda. São 44 fls. mss). Cf. Canstatt, 1967, p.246.

na Bahia, entre eles, Kalkmann, Stolz e Weyll, <sup>84</sup> com os quais visita os arredores da cidade. A procura de carvão de pedra o leva a explorar a região circunvizinha, que descreve ligeiramente.

Esteve em Itapagipe, onde encontra uma armação para e pes ca de baleia, achando a península "muito populosa", habitada sobretu do por pescadores e construtores de navios. 85

A aldeia de Itapoa, como a vila de Santo Amaro, também foram alvo de uma visita do mineralogista, sempre a procura de suas ja zidas. Feldner considera o lugar "miserável", e não faz mais menhum comentário a respeito, seguindo viagem por pontos bastante cidos da epoca, e que em geral não são nem visitados nem por outros estrangeiros: Cabussu, Abrantes, onde encontrou grafite, passando pelos rios Cantagalo e Joanes, dirigindo-se depois para Ca choeira, Maragogipe e S. Felix, Muritiba, passando por vários engenhos, contando por toda parte com a ajuda da gente local. 86 Tendo re colhido por onde passava amostras dos minérios encontrados, conclui sua viagem e apresenta-se ao governador, relatando-lhe c sultado, informando ter encontrado regiões com boa proporção de miné rio de ferro, aconselhando ao Chefe do Estado que aproveitasse presença de um fundidor francês, recentemente chegado, e experiências no local, isto é, junto ao regato Cagi, na serra da Con ceição, perto de Cachoeira.

Informa Leonardos que Feldner teria apresentado um "Plano para o estabelecimento de uma usina siderúrgica na Bahia", onde afir ma que "em todo o Brasil, não há situação melhor para se estabelecer uma fundição de ferro, pois tem a grande vantagem de facilidade de se conduzirem as obras feitas do mesmo metal pelo rio, até entrarem em uma das cidades mais centrais da costa do Brasil. 87 O governo, no entanto, não atende ao pedido de Feldner, nem lhe dá recursos para encetar a obra.

<sup>84)</sup> Wilhelm Christian Gotthelf von Feldner, Reise durch mehrere Provinzen Brasiliens: aus seinem nachgelassenen Papieren. Liegnitz, E. Doench, 1828.

<sup>85)</sup> Ibidem, p.211

<sup>86)</sup> Ibidem, cf. pp.213 e as.

<sup>87)</sup> Leonardos, op.cit., p.31

Volta então Feldner para o Rio, e só no fim de sua estada na Bahia descreve rapidamente a cidade, "anfiteatralmente" situada na encosta de uma elevação bastante ingreme, dividindo-se pela natureza do solo, em cidade baixa e alta. 88 Na baixa, estão as lojas comerciais, na alta, as casas são mais separadas umas das outras, e São freqüentemente rodeadas de agradáveis laranjais. 89

Maximiliano, Príncipe DE WIED-NEUWIED percorre o Brasil durante os anos de 1815, 1816 e 1817, numa das mais divulgadas e conhecidas viagens do século XIX.

Nascido em Neuwied a 3 de fevereiro de 1782 teve uma brilhante carreira militar, ao lado de suas atividades de botânico e na turalista. Na onda da redescoberta do Brasil na segunda década oitocentos, dirigiu-se também ao paraíso tropical, fazendo-se acompa nhar na viagem pelos naturalistas Sellow e Freyreiss; este último já estava no Brasil desde 1813. Explorou sobretudo a costa brasileira, do Rio de Janeiro até a Bahia, observando a vida e o costume dos in dios botocudos, a par de sua pesquisa botânica e sobretudo zoológica, nas matas do litoral. De volta à Europa, em maio de 1817, a bordo da barca "Princesa Carlota", apressa-se em organizar os resultados seus estudos, dando-os à forma em 1820-21, em dois volumes com atlas e um magnífico album com 22 estampas, editados em Frankfurt. Além da Viagem ao Brasil, elaborada a partir de seus diarios de viagem. 90 Ma ximiliano ainda escreveu vários cutros volumes, dos quais a obra mais alentada é "Contribuições para a História Natural do Brasil", publi cada em Weimar, em quatro volumes, de 1824 a 1833. No segundo me da Viagem ao Brasil trata o príncipe naturalista de suas excursões ao interior e à capital da Bahia.

Em 1954, foi publicado um estudo sobre "desenhos e manuscri tos inéditos para a etnologia do Brasil", a respeito do acervo cientí fico deixado pelo Príncipe Maximiliano, arquivado em Neuwied, com u

<sup>88)</sup> Feldner, op.cit., II, p.220

<sup>89)</sup> Ibidem, p.221

<sup>90)</sup> Maximiliano de Wied-Neuwied, Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817. Tradução de Edgar Süssekind de Mendonça e Flávio Popog de Figueiredo. S.Paulo, 1940. O título original é Reise nach Brasilien in den Jahpen 1815-1817, impresso em Frankfurt sobre o Meno, saindo o primeiro volume em 1820 e o segundo, no ano seguinte.

ma importante análise crítica de texto, e comparação entre os manus critos e as obras impressas. 91

A relação de viagem do Príncipe Maximiliano de Wied Neuwied é obra clássica e indispensável ao estudioso da etnologia brasileira. Consagrou-se sobretudo pela apresentação ao mesmo tempo desapaixonada, discreta e verdadeira de suas observações.

As notícias sobre a cidade do Salvador são bastante gerais, não tendo Maximiliano detido-se muito na capital. Observa que a cidade não é calçada, mas que algumas das igrejas são belíssimas, 32 embora a arquitetura civil seja em geral pesada e irregular. 3 Nota que na biblioteca pública existem até obras novas sobre todos os ramos do conhecimento, e no porto se encontram navica de todas as nacionalidades. A cidade baixa e o calor insuportável despertam-lhe uma certa impaciência e irritação, ouve dizer que nas classes altas reinaum luxo desenfreado, sendo os usos e costumes do povo semelhantes aos de Portugal, embora durante o dia não se vejam mulheres na rua. 34

GEORG WILHELM FREYREISS<sup>95</sup> nasceu a 12 de julho de 1789, em Frankfurt Meno, filho de um sapateiro. Cedo interessado em zoologia, sobretudo ornitologia, com grande habilidade para empalhamento de a nimais, através do naturalista Meyer, em Offenbach, travou conhecimen to com Lagsdorff, cônsul russo no Brasil que, em viagem a São Peters burgo, e pela Alemanha, procurava auxiliares para suas expedições científicas tropicais. Desembærca no Rio, juntamente com Langsdorff, em 1813, para não mais deixar o Brasil.

Freyreiss não apenas trabalhou para e com Langsdorff. Foi encarregado pelo cônsul sueco para organizar uma coleção de história natural para aquele país, e nesse intuito incursiona com o Barão de

<sup>91)</sup> Josef Röder e Hermann Trimborn, Maximilian, Prinz zu Wied. Unver"Offentlichte Bilder un handschriften zur Völkerkunde Brasiliens.
Bonn, Ferd. Dummlers Verlag, 1954 (Maximiliano, Principe de Wied.
Desenhos e manuscritos inéditos sobre a antropologia brasileira).

<sup>92)</sup> Maximiliano, op.cit., II, p.448

<sup>93)</sup> Ibidem, p.449

<sup>94)</sup> Ibidem, p.450. Nos livros e autores de fácil divulgação, não achamos necessário deter-nos, por serem eles accessíveis.

<sup>95)</sup> Adotamos a grafía do seu nome com -ss final por facilidades dat $\underline{\mathbf{1}}$  lográficas.

Eschwege no interior de Minas Gerais, em 1814, reunindo o resultado de suas observações num relato de viagem, entreçue em 1815 ao consulado sueco. Esse material ficou esquecido até que, no início do século vinte, o original alemão foi traduzido, aperecendo quase simultaneamente na Suécia e no Brasil. 96

Albert Löfgren, o tradutor de Gustav Beyer, encarregou-se da versão para o português, sob o título Viagens a várias tribus de selvagens na capitania de Minas Gerais; permanência entre elas, descrição de seus usos e costumes, <sup>97</sup> e alguns anot mais tarde divulgou um outro trabalho de Freyreiss, Viagem ao interior do Brasil nos anos de 1814-1815 pelo naturalista G.W. Freyreiss. <sup>98</sup>

O ornitólogo de Frankfurt acompanhou tinda o Príncipe Maximiliano de Wied - Neuvied, em suas viagens ao litoral, guiando-o atí o interior da Bahia, entre 1815 e 1817, observando e estudando o comportamento dos índios do Mucuri. Tollenare registra a passagem de "dois jovens naturalistas alemães de quem a Europa deve esperar o on nhecimento do Brasil", isto é, Sellow e Freyreiss, e "parece mesmo que até hoje as suas coleções tem sido em comur com o príncipe de Neuwied, que com eles viajou e acaba de partir para a pátria". 99

Em 1816, de parceria com o cônsul hamburguês Peter Peyke : um outro alcmão, Morhard, tendo conseguido receber algumas sesmaria: à margem do Rio Peruípe, não longe da Vila Viçasa, estabelece os fundamentos da colônia de agricultores estrangeiras, alemães, suíços, estabelece também franceses, que tomou o nome de Colônia Leopoldina, tento sido a primeira do gênero a existir na Bahin, 100 florescendo rapidamente com a ajuda do trabalho escravo, diferindo portanto das colônias de emigrantes estrangeiros posteriores, cade não havia o concur so do negro cativo.

<sup>96)</sup> O divulgador das obras de Freyreiss na Suscia foi o botânico Lindman. Mais tarde, em 1968, a Biblioteca e Instituto de Est<u>e</u> dos Iboro-Americanos de Estocolmo edita o manuscrito em sua lígua original.

In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, vol. VI. 1902.

<sup>98)</sup> Ibidem, vol. XI, 1907, pp.158-236

<sup>99)</sup> Cf. Tollenare, op.cit., 311 e ss.

<sup>100)</sup> Sobre a Colônia Leopoldina, cf. o livro c: próprio fundador, є ainda Toelsner. Mais tarde,o médico Asscrenfeld também ali clinicou, escrevendo a respeito em seu diário de viagem (1948). Avé -Lallemant e Tschudi também relatam a situação em que encontraram a Colônia.

Numa viagem aos botocudos, Freyreiss sofreu um naufrágio, perdendo toda a sua grande fortuna. Quando se preparava para uma viagem ao Amazonas, veio a falecer, aos 36 ancs de idade, em 1825.

Um ano antes de sua morte, apareceu em Frankfurt sobre o Meno seu livro, que pretendeu prestar uma contribuição ao conhecimen to mais minuncioso do Império do Brasil, incluindo uma "descrição da nova Colônia Leopoldina e dos mais importantes ramos da indústria para colonos europeus", assim como uma "exposição de motivos pelos quais várias colônias malograram".

A obra deveria ter dois volumes. O primeiro está desenvolvido em seis capítulos, o primeiro dos quais contendo informações gerais sobre o Brasil, os seguintes, respectivamente sobre o clima, o reino mineral, o reino vegetal e o reino animal, e finalmente o sex to capítulo sobre os habitantes do Brasil, dividindo a população em indios, brancos e negros.

Em suas 170 páginas in 89, traz uma contribuição sobretudo no campo das ciências naturais. Sua opinião score os diferentes habitantes do país contém menos preconceitos que muitos outros, embora sua apresentação sobre os mestiços, por exemplo, seja por demais simplista. Adepto e propagandista da migração, não se pode esperar de sua descrição sobre a situação escrava senão um quadro sombrio,o que de fato sucede, sem que Freyreiss carregue por demais as tintas, mostrando, em todo o correr do livro, uma preocupação de científica objetividade. 102

CARL AUGUST TOELSNER é autor de uma pequena obra sobre a colônia Leopoldina no Brasil<sup>103</sup> aparecido como tese de doutoramento em

<sup>101)</sup> O título em alemão é o seguinte: Beiträge zur nähere Kenntnie des Kaiserthums Brasiliens nebst einer Schilderung der neuen Colonie Leopoldina und der wichtigsten Erwerbzweige für europäische Ansiedler, so wie auch einer Darstellung der Ursachen, wodurch mehrere Ansiedelungen Müsglückten. Erster Theil. Frankfurt am Main, 1824. A 2a. parte parece que não foi publicada com isso perdeu-se mais essa possível documentação da Colônia Leopoldina.

<sup>102)</sup> O biógrafo de Freyreiss foi J. Löwenberg (Cf. ADB, vol.VII, pp. 372 e ss.).Cf. ainda Oberacker, op.cit., p.201, Canstatt. op.cit., p.50, Leonardos, op.cit., p.45. No Registro de Estrangeiros en contramos a entrada de Freyreiss no Brasil, datada de 30.8.1813, e onde o naturalista é dado como "russo-secretário de S.M.I." (Cf. Arquivo Nacional, Registro de Estrangeiros, 1808-1822).Rio de Janeiro, Ministério da Justiça e Negócios Interiores. Arquivo Nacional, 1960, p.127.

<sup>103)</sup> Carl August Toelsner, Die Colonie Leopoldina in Braeilien. Göttingen 1858.

filosofia pela Universidade de Göttingen em 1858, e que teve mesmo  $\underline{u}$  ma segunda edição em 1860. C autor pretende descrever a vida na Colônia, baseando-se nas observações efetuadas durante os muitos anos lá passados.

Nada conseguimos apurar sobre a pessoa do Toelsner, e o t $\underline{i}$ tulo de "médico da Colônia" figura sob seu nome na folha de rosto do livrinho de 76 páginas in 89.

Embora não tratando da cidade do Salvador, de que este nosso trabalho essencialmente se ocupa, cremos não ser demais registrar o nome e a obra desse médico alemão, sobretudo pela importância que sua breve dissertação de doutoramento oferece para a tão rarefeita bibliografia acerca da primeira colônia estrangeira na Bahia. Embora o título muito prometa, o autor não é muito pródigo em informações, interessando-se mais pelos aspectos de agricultura, sobretudo a cultura do café o que é inteiramente justificável e defensável visto tratar-se de uma comunidade agrícola, havendo a necessidade de se atrairem mais colonos para lá.

Toelsner, juntamente com Freyreiss, Riedel e Asschenfeld, constitui a principal fonte de informação sobre a colônia do sul da Bahia.

JEAN FERDINAND DENIS nasceu em Paris, a 13 de agosto de 1798. Seu pai, alto funcionário do Ministério de Relações Exteriores, des tinou-o à diplomacia, tendo Ferdinand preferido dedicar-se ao estudo das línguas orientais, vindo a conhecer bem o turco e o árabe, além das línguas neo-latinas.

Com a idade de dezcito anos, tendo o pai dificuldades financeiras, decide-se a partir para o Brasil para, segundo seu biógra fo Léon Bourdon, tentar fortuna, a fim de completar o dote de sua ir mã e conseguir um bem estar para toda a família.

Chega ao Rio de Janeiro a 20 de março de 1816, alcançando a Bahia doze dias depois. Aí, recomendado ao agente consular francês, com quem embarcou, Henri Plasson, amigo da família, exerce as a tividades de secretário, trabalho que lhe propiciava muitas horas de lazer e uma existência modesta, longe dos sonhos de riqueza que aca lentava juvenilmente.

Depois de dois anos na Bahia, retirando-se seu protetor,re torna ele também à pátria, em julho de 1819,e se dedica a trabalhos de erudição e história, ocupando por longos anos o cargo de conserva dor, e depois administrador da Biblioteca Sainte-Geneviève, em Paris.

Escreve muitas obras sobre temas brasileiros e sobre a Anérica Latina em geral, sendo coroado pelo reconhecimento do mundo cultural, que o respeitou como um estudioso e conhecedor especializado dos assuntos que tratava.

Já em 1821-22 sai a lume seu alentado trabalho, sobreo Brasil e a história, costumes e usos dos habitantes desse reint. 104 em colaboração com Hippolyte Taunay, em seis volumes. Por toda a década de vinte e as seguintes, Denis publica incansavelmente estudos sobre a América do Sul, e traduz e divulga a literatura brasileira e portuguesa.

Em 1837, edita O Brasil, em dois volumes, fruto de reflexões mais am durecidas, enriquecidas com leituras o fartamente documentado, divulgando pela primeira vez trechos do manuscrito de Tollenare.

Ferdinand Denis morre em idade provecta, a primeir: de a-gosto de 1890. Sua rica biblioteca particular foi vendida e dispersada, salvando-se apenas uma pequena parte, que constitui heje o "Legs Ferdinand Denis", na Biblioteca Sainte-Geneviève.

Léon Bourdon, em publicação de 1957, reune, selecima, comenta e edita uma série de cartas particulares e fragmentos do diário íntimo de Ferdinand Denis na Bahia, acrescentando preciosas notícias biográficas sobre o autor. 107

Sem congregar o acervo de informações dos trabalhos futuros do erudito francês, essa documentação é enormemente importante pa

<sup>104)</sup> Ferdinand Denis et Hippolyte Taunay, Le Présil ou histoire, moeurs, usages, et coutumes des habitants de ce royaume. Paris, Nepveu, 1822.

<sup>105)</sup> Idem, Brésil, Paris, Firmin-Didot frères, 1837. A tradução brasileira desta obra foi feita no Rio de Janeiro, pela Editora Gyarnier (s.d.), sob o título Brazil, e em 1955 reeditada na Bahio pela Livraria Progresso Editora, sob o nome de O Brasil, embas em dois volumes, assim como a versão portuguesa, aparecida em Lisboa, já em 1844-1845. Existo uma edição alemã de 1838. Esaremos a edição baiana e passaremos a indicar Denis 1955 em nossas notos.

<sup>106)</sup> Para dados biográficos e bibliográficos do autor, cf. H.Cerdier, Perdinand Denis, 1798-1890 (s.1.n.d.), P.Moreau, Ferdinand Denis. Journal (1829-1848). Fribourg, Frêres Hese, 1932 e L. Beurdon, Lettres familières et Journal intime (cf. nota seguints).

<sup>107)</sup> Léon Bourdon, Lettres familières et fragments du Journal intime Mes sottises quotidiennes, de Perdinand Denis à Bahia (1816-1819). Coimbra, Coimbra Editora Limitada,1957. Separata da Revista Brazi Leira, vol. X.pp. 143-286. (Passaremos a indicar nos notas Denis, 1957).

lo carater de espontaneidade, de informações de "primeira mão" que 👱 ferece, além da importância biográfica e para o estudo da personali dade do autor. Confrontado pela primeira vez com o Novo Mundo, sepa rado por tão grande distância da família e dos amigos, que suas car tas mostram o quanto lhe são caros, Ferdinand Denis vai desafiando suas impressões e vivências, seu encantamento pelos trópicos, seu re lacionamento com os outros estrangeiros também residentes na naquela época, seu romance com a "Nademciselle Clarisse", seu sentimento de gratidão e uma ponta de orgulho por se ver distinguida la atenção e amizade de Louis François de Tollenare, de quem tratarmos a seguir, seu choque pelo pouco em prazeres intelectuais que provincia podia oferecer, o baixo nivel cultural do ambiente, suac reflexões de ordem política e "filosofica" a respeito do que o rodei a, tudo um tanto misturado e sem maiores profundidades, ao sabor de pena, aplicado a informar seus entes queridos e fazê-los participar de longe de sua grande aventura em além-mar.

Ao diário, o próprio Denis chamou de "minhas tolices cotidianes", e compreende o espaço de tempo de 7 de outubro de 1815 a 19 de janeiro do ano seguinte. As cartas são de um período mais largo, desde sua saída de casa, em 1816, e são dirigidas aos pais, à irmã, ac irmão e a alguns amigos. Esses papeis ficaram na Bibliotec: Saines Geneviève, em Paris, hos códices 3417 e 3421, da secção de manuscritos. 108

Na mesma época que Denis, encontrava-se também na Bahia um outro francês, LOUIS-FRANÇOIS TOLLENARE (1780-1853), "rico negociante de Nantes", segundo informação do próprio Denis, que manteve com ele estreito contacto.

Tollenare desde cedo se envolveu nas atividades comerciais, dedicando-se ao ramos dos negócios de algodão e tecidos, tendo pos suíndo por algum tempo, em Nantes, uma usina de fiação e tecelagem, que foi obrigado a fechar por ocasião do bloqueio continental, quando passou por muitas dificuldades econômicas. Com a mudança política, associou-se a um parente rico, retomando em 1816 o mesmo ramo da negócios, sendo enviado pelo tio ao Brasil para comprar um carregamento de algodão.

<sup>108)</sup> Cf. ibidem, p.143

Dirigindo-se primeiramente a Portugal, aí passou pouco tem po e no mesmo ano de 1816 seguiu viagem para Pernambuco, onde se es tabeleceu de novembro de 1816 a julho do ano seguinte, sendo testemu nha ocular e de certo modo participante dos acontecimentos revolucio nários pernambucanos de 1817. Envolvido em um contrabando de pau trasil, teve durante o bloqueio do porto pernambucano seus navios apre endidos e enviados à Bahia e provavelmente para resolver pessoalmente o caso, embarca para a Bahia, onde permanece mais do que certamente desejava, isto é, até setembro de 1818.

Tollenare habituou-se, segundo ele mesmo revelou, a tomar notas, aos domingos, de tudo o que ia julgando digno do papel. Mas segundo seu biógrafo mais recente, e de quem nos servimos para apre sentar esses breves dados, os apontamentos de Tollenare não foram es critos com a intenção de publicação, jazendo esquecidos por muito tem po entre seus guardados, mais ou menos por acaso confiados a Ferdínand Denis, que deles se serviu largamente na confecção do seu Jeresil, de que já tratamos, e que provavelmente os guardou, ciente de seu valor documental, e ascim passaram, com a morte de Denis, para o acervo da Biblioteca Sainte Genevieve.

Apenas em parte conhecidas, as Notas Dominicais, assim cha madas pelo próprio Tollenare, foram primeiramente traduzidas por Alfredo de Carvalho, que divulgou a parte do manuscrito referente à Per nambuco. 110 Anos mais tarde, Oliveira Lima encarrega-se da versão bra sileira do texto sobre a Bahia. 111 Em 1956, a Livraria Progresso Editora, sob a direção do Professor Pinto de Aguiar, reune os dois tem tos, ainda desta vez excluindo a viagem a Portugal, dando-lhes a forma de livro, em útil e festejada publicação. 112

<sup>109)</sup> Cf. carta de F.Denis a seus país, Bahía, 24 de setembro de 161ē. "Monsieur de Tollenare... part aujourd'hui pour Nantes"; apud comentário de L. Bourdon às Notes Dominicais, p.XXVIII. Assim como todas as indicações biográficas que estamos apresentando foram também tiradas dessa mesma introdução. Cf. nota adiante.

<sup>110)</sup> Cf. Alfredo de Carvalho, in: Revista do Instituto Arqueológico c Geográfico Pernambucano, Vol. XI (1904), pp.352-546.

<sup>111)</sup> Cf. Oliveira Lima, in: Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, vol. XIX (1907), pp.35-127.

<sup>112)</sup> L.F.Tollenare, Notas dominicais tomadas durante uma viagem fei ta em Portugal e no Brasil em 1816, 1817 e 1818, Bahia, Livraria Progresso Editora, 1956 (é dessa edição de que nos serviremos em nossas citações).

Recentemente, a Editora Presses Universitaires, da França, apresentou, em três volumes, a edição das notas completas de Tollena re, organizada, anotada e comentada pelo Professor Leon Bourdon. 113 num trabalho do mais alto nível, tendo-se finalmente, depois de mais de um século e meio de redigida, a obra em seu conjunto, comprovando sua atualidade e importância. Um dos grandes méritos dessa nova edi ção, imprescindível para quem quiser de fato conhecer os escritos tollenarianos, é a divulgação de textos relativas à estada do negoci ante francês no Brasil e que os tradutores anteriores julgarem necessários ou desabonadores, preferindo subrimi-los, e que oferecem o mais vivo interesse. Sobretudo a "nota" referente ao dia 14 de se tembro de 1817, quando Tollenare reproduz a conversa que teve com u ma senhora brasileira, durante uma reunião campestre, "na bela povoa ção da Vitória, oferecida pelo Sr. C. todas as segundas feiras,e qual a dama expõe longamente as aventuras amorcasas das senhoras sociedade local, demonstrando o prazer que sente em contá-las e esclarecendo que todas as mulheres vivem "não so cas próprias ras, como também das das outras". 114

As notas da Bahia são abruptamente interrompidas em novem bro de 1817, tendo o resto sofrido um extravio, conforme uma breve notícia escrita pela mão do próprio autor no fim da última página. Isto significa que o diário de quase um ano ainda da estadia de Tollenare na Bahia desapareceu, e com ele certamente preciosas notícias, como as páginas de que se tem conhecimento o evidenciam.

Tollenare sabe tirar partido da vivência exótica que lhe está sendo, malgrado ele mesmo, talvez, proporcionada, e não deixa de percorrer os mais diferentes e distantes pontos da região, interessando-se vivamente pelo lugar onde reside, procurando interpretar e penetrar na mentalidade do povo, seus gostos e seus desgostos, suas fraquezas e predileções, fazendo a um tempo trabalho de etnólogo e sociólogo, historiador e cronista do cotidiano. Não se limita a observar. Quer viver o mundo tropical, tomando banho na sua baiazinha

<sup>113)</sup> L.F. de Tollenare, Notes Dominicales prises pendant um Voyage em Portugal et au Bréeil en 1816,1817 et 1818. Edition et commentaire du ms. 3434 de la Bibliothèque Sainte-Geneviève par Léon Bourdon. 3 vois. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.

<sup>114)</sup> Ibidem, pp.729 à 732

da Vitória, provando a carne da baleia, pegando bicho de pé, por en chafurdar-se nos charcos de Itaparica, durante uma caçada. Da Bahia, deixa excelentes descrições tanto da cidade propriamente dita como da população e dos costumes, detendo-se longamente, por exemplo, na exposição da vida teatral local, 115 na pesca da baleia, 116 na descrição dos botocudos, 117 cu da Vitória ou do Rio Vermelho, além de cer tas tiradas elocubrativas a respeito do temperamento do povo e dos contrastes entre o parisiense e o brasileiro. 116

Visita o Recêncavo, assim como em Pernambuco embrenhou-se pelo sertão, procurando conhecer o modo de viver de seus habitantes, penetrando, sob o pretexto de desalterar-se, na casa do lavrador, ou na cabana do morador, como o fez igualmente na mansão do senhor de engenho ou no sobrado do comerciante afortunado.

Nenhuma expedição científica teve no Brasil o sucesso, a im portância, a repercussão e o resultado da empreendida pelos naturalistas Spix e Martius, nos anos de 1817 a 1820.

JOHANN BAPTIST von SPIX nasceu a 9 de fevereiro de 1781, fa lecendo a 15 de maio de 1826. Filho de um cirurgião, Johann Baptist dedica-se também após umas incursões na teologia, aos estudos médicos indo, depois de concluído o curso, clinicar em Bamberg, onde permane ce pouco tempo, sendo chamado para a Universidade de Munique, 1811, inclinando-se então para os estudos de zoologia. Em 1812, Mar tius se agrega ao grupo de cientistas de Munique, onde passou a viver como estudante. Planejam em 1815 uma expedição à América do Sul, reunindo-se mais tarde, segundo instruções do Rei da Baviera, à comi tiva científica que acompanhou a Princesa Leopoldina ao Brasil. A ex pedição teve a duração de três anos, voltando os pesquisadores para a Europa em 1820, Spix com a saude muito abalada, vindo a seis anos após seu retorno, sem ter podido ultimar o formidável acer vo recolhido, nem empreender grandes publicações. Sua bibliografia fica, por isso, muito aquém de sua real produção e de seu verdadeiro valor científico.

<sup>115)</sup> Cf. Tollenare, 1956, pp.283 e ss.

<sup>116)</sup> Ibidem, pp.291 e ss.

<sup>117)</sup> Ibidem, pp.313 e ss.

<sup>118)</sup> Ibidem, pp.330 e ss.

O companheiro de Spix, redator da Viagem ao Brasil e organizador da monumental Flora Brasiliensis, para só citar dois das de zenas de trabalhos elaborados pelo incansável cientista, KARL FRIEDRICH PHILLIF von MARTIUS, nasceu em 17 de abril de 1794, sobrevivendo por largos anos a Spix, vindo a morrer em Munique a 13 de dezembro de 1868.

Também tendo tido uma formação médica, dedica-se entretanto ao estudo da botânica. Seguindo para Munique a chamado de Spix, ali começa como estudante, vindo depois a ocupar cargos de relevo, como adjunto da Academia de Ciências e co-administrador do Jardim Botânico. De volta do Brasil, nomeado professor de botânica, dedica-se inteiramente ao estudo dos resultados de sua viagem, à elaboração científica do acervo recolhido, contando com a colaboração de uma es colhida equipe internacional de cientistas que, de todos os cantos da Europa e da América do Sul, prestam-lhe apoio.

Da Viagem ao Brasil foi feita em 1928 a tradução da parte referente à Bahia, por Pirajá da Silva e Paulo Wolf. Propositalmente, não nos alongamos sobre a expedição, por ser fartamente conhecida de todo estudioso do assunto. 119 Gostaríamos apenas de salientar que a edição de Pirajá da Silva traz excelentes e fartas anotações, complementando as informações do corpo do trabalho. Os subtítulos foram da iniciativa do tradutor, não existindo no original alemão.

Em Salvador, Martius descreve a cidade baixa, os edifícios públicos, a arquitetura civil, militar e religiosa, traz dados sobre os partidos e as idéias de liberdade das províncias do norte, algumas notícias sobre educação, literatura e costumes, sobre a música, a dan ça popular, as procissões religiosas, o sistema judiciário e consular, sobre a importação e a exportação, os diferentes produtos regionais, além de notas geológicas, botânicas, meteorológicas e econômicas. Traz dois mapas de exportação da província da Bahia, para o ano de 1817 e 1818.

<sup>119)</sup> Johann Baptist Spix e Karl Friedrich Phillip von Martius, Através da Bahia. Tradução do Dr. Manoel A. Pirajā da Silva e Dr. Paulo Wolf. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1916. Mais tarde foi editada toda a obra em português, em tradução de Lucia Fur quim Lahmeyer, com notas de Basilio Magalhães, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1¶38, em 2 vols. Na mesma época, saiu pela Comp. Editora Nacional (Coleção Brasiliana nº 118) a terceira e dição do Através da Bahia. (A segunda saiu em 1928). O texto original alemão apareceu pela primeira vez em 1823 (1º vol.),1828 (2º vol.) e 1831 (3º vol.), sob o título Reise in Brasilian.

Além das obras sobre história natural, Martius, atendendo a um apelo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que instituiu em 1845 um prêmio a quem apresentasse "o mais acertado plano de se escrever a história antiga e moderna do Brasil", enviou da Alemanha o seu Como se deve escrever a história do Prasil, e conquistou o prêmio. Segundo Pedro Moacyr Campos, Varnhagem "e possivelmente o próprio Capistrano de Abreu" se serviram das idélas ali contidas para a elaboração de suas posteriores histórias do Brasil. 120

Sobre o Doutor ROBERT DUNDAS não se têm maiores informa ções do que as contidas em seu próprio livro sobre o Brasil, editado em  $1852.^{121}$  Segundo o Registro de Estrangeiros, que aponta sua che gada no Rio de Janeiro em 17 de setembro de 1817, parte para a Bahia a 26 de junho de  $1819.^{122}$ 

Como cirurgião engajado no exército britanico , na qualida de de médico militar, visitou os quatro cantos do mundo, recolhendo material de observação e estudo no campo da medicina.

Na Bahia, passou vinte e três anos, de 1819 a 1842, como superintendente médico do Hospital Inglês local. Interrompeu suas atividades por cerca de dois anos, entre 1829 e 1831, para uma estada na Europa, em gozo de licença.

Na Bahia, participa da vida local, e amigo pessoal do Dr. Lino Coutinho, dos doutores Abbott e Paterson, este último substitu indo-o na direção do hospital inglês, quando se retira em 1842. A partir de 1829, teve permissão do governo para "ilimitado acesso" ao Hospital de S. Lázaro, onde então colabora ativamente. 124

A sabinada o surpreenderia na Bahia, e Dundas nos da teste munho da situação da cidade na ocasião, sem víveres, sem remécios,em grande panico e penúria, tendo os outros médicos sido obrigados a re

<sup>120)</sup> Cf. Pedro Moacyr Campos, Um naturalista e a História, in: Revista de História nº87 1971, pp. 241-248.

<sup>121)</sup> Robert Dundas, Sketches of Brazil; including new views on tropical and european fever, with remarks on a premature decay of the system incident to europeans on their return from climates. London, John Churchill, Princes Street, Soho, 1852.

<sup>122)</sup> Cf. Arquivo Nacional, Registro de Estrangeiros, op.cit., p. 106

<sup>123)</sup> Dundas, op.cit., p.334

<sup>124)</sup> Ibidem, p.360 e ss.

fugiarem-se em lugar mais seguro, tendo ficado Dundas à testa da San ta Casa da Misericórdia, com quinhentos doentes sem meios de qual quer especie. As páginas sobre essa época difícil são de dura rea lismo, representando documento de monta para a avaliação do estado da cidade. 125

O livro de Robert Dundas está organizado em forma de : nove conferências, acrescidas de um apêndice sobre a eficácia do uso da quinina no tratamento das febres intermitentes e antecedidas por observações introdutórias" sobre a opinião de diferentes autoridades médicas a respeito das febres, além da descrição de diferentes epidemias como o tifo e outras febres. Apesar do título sugerir "apontamentos sobre o Brasil", Robert Dundas trata sobretudo da Bahia, não se referindo a nenhum outro ponto do país. É um trabalho basicamente mêdico, os pormenores e as descrições sobre o povo e a terra não possu indo senão uma intenção ilustrativa e de demonstração de suas exposições, voltadas para o interesse profissional. Traz também resomendações sobre o modo de comportamento do estrangeiro nos trópicos, 116 seguidas de conselhos sobre o modo de vestir e alimentação, medidas higiênicas, etc.

Na quinta conferência, faz ele a descrição da cidade da Bahia, fala sobre a salubridade e a loa temperatura local, descreve a "aldeia de São Lázaro"; 127 na sexta, descreve o "subúrbio do Bonfim", justificando-lhe o bom clima, a Vitória, estabelece comparações com as suas próprias experiências médicas na Itália, dá a opinião de vários médicos sobre a febre intermitente e a febre amarela, assinalando que o Dr. Paterson é de opinião contrária a seus colegas europeus. 128

A oitava conferência 129 retoma os assuntos baianos, e o medico britânico procura analisar as causas da salubridade daquela pro víncia; dando como razões a estabilidade da temperatura, o calor nun

<sup>125)</sup> Ibidem, pp.394

<sup>126)</sup> Ibidem, pp73-111 (£ o segundo capítulo),

<sup>127)</sup> Ibidem. pp. 199-235

<sup>128)</sup> Ibidem, pp. 236-285

<sup>129)</sup> Ibidem, pp. 343-375

ca cheganto a ser sufocante, por causa da contínua brisa marinha, per mitindo, a noite, um sono reparador. A amenidade do clima, corres ponde o caráter agradavel e plácido do brasileiro, tendo poucas ne cessidades e exigências, não se perturbando com ambições nem agita ções desmesuradas, conseguindo, assim, uma excelente base para "a au sência de males graves", 130 e isso apesar da "negligência total em materia de limpeza e a ausência da política e regulamentação sanitária, tão essenciais para a saúde pública em outros paíse:". Enquanto e ram escritas, porêm, estas páginas, continua Dundas, o Brasil foi de vastado pela primeira vez em sua história pela febre amarela, introduzida, segundo uns pelos fatores externos, segundo outros porêm, pe la influência epidêmica de mudanças atmosféricas.

Os recentes acontecimentos políticos e a rápida transforma ção acarretada pela separação da colônia de Portugal, já estavam, en tretanto, prosseguem Dundas, afetando a situação social, moral e política do povo, demonstrando exercerem uma inflência sobre o caráter e a freqüência de certos tipos de moléstia, registrando-se, por exemplo, mais casos de insanidade. De modo geral, entretanto, tais in fluências foram mais benéficas do que maléficas. 132

Importantes são também as informações a respeito da classe médica no Brasil, seu status, as diversas escolas de medicina, os currículos, os professores, e de que Dundas se ccupa na nona conferência, que é também a última. 133

O médico inglés ressalta o costume de, em caso de mal grave, reunir-se uma junta médica para uma decisão quanto ao tratamento a ser empregado. Depois de cada um examinar o doente, os médicos se congregam em torno do paciente, sentados em semi- círculo, enquanto em outro semi-círculo mais amplo, estão a família, os parentes e os amigos assistindo, e cada um dos profissionais dá então a sua o pinião, "em forma de discurso", diz Dunlas discorrendo sobre a história, os sintomas, a diagnose e o tratamento conveniente ao caso, en quanto conforme o seu acordo ou desacordo com a prador. Se há discor

<sup>130)</sup> Ibidem, p.348

<sup>131)</sup> Ibidem, p.347

<sup>132)</sup> Ibidem, pp.352 e ss.

<sup>133)</sup> Ibidem, pp.378 e ss. O capítulo ocupa as pp.375-398.

dância entre os médicos, resolve-se pela maioria, em breve votação, ou é chamado ainda outro médico, e sua opinião decide a questão.

O livro de Dundas, apesar do interesse que oferece, ficou praticamente desconhecido na literatura dos viajantes e da historio grafia brasileira de modo geral.

1820 - 1829

Dentre os viajantes que chegaram à Bahia na década de vinte, temos arrolados apenas quatro nomes: Ludwig Riedel, botânico a lemão, que aportou na Bahia a 7 de janeiro de 1821, seguindo a 31 do mesmo mês para Ilhéus, 135 Johann Moritz Rugentas, também alemão, pirtor de renome, que passou quatro anos no Brasil, visitando a Bahia também; a conhecida viajante Maria Graham, inglesa, que passou duas vêzes na Bahia, em 1821 e 1823 e o naturalista francês Alcides d'Orbigny, que explorou a América do Sul entre os anos 1826 e 1832.

LUDWIG RIEDEL foi, como Rugendas, um dos convidados pelo Cônsul Langsdorff para integrar a grande expedição científica, finam ciada pelo czar russo Alexandre I, com destino ao Brasil Central. A pesar de ter sido a segunda pessoa da expedição, chefiando-a em par te durante a ausência de Langsdorff, ou quando os grupos de cientistas se bipartiram, apesar de se ter radicado no Brasil, vivendo no Rio de Janeiro durante quarenta anos, dirigindo a secção de botânica do Museu Nacional, sendo Diretor dos Jardins da Casa Imperial, aí dei xando numerosa descendência, Riedel permaneceu esquecido tanto no Brasil como na Europa, não existindo praticamente nada publicado sobre a sua pessoa e sua atividade. 136

<sup>134)</sup> Ibidem, pp.386 e ss.

<sup>135)</sup> Cf. folha 50 d0 diário inédito de Riedel. Chega a Ilhéus a 8 de fevereiro (fl. 56).

<sup>136)</sup> Sobre as atividades de Riedel e seu diário da Bahia cf.trabalho apresentado pela autora no XLI Congresso de Americanistas, realizado na Cidade do México de 1º a 8 de setembro de 1974, a sair nos anais sob o título Um diário inédito de Ludwig Riedel. 1820 –1823 (São Petersburgo - Bahia - Rio de Janeiro). Anteriormente, os únicos estudos sobre Riedel foram feitos por I.Urban, Biographische Skizzen. II. Leipzig, W. Engelmann, 1894 (separata do Engler's Botanische Jahrbücher, vol. XLIII, Caderno 3). e por Nekrazova e Prussak, A história da filial brasileira do Jardim Botânico de S. Petersburgo, in: Jornal Botânico, Moscou 1957 pp. 804-813.

Nossas pesquisas nos levaram a encontrar na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro os manuscritos de Riedel, dos quais se sobressai o diário de sua viagem da Europa para o Brasil, e sua permanência de dois anos em Ilhéus, no sul da Bahia. Também os fragmentos do diário da excursão a Mato Grosso, correspondentes aos anos de 1824 e 1825, são de capital interesse para a história da Expedição Langsdorff, uma vez que até hoje permaneceram desconhecidos, ao contrário dos diários dos demais participantes, que foram pelo menos em parte divulgados. 138

Riedel parece ter nascido na Prússia, a 2 de março de 1781. Passou algum tempo de sua juventude exercendo uma atividade que hoje se poderia chamar técnico em jardins, em Lion, na França, indo mais tarde para Berlin, como professor de francês. De 1816 a 1819, traba lhou no Jardim Botânico ou na Universidade de Dorpart. E é de lá que se dirige para São Petersburgo, onde embarca para o Novo Mundo em ju lho de 1820, 140 já engajado por Langsdorff. Não encontrando navio que o levasse diretamente ao Rio, rumou para a Bahia, 141 lá permanç cendo dois anos. Participou das viagens científicas de Langsdorff, de 1824 a 1828, colaborou com Guilherme Lund, em suas viagens pelo inte rior de Minas Gerais, fixando-se definitivamente no Rio. Nos últimos anos de sua vida foi vítima de apoplexia, mal podendo exercer suas funções de diretor da Secção de Botânica do Museu Nacional. Faleceu,

<sup>137)</sup> O original do diário se encontra na Secção de Manuscritos da Bi blioteca Nacional do Rio de Janeiro, sob o título *Diário de via gem e relação de plantas colhidas pelo Dr. Luiz Riedel, na Bahia, de 1820 a 1823*. Códice original, 182 pp.35 x 22 cm.Em francês e em alemão.

<sup>138)</sup> C diário de Langsdorff está sendo publicado pelo Professor Komisserov, de Academia de Ciência de Leningrado, o qual tem-se dedicado ao estudo do material deixado pela Expedição; tembém na União Soviética foi divulgada parte da documentação deixada por Menetries e Rubzov. O diário de Florence foi publicado pela primeira vez no Brasil, por Taunay, ainda no século passado e conhece várias edições, sendo o mais difundido de todos. O diário de Riedel foi por nós traduzido e comentado, e deverá ser publicado.

<sup>139)</sup> Cf. Auler, 1962, pp.IX e 424

<sup>140)</sup> Diário de Riedel, fl. 13

<sup>141)</sup> AEBa., Secção de História, m.1170

ainda oficialmente no exercício de suas funções, a 4 de agosto de  $1861.^{142}$ 

Sobre a cidade do Salvador, o diário de Riedel não traz mui tas indicações. É o primeiro contacto do botânico alemão com os tró picos, e ele fez várias excursões pelos arredores, "sem poder fartar se com a vista de tantas belas coisas, e de uma vegetação inconcebí vel". 143 Vai ao Passeio Público, faz consultas na Biblioteca Pública, tenta obter uma permissão para ir a pé para Ilhéus, e o Governador procura dissuadi-lo da empresa. 144 Passeia pelos Barris e pelo Dique, vai até a Quinta dos Lázaros, espanta-se com a falta de iniciativa da população, que deixa terras tão férteis e tão perto da cidade com pletamente incultas, e se prepara para viajar de barca para Ilhéus.

O diário de Ilhéus é bem mais extenso e variado, revelando o relacionamento dos diversos estrangeiros que colonizavam a região, entre eles, Saueracker, Weyll, Level, Borell, Lavigne e outros, pondo a nu a pobreza e o declínic do lugarejo, ao lado de abundantes e copiosas observações botânicas.

Sobre JOHANN MORITZ RUGENDAS, ao contrário de Riedel, há  $\underline{u}$  ma bibliografia muito rica $^{145}$  e a documentação iconográfica por ele deixada  $\acute{\mathrm{e}}$  das mais conhecidas e reproduzidas no Brasil.

Descendente de uma família de artistas, Rugendas nasceu em Augsburg em 1802, falecendo em Weilheim em 1858. Ligado por contrato a Langsdorff, como desenhista da expedição, com ele desembarcou no Rio, na Galera Doris, em março de 1822. 146 Acompanhou o grupo de cientistas ainda nas primeiras viagens por eles empreendidas, pelo interior do Rio de Janeiro, mas deve ter desentendido-se com o cônsul da Rússia, desligando-se da expedição, não obedecendo as cláusulas contratuais em que Langsdorff se reserva a primazia da publicação de

<sup>142)</sup> Arquivo do Museu Nacional, Cor. Of., 1855-1861, fl. 151

<sup>143)</sup> Diário de Riedel, fl. 46

<sup>144)</sup> AEBa., Secção de História, m.1170

<sup>145)</sup> A mais completa biografia de Rugendas foi feita por Gertrud Richert, J.M. Rugendas. Ein deutscher Maler des XIX J., Berlin, 1959 (J.M. Rugendas. Um pintor alemão do séc. XIX).

<sup>146)</sup> Cf. Arquivo Histórico do Itamarati, Consulado da Rússia. 289/1/ 73.

todo material coletado pela equipe, 147 e deu a estampa, em Paris, um magnífico e luxuoso album com uma centena de pranchas executadas du rante sua estada no Brasil, retratando cenas da natureza, costumes in dígenas, paisagens, usos e costumes da população, enfim, um conjunto riquíssimo pela variedade, exatidão de detalhes e felicidade da escolha. 148

Em um trabalho ainda não publicado, apresentado as lamgres so realizado em outubro de 1974 em Leningrado, por ocasião das comemorações do segundo centenário de nascimento de Langsdorff. riador de arte alemão Rüdiger Joppien, depois de lembrar que a gran de parte dos desenhos conhecidos de Rugendas datam do tempo em que e le ainda estava sob as ordens de Langsdorff, faz uma análise it mate rial deixado pelo artista e ressalta que o jovem pintor, chegato Brasil com 19 anos, pela preocupação etnográfica revelada tant: n a escolha como na realização de seus trabalhos, deve ter recebii: não so a orientação formal de Langsdorff, como a influência geral ideias e concepções do sábio naturalista alemão. Joppien ainda que, logo depois da publicação das pranchas de Rugendas.uma im portante fábrica de papel de parede utilizou-se de algumas "Vistas do Brasil" para a sua produção, divulgando à sua maneira paisagem e os costumes brasileiros. 149

A obra de Rugendas foi recebida com os maiores aplausos na Europa, vindo a preencher uma lacuna no conhecimento do Brasil na <u>é</u> poca, uma vez que não se tinha publicado até então nenhuma decument<u>a</u> ção iconográfica de maior monta, nenhuma visão de conjunto dessa natu

<sup>147)</sup> O contrato entre Langsdorff e Rugendas encontra-se hoje en dia na Biblioteca Estadual de Augsburgo, sendo datado de 18 de setembro de 1821. Cf. Richert, op.cit., p.8.

<sup>148)</sup> A obra de Rugendas foi publicada ao mesmo tempo em francês e em alemão, sob o título *Voyage Pittoresque dans le Brésil*, Paris, Engelmann, 1827-1835. Além do texto, contém cem litogrefías,distribuídas em quatro partes, isto é, paisagens, retratos e costumes do população, usos e costumes dos negros e usos e costumes dos índios.

<sup>149)</sup> Cf. Joppien, Künetlerische Darstellungen von den Expeditionen des Baron Georg Heinrich von Langsdorffs. Leningrad, 1974 (manus crito) (Apresentações artísticas da Expedição do Barão Georg Heinrich Langsdorff). Nesse trabalho, Jopien estabelece uma com paração entre o material iconográfico dos desenhistas que toma ram parte na expedição, isto é, florence, Taunay, além de analísar os desenhos de Rugendas e Debret, num estudo crítico rápido, mas de maior originalidade e importância.

reza. Humboldrexpressou-se da maneira a mais entusiasta sobre o jovem artista, já em 1825, segundo Gertrud Richert, que divulga várias cartas do cientista ao pintor. 150

Anos mais tarde, Rugendas retornou à América Latina, percorrendo, a partir de 1831, o Haiti, o México, onde permaneceu por três anos, o Chile, onde esteve de 1834 a 1840, o Peru, de 1841 a 1843, a Bolívia, indo novamente ao Chile. No caminho de volta para a Europa, reteve-se ainda por um ano no Rio de Janeiro, voltando finalmente para o Velho Mundo em 1847, depois de quinze anos de aventuras e perigos, miséria e dificuldades de toda sorte, não tendo deixado, entre tanto, jamais de fixar na tela ou no papel instantâneos dos lugares e da gente que ia conhecendo.

Rubem Borba de Morais informa, na introdução da edição brasileira da Viagem Pitoresca através do Brasil, que em 1928 brasileiros adquiriram do Museu de Munique uma parte da coleção de desenhos de Rugendas, os quais, não tendo sido comprados pelo governo federal, a quem foram primeiro oferecidos, terminaram sendo vendidos a particulares (cerca de 400 pranchas). As composições de Rugendas achamse espalhadas um pouco por toda parte, tanto na América Latina como na Europa. 151

Além da documentação pictórica, c livro do artista contém uma extensa parte de comentários explicativos e de considerações ge rais. Suas referências específicas sobre a Bahia estão na primeira secção, "Paisagens", e constitui em uma descrição rápida tanto histórica como topográfica, considerando a arquitetura local mais notável pelo tamanho que pela beleza", 152 informando que "os navios construídos na Bahia gozam de grande reputação, não só pelo mérito da construção como pela excelência da madeira empregada. 153 Traz uma prancha da foz do Rio Cachoeira, uma de "São Salvador, onde se vê ao longe, esfumaçada, a cidade, enquanto no primeiro plano negros lutam capoeira", um desenho da Ilha de Itaparica, e uma "Vista tomada na costa

<sup>150)</sup> Cf. Richert, op.cit., p.10

<sup>151)</sup> Cf. Johann Moritz Rugendas, Viagem Pitoresca através do Brasil. S. Paulo, Livraria Martins Editora, 1954, introdução de Borba Morais. O original em alemão, Malerische Reise in Brasilien, fci publicado em Paris, pela editora Engelmann e Cie., em 1835.

<sup>152)</sup> Ibidem, p.52

<sup>153)</sup> Ibidem, p.53

da Bahia" que, afinal, poderia ser em qualquer ponto da costa  $trop\underline{i}$  cal. 154

MARIA GRAHAM e o seu Diário de uma viagem ao Brasil são mui to conhecidos na bibliografia e historiografia brasileira.  $^{155}$ 

Maria Graham, filha do Almirante inglês Georg Dundas, name ceu em Papcastle, perto de Cockermouth, a 19 de junho de 1785. Com seu pai empreendeu uma viagem à Índia, já em 1808, quando escreveu seu primeiro livro de viagens. Um ano após, casou-se com o capitao da marinha inglesa Thomas Graham, voltando com o marido à Índia e visitando, em 1819, a Itália, fixando suas impressões a respeito em um novo livro, saído em 1820. A 31 de julho de 1821, parte na fragata Doris, capitaneada pelo marido, para a América do Sul, exercendo as funções de professora para o grupo de guarda-marinhas que fazia uma viagem de aprendizagem e instrução. 156

A fragata aporta primeiro em Pernambuco, então em pé de guer ra, não aceitando a liderança do Governador Luis do Rego, a província envolta na revolução, que Maria Graham descreve. A 16 de outubro che ga à Bahia, onde permanece até 8 de dezembro, quando a Fragata Doris" ruma para o Rio de Janeiro, onde chega a 16 do mesmo mês. Passa pouco tempo na Corte, a viajante inglesa é testemunha ocular do "dia do fico" que descreve, emocionada e participante, mas já em março es tá acompanhando o marido para o Chile. O Capitão Graham, entretanto, falece a caminho, depois de curta enfermidade. Maria Graham permane ce no Chile durante alguns meses, encontrando em Lord Cochrane, então comandante em chefe da marinha chilena, todo o apoio que sua situa-

<sup>154)</sup> Ibidem, pranchas 1/26, 1/27, 1/28, 1/29. Na segunda secção, há duas pranchas sobre a Bahia: 2/8, Negro e Negra da Bahia, e 2/20 Costumes da Bahia. Na terceira secção, temos 3/24, uma colonia europeia perto de Ilhéus, a 3/26, o Convento de N.S.da Piedade, e 3/30, pescadores na costa de Ilhéus. Existe uma pequena publicação de pranchas e detalhes de pranchas de Rugendas sobre a Bahia, com introdução de Frederico Edalweiss (Cf. Rugendas, IOB, Imagem e Documentos \_2, Salvador, 1965).

<sup>155)</sup> Cf. Maria Graham, Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos 1821, 1822 e 1823. Tradução e notas de Américo Jacobina Lacombe. S.Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956. Tem como título: Journal of a voyage to Brasil and residence there during the years 1821, 1822, 1823. London, Longman, 1824. A primeira edição inglesa é de 1824.

<sup>156)</sup> Ibidem, p.99

ção merecia. Escreve também um diário desse tempo naquele país e, a caminho da pátria, passa em 1823 no Brasil.

Na ocasião recebe o convite imperial para ser preceptora da futura rainha de Portugal, Maria da Glória. Na Inglaterra, organiza o material dicático para a instrução dos filhos do Imperador, mandando imprimir em português os livros didáticos mais famosos. Volta ao Brasil em agosto de 1824, porém não permanece muito tempo no lugar, vítima de intrigas e incompatibilizando-se com Pedro I. Em fins de 1825, retorna definitivamente à Inglaterra, onde de novo se casou, tornando-se Lady Augustus Calcott, sendo seu segundo marido um pintor de renome em seu país. Aos 57 anos de idade, em novembro de 1842, morre a viajante, deixando ainda vários outros livros publicados, inclusive uma popular história da Inglaterra para crianças, que conheceu sucessivas edições. 157

Na Bahia, Maria Graham descreve a cidade baixa, penetra sem ser previamente anunciada em casas de moradores locais, "curiosa em verificar a diferença entre uma casa portuguesa e uma inglesa", es candaliza-se com a pouca roupa e o desalinho das senhoras na intimidade, 159 vai à ópera, preocupa-se com o estado de desbarato da polícia local e da quantidade de crimes imunes na cidade, 160 participa de reuniões sociais, que descreve com minúcias, visita Itaparica e Cachoeira, "uma boa cidade onde há somente um comerciante inglês", 161 espanta-se com o espírito republicano da gente baiana, observando que a linguagem ali é mais ousada que no Rio. 162

<sup>157)</sup> Cf. Little Arthur's History of England.que foi muito popular na Inglaterra. Para as notícias biográficas sobre Maria Graham,cf. os comentários de Jacobina Lacombe na tradução brasileira e a DNB, vol. III, p.710. Existe ainda um trabalho biográfico de Ro samund Brunel Gotch, Maria, Lady Callcott, the Creator of Little Arthur. London, John Murray 1937 [Cf. Borte de Morais, 1958, p. 314).

<sup>158)</sup> Graham, op. cit., p.138. Refere-so, aliás, nessa passagem a Pernambuco, mas a curiosidade da viajante é e mesma por toda a parte.

<sup>159]</sup> Ibidem, p.148

<sup>180)</sup> Ibidem, p.153

<sup>161)</sup> Ibidem, p.170

<sup>162)</sup> Ibidem, p.212. Em fevereiro de 1822, quando esteve pela segunda vez na Bahia.

ALCIDES DESSALINES D'ORBIGNY nasceu em 1802 e morreu em 1857. Naturalista francês, tornou-se conhecido por seus trabalhos so bre o homem americano e sobre o resultado científico de suas viagens à América do Sul. Tendo recebido em 1825 a incumbência de organizar uma missão científica à América do Sul, iniciou viagem no ano seguin te, percorrendo o Brasil, a Fatagônia, o Peru, a Bolívia, numa expedição de quase sete anos de duração. De 1843 a 1846 esteve de novo no Brasil, residindo no Rio de Janeiro, pesquisando a flora e a fau na dos arredores cariocas. Explorou também o sul do país, seguindo o curso do Guaporé. A parte referente ao Brasil não é a mais importante de sua grande obra, porém cremos que não é despida de interesse a descrição sobre a Bahia contida em seu relato de viagem às duas Américas, um dos muitos livros que resultaram de suas expedições. 164

Considera a Bahia "a mais rica,a mais florescente, a mais comercial cidade do Brasil, se se excetua o Rio de Janeiro". 165 Regis tra a presença silenciosa e pitoresca dos palanquins carregados pelos negros descalços, descrevendo as cadeirinhas enfeitadas de plumas, relevos dourados, docel, cortinas de musselina ou seda bordada. Vê a classe alta da sociedade com todos os hábitos de luxo europeu e informa com otimismo que "desde o começo do século uma polícia severa foi organizada para a repressão dos crimes e a vigilância dos mal-feitores". 166

Orbigny esclarece que passou uma semana na Bahia, vindo do Maranhão, seguindo viagem para Minas Gerais. Não é, portanto, inteiramente correta a afirmação de Borba de Morais de que o viajante trata do Rio de Janeiro, sem nada mais acrescentar sobre as outras re-

<sup>163)</sup> Sobre a bibliografia de e sobre Orbigny, cf. Chambolla, op.cit. pp.33 e ss. Há uma série de edições a publicações diferentes sobre essa viagem à América do Sul, uma das maiores expedições do século XIX. A sério de livros escritos sobre Orbigny e seus trabalhos também é bastante granda. Cf. ainda Michaud, op.cit.,vol. 31, pp.312-319.

<sup>164)</sup> Alcides D. d'Orbigny, *Voyage dans les deux Amériques. Publié sous la direction de*. Nouv. éd. rev. et cor. Paris, 1854. Cham bolle não traz essa edição, que consultamos na Biblioteca Nacio nal do Rio de Janeiro, secção de livros raros.

<sup>165)</sup> Ibidem, p.146

<sup>166)</sup> Ibidem, p.147

giões do país por onde o naturalista francês passou. 167

1830 - 1839

São sete os viajantes computados durante a década de trinta, e que passaram pela Bahia, a maioria deles bem conhecidos: os ingleses Charles Darwin e o capitão da expedição, Robert Fitzroy, estiveram por duas vezes na Bahia, muito rapidamente; e o futuro diretor do Jardim Botânico do Ceilão, naturalista George Gardner, perma neceu na Bahia apenas quarenta e oito horas. O francês A. Dugrivel ali esteve pouco mais de um mês, o oficial sardo Joseph de la Rochette, um pouco menos, e o pastor metodista americano Daniel Kidder, alguns meses.

CHARLES ROBERT DARWIN, naturalista inglês, nasce em 1809 e morreu em 1882. No ano em que recebe seu grau universitário, ten do estudado em Edimburgo e em Cambridge, participa da expedição che fiada por Fitzroy, a bordo do navio "Beagle", à volta do mundo, e que durou quase cinco anos, tendo visitado a América do Sul e as ilhas do Pacífico, na qualidade de naturalista, trazendo um grande material re colhido por toda parte onde esteve. Leva anos para elaborar e organizar suas notas de viagem, a respeito da zoologia da viagem do "Beagle"e que saíram entre 1840 a 1843. O diário de viagem de Darwin é publicado como terceiro volume da série editada pelo Capitão Fitzroy, em 1839, sendo no mesmo ano publicado também separadamente pelo mes mo editor. 168

Só em 1859 que é dada à estampa a sua obra Da origem das es pécies pela coleção natural, o livro que o tornou célebre, renovando as teorias do transformacionismo, contribuindo de modo fundamental para o estudo da evolução, iniciando com ele uma nova era para as pes quisas biológicas.

O "Beagle" toca em Pernambuco, na Bahia e no Rio de Janei ro durante sua viagem de circunavegação. Saem de Devonport a 27 de

<sup>167)</sup> Cf. Borba de Morais, 1949. p.621, (4336).

<sup>168)</sup> O diário de Darwin foi publicado em português sob o título *Via gem de um naturalista do redor do mundo*, traduzido por J. Carvalho, pela Companhia Editora Nacional, em 1937, a partir de edição inglesa de 1871.

dezembro de 1831, alcançam a Bahia a 29 de fevereiro do ano seguinte. Foi praticamente o primeiro contato de Darwin com o mundo tropical e o jovem cientista, extasiado, deixa correr a pena, em derramamentos entusiasticos sobre a punjança e a variedade da vegetação. 160 embora o navio tivesse ficado até 18 de março na Bahia, Darwir. faz nenhuma alusão à cidade, nem a seus habitantes. Mesmo o que creveu sobre a natureza não ocupa senão alguns poucos parágrafos. Se guindo viagem para o sul, passando em Cabo Frio, onde visitaram uma fazenda, chegaram ao Rio de Janeiro a 23 de abril, achando ser "impos sível desejar-se coisa mais deliciosa do que passar assim algumas se manas num país tão magnífico". 170 Visitam depois Montevideu, Aires, a Terra do Fogo, a costa do Chile, as diversas ilhas do Pací fico, e voltam a tocar na costa brasileira, aportando na Bahia a pri meiro de agosto, onde ficaram quatro dias, durante os quais fizeram longas caminhadas. 171 Desta vez o sábio inglês refere-se ao casario caiado de branco que mais parece sombra que construções reais. 172 12 de agosto chega a Recife, deixando a 19 "finalmente as costas bra sileiras", dando "graças a Deus", esperando "nunca mais visitar país de escravos". 173

O capitão do navio em que Darwin foi engajado como natura lista, ROBERT FITZROY, foi um homem bastante conhecido em sua época. Nascido em 1805, entra para a marinha, chegando ao cargo de vice-almirante. Empreende a exploração hidrográfica da parte sul da América, trazendo grandes contribuições nesse campo do conhecimento para a navegação. Sob as ordens do Capitão King, dois navios ingleses, o "Adventure" e o "Beagle", percorrem aquela região durante os anos de 1826 e 1830. Em seguida, capitaneando o "Beagle", Fitzroy chefia a viagem de circunavegação de que já tratamos. Os anos seguintes foram empregados na elaboração e organização dos dados recolhidos durante

<sup>169)</sup> Derwin, op.cit., p.32

<sup>170)</sup> Ibidem, p.46 .

<sup>171)</sup> Ibidam, p.464,

<sup>172)</sup> Ibidem.

<sup>173)</sup> Ibidem, 467.

suas viagens, publicando-os Fitzroy, em 1839, em três grandes volumes. 174 Já em 1837, mereceu a medalha de ouro da Real Sociedade de Geografia, e em 1841 torna-se membro do Parlamento britânico, do qual se retira para aceitar o cargo de governador e comandante em chefe da Nova Zelândia, numa época bastante conturbada da política local. Tentando defender os interesses dos abcrígenas, indispõe-se com os colonizadores ingleses ali estabelecidos. Finalmente, em 1848, retorna ao mar, em novo comando e mais tarde dirige o departamento meteorológico da Câmara de Comércio. Seus conhecimentos e con tribuições no campo da meteorologia valem-lhe grande reputação no mundo da navegação. Em abril de 1865, em meio a uma crise nervosa, Fitzroy suicida-se, cortando a garganta com uma navalha. 175

Tratando da viagem do "Beagle", Fitzroy, considerando que "tantos já escreveram sobre a Bahia que seria impertinente da sua parte fazê-lo também", 176 propõe-se a abordar apenas o que agrada a um estrangeiro naquela cidade, advertindo logo que o visitante fica rá "miseravelmente desapontado quando se achar na suja, estreita, su perpovoada e quente cidade baixa", 177 e talvez mesmo enojado com a visão dos negros descalços, a aparência da população nativa "pouco civil e doentia". Os arredores da cidade, porém, admite o navegador britânico, possuem belas e boas casas. 178

Cronologicamente, segue-se A. DUGRIVEL, autor de uma esp<u>é</u> cie de divagação sobre sua viagem do Saône à Baia de São Salvador, que considera mais como um passeio sentimental na França e no Brasil, <sup>179</sup> publicado em 1843, contendo quatro cartas datadas de

<sup>174)</sup> Cf. Robert Fitzroy (editor), Narrative of the surveying of Bis Majesty's Ships "Adventure" and "Beagle" between the years 1826 and 1836, describing their examination of the southern shores of South America, and the "Beagle's" circumnavigation of the globe. London, Henry Colburn 1839. O primeiro volume trata da da primeira expedição, capitaneada por P:Parker King, o segundo, contém a narrativa da expedição de 1831-36, sob as ordens de Fitzroy, e o terceiro é o diário de viagem de Darwin.

<sup>175)</sup> Cf. DNB, vol. VII, pp.207-209.

<sup>176)</sup> Fitzroy, op.cit., II, p.62

<sup>177)</sup> Ibidem

<sup>178)</sup> Ibidem, p.74

<sup>179)</sup> A Dugrivel, Des Bords de la Saône à la Baie de San Salvador ou Promenade sentimentale en Prance et au Brésil. Paris, Lacour, Libraire-Éditeur, 1843. Dugrivel parece ter feito essa viagem para assumir o posto de agente consular na Bahia.

20 de dezembro de 1832 a 20 de julho de 1833, já na parte final do <u>li</u> vro, onde trata mais exatamente de sua estada na Bahia, embora de mo do superficial. "O grosso deste volume, diz Alfredo de Carvalho, é ocupado por insípidas divagações "moraes" sobre os mais disparatados assuntos". <sup>180</sup>

Não conseguimos obter nenhuma notícia sobre Dugrivel, deven do contentarmo-nos com o que ele mesmo diz em seu livro.

No prefacio, o autor declara que "reunira nesse trabalho tudo o que lhe passara pelo espírito" e confessa seu receio em publicar seus pensamentos, por demais preocupado em não corresponder às expectativas do público, que ele parece julgar ser enorme: "eu te respeito por demais", declara Dugrivel dirigindo-se ao seu futuro leitor, "e receio expor-me assim diante de ti, sem uma roupa da moda, um chapéu do melhor chapeleiro, uma calça da última coleção, nem o resto convenientemente apropriado". 181

E nesse estilo segue por todo o livro, devaneando inconse quentemente, "homme du monde", mais preocupado em fazer literatura (má literatura) do que informar ou transmitir o que quer que seja.

Narra sua partida do Saône, da fazenda de amigos, para Paris, o prazer de rever essa cidade, a saída para o Havre, passando por Rouen, enfim o desembarque e a chegada à Bahia. Acaba aí a narração, seguindo-seguatro cartas endereçadas a Camille, que não sabe mos quem seja, sobre sua experiência naquela cidade.

No capítulo LXXV, tratando do dia da chegada, informa a seas leitores que "acabavam de passar pelo local onde Cabral desembarcou quando descobriu essa parte do mundo. (...) Ele pisou em terra um pou co mais ao norte do Cabo de Santo Antônio, nos arredores do local on de se ergue o farol, e avançou até a elevação onde é hoje a Igreja da Graça, onde havia então o palácio, para melhor dizer, a cabana da rainha do lugar, que depois foi à Europa, onde foi batizada. Ela te ve a honra de ter Catarina de Médici como madrinha. Depois disso e la voltou, casada com o mesmo Cabral, para reinar sobre seus selvagens sob o nome de Catarina". 182

<sup>180)</sup> Cf. Alfredo de Carvalho, Bibliotheca Exótico..., II, p.77

<sup>181)</sup> Ibidem, p.16

<sup>182)</sup> Ibidem, pp.338 e ss. Cremos que os absurdos acumulados nessa pas sagem dispensam qualquer comentário.

Dugrivel revolta-se civilizadamente contra a escravidão, in digna-se ao ver "esses milhões de seres nus, sob o sol ardente, gemer sob o cativeiro",  $^{183}$  explica que para se verem as mulheres na Bahia é preciso correr às igrejas nos dias de festa, mas os europeus muitas vezes são obrigados a baixar a vista, desacostumados com o ardor do olhar das baianas.  $^{184}$ 

Refere-se ainda aos edifícios públicos da cidade, discorren do sobre a falta de braços para a lavoura, sobre a pesca da baleia, tudo bastante superficial, nesse tom discursivo de literatura de ter ceira classe, bastante pretencioso e de fidedignidade duvidosa. Constitui um excelente contraste com os livros sérios e fundamentados, i lustrando de modo bastante eloquente a relatividade e a desconfiança com que se deve abordar os relatos de viagem.

JOSEPH MARIE JERÔME DE ROCHETTE, barão de Salagine, nasceu em 1804. Em 1825, jovem oficial, acompanha o agente consular sardo M. Ermirio, enviado pelo Rei Carlos Felix, a Fez, para ali concluir um tratado de comércio com o imperador do Marrocos. Sob forma de car ta a seu pai, Rochette faz um interessante relato daquela viagem. Quase dez anos mais tarde, Rochette dirige-se ao Prata, com a incum bência de passar antes pelo Brasil, encarregado de embarcar o Conde da Palma, que representou o Brasil na Sardenha. A missão apresentou se ao Imperador D. Pedro II, que contava na ocasião nove anos de ida de. O oficial sardo envia à sua irmã, Madame Josephine, baronesa de Grenaud, uma segunda relação de viagem, ainda mais extensa que a rece bida por seu pai, narrando suas viagens e suas aventuras no Novo Mun do.

François Mugnier coligiu, anotou e publicou essas cartas de Rochette, 185 suprimindo o que julgou desnecessário, declarando na in trodução que a segunda relação de Rochette era menos interessante que a primeira porque "a parte descritiva e etnográfica ali foi por de-

<sup>183)</sup> Ibidem, p. 342,

<sup>184)</sup> Ibidem, pp.371 e ss.

<sup>185)</sup> Relation d'un voyage à Fez en 1825 et extrait d'un voyage au Brésil et à La Plata en 1834 par Joseph de Rochette, Officier de la Marine Sarde avec Notices et Genealogie par Prançois Mugnier. Chambéry, Imprimeries Ménard, 1888. Trata do Brasil a partir da página 88. Sobre a Bahia, a partir da p.139.

mais sacrificada aos detalhes sobre seus amores'. 186 Joseph de Rochette morreu em 1855, vitimado pela cólera, menos de um ano depois de seu ca samento.

A missão em que vinha Rochette esteve no Rio em abril de 1834, seguiu para o Prata, retornando em agosto à Corte, dirigindo-se para a Bahia, onde chegou a 25 de setembro, permanecendo até 11 de ou tubro. Traz uma breve descrição da cidade, e uma longa explanação de seus amores com Madame A., que ele chama de Pauline, em casa de quem foi recebido.

GEORGE GARDNER nasceu em Glasgow, em maio de 1812 e morreu em 1849, de apoplexia, depois de uma vida dedicada  $\tilde{a}$  ciência. 187

Interessou-se desde logo pelos estudos botânicos, mas estudou medicina na universidade de sua cidade natal. Como ele mesmo de clara nas primeiras linhas de seu livro de viagens, dedicou "todo o tempo livre, durante sua formação médica, ao estudo da História Natural, porém mais particularmente da Botânica".  $^{188}$ 

Aos 24 anos de idade, consegue realizar uma viagem científi ca ao Brasil, partindo em 1836, retendo-se primeiro no Rio de Janeiro, explorando a região da Serra dos Órgãos, seguindo para Pernambuco e parte do nordeste do país, retornando ao Rio por volta de 1840, para regressar no ano seguinte para a Inglaterra.

Na Bahia esteve apenas dois dias, de passagem para Fernambu co, deixando uma breve notícia da cidade, retirando-se nas vésperas da Sabinada. A vegetação é luxuriosa, a Cidade Baixa, suja e estreita,o hotel em que se hospedou, ruim. Uma excursão ao Bonfim lhe proporcio na uma rica colheita de plantas, alongando-se na descrição do que ob servou ou dos exemplares que apanhou.

<sup>186)</sup> Mugnier, selecionando ele próprio o que considerou digno de publicação, talvez tenha furtado ao leitor interessantes registros. Não tivemos oportunidade de conhercer as cartas de Rochette na forma original e o fato de se depender do critério de escolha de terceiros sempre prejudica o próprio julgamento e tratamento do assunto. Deixamos aqui essa observação, sem com isso pretendermos desmerecer o trabalho de Mugnier.

<sup>187)</sup> Para os dados biográficos de Gardner, cf. BND, vol.VII,p.871,

<sup>188)</sup> George Gardner, Travels in the interior of Brazil, principally through the Northern provinces, and the Gold and Diamond districts, during the years 1836-1841. London, Reeve, brothers, 1846, p.1.

Gardner envia para a Inglaterra cerca de sessenta mil espécimens de plantas, representando três mil espécies diferentes. Chega a Liverpool em julho de 1841, cinco anos depois, levando consigo seis caixas de plantas vivas. Em comunicações enviadas a revistas especializadas, descreve muitos gêneros novos e, reconhecido pelo mundo de ciências de seu país, torna-se membro da Sociedade de Linneau.

Pouco depois é nomeado superintendente do Jardim Ectanico do Ceilão. Durante sua estada ali, prepara o livro sobre sua viagem ao Brasil, publicando-o finalmente em 1846. Quase cem anos depois, o livro encontrou no Brasil um tradutor, sendo publicado na Coleção Brasiliana em 1942. 189

Gardner escreveu ainda uma "contribuição à flora do Ceilão" e por ocasião de sua morte tinha ja pronto um outro trabalho, um ma nual de botânica da Índia, mas que parece nunca ter sido publicado.

Quando morreu, três anos depois da edição de sua obra sobre o Brasil, seu herbário foi encaminhado para o Museu Britânico.

DANIEL PARISH KIDDER, missionário metodista, nasceu a 18 de outubro de 1815, no Estado de Nova Iorque. Converteu-se à doutri na metodista, tornando-se pastor e aceitou da Sociedade Bíblica Americana a função de difundir a bíblia no Brasil. A sua missão foi preparada pelo Reverendo F.E.Pitts que, ao voltar para os Estados Unidos, recomendou o Rio de Janeiro e Buenos Aires para sedes de missões metodistas na América Latina.

O Reverendo Kidder, em companhia de seu colega R.J.Spallding chega ao Rio de Janeiro em 1836, demorando-se no Brasil por alguns anos. Em seu zelo apostólico, percorre o país de norte a sul, com a finalidade de divulgar a Sagrada Escritura, sem, contudo, perder a o portunidade para observar, com acuidade, os costumes e a história das diferentes localidades por onde passava.

O trabalho a que se propunha parece coroar-se de completo sucesso, segundo seu próprio testemunho, esgotando-se rapidamente o estoque de bíblias que levava consigo.

<sup>189)</sup> Cf. Gardner, Viagem ao Brasil, principalmente nas provincias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. Tradução de Albertino Pinheiro, S.Paño, Companhia Editora Nacional. 1942.

Kidder esteve no norte do Brasil, em viagem, de 1837 a 1839. Em 1840, falecendo-lhe a esposa, Cynthia H. Russel, resolve retornar aos Estados Unidos onde, nomeado pastor, exerce suas funções em diferentes localidades, tornando-se depois secretário das escolas dominicais e diretor das publicações especiais para tais instituições.

Anos depois, torna-se docente de teologia prática em diferentes seminários americanos. Em 1880, é eleito membro da Comissão de Educação da Igreja Metodista, aposentando-se em 1887 para, quatro a nos depois, vir a falecer perto de Chicago, a 29 de julho de 1891.

Em 1845 saiu à estampa seu relato de viagem, em dois volumes, sem dúvida, na época, um dos melhores livros que se escreveu so bre o Brasil. O primeiro volume trata de suas atividades no Rio e sua viagem ao sul, isto é, a S.Paulo, enquanto que o segundo volume enfeixa as recordações e observações tomadas durante a viagem às provincias do norte. 191 A obra apareceu ao mesmo tempo em Londres e na Filadelfia, constituindo hoje uma raridade bibliográfica, uma rez que não teve edições posteriores, injustamente suplantada pela obra organizada por Fletcher, anos mais tarde, de cunho mais popular, se bem que menos verídico, e da qual falaremos oportunamente.

Repetindo Borba de Morais, "Kidder não era grande escritor, como não era bom pregador. Tinha porém uma qualidade rara em viajan tes: a fidelidade. O estudo que fez de nossas instituições, os retratos que nos deixou dos nossos grandes homens, a relação das entre vistas que teve com muitos deles têm um cunho de verdade impressionam te. Não é somente a nossa sociedade que retrata, mas o conjunto das instituições, a vida brasileira toda ela, nas vésperas da Maioridade". 193

<sup>190)</sup> As notas biográficas sobre Kidder foram tiradas da introdução à tradução brasileira das Reminiscências (cf. nota abaixo), assinadas por Rubem Borba de Morais, que repete suas notas de Biblio graphi\(\sigma\) Braziliana (op.cit., I, p.367).

<sup>191)</sup> Cf. Kidder, Reminiscências de Viagens e Permanências no Brasil compreendendo notícias históricas e geográficas do império e das diversas provincias. Tradução de Moacir N. Vasconcelos, S.Paulo, Livraria Martins Editora, 1940. 1º volume: provincias do sul;2º volume, provincias do norte. Nova edição em 1972.

<sup>192)</sup> Sketches of residence and travels in Brazil, embracing historical and geographical notices of the empire and its several provinces. 2 vols. London, Wiley and Putnam, Philadelphia, Sorin and Ball, 1845.

<sup>193)</sup> Cf.comentário de R.Borba de Morais, na edição de 1972,pp.XII e XIV. do I volume.

Kidder esteve na Bahia em 1839. Considera que "a cidade baixa não oferece atrativos para o estrangeiro". 194 e acha "estafan te para o branco e mesmo perigosa a escalada das escarpas abruptas que vão ter a cidade alta". 195

Antes de continuar a narração de sua estada na Bahia,inter rompe para um longo histórico e continua em seguida, tratando de sua segunda permanência na cidade, depois de ter visitado as provincias do norte. Narra ainda as comemorações do anivergario do jovem imperador, em 1839, quando a cidade se engalanou por vários dias, nesse ano anterior à subida ao trono de Pedro II. 196 Interessante e única é a descrição de um exame de lógica a que assistiu na Bahia, no Convento dos Carmelitas de Alpargatas. 197

Kidder foi violentamente atacado por Luiz Gonçalves dos Santos, o Padre Perereca, que escreveu um Desagravo do Clero e do Povo Catholico Fluminense, ou reputação das mentiras e calunias de hum impostor que se intitula missionário no Rio de Janeiro, enviado pela Sociedade Methodista Episcopal de New York.

Dada a popularidade dos relatos de viagem de Kidder, julga mos desnecessário alongarmo-nos em comentários sobre eles, passando, assim, para a década seguinte.

1840 - 1849

A decada de quarenta é pródiga em visitantes, que estiveram na Bahia por mais ou menos tempo. O mais ilustre deles é o Príncipe de Joinville, que ali passou a caminho de sua expedição à Santa Helena, onde fora buscar os restos mortais de Napoleão, em 1840. Ses companheiros de viagem, que também deixaram um relato interessante, foram Artur Bertrand e o Barão de Las Cases. Ainda franceses, temos o Conde de Suzannet, que esteve algumas semanas na capital da Bahia, vindo de Belmonte, a caminho para o norte, em 1843, e o agente diplo

<sup>194)</sup> Ibidem, II, p.9.

<sup>195)</sup> Ibidem, p.9.

<sup>196)</sup> Ibidem, pp.31 e ss.

<sup>197)</sup> Ibidem, pp.47 e ss.

<sup>198)</sup> Cf. Borba de Morais, 1958, p.367,

mático, encarregado dos negócios na China, Forth-Rouen, que se viu o brigado a parar na Bahia, ali permanecendo de 7 a 23 de julho de 1847. Outro visitante ilustre foi o Príncipe naturalista Adalbert da Prússia, que empreendeu uma longa viagem do Rio de Janeiro a foz do Amazonas, e ao Xingu, tocando a Bahia em janeiro de 1843, durante quatro dias. Nesse mesmo ano de 1843, outro alemão, o médico Friedrich Asschenfeld ali chegou, demorando-se por quatro anos no interior, e o cônsul honorário inglês James Wetherell inicia sua estada de quinze anos nessa cidade. Resta ainda assinalar a presença do historiador americano, vice-governador do Estado de Rhode Island, que esteve na Bahia apenas de passagem, Samuel Greene Arnold.

FRANÇOIS FERDINAND PHILLIPE LOUIS MARIE DE ORLEANS, prínci pe de Joinville, nasceu em Neuilly sobre o Sena em 1818, e faleceu em Paris, em 1900. Foi o terceiro filho de Louis Phillipe, rei da França, e foi destinado à carreira naval.

A Baía de Todos os Santos recebeu, a 28 de agosto de 1840, a fragata francesa "Belle Poule" e a corveta "La Favorite", sob o co mando do Príncipe de Joinville. Ancoraram na Bahia de 28 de agosto a 14 de setembro e, embora o Príncipe, em seu livro de memorias, 199 tenha declarado ter sido "pouco interessante nossa estada na Bahia", os relatos de seus dois outros companheiros evidenciam o contrário.

Visitaram Itaparica, São Francisco do Conde, Cachoeira, San to Amaro, Feira de Santana e Maragogipe; desejoso de conhecer a flo resta tropical, o Príncipe embrenhou-se nas matas do Recôncavo, em Mataripe, em uma alegre caçada, que quase teve conseqüências mais graves, quando os moradores locais, ouvindo os tiros, tomados de grande pânico, amedrontados e mal interpretando a situação, quiseram prender o real visitante, ameaçando-o, e a sua comitiva, com paus e cacetes. 201

Em 1843, o Principe contraiu casamento com a sexta filha de D. Pedro I, Francisca de Bragança. Existe um interessante diário escrito durante o tempo de permanência no Brasil, da Baronesa de Langsdorff, que acompanhou a princesa em sua travessia para Paris, e

<sup>199)</sup> Joinville, Vieux Souvenirs. 1818-1848, Paris, Calmann Lévy, éditeur, 1894.

<sup>200)</sup> Ibidem, p.212

<sup>201)</sup> Ibidem. Cf. O relato a respeito ocupa as op.212 a 216.

cuja copia datilografada se encontra na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. <sup>202</sup>

Em 1848, Joinville acompanha seu pai no exílio, voltando à pátria em 1871, quando foi reintegrado em seu posto de almirante e  $\underline{e}$  leito para a Assembléia.

Além de suas "velhas recordações", publicou ainda estudos sobre questões navais.

Ter ao mesmo tempo à mão os três relatos disponíveis da via gem da "Belle-Poule" oferece interessantes e proveitosas possibilida des de comparação e complementação das informações e dos enfoques a dotados.

ARTUR BERTRAND, filho de um general do exército frances, dei xou um relato em forma de cartas, sobre a expedição de Santa Helena, de 1840, 203 onde relembra a recepção de que a real comitiva foi alvo, a série de "várias pequenas festas" a que assistiu, encontrando-se com o filho de um antigo pagem do Imperador de França, M. de Barral, ca sado com uma brasileira, filha do embaixador brasileiro naquele país. O casal fez a cavalo uma relativamente longa viagem para ver a fraga ta francesa, acolhendo calorosamente a Bertrand, fazendo-o sentir-se "quase em família". 204

Bertrand considera a cidade pitoresca, refere-se aos muitos engenhos de açucar da região do Recôncavo, lembra os horrores da Sabinada, e se demora nos relatos da boa acolhida da sociedade baia na, elogiando as casas bem mobiliadas que conheceu, cômodas e ajardi nadas, divertindo-se com o espanto das senhoras que, visitando os na vios franceses, admiravam-se com o luxo das acomodações mas não se esquivavam em dedilhar alguma coisa pelo piano dos aposentos reais.

<sup>202)</sup> Cf. Diário da Baronesa de Langsdorff, relatando sua viagem ao Brasil por ocasião do casamento de S.A.R. o Principe de Joinville, em 1843. Paris, 1954.

<sup>203)</sup> Bertrand, Lettres sur l'Expedition de Sainte Helenc en 1840. Paris, Paulin éd., 1841.

<sup>204)</sup> Ibidem, p.60

<sup>205)</sup> Ibidem.

EMMANUEL, BARÃO DE LAS CASES também publicou, no mesmo ano que Bertrand, seu diário, escrito a bordo da fragata "La Belle Poule".

Não tivemos acesso a essa obra, nem tão pouco podemos adian tar algo sobre seu autor, que foi filho do memorialista de Napoleão em Santa Helena. Wanderley Pinho faz referência ao seu testemunho, por ocasião da passagem do Príncipe de Joinville, quando Las Cases evoca a cortesia e a cordialidade com que os membros da missão foram recebi dos e tratados, tanto por parte das autoridades, como das principais famílias locais. 207

Segundo Borba de Morais, o diário de Las Cases está cheio de recordações dessa viager mas, sobre os quinze dias de sua estada no Brasil, registra apenas que foram recebidos com afabilidade e deferência e que teve a oportunidade, levado por velhos amigos, de conhecero interior do país, onde "pode recolher curiosas noções sobre a questão da escravatura, da qual já tinha sido encarregado, pelo governo, de estudar na Martinica e em Guadelupe". 208

HEINRICH WILHELM ADALBERT von PREUSSEN, nascido a 29 de outubro de 1811, era sobrinho do Rei Frederico Guilherme III, da Prúseia, primo-irmão do Imperador Guilherme I.

Por sugestão de Humboldt, decide-se a uma viagem ao Brasil.

Foi encarregado pelo Rei Frederico Guilherme III de entregar ao Imperador do Brasil, D. Pedro II, as insígnias da Ordem da Águia Negra, a mais alta condecoração do Reino da Prússia. Embarca em Gênova a 22 de junho de 1842, numa fragata posta à sua disposição pelo rei da Sardenha. Aporta no Rio de Janeiro a 5 de setembro e, acom panhado de uma numerosa comitiva, aumentada depois de sua curta esta da na Corte entre outros pelo Cônsul Theremin, Adalbert ruma para o Amazonas, passando na Bahia de 17 a 21 de janeiro de 1843.

<sup>206)</sup> Las Cases, Journal écrit a bord de la fregate La Belle Poule par Las Cases, membre de la mission de Sainte-Helene. Paris, H.L. De loye Editeurs, 1841.

<sup>207)</sup> Wanderley Pinho, Salões e Damas do Segundo Reinado, S.Paulo, Livraria Martins Editora, 1970, 4a. ed., p.58. Cf. também as notas à pp.326 e ss.

<sup>208)</sup> Cf. Borba de Morais, 1958, I, p.391.

<sup>209)</sup> Para as notícias biográficas sobre Adalbert da Prússia, cf. Leonardos, op.cit., pp.49 e ss; Oberacker, op.cit., pp.297 e ss; Canstatt, 1967, pp.65 e ss.; ADB, vol.45,p.779-788.

Tendo como meta a exploração do Rio Xingu, a expedição per correu extensa região da bacia Amazônica por cerca de seis meses.

Nas observações coletadas pelo Príncipe da Prússia basearam-se es via jantes por longos anos, até as novas descobertas efetuadas por revon den Steinen e H. Meyer.

De volta à pátria, ocupa-se com questões organizatórias re lativas à marinha prussiana, sendo nomeado almirante em 1849. Dois anos antes, tinha sido publicado seu diário de viagem, impresse como manuscrito só em cem exemplares, destinados aos amigos do Príncipe e a instituições científicas, contendo um album com bonitas vistas do Brasil. Mais tarde, o jornalista e poeta Hermann Kletke reapresenta a obra ao público, não mais em forma de diário e sim da narra tiva, sendo divulgada em 1857. O diário original tinha sido ante riormente traduzido para o inglês, merecendo um belo prefácio de Ale xander von Humboldt.

O Príncipe Adalbert ainda viveu por longos anos, vindo a falecer em Karlsbad, a 6 de junho de 1873.

O diário de Adalbert da Prússia é um documento valioso, constituindo uma das obras clássicas da literatura de viagens no Brasil. A par da contribuição para a história natural, uma linguagem amena e pitoresca ponteia suas excursões com episódios aventurosos e informa ções as mais diversas. O texto relativo à Bahia, entretanto, não é tão rico. Adalbert refere-se apenas ao Farol da Barra, à Vitória e ao "sombreado" Passeio Público; 212 depois de descrever em poucas linhas a paisagem descortinada ao longe, e contar três fortes defenden do a cidade, Adalbert reembarca na "Sainte Michele", rumo a Pernambu co. 213

<sup>210)</sup> Adalbert, Prinz von Preussen, Aus meinem Tagebuche. 1842-1843. Berlin, 1847. Als Manuskript gedruckt).

<sup>211)</sup> H. Kletke, Reise Seiner Königlichen Hoheit des Prinzen Adalbert von Preussen nach Brasilien. Aus dem Tagebuch Seiner Königlichen Hoheit mit Höchster Genehmigung aussüglich bear beitet und herausgegeben von H. Ketke. Berlin, Hasselberg'sche Verlagsbuchhandlung, 1857. N\u00e4o toca na estada do Pr\u00eancipe na Bahia.

<sup>212)</sup> Ibidem, p.773

<sup>213)</sup> Ibidem, p.774

M.L. DE SUZANNET esteve no Brasil entre 1842 e 1843, tendo passado algumas poucas semanas na Bahia em 43. No prefácio à sua narração de viagens, o autor fala um pouco de si, limitando a tais informações o conhecimento que possuímos de sua biografia.

Seu pai caiu na Guerra da Vendéia e, com a saída dos Bourbons, aos quais a família estava ligada, o Conde de Suzannet se vê levado também a procurar "completar sua educação, visitando países estrangeiros", segundo sua próprias palavras. 214

Passa seis anos viajando pelo Oriente e pela América Latina, enviando ocasionalmente suas notas "redigidas às pressas" a várias revistas francesas. Ao selecioná-las para transformá-las em li vro, escolheu apenas as referentes ao Cáucaso e ao interior do Brasil.

Depois de cinquenta dias de viagem, chega ao Rio da Prata, ancorando a 2 de agosto de 1842 em Montevidéu. <sup>215</sup> Passando por Buenos Aires, alcança o Rio de Janeiro. Visita as Minas Gerais, e segue viagem pelo Jequitinhonha, passando por Belmonte e atingindo Sal vador em meados de fevereiro do ano seguinte.

Fiel ao que se propôs no prefácio, de expor mais fatos <u>ge</u> rais que incidentes de viagem, Suzannet, antes de falar da <u>cidade</u>, traça primeiramente um histórico da Bahia.

A descrição da cidade segue o ritmo costumeiro, repetindose o horror pela Cidade Baixa e a admiração pela parte alta,com seus belos edifícios. Impressiona-se com a beleza dos negros Mina, elo gia a cordialidade do relacionamento social na Bahia, e a influência exercida pela mulher baiana, que tem maior liberdade que a carioca e cujos maridos não são tão ciumentos.<sup>216</sup>

Comenta os festejos do carnaval, enumera as indústrias 10 cais, critica a sujeira dos albergues, evoca a Sabinada $^{217}$  e vaticina que da Bahia sairã o primeiro grito de revolta contra a centralização do Rio de Janeiro.  $^{218}$  Explica o abandono em que se encontra a

<sup>214)</sup> Suzannet, O Brasil em 1845. Tradução de Márcia Maria de Moura Castro, Rio de Janeiro, Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1957, p.14.

<sup>215)</sup> Ibidem, p.18.

<sup>216)</sup> Ibidem, pp.181 a ss.

<sup>217)</sup> Ibidem, p.189.

<sup>218)</sup> Ibidem, p.190

provincia em parte pelas medidas tomadas contra o tráfico. 219

Não pretendendo terminar ali sua viagem ao Brasil, o Conde de Suzannet prossegue, rumo a Pernambuco, Maranhão e Pará, passando ainda por Alagoas e Ceará.

Do Conde de Suzannet, a Revue des Deux Mondes, logo em 1844, publicou um relato sobre o Brasil em 1844, e sua situação moral, política, comercial e financeira. A edição definitiva saiu em 1846, como recordações de viagem das províncias do Cáucaso e do Império do Brasil. A edição brasileira utilizou-se apenas da segunda parte, referente ao Brasil.

No ano de 1843, o médico alemão FRIEDRICH ASSUHENFELD se des loca para o Novo Mundo, saindo de Copenhagem a 4 de maio, passando por Tanger, Gibraltar e Madeira, alcançando a Bahia em 16 de julho, onde permanece por três semanas, dando na ocasião suas primeiras impressões de Salvador: 222 o movimento do porto e adjacências, a Vitória, "um ponto encantador", 223 detendo-se ainda no comércio de escravos. 224

Asschenfeld continua viagem para a Corte, onde chega por ocasião do casamento de Pedro II com Teresa Cristina. Dirige-se en tão para a localidade Jerumerim, onde pretende estabelecer-se como médico. Não lhe agrada, porém, o lugar, onde a vida é monótona enão existem senão dois outros estrangeiros. Pepois de seis semanas, de cide-se a retornar à Bahia, via R.deJaneiro, sofrendo a caminho um

<sup>219)</sup> A parte referente à Bahia ocupa o nono capítulo, pp.181-197.

<sup>220)</sup> L.de Suzannet, Le Brésil en 1844. Situation morale, politique, com merciale et financière. Intérieur du pays, villes maritimes, ave nir politique, in: Revue des Deux Mondes, 1er. Juillet 1844, vol. XIV, t.7. pp.65-106 (Cf. Chambolle, op.cit., p.47).

<sup>221)</sup> L. de Suzannet, Souvenirs de voyage. Les provinces du Caucase... l'Empire du Brésil. Paris, G.A.Dentu, 1848. In 8°, IV-462 pp. (cf. Chambolle, ibidem).

<sup>222)</sup> Frederich Asschenfeld. Memoiren aus meinem Tagebuche, geführt während meiner Reisen und meines Aufenthaltes in Brasilien in den Jahren 1841 bis 1847.

<sup>223)</sup> Ibidem, p.18

<sup>224)</sup> Ibidem, p.20

<sup>225)</sup> Ibidem, pp. 27 e ss.

naufrágio, em meio a uma tempestade. 226

Reside algum tempo na Vitória, numa chácara cheia de árvo res frutíferas. 227 Descreve a cidade mais detalhadamente, detém-se no exame das lojas de quinquilharias, que já lhe tinha chamado a aten ção da primeira vez, passeia pela Cidade Baixa e pela Cidade Alta, co menta a falta de divertimentos e distrações, vai até o Bonfim, e des creve longamente a população negra e sua situação no seio da socieda de. 228

Sem historiar de que maneira chega a tal decisão, o médico alemão se põe a caminho rumo ao sul da província, passando por Naza ré, Caravelas, onde informa que navios estrangeiros não têm permissão de reterem-se no porto local, 229 considera a Vila Viçosa "feia, pobre e mal construída", o porto inseguro, "os habitantes preguiçosœ e indolentes", 230 chegando, finalmente à meta desejada, a Colônia Leo poldina, onde pretende exercer suas funções profissionais e onde ficará durante quase quatro anos. 231

Asschenfeld descreve longamente a colônia, os tipos humanos e étnicos que ali vivem, o tipo de produção lá existente, a cultura do café, aborda brevemente aflora e a fauna da região, o estilo de vi da dos colonos, a culinária, descreve longamente os botocudos, 232 a vida dos escravos da Colônia, 233 dos colonos brancos, 234 as relações comerciais da Colônia e, terminando sua explanação, faz extensas reflexões sobre a escravidão, pintando a vida cativa nas plantações de um modo rôseo, os negros sendo bem cuidados, só recebendo castigos se são preguiçosos ou se revoltam contra o ritmo de trabalho determinado, recebendo, naturalmente como recompensa, quando procedem bem. uma certa quantidade de fumo ou de cachaça. Os senhores cuidam de sua subsistência, fornecendo-lhes casa, roupa e alimentação, permitindo-

<sup>226)</sup> Ibidem, p.42,

<sup>227)</sup> Ibidem, p.45.

<sup>228)</sup> Ibidem, pp.51 s ss. Sobre a sscravidão, cf. ainda p.108.

<sup>229)</sup> Ibidem, p.60.

<sup>230)</sup> Ibidem, p.61.

<sup>231)</sup> Ibidem, p.65.

<sup>232)</sup> Ibidem, pp.88 e ss.

<sup>233)</sup> Ibidem, p.95.

<sup>234)</sup> Ibidem, p.103.

lhes festas e danças, de modo que em geral é comum ver-se o apego dos escravos por seus donos, não sendo justificável nem verdadeira a fama que existe sobre os maltratos de que a classe escrava é vítima. E, afinal, conclui candidamente Asschenfeld, porque iria ter a raça etíope o privilégio de não trabalhar?<sup>235</sup>

Sem maiores explicações, assim como não disse porque saiu da Europa, Asschenfeld registra simplesmente que, a 12 de janeiro de 1847, dirige-se para o Rio, de onde retorna à Europa no começo de março, a bordo da escuna hamburguesa "Victor", chegando ao porto de destino, Hamburgo, em meados de maio, depois de quatro anos de ausência.

O livro de Asschenfeld não c em geral conhecido de público brasileiro, uma vez que não foi traduzido nem reeditado. Se, de cer to modo, se restringe quase que apenas ao estudo de uma região, jus tamente aí parece-nos residir seu interesse principal, uma vez que a Colônia Leopoldina está muito pouco documentada pelos escritores con temporâneos. O escassa tese de doutoramento de Carl August Toelsner, embora trazendo alguns elementos básicos relativos à fundação da Colônia, não oferece muito mais que dados de história natural, e informações sobre os Botocudos. 236 Asschenfeld e Riedel, ao contrário, ca da um a seu modo, trazem um outro tipo de contribuição do maior valor documental para o pesquisador.

A obra de Asschenfeld contém ainda um importante apêndice de 25 páginas, 237 dividido em quatro partes, a saber:

- Sobre febres palúdicas e intermitentes no Brasil (febres benignas e malignas)
- 2. Sobre helmintíase
- 3. Sobre a mordida de cobras venenosas
- 4. Sobre o estado de saúde e as doenças dos negros.

O inglês JAMES WETHERELL nasceu na Inglaterra em 1822, vin do a morrer na Paraíba, em abril de 1858, aos 36 anos, devido a um derrame cerebral causado por uma queda na escada de sua casa.

<sup>235)</sup> Ibidem, p.117.

<sup>236)</sup> Cf. Toelsner, op.cit.

<sup>237]</sup> Asschenfeld, op.cit., pp.131 a 156. Seria interessante comparar as observações de Dundas, na capital e com a experiência em outros países e o material apresentado por Asschenfeld, embora es te último o faça de modo bastante resumido.

Parece que foi para a Bahia, como comerciante, em 18-3, e pouco depois, graças ao cónsul inglês ali estabelecido, e seu amigo pessoal, obteve a nomeação de vice-cônsul honorário, sem recebimento de vencimentos. Passou doze anos na Bahia, indo então à Inglaterra, empenhar-se na efetivação de seu trabalho diplomático, através de u ma nomeação de carreira. Obteve-a, a custo, sendo designado para um dos postos mais baixos da época, na carreira diplomática: vice-cônsul na Paraíba. Na esperança de dias melhores, segue para lá, muito abalado com a morte recente de sua mãe. Não exercia ainda muito tem po as suas novas funções, quando foi vítima de um inesperado aciden te, de cujas consequências veio a morrer, em 1858.

Alguns amigos, cotizando-se, decidiram-se a publicar seu caderno de apontamentos, encontrado entre os pertences enviados para a Inglaterra, depois de seu falecimento.  $^{238}$ 

E assim foi editado, em 1860, o livrinho de apontamentos so bre a Bahia, de 1842-1857,  $^{239}$  que teve recentemente uma tradução para o português.  $^{240}$ 

Os apontamentos sobre a Bahia, de Wetherell, oferecemo de tudo um pouco, trazendo a marca de notas ligeiras, como de fato o  $\underline{e}$  ram, desalinhavadas, borrão para talvez um futuro livro de maior  $\underline{fo}$  lego, ou desfastio despretensioso de um homem sensível e curioso, que absorvia e registrava o exótico, o diferente, o outro que seus olhos diariamente iam captando na terra estrangeira.

Entretanto, não podemos deixar de assinalar que Hadfield, ao escrever seu primeiro livro sobre o Brasil, em 1854, acrescentou certos trechos das anotações de Wetherell que, cotejadas com o livro editado póstuma e posteriormente, mostram completa identidade, o que talvez demonstre uma intenção de Wetherell de realmente vir a publi

<sup>238)</sup> As indicações biográficas do autor foram extraídas da introdução de seu livro. Cf. nota seguinte.

<sup>2391</sup> Wetherell, Stray Notes from Bahia. Being Extracts from Letters, &c., During a Residence of Fifteen years. By the late James Wetherell, Liverpool, Webb and Hunt, MDCCCLX.

<sup>240)</sup> A versão brasileira saiu sem data, Wetherell, Brasil. Apontamen tos sobre a Bahia, 1842-1857. Apresentação e tradução de Miguel P. do Rio Branco, Edição do Banco da Bahia S/A., s/d. (1972).

cã-las. <sup>241</sup>Desordenadamente, na medida em que os fatos e as coisas o iam impressionando, Wetherell anotava rápidos parágrafos: sobre costumes dos negros e sobre a escravidão; sobre flores, frutas e animais; sobre a cidade, pormenores topográficos ou arquitetônicos; sobre o clima e a geografia; sobre conventos, freiras e monges, sobre etiqueta e sobre enterros, festas e meios de transportes.

Não traz informações sobre sua pessoa, não se alonga em e locubrações filosóficas, nem tem tampouco a menor preocupação literária. Há, sem dúvida, certos preconceitos nas entrelinhas de certas observações, um certo tom de implicância irritada face ao gênio egoista ou a tendência para a indolência e a vaidade dos brasileiros. um receio em conhecer os pratos típicos regionais, esta pue com o correr dos anos parece ir diminuindo, aprendendo a apreciar a frigideira, esta os peixes, os doces e competas da Bahia. Esta Não compreende o valor e a função dos terraços avarandados que cercam as casas nordestinas, espantando-se com a ausência de varandas. Preocupa-se com a excessiva liberdade de imprensa, com o hábito da matéria paga nos jornais, espantando sabem adaptar-se às necessidades climatológicas conterrâneos, que não sabem adaptar-se às necessidades climatológicas locais.

SAMUEL GREENE ARNOLD nasceu em 1821 e morreu em 1880. Historiador americano, foi também vice-governador do Estado de Rhode Island.

Quando o ministro argentino em Washington, Domingo Fausti no Sarmiento, esteve naquele estado e conheceu o vice-governador, Arnold facultou a Sarmiento os numerosos documentos argentinos de sua biblioteca, e lhe revelou a existência do diário de viagens que fez, quando visitou a América do Sul.

<sup>241)</sup> Cf. p. deste trabalho

<sup>242)</sup> Ibidem, pp.80 e ss.

<sup>243)</sup> Ibidem, pp.99 e ss.

<sup>244)</sup> Ibidem, p.107

<sup>245)</sup> Ibidem, pp.106 e 127

<sup>246)</sup> Ibidem, p.32

<sup>247)</sup> Ibidem, pp.110 e ss.

<sup>248)</sup> Ibidem, p.108

Mais tarde, lendo um discurso de Sarmiento em que o político co argentino conta esse episódio, David James procura localizar os descendentes de Arnold, que gentilmente lhe cederam o manuscrito original.

O livro de viagem de Arnold é publicado em castelhano, 249 sob os cuidados de David James, que escreve uma introdução e oferece uma biografia do diarista americano.

Samuel Arnold esteve na América do Sul de 1847 a 1848, vi sitando inclusive o Brasil, deixando breves notícias de Pernambuco, da Bahia e do Rio de Janeiro.

O capítule sobre a Bahia é o vigésime sexto, ocupando as páginas 67 a 71, com notícias bastante superficiais. Encanta-se com a Baía de Todos os Santos, 250 descreve a cidade 251 e revela que não apreciou as frutas tropicais, não gostando nem da manga, nem da jaca mas comendo com gosto a pitanga, e considerando o mamão a fruta mais rara: é sem sabor, se comida crua, mas excelente para pastéis... 252

No Rio de Janeiro, teve dificuldades com a alfândega, e lan çou mão da inteligência do Visconde de Abrantes, a quem tinha sido  $\underline{x}$  comendado, que tentou resolver o assunto. 253

Em seu livro Melanges Americaines, Henri Cordier<sup>254</sup> divulga duas cartas da autoria do Barão FORTH-ROUEN, enviado e encarregado de negócios da China, que se dirigia para o Oriente, em 1847, tendo sido obrigado a reter o navio em que viajava, "La Bayonnaise", nas aguas da Bahia, por motivos de avarias ocorridas.

Segundo Cordier, que faz uma pequena biografia do diplomata francês, SOPHIE-ELIE-ALEXANDRE, BARON FORTH-ROUEN, nasceu em maio de 1809, e desde 1830 passou a exercer cargos ligados às atividades

<sup>249)</sup> Samuel Greene Arnold. Viaje por America del Sur (1847-1848). Bug nos Aires, Emecé, 1951.

<sup>250)</sup> Ibidem, p.67

<sup>251)</sup> Ibidem, p.68

<sup>252)</sup> Ibidem, pp.69 e ss.

<sup>253)</sup> Ibidem, pp.74 e ss.

<sup>254)</sup> Henri Cordier, Mélanges Americaines, Paris, Librairie des Cinq Parties du Monde, Jean Maisonneuve & Fils, Ed., 1913. O capítulo sobre Forth Rouen ocupa as pp.113-122.

políticas de seu país. Em 1841 é Secretário em Lisboa, e em 47 é en viado como encarregado de negócios na China. Em 1851 é nomeado Ministro plenipotenciário em Lisboa, e mais tarde em Atenas. A partir de 1869 é grande oficial da Legião de Honra. Morre em Paris nos últipos dias de 1886. 255

As cartas são datadas de 16 e de 22 de julho, respectivamente. Na primeira, Forth-Rouen trata da descrição da cidade, de mo do geral e breve, considerando que nada é mais pitoresco para quem chega pela primeira vez à América do que a cidade da Bahía, muito em bora a cidade, em si, ofereça um aspecto de miséria e sujeira, causan do uma impressão deplorável. Chocante, a visão dos negros e negras semi-nus, mas que parecem fortes, alegres e saudáveis. <sup>256</sup>A Revolução de 1835 deixou marcas na cidade, comenta o diplomata francês, não se referindo, entretanto a outras comoções públicas, como a Sabinada. <sup>257</sup>

Lembrando que dos seus ministros brasileiros, quatro per tencem ao Tribunal da Relação da Bahia, Forth-Rouen considera a pro vincia particularmente importante mas que, como Fortugal, continua ele, possui um governo sem força, arruinado pelas diferentes facções. Acrescenta que a Província da Bahia se considera completamente inde pendente do governo central do país, podendo-se prever que um dia sa cudirã o jugo que a separa da metrópole. O comércio está na mão dos portugueses, o que fala muito negativamente em favor dos brasileiros, comenta ele: "os brasileiros, mas vaidosos ainda, e mais pre guiçosos que os habitantes de Portugal, que eles desprezam, vivem em uma apatia e em uma ignorância completas". 259

A segunda carta analisa os aspectos econômicos locais. A cidade não tem indústria, dedicando-se apenas ac comércio do açúcar, não se cultivando nos campos senão a cana, inexistindo outro tipo de plantação. Depois de ter visto vários engenhos, conclui que não pode haver um trabalho mais dispendioso, e com resultados tão pouco sa tisfatórios do que aquele. Mais de dois terços da produção são absor vidos pelas despesas imediatas, e o açúcar do Brasil, por ser de qua

<sup>255)</sup> Ibidem, pp.116 e ss.

<sup>256)</sup> Ibidem, pp.119 e ss.

<sup>257)</sup> Ibidem, pp.117 e ss.

<sup>258)</sup> Ibidem, p.118

<sup>259)</sup> Ibidem

lidade inferior, não encontra mercado em Londres. A mão de obra escrava é por demais dispendiosa, e não se pode pensar em substituí-la tão cedo por trabalhadores livres.

"Nas propriedades que eu visitei - acrescenta o barão francês - encontrou senhores muito duros para com seus escravos, e outros que eram mais os escravos de seus próprios escravos". 260

Espanta-se ainda com a indiferença generalizada da população, a quem nada parece mover ou emocionar. No dia de sua chegada fora anunciada a morte dofilho único do imperador. Poucos dias depois, nascia uma princesa imperial, a Princesa Leopoldina. Nenhum do dois acontecimentos pareceram despertar qualquer tipo de reação nas pessoas. 261

1850 - 1859

A década de cinquenta continua pródiga em visitantes estran Registramos James Cooley Fletcher, pastor metodista america no, que esteve no Brasil de 1852 a 1865, mais dois anglofones religiosos, os ingleses John Cardler e Wilson Burgess que na Bahia poucos dias em 1852 e mais alguns outros na volta de sua via gem ao norte, no ano seguinte. Ainda os conterrâneos Alexander Mar joribanks, que viajou pelas duas Américas, em 1850, e William Hadfield, que esteve várias vezes no Brasil, aqui residindo alguns anos, tendo sido a primeira vez em 1854, ligado ao mundo dos negócios e comércio. Entre os franceses, assinalamos o artista plástico Auguste François Biard, que não se reteve senão algumas horas na Bahia, e Charles Ex Pilly, do qual não conseguir exatamente apurar o ano em que passou por ali. Restam ainda o espanhol Francisco Michelena y Rójas, percorreu as principais cidades latino-americanas entre 1855 e 1858, e o médico alemão, Robert Avé-Lallemant, que empreendeu uma viage... ao norte do país em 1859.

Nada conseguimos apurar sobre ALEXANDER MARJORIBANKS, autor

<sup>260)</sup> Ibidem, p.120

<sup>261)</sup> Ibidem, p.122

de vários livros de viagens, dos quais se destacamseus relatos de viagem à América do Sul e do Norte, 262 nos quais se ocupa principalmen te do Brasil, dando grande ênfase ao problema do tráfico negreiro.

Marjoribanks escreveu ainda relatos de suas viagens à Nova Zelândia e Austrália.

Marjoribanks embarcou em 1850, partindo da Austrália para a América do Sul. No primeiro capítulo de seu livro, comenta seus dois relatos de viagem anteriores e no segundo capítulo começa o relatório da travessia rumo ao Novo Mundo. Pretendia alcançar o Rio de Janeiro, mas os ventos eram maus e o levaram para a Bahia. Segue, entretanto, logo para a Corte, que descreve fartamente, confrontando-se com o problema escravo, desenvolvendo amplos comentários a respeito.

No terceiro capítulo, depois de um esboço da história do Império do Brasil e de um comentário sobre a igreja britânica no Rio de Janeiro, ocupa-se com suas impressões sobre essa cidade, chocando se com o modo como se passa o domingo no Brasil, não se notando diferença entre esse dia santo e os outros dias da semana, a não ser que os escravos, no domingo, trabalham para si, e não para seus senhores. Mas as lojas conservam-se abertas, os edifícios públicos, se bem que fechados, são iluminados à noite, e a vida continua como sempre. Não nota, entretanto, sinal de embriaguês, apesar do baixo preço da aguar dente. 264

Na Bahia, acha as igrejas numerosas e magníficas, 265 comentando, porém, a pouca virtude de certos religiosos que são acusados de se aproximarem por demais do outro sexo. 266 Observa que os fiéis se ajoelharam quando a carruagem do arcebispo passou pela rua, 267 o que lhe causa muita espécie.

Comenta a beleza do tipo negro da Bahia, e que ali os escravos parecem a raça mais feliz que se pode imaginar. Sempre preocupado com os problemas do cativeiro, fornece ainda muitas informa-

<sup>282)</sup> Alexander Marjoribanks, Travels in South and North America, London, Simpkin, Marshall and Co., 1853. Não há tradução em português.

<sup>263)</sup> Ibidem, p.26

<sup>264)</sup> Ibidem, p.42

<sup>265)</sup> Ibidem, p.42

<sup>266)</sup> Ibidem, p.43

<sup>267)</sup> Ibidem, ...

ções a respeito, tendo observado com cuidado os escravos do  $\,$  Hctel  $\underline{\mathtt{U}}$  niverso, onde estava hospedado.  $^{268}$ 

O quarto capítulo trata mais exaustivamente do cativeiro,e a partir do século VIII começa a descrição da viagem à América do Norte.

JAMES COOLEY FLETCHER, missionário metodista norte-america no, nasceu em Indianópolis, em 1823, tendo a sua missão evangélica mo Brasil se realizado entre 1852 e 1865. Passou os anos de 54 e 55 em sua pátria, em gozo de licença.

Durante seu tempo de permanência no Brasil, Fletcher foi muito ativo e participante, assim como a esposa, que serviu de hábil agente de relações, para suas finalidades missionárias, tanto entre a colônia anglofone, como com os nacionais. Fletcher ocupcu mais de uma vez, interinamente, o consulado americano no Rio de Janeiro, e teve um cordial contacto com o Imperador. Interessado nas ciências naturais, empreendeu uma viagem à Amazônia, tendo incluéve colhido material para o professor Agassiz, da Nova Inglaterra, que dele se serviu para estudos posteriores.

Retirando-se do Brasil em 1865, Fletcher exerceu as funções de cônsul na cidade do Porto, de 1869 a 1873, inde depois como mission nário para a cidade de Nápolis.

Fletcher e Kidder são considerados pioneiros do pretestantismo no Brasil durante o século XIX.

Em 1857, com a permissão e anuência de Kidder, Fletcher deu à estampa o livro O Brasil e os Brasileiros, 269 que não é senão o relato de viagem de seu colega metodista, colorido com informações mais curiosas, entremeado de ironias, intencionando fazer as delícias do ledor americano, intenção plenamente atingida, pois o livro conheceu sucessivas edições, chegando à oitava edição em onze anos, enquanto o livro de Kidder permaneceu mais ou menos esquecido. Segundo Borba

<sup>268)</sup> Ibidem, p.48

<sup>269)</sup> Fletcher and Kidder, Brazil and the Brazilians, Portrayed in Bistorical and Descriptive Sketches. Philadelphia, Childs and Peterson, 1857. A edição brasileira, com prefácio e notas de Alfredo de Carvalho, é da Editora Companhia Nacional, 1941.

de Morais, a obra de Fletcher foi escrita com a intenção evidente de divertir o leitor, e o faz muitas vezes a prejuízo da verdade. 270

JOHN CANDLER e WILSON BURGESS são os autores de uma interessante e pouco conhecida "narrativa de uma recente visita ao Brasil",  $^{271}$ um livrinho de 91 páginas, relato de uma viagem do Rio de  $J\underline{a}$  neiro a Pernambuco, com ampla documentação e elocubrações sobre os horrores do cativeiro.

De Candler, conseguimos apurar as datas extremas: nasceu em 1787 e morreu em 1869. De Wilson Burgess, não temos senão o nome, em segundo lugar, apesar do alfabeto pedir o contrário.

Os dois viajantes deixam Southhampton no nono mês de 1852, aportam a 2 de outubro com grande dificuldade em Pernambuco, alcançam do dois dias depois a Bahia, "uma cidade bem maior", 272 descrevendo rapidamente a população negra, que os impressionou muito, semi-nus & homens, desnudadas as mulheres. 273 Seguem viagem para o Rio de Janei ro, visitam Petrópolis e São João del Rei e retornam à Bahia, onde permanecem por algum tempo. 274 Vão ainda a Maceió e a Pernambuco, des crevem o mercado de açucar, falam sobre mercadores estrangeiros, dão um rápido resumo da geografia e da forma de governo do país, e acabam retornando à pátria.

Na Bahia, hospedam-se em casa do comerciante Robert Baines, para quem tinham levado uma carta de recomendação. Visitam o arcebispo, congratulando-o pela sua posição face à câmara, contra o tráfico negreiro. 276 Visitam ainda o cônsul inglês e o Presidente da Pro

<sup>270)</sup> Cf. Kidder, op.cit., p.XIV

<sup>271)</sup> John Candler e Wilson Burgess, Narrative of a Recent Visit to Brasil; to Present an Adress on the Slave-Trade and Slavery issued by the Religious Society of Friends. London, Eduard Marsh, 1853.

<sup>272)</sup> Ibidem, p.11

<sup>273)</sup> Ibidem, p.12

<sup>274)</sup> Ibidem, pp.47 a 64

<sup>275)</sup> Ibidem, p.47

<sup>276)</sup> Ibidem, p.48

víncia, que lhes deu a permissão para percorrerem as prisões da cida de, das quais descrevem a principal e, provavelmente, a única em que estiveram. Desejosos de conhecerem o Recôncavo, vão de barco até Cachoeira, subindo o Paraguassu, hospedando-se em casa de Egas Muniz Barreto de Aragão, descrevendo o belo Engenho Vitória, propriedade da família. 278

WILLIAM HADFIELD nasceu em 1806 e faleteu em 1887.

Desde a juventude, dedicou-se ao ramo do comércio com a A mérica Latina, tendo passado muitos anos na região do Prata e no Brasil. Foi secretário de uma companhia ferroviária argentina (Buenos Aires Great Southern Railway), e também de uma companhia de navegação (South America General Steam Navigation Company). Sua colaboração nesse setor, assim como seus trabalhos literários de divulgação da A mérica Latina, muito contribuiram para o relacionamento entre os dois continentes, e para abrir a América do Sul aos empresários e ao capital ingleses.

De Hadfield, têm-se três obras conhecidas: a primeira, publicada em 1854, sobre c Brasil, o Rio da Prata e as Ilhas Falkland, onde também descreve a Bahia; a segunda, apenas sobre o Brasil e o Rio da Prata em 1868, 280 e a terceira, com título semelhante, saí da em 1877. 281 a segunda não trata da Bahia.

Em 1863, Hadfield funda, em Londres, a The South American Journal e o Brazil and River Plate Mail, que ele edita até a sua mor te, ocorrida aos oitenta e um anos de idade.

Entre a publicação de seus dois primeiros livros, o comerciante inglês toma a iniciativa de fazer publicar, com uma subscrição entre amigos, as notas de viagem de seu parente, como ele mesmo

<sup>277)</sup> Ibidem, p.52

<sup>278)</sup> Ibidem, pp.55 e ss.

<sup>279)</sup> William Hadfield, Brazil, the River Plate and the Falkland Islands; with the Cape Horn Route to Australia. Including Notices of Liebon, Madeira, the Canarias, and Cape Verds. Landon, Longman. Brown, Green and Longmans, 1854.

<sup>280)</sup> Idem, Brazil and the River Plate in 1868. Showing the Progress of those Countries since his former Visit in 1853. London. 1869.

<sup>281)</sup> Idem, Brasil and the River Plate 1870-1876. London, Sotton, Surrey, etc, 1877, "With Supplement".

diz, 282 James Wetherell, de que já tratamos. E já antes de impressa, ele agdivulgou, transcrevendo-as em partes, como apendice ao capitulo sobre a Bahia em seu primeiro livro, ainda durante a vida de Wetherell, como já dissemos anteriormente.

Na primeira das publicações de Hadfield, o capítulo VIII trata da Bahia. De modo expositivo, Hadfield discorre sobre as curiosidades dignas de serem vistas, não sem antes traçar um rápido bosque jo sobre a prosperidade e a importância da cidade, tentando suprir com informações livrescas o que os olhos não puderam transmitir, uma vez que só se reteve ali um único dia. 283 Antes de emprestar a pena a Wetherell, já tinha lançado mão dos registros escritos e iconográficos do diplomata pintor inglês, Ouseley o qual descreve de modo geral a cidade, seus fortes, igrejas, a cidade alta e a baixa, o passeio público, a Vitória, a pesca das baleias... 284

FRANCISCO MICHELENA Y ROJÁS, "viajante ao redor do mundo", "membro da Real Sociedade Economica Matritense e da Real Academia de Arqueologia e de Geografia da mesma", 285 escreveu o relato de viagem de sua "exploração oficial" realizada, entre os anos de 1855 a 1859, pela Amazônia e as principais capitais brasileiras. 286

Michelena y Rójas, no Brasil, percorreu a provincia do Pará, indo até o Rio de Janeiro, tocando no Maranhão, Pernambuco e Bahia, fazendo comentários sobre cada cidade visitada. Chegando à Bahia, embora sabendo da superioridade dessa provincia sobre Pernambuco, diz ele,

<sup>282)</sup> Cf. Hadfield, 1854, p.129. O texto de Wetherell ocupa as pp. 130 a 135. Cf. nossa nota 239 deste mesmo capítulo.

<sup>283)</sup> Ibidem, p.128

<sup>284)</sup> Ibidem, pp.121 a 123. O trabalho de Ouseley, do qual sobretudo as pranchas são conhecidas, é também da década de 50.

<sup>285)</sup> Michelena y Rójas, folha de rosto. Indicações bibliográficas.cf. nota seguinte.

<sup>286)</sup> Francisco Michelena y Rojas, Exploración oficial por la primera vez desde el norte de la America del Sur siempre por los rios, en trando por las bocas del Orinoco, de los valles de este mismo y del Meta, Casiquiare, Rio-Negro ó Guaynia y Amazonas..., tocando en las capitales de las principales provincias del imperio en los años de 1855 hasta 1859". Bruselas. A.Lacrois, Verboeckhoven y Cia. 1867. Publicado bajo los auspicios de gobierno de los Estados Unidos de Venezuela.

espanta-se por encontrá-la tão bonita e progressiva, muito mais além de Pernambuco do que imaginava. 287 Descreve a cidade rapidamente, observa as boas ruas pavimentadas que ligam as duas partes da cidade, admira as cadeirinhas, compara o movimento e o colorido ambiente com a Índia, encanta-se com o Bonfim e termina com alguns comentários sobre questões econômicas e sobre a exportação de escravos, descrevendo o recrutamento que é feito nas províncias do norte para as do sul. 288

Michelena y Rojas reproduz vários documentos oficiais referentes a problemas ligados à questão de limites, sendo uma importante fonte de informação para esse tipo de estudo, afirma Borba de Morais.

AUGUSTE FRANÇOIS BIARD, pintor francês, nasceu em Lion, em 1798, e faleceu em 1882.

Antes de estar no Brasil, jā tinha o artista francēs viaja do muito, deixando documentação iconográfica da Groenlândia, de Spitz berg, de países árabes e africanos, visitou Malta, Rodes, Chipre, Alexandria. Depois, tomando o gosto pelas viagens, deixou o emprego e continuou a correr mundo, visitando grande parte da Europa, a Rússia, a África, a Groenlândia.

Em meio a tantas experiências, a chegada ao Brasil lhe pareceu muito pobre, tudo ou quase tudo o desgostando ou desinteressando, tanto no Rio de Janeiro, como nas provincias que visitou. Seus relatos de viagem 289 encerram naturalmente muita matéria documental, porém consideramos que são igualmente ricos e valiosos para o estudo do caráter e gênio desse pintor que, em seu país, chegou a ser bastante festejado.

Na Bahia, passou Biard somente algumas horas, apressando-se em sair do "formigueiro" da Cidade Baixa, com seus desagradáveis ruí

<sup>287)</sup> Ibidem, p.657

<sup>288)</sup> Ibidem, p.660

<sup>289)</sup> Auguste François Biard, Deux Années au Brésil. Paris, Hachette, 1852. No ano anterior, em Le Tour du monde, Nouveau Journal des Voyages, é publicada parte de seus relatos, sob o título Voyage au Brésil. 1858-1859. Na coleção Brasileira tem-se a publicação dos Dois anos no Brasil, em tradução de Mario Sette, S.Paulo, - Cia.Editora Nacional, 1945.

dos e odores. <sup>290</sup> Um beija-flor entrevisto em um jardim reconciliou-o com o mundo. Pois, afirma ele, não tinha ido ao Brasil procurar ci dades, mas sim caçar insetos, pássaros e répteis. <sup>291</sup> Era o que lhe bastava. Mas se fosse obrigado a passar alguns meses na Bahia, mor reria de desgosto. <sup>292</sup>

Biard passa a maior parte de seu tempo no Rio, onde conquis tou a admiração do Imperador. Pintou-lhe um retrato, assim como da Imperatriz e suas filhas. Mas seu espírito inquieto o leva para ou tras viagens, e assim visita o Espírito Santo, seguindo depois para a Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Pará. A consciên cia da sua própria superioridade se faz mostrar um pouco por toda par te, mas suas descrições e narrativas, embora superficiais e em parte desabonadoras, não deixam de possuir algum valor.

ROBERT CHRISTIAN BERTHOLD AVÉ-LALLEMANT, médico e viajante, nasceu em Lübeck a 25 de julho de 1812. 293 Estuda medicina de 1833 a 37 em Berlin, Heidelberg, Paris e Kiel, e logo depois do doutoramento viaja para o Brasil, onde já se encontravam dois irmãos seus, um deles sendo pastor evangélico na comunidade alema do Rio de Janeiro. Ali exerce as funções de médico de 1837 a 1855, retornando à Europa. Com a recomendação de Humboldt, tenta, com sucesso, o lugar de médi co de bordo na Fragata Novara, que se preparava para uma viagem circunavegação. Mas parece que houve alguma diferença a bordo, a Avé -Lallemant desiste do resto da viagem, retendo-se novamente no de Janeiro, em princípios de 1858. Interessado no destino dos colo nos estrangeiros no Brasil, consegue uma ajuda de custo do Imperador, sem entretanto, ter recebido um encargo oficial para isso, empreendendo uma viagem ao Sul, e depois uma outra ao Norte do país, exami nando as condições de vida de cada região. Dessas duas excursões re sultaram os dois relatos de viagem que ficaram famosos, sendo de mai or importância documental. 294 Muito discutido e combatido, o teste

<sup>290)</sup> Biard, 1882, p.38

<sup>291)</sup> Ibidem, p.40

<sup>292)</sup> Ibidem, p.41

<sup>293)</sup> Para a biografía de Avé-Lallemant, cf. ADB, vol.46, pp.144-146.

<sup>294)</sup> Sobre suas impressões de viagem, escreveu, então, suas obras mais conhecidas, Viagem pelo Sul do Brasil e Viagem pelo Norte do Brasil, cada qual em dois volumes, que tiveram tradução para o português (cf. nota 298).

munho que deu do estado em que encontrou as colônias do Mucuri prove cou a maior celeuma, tendo graves conseqüências. Quase quatro décadas mais tarde, o fazendeiro Georg Adolf Stolze ainda se revolta contra esse depoimento unilateral, defendendo a prosperidade dos colonos do Mucuri e pugnando pela continuidade da emigração de alemãos para o Nordeste brasileiro. 295

Avé-Lallemant, médico, possui uma trajetória literária bas tante movimentada, tendo deixado inúmeras obras, das quais sua  $\forall$ iagem pelo Norte do Brasil é a que nos ocupa no momento. 296

A obra está dividida em dois volumes, o primeiro dos quais trata des Províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, e o se gundo se dedica à Amazônia.

De volta da viagem ao Sul do país, no fim do mesmo antempreendeu a segunda grande excursão, partindo em fins de novembro de 1858 do Rio de Janeiro. Por sua propria informação, sabe-se que já estivera na Bahia anteriormente, em fevereiro de 1855.

Avé-Lallemant descreve pormenorizadamente a didade, entreme ando suas descrições com comentários pejados de preconceitos raciais e religiosos, destruindo de certo modo a objetividade de suas decla rações com o peso de seus próprios sentimentos e enfoques. O médico alemão é um dos poucos viajantes que trazem um comentário sobre os chafarizes da Bahia, 298 sobre os "tigres" carregadores de dejetos 299 e sobre as práticas religiosas dos negros. 300

Avé-Lallemant retirou-se definitivamente do Brasil depois dessa longa excursão pelo norte do país, retomando suas atividades

<sup>295)</sup> Cf. Georg August Stolze, Gedanken eines Hinterwäldlers Braziliens, Leer, 1895. ("Elocubrações de um Mateiro do Brasil", assir F. Edelweiss traduziu o título do livrinho do fazendeiro alemão no Rio Pardo. Cf. Edelweiss, op.cit., pp.236 e as).

<sup>296)</sup> Robert C. Avé-Lallement, Viagem pelo Norte do Brasil no Ana de 1859, vols. I e II, Tradução de Eduardo de Lima Castro, Fiz no Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1961. O livro original ter como título Reise durch Nord-Brasilien im Jahre 1859 von Dr. Avi -Lallemant. Leipzig. F.A. Brockhaus, 1860. Aqui utilizames a tradução brasileira.

<sup>297)</sup> Idem, 1961, I, p.18.

<sup>298)</sup> Ibidem, p.23

<sup>299)</sup> Ibidem, p.27

<sup>300)</sup> Ibidem, p.49

médicas em Lúbek. Em 1869, por ocasião da abertura do Canal de Suez, é convidado para uma viagem ao Nilo e à Núbia, da qual deixou também uma publicação com "impressões de viagem do Egito e Itália do Sul. 301

A 13 de outubro de 1884, Robert Avé-Lallemant faleceu, em su cidade natal.

JEAN-CHARLES-MARIE EXPILLY, homem de letras e administrador, nasceu em Salons, em 1814. Depois de ter concluído o curso se cundário em Paris, estudou Direito em Aix-la-Chapelle.  $^{302}$ 

Dedicou-se à literatura, escrevendo para muitos jornais,pu blicando vários romances, usando frequentemente de pseudônimo. Depois do golpe de estado de 1851, deixou a França, visitando o Brasil e vários outros países sul-americanos.

Chegando ao Brasil com a esposa, pretendiam aí fundar uma escola normal, mas informações não muito claras a respeito do diploma de sua mulher impediram a D.Pedro II de lhes dar a permissão necessária. Expilly engaja-se no empreendimento de seu cunhado, fabricante de fósforos e, depois de terem tido bom sucesso no campo dessa pequena indústria na Corte, resolvem tentar o mercado do Norte. Para isso, Expilly segue para a Bahia, tendo visitado a capital e o sul da Província.

Seus livros de viagem têm títulos categóricos; pretende mos trar"o Brasil, Buenos Aires, Montevideo e Paraguai diante da civilização" (1866) ou no anterior, que mais nos interessa:, apresenta aos leitores franceses "o Brasil tal como ele é", em livro publicado em 1862, seguido de Mulheres e Costumes do Brasil, de 1863, 303 ambos com notícias bastante pouco lisongeiras sobre o povo e o país, tendo des pertado grande indignação entre os brasileiros. Típico para esse gê

<sup>301)</sup> Cf. Fata Morgana, Reiseeindrücke aus Aegypten und Unteritalien. Altona, 1872.

<sup>302)</sup> Para os dados biográficos de Charles Expilly, cf. La Grande Encyclopédie, op.cit., vol.XVI, p.950.

<sup>303)</sup> Charles Expilly, Le Brésil, tel qu'il est. Paris. E.Dentu, 1862. Idem, Les femmes et les moeurs du Brésil, Paris. Charlieu et Huil lery, 1863. Versão brasileira, com tradução, prefăcio e notas de Gastão Peralva, foi editada em S.Paulo, Companhia Editora Nacional, 1935.

nero de reação é o prefacio de Gastão Peralva no último deles, 304 ou os comentários de Alfredo de Carvalho em suas Horas de Leitura. 305

No primeiro deles, dividido em seis capítulos, pretendendo descrever o Brasil como de fato ele se apresenta, sem colori-lo nem esconder suas falhas, como o fazem os "escritores oficiais e oficio sos, diz Expilly na introdução, 306 o autor trata do Rio de Janeiro, informando sobre os costumes locais, contando muitos episódios com ele passados ou de que teve informações por conhecidos, num visível intuito de comover e impressionar, explorando sobretudo o tema da escravidão, tecendo fartos comentários sobre a natureza e o temperamen to dos brasileiros, sempre fazendo sobressair sua superioridade de eu ropeu, usando uma linguagem que nada tem de sóbro ou objetiva.

A sua segunda obra sobre o Brasil, que se propõe a estudar a vida feminina e os costumes brasileiros, a par de muita fantasia e muito romanceado, traz um pouco de sua experiência como industrial de fósforos no sul da Bahia, descrevendo parcamente a cidade de Ilhéus?

O romance entre o francês Fruchot e a mulata Manuela toma grande parte do livro, servindo para ilustrar a posição da mulher de cor na sociedade brasileira. Mas de tal modo entremeando documenta rio com imaginação que não pode oferecer crédito ao estudioso de cos tumes. Por outro lado, as produções de Expilly tiveram sem dúvida repercussão em seu país e foram utilizados pela literatura especializada. Em oito grandes capítulos, o jornalista industrial discorre so bre a Corte, o Imperador D. Pedro II, a mulher de cor e sua confron tação com a sociedade, a seita dos sebastianistas, os capitaes de mato, os botocudos, a educação da mulher no Brasil, a organização da família nos países escravagistas. Ao leitor desavisado, entretanto, constitui uma fonte de erros e enganos, com alguma informação objetiva e carregada de preconceitos e generalizações grosseiras e apres sadas.

<sup>304)</sup> Cf. nota anterior.

<sup>305)</sup> A. Carvalho, Não conhecemos o livro. Sabemos apenas que o est<u>u</u> dioso pernambucano aí trata de "Charlatães e aventureiros" que escreveram sobre o Brasil, também incluindo Biard, Expilly, d'Ass**ie**r e outros.

<sup>306)</sup> Cf. Expilly, 1862, p.XIV

<sup>307)</sup> Idem, 1935, pp.198 e ss.

O Principe PAUL ALEXANDER VON WURTENBERG não publicou seus relatos de viagem, cujos manuscritos se encontram na bibliotecar particular do rei Guilherme II de Mürtenberg e a partir dos quais Lina Hirsch fez uma tradução, vertendo para o português o diário de Paul de Würtenberg relativo à sua estada na América do Sul, a partir de 11 de dezembro de 1852.

Com uma formação acadêmica em Ciências Naturais, o Prínci pe,interessado nesse ramo do conhecimento, empreendeu muitas viagens inclusive ao Brasil, chegando à Bahia a 31 de março de 1853, ai ficando até 2 de maio, quando embarca para o Rio de Janeiro.

Logo que chegou, visitou o cônsul Gilmers dos Estados Unidos, que o hospedou em sua casa e o cumulou de atenções.

Observa o principe alemão que es baianos raramente usam car ruagens preferindo as liteiras; es negros que tudo transportam e car regam não param de cantar, o que muito impressionou o viajante.

Teve ela oportunidade de conhecer a alta sociedade da Bahia e não viu a reserva de que ouvira falar concluindo que pode ser que sua alta posição social de príncipe de uma casa reinante lhe houvesse aberto as portas dos salões da alta aristocracia. As senhores da Bahia se vestem à francesa e são em geral morenas e muito bonitas.

Paul von Würtenberg teve a oportunidade de conhecer na Bahia "o sábio Castelnau" como ele diz e com quem trocou idéias. A des Crição do Rio de Japeiro é mais minunciosa e rica em pormenores.

Outro viajante da década de cinquenta é EDWARD WILBERFORCE, oficial da marinha inglésa, encarregado de policiar a costa brasilei ra, atento ao tráfico escravo, já proibido, com ordens de arrestar sinfratores. Seu livro é considerado sumamente importante para o estudo dos meios usados pelos ingleses para a repressão ao tráfico, oferecendo importantes detalhes sobre os meios usados para enganar a lei e conseguir, mal grado policiamento a continuação do rendoso negócio. 308a

Wilberforce pretende ver o Brasil "através de um vidro" e escreve 19 capítulos sobre sua viagem e atividades nas costas brasileiras, com prefácio datado de 2 de outubro de 1855, advertindo que "este volume contém simplesmente um relato do que "viu na costa do Brasil.

<sup>308)</sup> Cf. Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, vol. 171 (1936), Rio de Janeiro, 1939, pp.5-30

<sup>308</sup>a) Cf. Borba de Morais, 1958, II, p.377.

No VI, sobretudo no VII capítulo, trata da Bahia -, onde se demorou poucos dias, o suficiente para comprar flores de penas em um convento, e discorre longamente sobre a vida religiosa local. Vai ao mercado, que descreve cuidadosamente, anda de cadeirinha, compra geléia de goiaba e segue viagem, rumo ao Sul. 308b

Não tínhamos antes tido notícias desses dois últimos viajantes, não nos tendo sido mais possível recolher seus dados biográficos. Queríamos, entretanto, mesmo que brevemente, registrar-lhes a presença, uma vez que seus relatos de viagem apresentam interesse.

1860 - 1869

A década de sessenta é rica em visitantes, das mais diver sas nacionalidades: O Arquiduque Maximiliano da Áustria é o mais moso, tendo estado rapidamente, por duas vezes, na Bahia em 1860. alemão Oscar Canstatt esteve no Brasil pela primeira vez em 1857, pa ra depois fixar residência durante duas décadas no sul do país. O es panhol Manoel de Almagro passou pela Bahia, chefiando uma expedição científica de quatro anos de duração. O suíço Johann Jacob wn Tschudi percorreu grande parte do país no começo da década, interessando-se sobretudo por questões de imigração, enquanto que seu conterrâneo, naturalizado americano. Louis Agassiz empreendia mais uma expedição científica, acompanhado da esposa, Elizabeth Agassiz, autora da maior parte do diário de viagens dessa missão de estudos, e ainda do geólo go canadense Charles Frederik Hartt, que veio a fazer depos várias ou tras viagens ao Brasil. Resta assinalar a presença dos franceses Er nest Mouchez, navegador, que percorreu toda a costa brasileira em le vantamentos hidrográficos e de cunho informativo para a navegação co mercial, e o artista plástico Adolphe d'Assier, que passou alguns me ses no Brasil, visitando também a Bahia. A Inglaterra esteve repre sentada por William Scully, que empreendeu sua viagem em 1866, movi do por interesses comerciais e ligados também à questão migratória. Resta ainda o dinamarques G.M. Friis, médico de fragata, que visitou O Brasil em 1861.

<sup>308</sup>b) Edward Wilberforce, Brazil viewed through a Navel Glass: with notes on slavery and the slave trade. London, Longman, Brown, Green, and Longmans, 1856

O dinamarquês G.M. FRIIS, médico de bordo, cujo livro, aparecido em 1863, recorda suas viagens ao Brasil e as Antilhas, de 1360 a 1861, é praticamente desconhecido pela dificuldade de compreensão de sua língua nativa, em que escreve. Alfredo de Carvalho, na sua Bibliotheca Exótico-Brasileira, faz referência ao viajante nórdicido e conseguimos de Copenhague uma tradução da parte referente à Bahia.

Friis esteve no Rio de Janeiro de 28 de dezembro de 1883 a 13 de janeiro do ano seguinte, passando pela Bahía de 26 a 29 dequele mes, descrevendo em dez páginas sua estadia naquele porto.

Descreve a cidade, registrando que se jogo o lixo das casas diretamente nas ruas da Cidade Baixa, utilizando-se de uma "kade ra" para subir à Cidade Alta, onde as ruas são mais amplas e as casas mais bonitas, mas acha o transporte incômodo e perigoso, receando cair a todo momento.

O médico norueguês espanta-se com o grande número de igrejas na Bahia, calculando-o em cerca de trezentos, explicando que a cidade é o centro do "rito católico" no Brasil.

No domingo 27.ele vai com gente do navio e dois brasileiros servindo de intérpretes para ver uma festa religiosa. Vão de bonde a "Itahipe", a "Iglesia da nostra senhora do bom fin" (nas palavras de Friis ). A festa é para "Nostra senhora da goia", o que, segundo e le, significa "a Virgem que ajuda".

A festa é uma mistura entre o profano e o sagrado. A traça na frente da igreja parece com Tivoli ou Alhambra. Está cheia de gerte com roupas festivas, vendem-se coisas para comer e beber e se dis param foguetes. Friis entra na igreja,, que ele acha bonita, com pinturas a óleo bem feitas, tendo um quarto onde há moldes em cera de membros ou partes do corpo humano, afixados no teto. Ele explica que são de pessoas que querem pagar promessas, agradecenoc "nostra senhora do bom fin" por se terem recuperado de doenças.

A música da igreja é bonita, com duas orquestras que tocam alternadamente. Há mulheres bonitas, pretas com turbantes e damas vestidas à moda européia. Mas Friis acha que tudo tem um pouco a as pecto de parque de diversões. O sacerdote, por exemplo, não parece

<sup>309)</sup> Cf. Alfredo de Carvalho, 1929, II, p.185, o livro de Friis tem como título: Erindringer fra et Togt med Fregatten "Sjaelland" til Brasilien og Vestindien i Aarens 1860-61, ved cand. med. & chir. Friis, Fregattens Skibšlaege. Mogeltonder, Trykt hos. P. Larsen, 1862

muito sério, conversando e brincando com as mulheres o tempo todo, mesmo frente do altar, e as pessoas entram e saem constantemente da igreja. Friis se declara convencido de que estas festas não promovem de maneira nenhuma a religiosidade.

A maior parte da terra é cultivada e no lado Sul da baía há muitas fazendas de açúcar e café, com 5 a 600 escravos. Mas Friis observa que as fazendas não têm dado muito lucro nos últimos anos por causa de uma seca, e que em vários lugares as pessoas morreram de fome. Nos anos de chuva, o lucro é grande e há um comércio intenso. A cidade tem quatro bancos, mas não são de confiança, todos sabendo que os diretores roubam muito. Falando de riquezas, Friis comenta também que as pretas anda com muito ouro, em forma de jóias, colares, etc..

Friis conta duma visita numa loja de produtos naturais on de o proprietário procura enganá-lo, mostrando um passáro com duas cabeças. Ao perguntar se ali havia crâneos de índios, o outro fala que não, mas que tem três crâneos de pretos. Leva-o para um quarto escuro onde mostra as cabeças, mas Friis nota imediatamente que duas são de europeus. O nosso dinamarquês adverte todos os colecionadores de tais cabeças sobre o risco de fraudes semelhantes. Na casa do a migo brasileiro, Friis vê uma imagem de um "Botokude". O amigo conta que, uns anos antes, dois chefes botocudos com suas mulheres chegaram a Bahia, e que o pai dele e um outro homem fizeram um acordo com os índios, de levá-los para a Europa e expô-los em troca de dinheiro. As autoridades aceiteram no começo, mas depois mudaram de opinião, sob influência de médicos, polícia e padres, e proibiram a saída, e os dois "empresários" perderam bastante dinheiro.

Finalmente Friis diz algumas palavras sobre o Brasil, que agora vai abandonar. Segundo ele, o país seria rico sob um governo forte. Mas agora o país está num estado miserável, e os brasileiros mesmos dizem que é por causa da estagnação da importação de escravos. Friis acha que esta estagnação pelo menos é uma vantagem para as crianças pretas, porque se antes era mais barato comprar um novo escravo do que criar um, agora se cuida das crianças, porque representam um "capital crescente".

Dada a raridade desse relato de viagem, reproduzimos praticamente "ipsis literis" o capítulo sobre a Bahia, em tradução de um americanista sueco.

FERDINAND JOSEPH MAXIMILIAN VON OESTERREICH, ou simplesmente Maximiliano da Áustria, como ficou conhecido, nasceu na residência familiar dos Habsburg, o Castelo de Schoenbrunn, a 6 de julho de 1832, sendo o irmão mais moço do Imperador Francisco José da Áustria.

Consagrou-se à organização da marinha austríaca, da qual veio a ser chefe supremo. Recebeu do irmão o encargo de governador geral do Reino Lombardo - Veneziano, e acabava de exercer essas funções quando visitou o Brasil, em 1850. Desde 185º que era casado com a princesa Charlotte, filha dos reis belgas.

Por sugestão e insistência de Napoleão III, depois de mui ta hesitação e movido por um plebiscito em que o povo parecia concor dar com sua presença, Maximiliano aceitou a coros de Imperador do México, entrando na capital em 1864, contra os conselhos de sua família e de sua esposa.

O povo, porem, ansiando pela independência, pela libertação do excessivo domínio imposto pelos franceses, não podia aceitar um instrumento do poder napoleônico, e todos os esforços de Maximiliano para reunir ao redor de si elementos do partido liberal foram vãos. Em 1867, com a retirada das tropas francesas, o país inteiro sublevou-se, liderado por Juarez, que finalmente tomou o último reduto ainda em mãos de Maximiliano, prendendo-o em Queretaro. Um
conselho de guerra o condenou a morte, como usurpador, e a 19 de junho de 1867 foi executado.

O corpo embalsamado do imperador do México foi entregue ao almirante austríaco, seu companheiro de longa date que, inclusive, o tinha acompanhado em sua viagem ao Brasil, Tegethoff, que o transportou à pátria. Sua esposa Charlotte ainda viveu por longos anos, mas tendo perdido o domínio das faculdades mentais, vindo a falecer somente em 1927, aos 87 anos de idade.

Maximiliano deixou uma série de volumes manuscritos,impres sões de viagens, poesias e reflexões e mais tarde de novo publicados postumamente, como obra conjunta, em sete volumes. 310 Desses sete vo

<sup>310)</sup> Maximiliano da Austria. Aus mainem Leben. Reiseskissen, Aphoriamen, Gedichte. Lairzig 1867. 7 valumes (Da minha vida. Notas de viagem, aforismos, poesias). Para a biografia de Maximiliano da Austria, cf. ADB, vol.21, pp.70-72

lumes, interessa-nos particularmente as descrições de suas viagens à Bahia e a Ilhéus, contidas em dois volumes sob o título Bahia e Mato Virgem, ambos editados como manuscritos em Viena, respectivamente em 1861 e 1864. 311 Sobre os resultados de sua viagem ao Brasil, além de seus próprios relatos pessoais, Maximiliano mandou organizar e publicar pelo médico Dr. Heinrich Wawra, que exercia as funções de médico de bordo, sendo também naturalista, uma bela obra em dois volumes, com os "resultados botánicos da Viagem de Sua Majestade, Imperador do México Maximiliano I ao Brasil", 312 com magnificas reproduções de exemplares vegetais colhidos e estudados durante a viagem.

Maximiliano descreve a cidade, que visitou incógnito, fugin do a toda manifestação oficial. 313 maravilha-se com a vegetação tro pical, traçando quadros em que deixa sua verve literária abandonarse ao entusiasmo despertado por essa experiência primeira, com curiosidade, ironia e uma indisfarçada dose de repulsa a ção negra, diverte-se com "o selo do passageiro, do incerto" que racteriza o império ainda em formação, observando que "do imperador ao último dos meninos mouros contam-se poucos que aqui estão há três gerações", sublinhando que "o Brasil ainda não cessou de ser colônia nem começou seriamente a construir um reino" em que possa desdobrar completamente su propria força e poder, 314 vendo no exemplo do cami nho de ferro para o Recôncavo, começado, mas não completado, que "tu do fica em palavras", perdendo-se anos, dinheiro e energia saem do lugar", quando "alguns trilhos imediatamente colocades vés desse país maravilhoso" fariam com que "todas as bênçãos ais" fossem "arrastadas com eles, sem maior esforço ou trabalho".315

A corveta austríaca "Elisabeth", conduzindo o Arquiduque, aportou na Bahia a 11 de janeiro de 1860, seguindo viagem a 15,em direção a Ilhéus, onde esteve muito rapidamente. A 26 de janeiro che

<sup>311)</sup> Maximiliano da Austria. Reise Skizzen, Bahia 1860, Wien. 1861.
Als Manuscript gedruckt. Idem. Mato Virgem, 1860, Wien. 1864.

<sup>312)</sup> Heinrich Wawra, Botanische Ergebnisse der Reisc Seiner Majestät des Kaisers von Mexico Maximilian I nach Brasilien. Auf allerhöchst dessen Anordnung beschrieben und herausgegeben von Dr. Heinrich Wawra. Wien 1866.

<sup>313)</sup> Maximiliano da Áustria, 1861, p.42

<sup>314)</sup> Ibidem

<sup>315)</sup> Ibidem, p.125

ga à Corte, faz uma excursão até Petrópolis, seguindo viagem para o Espírito Santo, retornando à Bahia, antes de visitar Pernambuco.

A 11 de fevereiro está Maximiliano novamente na Bahia, e desta vez estende a viagem até o Reconcávo, percorrendo o Rio Paraguassu e visitando S. Francisco do Conde, onde pernoita em redes com a sua comitiva. 316

Uma visão do Paraguassu já tinha Sua Alteza tido na primei ra viagem, quando visitou o engenho do Sr. Tomás Pereira Geremoabo. Sobre essa visita, Maximiliano deixa uma das paginas mais interessan tes de seu diário, repassadas de admiração pela personalidade de seu anfitreão, plenas de encantamento pela perfeita harmonia da Casa Gran de com as necessidades ecológicas ambientes. 317 Essa compreensão de Maximiliano, essa sabedoria em adaptar-se e valorizar essa adaptação, em tirar partido do que vê e do que vivencia é um dos tons permanentes de todo o seu relato de viagem, como se pode ver em varias passa gens da narração de sua visita a Ilheus. Nessa ocasião o filho um antigo colono alemão, Henrique Berbert e se toma de entusiasmo pe lo tipo de vida desbravador, chamando-o mesmo de "Rei da Floresta", submetendo-se de boa vontade e com alegria à sua liderança, na ines quecivel excursão que fez nas florestas ilheenses. 318 Grande parte da narração de Mato Virgem evidencia a admiração e o acato de Maximilia no pelo pioneiro alemão naquela região, proprietário da fazenda Vitória, o barão Ferdinand von Steiger.

<sup>316)</sup> Sobre o itinerário de Maximiliano é interessante ver o noticiário dos jornais da época. Cf. Francisco Marques dos Santos, "Via gem do príncipe Maximiliano ao Brasil em 1860", in: Anuário do Museu Imperial, vol. XVI, Petrópolis, 1955, pp.35-46.

<sup>317)</sup> Cf. Maximiliano da Áustria, 1861,

<sup>318)</sup> Sobre as impressões de Maximiliano a respeito de Henrique Berbert, cf. Epaminondas Berbert de Castro, "Henrique Berbert, o 'Rei da Floresta'", in: Revista do Instituto Genealógico da Bahia, nº 18. Salvador, Bahia, 1972, pp.25-37.Cf., na própria obra de Maximiliano, 1864, pp.192-216. Sobre Maximiliano, cf. ainda o pequeno trabalho de F. Edelweiss, A visita de Maximiliano da Austria à Bahia. Bahia, Centro de Estudos Baianos, nº 43, 1960.

MANOEL DE ALMAGRO, médico espanhol, empreende uma viagem pela América do Sul durante um período de quatro anos, isto é, de 1862 a 1866, integrando uma comissão científica enviada pelo governo de seu país, ao fim da qual escreve um relatório, a mando dos finam ciadores da viagem, ao qual acrescenta a enumeração das coleções que foram expostas ao público espanhol por ocasião da volta da expedição.

O relator é doutor em medicina pela Faculdade de Paris, com o título revalidado na Faculdade de Madrid, ex-médico interno dos hos pitais civis de Paris, membro da Sociedade Imperial de Zoologia de França, assim como da Sociedade Médica de Observação da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro, primeiro ajudarte de saúte em Cuba, conforme cometa da folha de rosto de sua "breve descrição". 319

Sairam de Cadiz em agosto de 1862, chegando a 9 de setembro  $\bar{a}$  Bahia, onde ficaram até o dia 26. $\bar{a}$ 

Almagro informa que a Bahia é "talvez ou seguramente a ún<u>i</u> ca cidade da Europa e da América onde ainda se usam as cadeiras de mão para se andar nas ruas". 321

Com este comentário deixa a cidade, a caminho do Rio. A comissão se bifurca, uma parte indo para o Sul e a outra, seguindo para o Norte. Tocam o Recife, e descem depois para o Amazonas, até Belém. Na Amazônia, encontram-se com a comissão científica americana de Agassiz, e é curioso anotar aqui a sensação que se apoderou dos naturalistas espanhóis, ao verem os americanos "bem aparelhados e bem vestidos" e eles "derrotados completamente, sem roupa e sem sapatos, com enormes barbas", "e todo o nosso conjunto", comenta Almagro, mais parecia de mendigos do que de comissionados de um governo europeu 322

O viajante suíço JOHANN JACOB von TSCHUDI nasceu em 1818,a 25 de julho, no Cantão Glarus, na Suíça. Desde cedo interessado na

<sup>319)</sup> Manuel de Almagro, Breve descripción de los viajes hechos en America por la Comissión científica enviada por el gobierno de S.M.C. durante los años de 1862 à 1866. Acompañada de la enumeración de las colecciones que forman la exposición publica. Publicada por orden del Ministro de fomento, Madri Imprenta y esterectipia de M.Rivadaneyra, 1866.

<sup>320)</sup> Ibidem, p.11

<sup>321)</sup> Ibidem, p.12

<sup>322)</sup> Ibidem, pp.140 e ss.

história natural, Tschudi conheceu Agassiz e, por seu intermédio aproximou-se de Humboldt tendo trabalhado em pesquisas zoológicas em colaboração com os dois naturalistas. Aos 19 anos publica seu primeiro trabalho científico, sobre répteis e batráquios.

Sua primeira grande viagem foi com destino ao Peru, a fim de colecionar exemplares para um pequeno museu de história natural de uma das províncias suíças. Partiu em 1838, retornando apenas em 1842, tendo vivido inúmeros perigos e aventuras, entesourado uma preciosa coleção, e conseguindo mesmo o grau de médico na Universidade de San Marcos, em Lima.

Por intermédio de Rugendas, com quem se ligou de amizade el Viena, e que lhe mostrou seus desenhos sobre ruínas e templos incas, Tschudi se interessa pela cultura mexicana, dedicando-se durante al guns anos a estudos arqueológicos, lingüísticos e históricos das antigas culturas americanas, publicando várias obras a respeito.

Depois de ter exercido algum tempo as funções de médico em sua região natal, solicitado em várias direções, Tshudi vive um período de grande produtividade e de grande prestígio intelectual no mun do científico da época.

Em 1857, decide-se a uma nova viagem à América do Sul, che gando, a 27 de novembro daquele ano, a terras de Pernambuco. Visita várias cidades, inclusive a Bahia, o Rio de Janeiro, Minas Gerais, sendo pela primeira vez confrontado com o problema da emigração suí ça e alemã no Novo Mundo. E é esse novo centro de interesse que vai nortear sua terceira viagem à América Latina, realizada em 1860, voi tando para a Europa em princípios de 1862, depois de uma proveitosa viagem por todas as colônias de fala germânica do Brasil. Como resultado dessa viagem, influenciou a decisão imperial de criar em di versas cidades do sul do Brasil consulados suíços.

De volta à Europa, Tschudi ocupou-se intensamente, a par de seus interesses científicos, com a política de seu país. Em agosto de 1889, na idade de 71 anos, Tschudi vem a morrer, depois de um atgue cardíaco. 323

<sup>323)</sup> As notas bibliográficas foram tiradas da introdução, assinada por Hanno Beck, no primeiro volume das suas Viagens. Cf. nots seguinte.

A descrição de suas viagens ao Brasil ocupam os três primeiros livros dos cinco de que é composta a grande obra Je suas via gens pela América do Sul. 324 No primeiro volume, trata do Brasil de modo geral, e das províncias visitadas. No segundo, ocupa-se com as colônias suíças e alemás e no terceiro escreve sobre o Espírito Santo. São Paulo e Santa Catarina.

O relato é redigido em forma de narração cronológica dos <u>a</u> contecimentos, acrescida de elementos posteriormente arrecadados. As sim, no primeiro capítulo do primeiro volume, historia o embarque em Hamburgo e a passagem pelo Tejo, a travessia do Atlântico, a chegada em Pernambuco, que descreve, e em seguida a visita à Bahia. Procede Como os viajantes em geral, a descrição da Cidade Baixa, com suas rue las laterais estreitíssimas exalando "vapores mefísticos". A Bolsa e a Igreja da Conceição da Praia impressionam c estrang tro e a Cida de Alta lhe desperta admiração.

Tschudi alonga-se na descrição dos elementos constituintes da população brasileira, faz reflexões sobre o índice de mortalidade, sobre a indústria e o comércio, sobre o fumo, c algodão e a pesca da baleia. Um cunho de vivência pessoal assume a narrativa de sua visita ao teatro, ou antes, de sua saída do teatro à meia-noite, quando pode observar o policiamento da cidade. 325

AMADE ERNEST BARTHOLOME MOUCHEZ, navegador francês, nasceu em Madrid, em 1821, e morreu em 1892. Aluno da Escola Naval em 1837, chegou ao cargo de capitão de fragata aos 47 anos. Suas viagens de reconhecimento hidrográfico às costas da América do Sul, e as inúme ras publicações que fez a respeito lhe valeram a notoriedade. Por o casião da guerra franco-prussiana de 1870/71 foi quem se encarregou da defesa do Havre. Depois da guerra, recebeu a incumbência de levantar a carta hidrográfica da ARgélia. Foi sócio da Academia de Ciências de Paris e diretor do Observatório. Foi o fundador do Museu de Astronomia e também do Observatório de Montscuris. 326

Entre seus inúmeros trabalhos, destacamos o de descrição e instruções náuticas sobre as costas do Brasil, cuja "segunda secção"

<sup>324)</sup> Johann Jacob Tschudi, *Reisen durch Südamerika*, (nova edição não modificada) Stuttgart 1971. A 1a. edição é de 1866.

<sup>325)</sup> Ibidem, I. p.49. A descrição da Bahia ocupa as pp.39 a 53.

<sup>326)</sup> Para as informações biográficas, cf. Encyclopedia e Diccionario Internacional, vol. XIII, p.7621.

trata "da Bahia ao Rio de Janeiro", 327 publicada em 1864.

Explicando, no prefacio, a necessidade de um trabalho de tal monta, registra que a obra anterior existente fora feita já em 1820, pelo Almirante Roussin 328e, embora tendo sido muito útil na é poca, não correspondia mais aos progressos da navegação, mostrando-se insuficiente para 1860. Começara-se a edição pela segunda parte da obra conjunta porque a secção correspondente à costa da região leste brasileira era a mais navegada, e a mais importante.

Morteiam o trabalho sobretudo preocupações de ordem náutica, com informações minuciosas a respeito de aterragem, ancoradouro, clima, ventos reinantes, enfim instruções preciosas e detalhadas para o navegador. São dados todos os acidentes geográficos da costa, cada recife, cada ilhéu, com a descrição de cada localidade. Além disso, para as cidades de maior importância, c autor alonga-se em descrições topográficas, com informações também de ordem comercial.

Sobre a Bahia, além das instruções acs navegantes, de ordem técnica, Mouchez ainda traz uma descrição da cidade, referindo-se as possibilidades de abastecimento, informando que a Bahia possui bom peixe e maus galináceos, o carneiro e a vitela são desconhecidos, a carne de boi é ruim, as frutas têm uma boa reputação, e que nos últimos dez anos a vida tem encarecido bastante na Bahia. 329

Mouchez é dos raros visitantes que se referem aos mendigos da Cidade Baixa. Também há referências às comidas típicas - "a cozinha nacional" como ela chama -, assim como à ausência de hotéis de qualidade. Considera a arquitetura local "massissa e sem o menor gosto", observa que a velha catedral está quase em ruínas, completamente abandonada, o teatro está construído à beira de um precipício. Ocupa-se também com o Passeio Público, e nomeia os diversos estabele cimentos públicos da cidade. 331

<sup>327)</sup> Amade E.B.Mouchez, Les Côtes du Brésil. Description et instructions nautiques. II section. De Bahia a Rio-Janeiro. Paris, Imprimerie Administrative de Paul Dupont. 1364.

<sup>328)</sup> Cf. Roussin, Le Pilote du Brésil. Paris de l'imprimerie, 1827, Royale. Não tivemos ocasião de ver esse livro, que também descre ve a costa da Bahia.

<sup>329)</sup> Mouchez, op.cit., pp.40 e ss.

<sup>330)</sup> Ibidem, p.41

<sup>331)</sup> Ibidem, p.48

O autor descreve os fortes de defesa da cidade com mais va gar que o resto dos monumentos e edifícios, e passa a tratar do Recôn cavo. 332 Segundo ele, o grande comércio se faz na Bahia "com uma gran de probidade", mas não se pode dizer o mesmo dos "detalhistas". 333 Dã uma visão geral do comércio baiano, apresentando um quadro para 1840 e 1841. 334

ADOLPHE d'ASSIER atravessa o Brasil pelo ano de 1863, per correndo as principais provincias do país. De volta à França, publica um estudo geral sobre o Brasil, a par de pequenos cutros trabalhos sobre o mesmo assunto, a sociedade brasileira, costumes e paisagens, saído na Revue des Deux Mondes, em junho de 1863, e no ano seguinte, sobre o Mato Virgem, com "cenas e recordações de uma viagem ao Brasil", na mesma revista, em fevereiro de 64. 335 Seu livro principal, editado em 1867, é a respeito das raças, costumes, instituições, pai sagens do Brasil contemporâneo. 336

Consta esse livro de cinco capítulos e uma conclusão, assim distribuídos: a floresta virgem, as raças, a vida creoula, as instituições, a colonização e conclusão. No quarto capítulo, trata de Per nambuco e da Bahia, assim como do Rio de Janeiro e da Corte. Quanto a Bahia, fala um pouco sobre a fisionomia da cidade, os costumes, as festas de S.Benedito e Santo Antônio, a seita dos sebastanistas, estranha a quantidade de negros que vê pelas ruas e se refere bastante negativamente a eles, achando que "o horror ao trabalho é de tal modo enraizado entre os negros Mina, que eles se acreditariam desonrados em levar na mão o mais pequeno objeto. Por isso levam tudo à cabeça", 337 observando o horror dos brancos em andar a pé, hábito que e les consideram indigno, servindo-se ou do cavalo ou da cadeirinha.

<sup>334)</sup> Ibidem, p.56

<sup>335)</sup> Adolphe d'Assier, Le Brésil et la societé brésilienne. Moeurs et paysages. Revue des Deus Mondes, 1er. juin 1863, vol XXXIII, t. XLV. idem, Le Mato Virgem. Scênes et souvenirs d'un voyage au Brésil. Revue des Deux Mondes, 1er-juin 1864, vol.XXXIV.t.XLIL.

<sup>336)</sup> Idem, Le Brésil contemporain. Races, moeurs, institutions, paysages. Paris, Durand et Lauriel, 1867.

<sup>337)</sup> Ibidem, p.200

<sup>338)</sup> Ibidem, pp. 200 e ss.

Sobre d'Assier, Alfredo de Carvalho também se referiu bas tante negativamente, colocando-o na lista dos "charlatães", que se en carregavam de transmitir na Europa uma imagem falsa e caricatural do Brasil. 339

JEAN LOUIS RODOLPHE AGASSIZ, naturalista, nasceu na Suíça francesa, em Friburgo, no ano de 1807, falecendo nos Estados Unidos, em Massachussets, em 1873.

Estudou ciências médicas em Zurique, Heidelberg e Munique, dedicando-se aos estudos de história natural. Quando, em 1846, emi grou para os Estados Unidos engajando-se na Universidade de Havard o mo professor de zoologia e geologia, já tinha empreendido importantes estudos no campo da ictiologia. Seu interesse concentrava-se so bretudo na paleontologia, tendo feito uma série de investigações so bre a formação, o desenvolvimento, e a ação das geleiras, investigações essas da maior importância e originalidade para esse ramo do co nhecimento, embora hoje em grande parte superadas.

Tinha Agassiz vinte anos, em 1826, quando, com a morte de Spix, foi convidado por Martius para descrever os peixes do acervo co letado pelos dois viajantes no Brasil, datando daí o seu interesse pelo país, e a vontade de um dia ele mesmo também poder percorrê-lo.

Amparado financeiramente por Nathaniel Thayer, que possibilitou generosamente os meios para o grande empreendimento, Agassiz con ganizou uma expedição científica ao Brasil, a qual partiu de Nova Iorque em abril de 1865, tendo cerca de um ano de duração.

Os resultados dessa expedição foram condensados em várias obras científicas, porém para o estudioso de costumes é o relato de viagem, escrito em forma de diário, em grande parte pela esposa do naturalista, ELIZABETH CABOT CARY AGASSIZ, o mais atraente resultado trazido à publicidade pelos excursionistas da Nova Inglaterra. O li vro 441 foi publicado pela primeira vez em 1868, tendo tido várias e

<sup>339)</sup> Carvalho, 1907. Cf. nota 307 deste capítulo.

<sup>340)</sup> Para a biografia de Agassiz, cf.NBG, vol.1-2, pp.352 e as.Alfr<u>c</u> do de Carvalho, na sua *Biblioteca Exótico Brasileira*, traz uma biografia do casal Agassiz e uma bibliografia.

<sup>341)</sup> Agassiz, A journey to Brazil, by Professor and Mrs. Louis Agassiz Boston, Ticknor and Fields, 1868.

dições subsequentes, uma tradução francesa, <sup>342</sup> feita por Felix Vogeli, professor da Escola Militar no Rio de Janeiro, e que acompanhou Agassiz ao Amazonas, e uma tradução brasileira, da Companhia Editora Nacional. <sup>343</sup>

Sobre a Bahia não é dito grande coist, tendo a comitiva de morado-se apenas um dia na cidade. A sembora Agassiz informa que fo ram hóspedes do Sr. Lacerda, isto é, de Antônio Francisco de Lacerda rico comerciante e aficionado da história natural. A cidade, com suas ruas em precipícios, suas casas bizarras, suas velhas igrejas, é tão estranha e antiga como o singular veículo ali usado, a cadeirinha. Com êste único comentário, Elizabeth Agassiz se despede da Bahia, se guindo para Maceió. 344

Interessante observar com quantos preconceitos a sembora a mericana e seu ilustre esposo estavam munidos, demonstrando em vários passos, ao lado das observações estritamente científicas, o seu desprezo pelo império escravocrata que os acolhia tão afavelmente.

Digno de nota especial é a página, da autoria do Professor Agassiz, sobre os prejuízos do cruzamento das raças, e a natural ten dência do híbrido em procurar aproximar-se sempre das raças puras. O preconceito americano a respeito da raça negra transparece aqui e ali. Igualmente ilustrativo é o comentário de Elizabeth Agassiz so bre a ignorância e falta de participação da mulher brasileira. O tom geral do livro, entretanto, é de simpatia cordial, considerando se os viajantes "amigos do Brasil", preocupados com o futuro desse país que, pelas suas riquezas naturais, tudo tem para ser uma grande nação.

Um dos membros da expedição Thayer, chefiada por Agassiz, foi o geólogo CHARLES FREDERICH HARTT (1840-1878), canadense, que se dedicou ao estudo da geologia e da geografia brasileiras, tendo vivi

<sup>342)</sup> Idem, Voyage au Brésil. Traduit de l'anglais par Felix Vogeli. Paris, Librairie de L. Hachette et Cie., 1869.

<sup>343)</sup> Idem, Viagem ao Brasil, Trad. e notas de E. Sussekind de Mendon ça. S.Paulo, Comp.Editora Nacional, 1936.

<sup>344)</sup> Agassiz, 1938, p.173

<sup>345)</sup> Ibidem, pp.370-376

<sup>346)</sup> Ibidem, pp.567 e ss.

do longos anos no Rio de Janeiro, onde veio a falecer. Autor de uma vasta obra, escreveu muitos livros sobre a Amazonia e um outro, mais geral, sobre a Geologia e a Geografia física do Brasil, editado na Goleção Brasiliana pela Companhia Editora Nacional, em 1941, 347 onde descreve cada uma das províncias brasileiras sob os aspectos geológicos e geográficos, inclusive a Bahia, sem muitos comentários de ordem antropológica ou mesmo episódica.

Hartt interessou-se desde seu tempo de estudante pela cole ta de fősseis, desenvolvendo muitas pesquisas a respeito, chamando a atenção de Agassiz que, em 1861, o convidou para trabalhar como estu dante no Museu de Zoologia Comparada. Em abril de 1865, parte como geólogo da Expedição Thayer chefiada por Agassiz. De volta aos Esta dos Unidos, em 1866, continua suas atividades científicas. publica, a pedido de Agassiz, sua Geologia e Geografia Física do Brasil. 348 Nesse mesmo ano, chefiando a Expedição Morgan, retorna ao Bra sil, com um grupo de quase vinte estudantes da Universidade de Cornell; no ano seguinte, nova expedição Morgan, desta vez apenas seu discípulo Orville Derby, em estudos pela região amazônica. Ēr. 1874, retorna mais uma vez ao Brasil, onde dá aulas de geologia Rio de Janeiro, e no ano seguinte é nomeado diretor da Comissão Geoló gica do Império do Brasil. Entre seus auxiliares, escolhe Orville Derby e John Casper Branner, que passaram largos anos no Brasil. 1876 é encarregado do levantamento da carta geográfica e mineralógi ca do Brasil. Em março de 1878, falece, vitimado por uma congestão cerebral, embora a imprensa noticie ter sido por febre amarela. terrado no Cemitério São Francisco Xavier, seu corpo foi em 1883 tras ladado para os Estados Unidos a pedido de sua esposa.

A bibliografia de Charles Frederich Hartt é muito rica, ver sando sobretudo sobre os temas de geologia, sua especialidade. A o bra mais geral é a já citada, uma visão geral da geologia e da geografia brasileiras, com vinte capítulos, dos quais do quinto ao oita

<sup>347)</sup> Charles Hartt, Geologia e Geografia Fisica do Brasil. Tradução de Edgar Süssekind de Mendonça e Elias Dolianiti. Rio de Janei ro, Cia. Editora Nacional, 1941. As notas biográficas de Hartt foram citadas desse livro.

<sup>348)</sup> O título original de obre é: Geology and Physical Geography of Brazil. Boston, Fiel, Osgood & Co., 1870.

vo trata da Província da Bahia, demorando-se no citavo na cidade do Salvador e seus arredores, descrevendo brevemente tanto a cidade al ta, "irregular porém bem construída para uma cidade sul-americana", e onde há "lindas residências", "muitas igrejas, algumas das quais muito belas", como também a cidade baixa, que "é regularmente construída", 349 e muito quente, embora Nova Icrque no verão seja ainda mais. 350

Hartt considera a sociedade baiana "quase inteiramente europeizada", notando-se uma "boa cultura real entre o povo". 351 Forne ce alguns quadros de exportação e importação para o ano de 1864-65, evoca as companhias de navegação e as estradas de ferro incipientes, ocupando o resto do capítulo com informações de ordem geográfica ou geológica, de suma importância para os estudioses do assunto. 352

WILLIAM SCULLY, editor de um jornal intitulado Anglo-Brazilian Times, escreveu, em 1866, uma obra bastante documentada e séria sobre o Brasil, "suas províncias e principais cidades", descrevendo "os usos e os costumes do povo", fornecendo estatísticas agrícolas, comerciais e outras", "para o uso tanto de comerciantes como de emigrantes". 353

Sobre o autor, nada pudemos apurar. Temos em mão o trabalho de Scully, de uma grande riqueza em dados estatísticos da época, baseados em fontes oficiais, sobre produtos agrículas (dos quais faz um rápido comentário) e com tabelas de exportação por província. Em relação à Bahia, Scully fornece dados sobre o açucar, o fumo, o café, o algodão, o cacau, além de informações sobre a demografia, o sistema de navegação, e a topografia da cidade. 354 Registra os fortes de defesa, descrevendo-os; quanto ao Forte do Mar, informa que os ofi-

<sup>349)</sup> Cf. Hartt, 1841, p.365

<sup>350)</sup> Ibidem, p.368

<sup>351)</sup> Ibidem, p.366

<sup>352)</sup> Ibidem, pp.368 e ss.

<sup>353)</sup> William Scully, Brazil: Its Provinces and Chief Cities; the Manners and Customs of the People; Agricultural, Commercial and other Statistics, taken from the Latest Official Documents; with a variety of useful and entertaining knowledge, both for the merchant and the emigrant. London, Murray, 1866.

<sup>354)</sup> Ibidem, pp.342 e ss.

ciais e o comandante residem no próprio Forte, havendo apartamentos para presos políticos, mas que estavam vazios. 355 Não pudemos deixar de pensar em Lindley, que ali viveu, preso, mais de meio século atrãs.

Segundo Scully, a vista da baia é bonita, a Cidade Baixa da péssima impressão ao visitante, a qual só poderá desaparecer com um melhor conhecimento da cidade. Apesar do choque ocasionado pela su jeira e mal odor das ruas próximas ao porto, Scully sabe reconhecer que mesmo ali há edifícios bem construídos e a Rua Nova do Comércio é uma ótima rua, ladeada por escritórios comerciais. \$\frac{356}{5}\$Scully refere se ainda à Calçada, onde há um excelente hotel dirigido por um inglês, e a Igreja do Bonfim, "esplêndido edifício ricamente ornamenta do", onde anualmente tem lugar uma festa para onde acorre toda a população. \$\frac{357}{5}\$ Descreve ainda rapidamente a Cidade Alta, informa sobre as melhorias, recentemente feitas para o embelezamento do palácio governamental; \$\frac{358}{5}\$ lembra que a Vitória é a "principal localidade, com belas casas lindamente situadas", \$\frac{359}{5}\$ e termina a explanação sobre a Bahia com as cifras de exportação e importação locais, relativas ao ano econômico de 62-63.

Ainda integrando à década de sessenta, OSCAR CANSTATT, ale mão viajante, mais tarde integrado na vida gaúcha, aparece no Brasil pela primeira vez em 1868, tendo visitado a Bahia e o Rio de Janeiro, quando contava 26 anos de idade. Em 1871 volta à Europa, para retor nar ao Brasil em 1874, dirigindo novamente como durante sua primeira estada, a colônia de emigrantes em Montalverne, no Rio Grande do Sul.

Antes de publicar, em 1877, seu livro sobre o Brasil, fez sair na imprensa alemã uma série de artigos sobre as colônias do sul do país. Desses artigos gerou-se o conhecido Brasil. A terra e a

<sup>355)</sup> Ibidem, p.348

<sup>356)</sup> Ibidem, p.349

<sup>357)</sup> Ibidem, p.350

<sup>356)</sup> Ibidem, p.351

<sup>359)</sup> Ibidem, pp. 351 e ss.

<sup>360)</sup> Ibidem, p.352

gente, <sup>361</sup> que teve uma única edição em alemão, com uma versão em por tuguês aparecida em 1954. <sup>362</sup>

Durante quase vinte anos, Canstatt viveu no sul do Brasil, ocupando-se intensamente com as questões de emigração e colonização. Volta à Alemanha, passando a residir em Wiesbaden, retomando a sua colaboração nos jornais locais que, parece, tinha interrompido por longos anos, durante sua atividade nas colônias. A partir de 1896, ressurgem seus artigos, que têm como tema o assunte que ocupou toda a sua vida: a imigração e a colonização. Já no século XX, publicou seu útil e minucioso Repertório crítico da literatura teuto-brasilei ra, 363 único no gênero, com um arrolamento exaustivo dos escritos em língua alemã sobre o Brasil. 364

Oscar Canstatt morre, em 1912, em seu país natal. Sem ter mais retornado ao Brasil.

O seu livro sobre a terra e a gente brasileiras é obra de viajante, que vê essa terra e essa gente pela primeira vez, impregna do pela surpresa e pelo encantamento, mas também carregado de preconceito e inevitável etnocentrismo.

O livro possui 17 capítulos, tratando dos aspectos mais variados "da terra" e "do povo": fauna, flora, agricultura, mineração, comércio, colonização, história. A partir do décimo primeiro capítu

<sup>361)</sup> Oscar Canstatt, Brasilien. Land und Leute. Berlin, Ernst Siegfried und Sohn. 1877.

<sup>362)</sup> Idem, Brasil. A terra e a Gente (1871). Tradução de Eduardo de Lima Castro. Rio de Janeiro, Irmãos Pongetti, 1954.

<sup>363)</sup> Idem, Repertório crítico da literatura teuto-brasileira, Trad. de Eduardo de Lima Castro, Rio de Janeiro, Editora Presença.1967. As notas biográficas sobre o autor foram tiradas da introdução desse livro.

<sup>364)</sup> Conhecemos ainda um outro livro de Canstatt, não traduzido para o português: Das Republikanische Brasilien in Vergangenheituné Leipzig, Ferdinand Hirt & Sohn 1899, dedicado à Princesa Teresa da Baviera, com prefécio dotado de Wiesbaden, outubro de 1898. (O Brasil Republicano no Passado e no Presente). Trata-se de um volumoso documentário bastante geral, com a descrição da geografia do país, do "aproveitamento da terra", informações sobre o comércio, a cultura, a administração e a história do Brasil, trazendo ainda a descrição de cada província e um "apêndice estatístico", com dados demográficos, tabelas de importação e exportação e movimento imigratório do fim do século. A parte da Bahia ocupa as pp.585-589.

lo começa sua "viagem pelo Brasil", ocupando-se em primeiro lugar de Pernambuco e em seguida da Bahia. $^{365}$ 

Canstatt não esconde sua aversão e repugnância ante a con frontação com a população negra, mal podendo comprar-lhes as exóticas frutas mercadas e oferecidas por toda a cidade, 366 não se acostumando com o balançar e a morosidade da "cadeirinna". 367 ridicularizando os negros vestidos em parte à europeia, 368 confessando não procurar pessoas, mas a natureza, sendo-lhe indiferente, portanto, o isclamen to das famílias e das mulheres baianas, 369 e em contra partida maravilhando-se, naturalmente, com o Dique e sua luxuriante vege ação, 370 barricando com armários e cadeiras a porta do hotel em que se achava hospedado, onde a chave so podía ser usada de fora para dentro... Antes de deixar a Bahia, depois de ter visitado algumas cidades arredores, servindo-se da estrada de ferro, e viajando de barco a Ilha de Itaparica, Canstatt lança um olhar nas lojas de quinquilha rias, que hoje se chamariam de "lembranças da Bahia", descrevendo o incrível arsenal das mais variadas ofertas, destinadas ao ro amante do exotismo tropical. 372

Gostaríamos de assinalar ainda a presença de FREDERICK JA-MES STEVENSON, viajante inglês que esteve no Brasil no ano de 1867, tocando também na Bahia. Dele conhecemos os exertos de seus diários de viagem coletados e selecionados por Douglas Timins, e publicados em Londres, em 1929. Timins não julgou de interesse reproduzir as páginas relativas à Bahia, limitando-se a registrar a presença de Stevenson, de 15 de novembro a 23 do mesmo mês, naquela cidade.

<sup>365)</sup> Canstatt, 1877, pp.260 e ss.

<sup>366)</sup> Ibidem. p.264

<sup>367)</sup> Ibidem, p.261

<sup>368)</sup> Ibidem, p.265

<sup>369)</sup> Ibidem, p.272

<sup>370)</sup> Ibidem. p.266

<sup>371)</sup> Ibidem, p.271

<sup>372)</sup> Ibidem, p.281

<sup>373)</sup> Cf. Frederick James Stevenson, A traveller of the sixties:being extracts from the diaries kept by the late Frederick James Stevenson of his journeyings and explorations in Brazil, Peru, Argentina, Patagonia, Chile and Bolivia, during the years 1867-1869; selected, arranged and edited with a memoir by Douglas Timins... London, Constable & Co., 1929.

A década de setenta não trouxe muitos visitantes à Bahia. Registramos apenas William Hadfield, que já aqui estivera quinze anos antes, o francês Romain d'Aurignac, que passou três anos entre os argentinos, tocando na Bahia ao seguir para o Prata, o inglês Edwin Clark, que também demandou o Sul, tendo feito na Bahia uma sim ples passagem, em 1876, e finalmente o autor do único relato mais ex tenso sobre a Bahia, o alemão Julius Naeher, que passou alguns meses no Recôncavo, deixando um precioso documentário, muito pouco conhecido, sobre a Bahia de modo geral. De nenhum dos autores conseguimos apurar pormenores biográficos.

Muito interessante comparar o testemunho de Hadfield em 1854 e agora, em 1870. Tentre essas duas viagens, cada uma das quais originando um livro, o viajante americano escreveu e publicou ur ou tro, de que não nos ocuparemos no momento, por não tratar da Bahia.

De viagem de Pernambuco para o Rio, Hadfield toca na 3ahia "para visitar alguns velhos amigos", conforme suas palavras. Ali chega e era um dia santo, dia de S.Pedro, com mascarados pelas ruas, que, pelo anoitecer estavam cheias de multidão de pessoas, que visivelmente se distraiam muito, narra Hadfield em 1870. 376

E descreve a cidade, que se tinha expandido, ultrapassando seus limites consideravelmente, possuindo duas linhas de bondes, que acabavam de ser abertas. À noite, ao voltar para casa, tem o caminho aclarado pela iluminação a gaz, que dava à cidade "uma aparência verdadeiramente imponente". 377 Mas as velhas cadeiras ainda nac tinham desaparecido, comenta Hadfield. E constata satisfeito, que as laranjas da Bahia continuavam deliciosas. 378

Ao chegar ao Rio, ratifica sua impressão de que estava ha vendo uma verdadeira revolução em tudo no país, nesses dois anos de ausência, tanto politicamente, como social e financeiramente. 379

<sup>374)</sup> William Hadfield, Brazil and the River Plata. 1877, op.cit.

<sup>375)</sup> Ibidem p.22

<sup>376)</sup> Ibidem

<sup>377)</sup> Ibidem, p.23

<sup>378)</sup> Ibidem. As notícias sobre a Bahia ocupam as pp.22 e 23.

<sup>379)</sup> Ibidem, p.24

O engenheiro EDWIN CLARK é autor de uma "visita à América do Sul", que contém "notas tomadas em 1876 e 1877, durante uma perma nência no Rio da Prata e uma residência de quase dois anos em Buenos Aires, Paraguai e Uruguai", 380 como explica o autor no prefácio.

Não deve ser a primeira vez que visita o Brasil, pois pare ce ter sido ele o construtor de uma ponte no Rio S. Francisco, na de cada de 50.

Revelando que só tinha poucas horas para visitar a cidade da Bahia, Clark se apressa em ir até a Estrada de Ferro do S. Francisco e, depois de descrever brevemente a flora local, a beleza da baía e registrar que os insetos tudo destroem, sem fazer nenhum comentário sobre o povo ou sobre costumes observados, segue para o Ric de Janeiro. 381

ROMAIN D'AURIGNAC escreveu um relato de viagens a respeito dos três anos passados entre os argentinos, narrando suas aventuras ocorridas entre 1877 e 1880.  $^{382}$ 

Embarcou em Bordeus a 20 de outubro de 1877, a bordo do"Se negal", com destino a Montevideu, fazendo escala em Vigo, Lisboa, Da kar, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro.

Ao aproximar-se da Bahia, nota um grande número de jangadas, tipo de embarcação a ele desconhecido e que o impressiona pela sua leveza, impelidas pelas velas triangulares, trazendo cada uma três ou quatro negros, com imensos chapéus de palha e camisas coloridas ao vento. 383

Depois de desenhar em poucas linhas a Cidade Alta vista ao longe e o panorama que dela se descortina, bate também a velha tecla sobre a sujeira da Cidade Baixa, considerando que os negros não cedem em nada as ruas em pouco asseio, de modo que se apressaram a voltar para bordo. No Rio, ao descrever a cidade, prefere calar quam

<sup>380)</sup> Edwin Clark, A Visit to South America; with notes and observations on the moral and physical features of the country, and the country, and the incidents of the voyage. London, Dean, 1878.

<sup>381)</sup> Ibidem, cap. VIII, pp.74 e ss.

<sup>382)</sup> Romain d'Aurignac, Amérique du Sud. Trois ans chez les Argentins. Paris. Librairie Plon, 1890. 📆.

<sup>383)</sup> Ibidem, p.7

<sup>384)</sup> Ibidem, p.8

to a parte velha, "que lhe lembra os horrores da Bahia". 385

JULIUS NAEHER veio à Bahia a fim de fazer uma visita à sua irmã, casada com um fazendeiro do Recôncavo, pertencente à família Ferreira-Bandeira.

Não sabemos sobre o autor senão ter sido ele engenheiro de águas e estradas, e ter sido agraciado com uma ordem honorífica, de cavaleiro primeira classe do Arquiduque da Zähringer Löwen.

A obra foi escrita em Karlsruhe e publicada em Leipzig, le vando a data de 1881, versando sobre "a terra e povo na provincia bra sileira da Bahia". 386

Naher viaja com a esposa, saindo a 20 de junho de  $1878\,$  de Hamburgo.

Descreve longamente a cidade, as fileiras de casas muito brancas, anfiteatralmente dispostas, o magnífico porto, como não se pode imaginar maior nem maios belo 387 a Cidade Alta.

Nota-se o sinal de evolução, já apresentado por Hadfield, o Progresso aos poucos penetrando também nas províncias. Naeher so be à Cidade Alta pelo elevador, 388 vai à Vitória de bonde, 389 registra a grande presença de alemães na praça do comercio 390 onde, anos antes, predominavam os ingleses. Continua a admirar as negras mina, como faziam seus antecessores, e os homens que carregam cantando pe sados fardos, se já não são escravos, são ainda os negros, que continuam vestindo-se apenas de uma reduzida calça. 391

Nacher registra a existência de cinquenta igrejas na cidade, insistindo que nenhuma tem maior notoriedade arquitetônica; embora imponentes à vista, a maioria são construídas no estilo jesuitico do

<sup>365)</sup> Ibidem, p.9. Sobre Aurignac, A. de Carvalho disse ter escrito "patranhas verossimeis" (cf., 1929, I, p.134).

<sup>386)</sup> Julius Naeher, Land und Leute in der brasilianischen Provinz Bahia, Streifzöge von J.N., Leipzig, Gustav Weigel (prefacio de 1881).

<sup>387)</sup> Ibidem, p.87

<sup>388)</sup> Ibidem, p.70

<sup>389)</sup> Ibidem

<sup>390)</sup> Ibidem p.73

<sup>391)</sup> Ibidem,

seculo anterior. 392

Naeher, depois de alguns dias em Salvador, segue, de navio, pela Paraguassu rumo a Santo Amaro, para de lá visitar a fazenda de seu cunhado. A viagem de navio é pitoresca, estranhando o engenhei ro alemão a bíblica promiscuidade entre passageiros e animais. 393

Encanta-se com a viagem a cavalo até a fazenda, a carruagem altiva puxada garbosamente por várias parelhas, os lacaios de 1i bré, "como é costume entre os nobres brasileiros". 394

Descreve o lugar e a casa grande, o engenho  $\epsilon$  os muitos pas seios que fizeram durante sua alegre estadia em casa da irmã.

Apresenta detalhes, como o tipo de cama em que dormem mes mo as pessoas ricas, um leito muito duro e poucas cobertas 395 Refere se à falta de serviço sanitário, aos costumes dos "tigres" esvaziados pelas negras solícitas, 396 o belo costume da piedade filial, do respeito e temor das crianças pelos pais. 397

Naeher presencia uma bênção por ocasião da colheita da ca na e registra o hábito local de levantarem-se muitos brindes ao beber; segundo as descrições do autor alemão, "nos banquetes brasileiros não faltam brindes; se um começa, os demais se erguem, um depois do outro, para homenagear um membro qualquer da família com um disam so laudatório, e o viva viva! não tem mais fim". 398

Naeher viu a Bahia com olhos encantados, um mundo extraordinário se desvendando para ele, hóspede em uma casa senhorial, convivendo com a alta sociedade rural da Bahia, participando do lado a gradável e leve dessa sociedade, percebendo apenas de raspão a outra face da moeda, da qual pouco se ocupa. Seu livro tem grande valor documental, constituindo uma crônica bastante viva de uma época e de um meio, instantâneos preciosos do baronato açucareiro do Recôncavo e do Nordeste.

<sup>392)</sup> Ibidem, p.80

<sup>393)</sup> Ibidem, p.86

<sup>394)</sup> Ibidem, p.93

<sup>395)</sup> Ibidem, p.103

<sup>396)</sup> Ibidem

<sup>397)</sup> Ibidem, p.106

<sup>398)</sup> Ibidem, p.157

A década de oitenta traz à Bahia o jornalista alemão Amand Goegg, que percorreu entre 1880 e 1881 as principais cidades do país, e ainda duas missões de língua alemã, isto é, a da equipe da Corveta "Aurora", interessada sobretudo em um levantamento com intuitos comerciais, patrocinada pelo governo austro-húngaro, empreendendo uma viagem ao Brasil e os Estados do Prata entre 1884 e 1885 e, do mesmo governo, a do navio "Albatros", que percorreu a costa sul-americana no ano seguinte. Da Inglaterra, partiram Ulick Ralph Burke, que não deixou praticamente nenhuma notícia da Bahia, ali chegando em 1882, em rápida visão da cidade distante e Charles Lambert, que fez com a família uma grande viagem de circunavegação, de 1880 a 1882, escalan do na Bahia e no Rio de Janeiro, que descreve. Resta ainda assinalar a presença dos franceses Ernest Michel, que visitou o Brasil em 1883, e Ernest de Courcy, que explorou a região das minas, sobretudo em 1886.

Em 10 de outubro de 1880, saiu do porto de Cowes para o Vigo, o iate a vapor de nome "Wanderer", tendo a bordo CHARLHES J. LAMBERT, "proprietário e Mestre" da embarcação, levando a senhora Lambert e quatro filhos, Helen Mark, Beatrice Kate, George Maximiniano e William Stanley, além de uma governante, uma ama de criança, um capelão, artistas e empregados, tendo como capitão do navio A. Gordon, conforme consta das notas introdutórias do diário de viagem levado a efeito por Lambert, durante essa sua viagem de circunavegação, de qua se dois anos de duração. 399

O livro, elaborado a partir do diário e das cartas do casal, tem vinte e três capítulos, e a narração da estado no Brasil o cupa o quarto e o quinto. No quarto, "De Santa Helena a Bahia", 400 Lambert conta que chega a Salvador em 19 de outubro de 1880, demoran do-se até 27 do mesmo més; desce à terra com os quatro filhos para ver o mercado, admirando os pássaros coloridos, os macacos e as cobras 401 elogiando depois o elevador 402 que os transpõe à Cidade Al ta, servindo-se do bonde para locomover-se em suas excursões, descre

<sup>399)</sup> Charles e S. Lambert, The Voyage of the "Wanderer", from the journal and letters of C. and S. Lambert. London, edited by Gerald Young, 1883.

<sup>400)</sup> O Cap. IV ocupa as pp. 44-53.

<sup>401)</sup> Ibidem, p.44

<sup>402)</sup> Ibidem, p.45

vendo rapidamente o caminho e o trajeto até provavelmente o Ric Vermelho, referindo-se à bela vegetação, à magnificência do panorama, a crescentando que "ninguém que vá a Bahia pode perder essa linda excursão, mesmo que só tenha um dia disponível", pois há "a exuberância da vegetação, as cores, as formas, o brilhante do céu são para serem vistos e não para serem descritos: 403

Empreendem um outro passeio de bonde até a estação de estra da de ferro e, no caminho, um grupo de negras voltando da igreja,lhes desperta a atenção. 404 Fazem ainda um passeio ao Recôncavo, 405 a Fei ra de Santana, 406 e seguem para o Rio de Janeiro, onde chegam a 31 de outubro, achando os negros ali mais civilizados que os da Bahia, mas menos pitorescos e menos bonitos, assemelhando-se a "um saco de trigo, com uma bala de canhão no alto da cabeça. 407

ARMAND GOEGG nasceu a 7 de abril de 1820, em Baden, falecen do a 21 de julho de 1897. \*\*O\*\*B\*\* Estudou Ciências Econômicas em Heidelberg, tendo trabalhado depois no serviço público. Dedica-se intensamente à política de Baden, sendo um dos membros do governo revolucio nário ali estabelecido em 1849. Com a derrota do movimento revolucionário, refugia-se na Suíça, seguindo para Paris e Londres,onde se envolve em empreendimentos industriais, fundando depois em Genebra uma fábrica de espelhos e, mais tarde, uma fábrica de vidros em sua terra natal. Imbuído de ideias e ideais socialistas, percorre a Europa, tentando defender e difundir seus pontos de vista, viajando com tais intenções pela América do Sul e do Norte, e também pela Austrália. Reúne em livro os artigos que tinha enviado a vários jornais a lemães sobre essas excursões, publicando a relação de suas viagens ultra-marinas, em 1888. \*\*

<sup>403)</sup> Ibidem. p.46

<sup>404)</sup> Ibidem, p.47

<sup>405)</sup> Ibidem, pp.48-50

<sup>406)</sup> Ibidem, p.51

<sup>407)</sup> Ibidem. p.55

<sup>408)</sup> Noticias biográficas de Goegg, in: Bicgraphisches Jahrbuch, Vol. 2, Berlin 1898, p.44.

<sup>409)</sup> A. Goegg, *Usberseeische Reisen*, Zurich, Verlag von J.Schabelitz 1888

São recordações recolhidas durante seus anos de peregrinação, dividindo-se em três partes: a primeira sobre os Estados Unidos, e a Austrália, a segunda, sobre a América Latina (Argentina, Uruguai e Brasil) e novamente a América do Norte, na terceira.

Os capítulos sobre a América do Sul foram publicados como artigos de 1880 a 1883, em um jornal local de Frankfurt. Esteve no Brasil de 24 de novembro de 1880 a 8 de novembro do ano seguinte.

Sobre a Bahia, o jornalista alemão escreve muito pouco, no tícias apenas descritivas e bastante gerais, admirando os efeitos da iluminação a gas, 10 não conhecendo nem mesmo a denominação da Cida de Baixa; registra o aparecimento do elevador, que descreve, não per dendo a ocasião de uma observação animosa contra os americanos, responsáveis técnicos pelo funcionamento da máquina.

Considera a cidade "interessante", encontra um bom hotel dirigido por um alemão, registra que no interior da província, onde o calor é muito forte, existem apenas uns poucos alemães ou suíços, fixados à terra como fazendeiros, e nas capitais marítimas encontra o visitante no máximo um punhado de alemães como comerciantes em grosso.  $^{411}$ 

Armand Goegg segue por todas as capitais da costa, até Belém. Informa Borba de Morais que ele teria recebido subvenção do gogerno do Rio Grande do Sul, e assim suas opiniões a respeito das colônias e da migração não podem ser inteiramente acreditadas.

ULICK RALPH BURKE (1845-1895), advogado inglês, nasceu em Dublin, ficou conhecido na literatura inglesa como autor de obras sobre a literatura e história espanholas sobretudo de uma irônica e a gradável coleção de provérbios que aparecem em Dom Quixote.

Como resultado de um passeio ao Brasil, publica um pequeno livrinho contendo relatos da viagem feita em companhia de Robert Staples, redigidos em forma de cartas endereçadas a sua mulher, datadas de 1882 e 1883. 413 A partir de 1885, até o ano de 1889, vive no Chi

<sup>410)</sup> Ibidem, p.114

<sup>411)</sup> Ibidem, p.115

<sup>412)</sup> Cf. Borba de Morais, op.cit., p.608, (4239). Cf. tb. Canstatt, 1967, pp.136 e ss.

<sup>413)</sup> Ulick Burke, Business and pleasure in Brazil. London, Field Tuer, etc.. N. York, 1884

pre exercendo a advocacia. Em 1895 vai para Lima e, durante a viagem, é vitimado por uma disenteria que o leva à morte.

Burke empreende uma viagem a Portugal e ao Brasil, saindo de Londres em 1882. A primoira carta enviada à esposa é endereçada de Lisboa, do Hotel Braganza, trazendo a data de 23 de março de 1882. Dirige-se então para o Brasil, visitando o Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco e Maceió. A primeira carta enviada do Brasil traz a data de 7 de julho de 1882, escrita em Botafogo, Rio de Janeiro. Descreve longamente o Rio, embora advirta que nunca tinha estado em lugar nenhum do mundo onde houvesse tão pouco o que ver co mo ali. 414

Depois de ter passado por São Paulo e Minas, dirige-se a Pernambuco, onde encontrou mais livreiros do que em todo o Rio de Janeiro  $^{415}$  e segue viagem, pretendando alcançar a Bahia. Tendo havido um atraso, o navio chega ao cair da noite, em vez de ac amanhecer, não dando tempo para desembarcar. Burke ouviu dizer que a cidade e ra um lugar desagradável, inferior a Pernambuco, não existindo ali nem mesmo gelo, e assim deixa o porto com a impressão de que jã tinha visto mais do que era necessário.  $^{416}$ 

ERNEST MICHEL visitou o Brasil em 1883, em meio a uma via gem ao redor do mundo, deixando uma descrição de suas impressões nos capítulos III a VII de sua obra versando sobre suas viagens "através do Hemisfério Sul", a segunda que fez ao redor do mundo. "17 Trata da Bahia logo no começo, descrevendo superficialmente a cidade, da págigina 28 à página 34. Dá suas impressões ainda sobre Pernambuco, Rio de Janeiro, Petrópolis e São Paulo, esboçando noções gerais sobre o sistema administrativo e sobre a economia do país. Além do Brasil, Michel percorreu Portugal, Senegal, a região do Prata, Chile e Peru, reunindo todas as suas notas em dois volumes.

No ano de 1884, parte rumo a América de Sul a Corveta Real "Aurora" capitaneada pelo Comandante VICTOR BOUSQUET, e que depois de

<sup>414)</sup> Ibidem, p.44

<sup>415)</sup> Ibidem, p.110

<sup>416)</sup> Ibidem, p.102

<sup>417)</sup> Ernest Michel, A travers l'hemisphère Sud ou Mon second voyage autour du Mundo. Paris, Librairie Victor Palme, 1887.

um ano de viagem em águas brasileiras e platenses retorna ao Reino Austro-húngaro.

A partir dos relatórios do comandante Bousquet, foi elaborado pela redação do jornal Mittheilungen aus dem Gebiet des Seewesens (Notícias sobre assuntos marítimos), como apêndice ao seu caderno X, do ano do 1885, um relato de viagem da Corveta Real "Aurora" ao Brasil e aos países platinos, durante os anos 1884-1885.418

Uma primeira parte desse relato é constituída por anotações de ordem náutica, em forma de minucioso diário, com instruções exatas para os navegadores. A segunda parte contêm uma breve descrição de certos aspectos dos portos visitados.

Sobre a Bahia, onde a corveta permanece por dez dias, as a notações são parcas, não tendo sido feitas senão breves alusões—ao sistema de fortificação da cidade, aos estaleiros e à situação do por to.  $^{419}$ 

Uma terceira parte da obra encerra informações de cunho comercial,  $^{420}$  arrolando os produtos de exportação, fazendo uma suscinta análise dos artigos importáveis e das possibilidades nesse sentido para investimentos de parte do governo e dos empresários austro-húngaros.  $^{421}$ 

As considerações sobre o comércio da Boêmia com os países visitados seguem-se comentários sobre a necessidade de um serviço de navegação regular entre os países interessados, além da urgência do estabelecimento de elementos nacionais para a ligação comercial, a criação de bancos para as facilidades transacionais, assim como é pos ta grande ênfase na utilidade de uma reorganização do sistema consular e no estacionamento permanente de um navio de guerra no litoral dos países parceiros. 422

<sup>418)</sup> Corvetta "Aurora", Die Reise S.M.Corvette "Kurora" nach Brasilien und den La Plate-Staaten in den Jahren 1884-1885, Pola.1885 Beilage zu Heft X 1885 der Mittheilungen aus dem Gebiet des See wesens.

<sup>419)</sup> Ibidem, pp.9-10

<sup>420)</sup> Ibidem, pp.27-28 (para a Bahia)

<sup>421)</sup> Ibidem, pp.47 e ss.

<sup>422)</sup> Ibidem, pp.52 e ss.

JEROLIM FREIHERR VON BENKO publicou o relatório e o diário de viagem do navio "Albatros", que fez um circuito pela América Latina e pela costa africana logo depois da viagem da corveta "Aurora", ambos do mesmo reino austro-húngaro.

Benko era também capitão de corveta, e o livro foi organ<u>i</u> zado por ordem do Ministério da Guerra, secção da Marinha, tendo co mo base o relatório do capitão do "Albatros", ARTHUR MULDNER. É tam bém uma publicação do mesmo jornal que deu à estampa a viagem da Corveta "Aurora", apresentando um roteiro orientador de viagem.

A partir de quinto capítulo trata-se do Brasil, em particular de Pernambuco. O sexto capítulo é dedicado à Bahia, trazendo am plas informações, tanto históricas, como topográficas, tando do ponto de vista sanitário como comercial.

O elevador facilita o transporte entre as duas partes da cidade, mas "naturalmente" - assim se expressa o relator - quem se pode permitir uma cadeirinha ou uma carruagem ainda prefere esses meios tradicionais, pois os transportes coletivos são utilizados so bretudo pelas classes mais baixas.

É raro vermos alusões ao revestimento de azulejo das casas baianas, e aqui temos uma referência a respeito, 425 embora rapidamen te. Benko nomeia ainda o Passeio Público, as muitas igrejas que ad mira, alguns edifícios públicos, registra a iluminação a gas, tece alguns comentários sobre as fortificações do porto e da cidade, sobre as estradas de ferro e as ligações existentes ou planejadas para o interior, 426 considera que os transportes marítimos são ótimos e os terrestres pessimos, 427 faz referência à ligação telegráfica, à au sência de docas, e apresenta uma lista de preços de víveres alimentícios, útil ao futuro navegador. 428

<sup>423)</sup> Jerolim von Benko, Reise S.M. Schiffes "Albatros" unter des K.
K. Fregatten Capitans Arthur Müldner nach Süd-Amerika, dem Caplande und West Afrika, 1885-1886. Auf Befehl des K.K.ReichsKriegministeriums, Marine-Section, verfasst von Jerolim Freiham
von Benko. Pola 1889.

<sup>424)</sup> Ibidem, p.83

<sup>425)</sup> Ibidem, p.84

<sup>426)</sup> Ibidem. pp.85 e ss.

<sup>427)</sup> Ibidem, p.87

<sup>428)</sup> Ibidem, pp.87 e ss.

Benko dá ainda algumas informações sobre problemas sanitários, alongando-se um pouco mais quanto às atividades comerciais da Bahia e às possibilidades existentes para uma intensificação da troca mercantil com a Áustria e a Hungria.

Depois de cinco dias de viagem, o "Albatros" chega ao Rio de Janeiro, seguindo sua rota rumo ao Sul.

ERNEST DE COURCY, visconde francês, esteve no Brasil em 1886, tendo partido do Havre a 22 de maio daquele ano. De acordo com o título de seu livro, 429 passou seis semanas no Brasil, das quais uns poucos dias na Bahia, o segundo porto escalado, considerando as ruas da Cidade Baixa, "pelo seu comércio e o seu movimento", semelhante aos bazares de Constantinopla. 430

Dá-nos detalhes do passeio que empreendeu até a Barra, an dando de bonde a partir da praça do elevador, maravilhado com a paisagem tropical, invadindo o ambiente tão logo se sai do centro comercial. 431

Ao chegar ao Rio de Janeiro, evoca os feitos de Daguay-Trouin comentando que "um coração francês não pode permanecer frio ante atos como esses", pois a França ali, como em toda a parte, "soube dei xar na história lembranças inapagaveis de audácia e heroísmo", 432 num arroube patriótico muito ao gosto do expansionismo militar e militan te, e que nos dá um bom exemplo do espírito segundo o qual certos comentaristas estrangeiros enfocam a realidade do país visitado, não se desprendendo de uma visão autocentrada e naturalmente unilateral.

Além de descrever o Rio de Janeiro, onde é recebido pelo Imperador, Courcy expõe longamente sua viagem a Minas Gerais e ao Es pírito Santo, e volta à pátria encantado, certo de "que em lugar ne nhum do mundo os franceses podem ser mais bem acolhidos". 433

<sup>429)</sup> Ernest de Courcy. Six semaines aux mines d'or du Brésil: Rio de Janeiro, Ouro Preto, Saint-Jean del Rei, Petropolis; avec des sins de l'auteur. Paris. L. Sauvaitre, 1889.

<sup>430)</sup> Ibidem, p.63

<sup>431)</sup> Ibidem, p.65

<sup>432)</sup> Ibidem, p.75

<sup>433)</sup> Ibidem, p.89

A última década do século dezenove traz à Bahia, do nosso conhecimento, quase que somente alemães. Ou melhor, apenas os falan tes germânicos deixaram relatos de viagem, além do francês Jean de Bonnefous que esteve na Amazônia por algum tempo e, ao descer do Pará, visitou diferentes capitais do litoral, inclusive a Bahia. Arrolamos, assim, Moritz Lamberg, com um livro datado de 1896 com experiências de um residente que passou vinte anos no Brasil; Dr. Emil Hänsel, que esteve na Bahia casualmente durante um carnaval, provavelmente, em 1893; o Dr. W. Detmer, professor em Iena empreendeu uma excursão botânica pelo país no ano de 1895, o pastor evangélico Henry Schwieger passou por algumas cidades brasileiras em 1897 e no mesmo ano Teresa, Princesa da Baviera, levou a efeito uma viagem científica pelos "trópicos brasileiros".

Gostaríamos de abrir a década com o emigrante estabelecido definitivamente no país que foi MORITZ LAMBERG, austríaco de nascimento, e que se naturalizou brasileiro em 1885, conhecido como "o fo tógrafo alemão", 434 que escreveu um livro de impressões gerais de vinte anos de convivência no Brasil, o qual saiu primeiramente em por tuguês com o nome de Brasil, a Terra e a Gente, 435 relatando suas viagens pelo país, sobretudo por Pernambuco, Pará, Amazonas, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Em 1899, saiu uma edição alemã, que nada revela da existência da anterior, tendo sido publicada em Leipzig.

Embora na folha de rosto da edição brasileira indique ser aquela uma tradução, os dois textos não são idênticos. Em algumas passagens, o texto brasileiro é mais extenso, em outras é o oposto e muitas vezes o mesmo assunto é diferentemente abordado. A população do Estado da Bahia é calculada em 1.800.000 habitantes na versão brasileira e em 1.919.802, na alemã, o que demonstra uma tentativa de a tualização do texto-base, provavelmente na língua materna do autor e a partir do qual foi elaborada a "tradução em português".

<sup>434)</sup> Moritz Lamberg, O Brasil. A Terra e a Gente. Rio de Janeiro. Ty pografia Nunes, 1896.

<sup>435)</sup> Idem, Brasilien. Land und Leute in ethischer, politischer und volkswirtschaftlicher Beziehung und Entwicklung. Erlebnisse, Studien und Erfahrungen während eines zwanzigjährigen Aufenthaltes. Leipsig. Zieger. 1899. Nossas notas foram tiradas dessa edição.

Lm viagem para o Espírito Santo, onde intencionava visitar o núcleo colonial Santa Leopoldina, Moritz Lamberg passa pela Bahia, ai retendo-se por algum tempo.

Lamberg descreve a provincia, narra um pouco de história, evoca algumas cidades, como Jacobina, Santo Amaro, S. Felix e Cachoeira, <sup>436</sup> Feira de Santana, Canavieira, descrevendo rapidamente a Colónia Leopoldina, onde os descendentes dos primeiros colonos já não falam mais alemão, tendo-se integrado inteiramente na população brasileira.

Lamberg ocupa-se longamente com a campanha de Canudos, a-contecida em 1896 a 97, descrevendo e historiando toda a sangrenta guerra. É interessante notar que a edição brasileira não contém es se episódio, cujos atos finais se desenvolaram quando o livro já es tava redigido, não evocando sequer o acontecimento.

As suas experiências pessoais da Bahia, escreve Lamberg, da tam de 1885, quando ali esteve pela primeira vez. E descreve a entrada no porto, a impressão que, apenas mudando as palavras, é a mes ma despertada em quase todos os viajantes que vimos nesse breve retrospecto, repetindo-se igualmente idêntica, a decepção com a Cidade Baixa. 439

Na Cidade Alta, continua achando as ruas irregulares e as casas mal construídas, e admirando o Passeio Público, lamentando entretanto que as estátuas estivessem pintadas.

Queixe-se da vida social, que é monotona e sem graça, e só ocasionais visitas ao teatro emprestam-lhe um pouco de colorido. 441 As negras mina continuam a despertar a atenção do forasteiro, mas Lamberg observa que já estava havendo uma grande mistura, devido ao avultado número de negros que vinham para a Bahia desde a abolição da escravatura. 442

<sup>436)</sup> Ibidem, p.170

<sup>437)</sup> Ibidem, p.171

<sup>438)</sup> Ibidem, pp.172-176

<sup>439)</sup> Ibidem, p.176

<sup>440)</sup> Ibidem, p.177

<sup>441)</sup> Ibidem

<sup>442)</sup> Ibidem. p.178

Interessante sua opinião de que a Bahia é o estado mais con servador, do ponto de vista político e comercial, de todo o Norte, opinião que contrasta com as externadas por outros viajantes anteriores, aos quais os impulsos republicanos e revolucionários dos baianos muito preocuparam.

Deixando a capital, Lamberg visita alguns engenhos de açu car dos quais deixa uma descrição, e prossegue sua viagem para o Sul

0 Dr. EMIL HÄNSEL  $\tilde{\epsilon}$  o autor de um relato de sua "excursão ao Brasil e aos países platinos", 444 tendo chegado ao Brasil por  $\underline{c}$  casião da revolução de Custódio Jose´de Mello, em 1893, descrevendo suas impressões de testemunho ocular.

Na Bahia, Dr. Hänsel chegou casualmente numa terça feire de carnaval e se sente o único branco perdido em um "bairro negro, no qual um europeu não costuma andar; pelo menos não em um dia desses", considera ele. 445

Descreve os mascarados vestidos de mulher, e as mulheres preferindo roupagens masculinas, observa que muitas vezes as crianças estavam completamente nuas, mas não viu nenhum negro de aparência miserável ou faminta, sendo eles, pelo contrário, fortes, gordos e mesmo corpulentos. A natureza no Brasil, conclui o Dr. Hänsel, supre as necessidades mais imediatas, oferecendo o que comer, não deixando ninguém sofrer c frio. Os pobres, na Europa, têm uma vida muito mais difícil, 446 vai pensando o visitante, enquanto abre caminho entre a multidão em festa, atento para os tipos humanos que tumultuavam a seu redor.

Vai ainda rapidamente à Cidade Alta, toma o elevador e de pois um bonde, observando que alguns são puxados à tração animal e outros movem-se pela eletricidade. E se diverte com o nivelamento trazido pelo transporte coletivo, numa opinião bem diversa daquela de

<sup>443)</sup> Ibidem

<sup>444]</sup> Emil Hänsel, Ein Ausflug nach Brasilien und den La Plata Staten. Mit Berücksichtigung der Meloschen revolutionären Bewegung in Brasilien. Leipzig, 1894.

<sup>445)</sup> Ibidem, p.30

<sup>446)</sup> Ibidem, p.32

Goegg, afirmando que se pode ver "a mais elegante brasileira, em toa lete a rigor, sentada ao lado da empregada preta, o oficial em uniforme de gala ao lado do mais humilde carregador", e é com uma cena como essas que o visitante se sente de fato na "América livre".

O botânico W. DETMER era professor na Universidade de Iena, tendo empreendido uma longa viagem pelo Brasil, inclusive ao interior da Bahia, e ainda conhecendo o Rio, Minas, São Faulo e Espírito Santo. Seu livro não foi ainda traduzido para o português, e é um rico manancial para estudiosos de história natural; oferece igualmente mui tos outros aspectos curiosos e enriquecedores.

Detmer inicia a viagem pela Bahia e consagra o segundo ca pítulo à descrição de sua estada naquela cidade, não sem antes traçar um esboço histórico sobre o país e a Bahia en particular.

Descreve a cidade, espanta-se que a Bilsa não seja quase u tilizada, registra que os negros da Bahia em grande parte continuam puros, descreve a vestimenta da "baiana", consagra uma grande parte de seus relatos à população de cor, fornece informações sobre salário e tratamento dispensado ao negro, enumera os meios de transporte (onde o leitor pode ver a evolução da cidade, com o convívio pacífico da cadeirinha e do traway), visita os principais edifícios da cidade e descreve alguns bairros, como a Vitória e Itapagipe.

Detmer vai além das descrições, narrance igualmente suas vi vências pessoais, mostrando seu entusiasmo pela matureza, sobretudo no Passeio Público e em especial durante a excursão feita ao Rio Ver melho; mas também confia ao leitor suas amizades, os contactos que soube fazer durante o tempo passado na Bahia, morando na Vitória, de pois de se ter hospedado em um hotel, aceitando e convite de conhecidos, que lhe ofereceram a residência, participando dos saraus do Clube alemão, convivendo com outros alemães, mas também com gente do lugar.

Nada escapa a Detmer em suas descrições, e ē sobremaneira

<sup>447)</sup> Ibidem. p.35

<sup>448)</sup> W. Detmer, Botanische Wanderungen in Brasilien: Reiseskizzen und Vegetationsbilder. Leipzig, Verlag von Veit & Co. 1897. (Excursões botânicas no Brasil.

<sup>449)</sup> Cf. as pp.27-72

enriquecedora a leitura de suas páginas, sobressaindo-se uma grande objetividado, um cuidade de informante para não entremear sua opinião ao objeto analisado, numa atitude de cientista experimentado, manifesta nas menores exteriorizações. Deixa a Bahia, depois de um mês, cheio de encantemento, despedindo-se com emoção de lugar. 450

Na mesma época que Detmer, emprenduu uma viagem científica ao Brasil, explorando as margens do Amazonas, da foz até Manaus, e do litoral até São Paulo, a filha do príncipo regante Leopold, THERESE, PRINCESA DA BAVIERA, nascida a 12 de novembro de 1850, cm Munique, a parentada com o imperador de Brasil.

O Brasil não era o primeiro objeto do pisquisa da princesa, tendo ela já estado na Rússia, Ásia e África do Morte, além de ter percorrido toda a Europa em excursões botânicas e zoológicas. De volta à Europa, a Princesa Therese, organizando o material recolhido e estudado, publicou seu livro de vingens aos trópicos brasileiros, a parecido em 1897. Os rusultados ali apresentados são de certo in teresse para o especialista, porêm o livro é gerthmente apreciado em testemunho da vida na corte imperial, de que a princesa teve oca sião de participar durante algum temp.

A parte relativa à Ba'iia do livro do viagens da Princesa da Baviera ocupa o décimo segundo capítulo, não encerrando muitas in formações. Porém a delicadeza da descrição da excursão feita ao Rio Vermelho merece uma leitura atenciosa. 45 2

A princesa ainda empreendeu uma viagem pela região andina e pela costa do Pacífico, publicando o resultado de suas excursões em 1908. Aos 75 anos de idade, isto é, em 1925, vem ela a falecer, depois de uma vida inteira dedicada às viagens e aos estudos da história natural.

<sup>450) &</sup>quot;E então, adeus, micha quarida, bela Bahia. Adeus suas palmeiras, seus bosques silentes, sua flora esplândida, seu sol luminoso", assim tormina Detmor o capítulo sobre a Bahia (cf.p.116).

<sup>451)</sup> Therese, Prinzessin von Bayern, Meine Reise in den brasilianischer Tropen, Berlin 1997. (Minha viagem aos trópicos brasileiros).

<sup>452)</sup> Ibidem, pp.234 e ss.

Temos ainda HENRY SCHWIEGER, pastor protestante, que em fim do ano de 1896 se viu obrigado a deixar as funções que exercia em sua paróquia, na Alemanha por questões de saúde, sendo-lhe aconselhada u ma viagem marítima. Partiu, então, no ano seguinte, de Hamburgo, ru mo à América do Sul, fazendo uma escala em Lisboa, que descreve nas primeiras páginas do livrinho sobre sua viagem marítima ao Brasil. 453

Atinge o Novo Mundo por Pernambuco, seguindo para o Rio de Janeiro, visitando Santos e de lá alcançando a Bahia, onde permaneceu de E a 10 de junho. Da Bahia, Schwieger retorna à Europa.

Interessante descrição faz o pastor alemão da multidão de pequenos barcos que acorrem ao navio recém chegado, carregados de ven dedores de cor e de mercadoria colorida e variada. Frutas, estrelas do mar, macacos, papagaios e até mesmo cobras são oferecidos com in sistência e alarido. Schwieger admira-se também da alegria ruidosa e ingênua dos negros, que se divertiam em fazer momices e brincadei ras ao redor do navio e dentro do mar. 454

A descrição da cidade nada oferece de novo, sendo breve e geral, registrando, entre outras coisas, a Vitória, o mercado, o ele vador, e a existência de 143 igrejas na cidade. O conjunto é curio so, mas não especialmente informativo, destacando-se um tom de discurso semi-literário, em que as frases se derramam roseamente, assi nalando um alto entusiasmo por tudo o que era novo e diferente, um sentimento de religiosa gratidão pelo que via e vivenciava.

Finalmente, com JEAN DE BONNEFOUS, concluímos nossa coleção de visitantes do século dezenove. O autor francês escreveu sobre a Amazônia, 455 com prefácio datado do Pará, de 1898.

O livro trata quase que exclusivamente da viagem feita por Bonnefeus ao Pará e à região amazônica. Ao voltar para a Europa,des ce de Manaus para o Rio de Janeiro, a bordo do vapor "San Salvador", descrevendo os portos tocados de maneira muito rápida, porém não des pida de pitoresco. Maranhão foi considerada pelo viajante francês como "uma cidade morta", 456 enquanto que o Ceará era uma "cidade co-

<sup>453)</sup> Henry Schwieger, Eine Ozeanfahrt nach Brasilien, Hamburg.Herold 1863. (Uma viagem morftima ao Brasil).

<sup>454]</sup> Ibidem, p.115. A descrição da Bahia ocupa as pp.113 a 120.

<sup>455)</sup> Jean de Bonnefous, *En Amazonie*, s.l., 1898 (prefácio datado de Pará). A parte relativa a Bahia ocupa as pp. 215 a 219.

<sup>456)</sup> Ibidem, p.208

quete", uma "cidade limpa", sendo ainda da opinião que "a cearense representa o mais belo tipo de beleza brasileira". 458

A entrada na Baía de Todos os Santos é "feérica", e a Cida de Baixa estava "sempre no mesmo estado de imundície que eu já conhecia: suja, horrível". 459 E de novo se alegra em rever a negra baiana, "muito amável, sempre com um sorriso nos lábios", constituindo "o verdadeiro tipo que ainda indica o Brasil da escravidão". 460

## Outros relatos de viagens

Foi nossa intenção, com esse capítulo sobre os visitantes estrangeiros que passaram pela Bahia durante o século dezenova dar  $\underline{u}$  ma visão de conjunto das obras por nos arroladas.

É evidente que não atingimos a uma catalogação exaustiva de todos os estrangeiros que por aqui passaram durante a centúria em apreço e deixaram documentação escrita, conhecendo nos mesmos ainda alguns nomes que não puderam ser estudados, por não termos tido aces so as obras. Dentre eles, destacam-se os holandeses Ver Huell Kreekel, de que já tratamos rapidamente, e cujos diários de viagem 🔄 verão ser em breve publicados na Holanda, o missionário inglês ou a mericano Henry Martyn, a quem Kidder e Fletcher se referem e que ve ter estado na Bahia no começo do seculo, tendo conversado em tim com os padres locais, percorrido e descrito a cidade, provavelmente em sua obra Diários e correspondência. Segundo o comentarista do livro de Fletcher, Edgard Süssekind de Mendonça, teria Martyn vi vido de 1781 a 1812, missionando na India e na Pérsia. A sua conver sa com os sacerdotes locais deixou-o escandalizado com a pouca fe am biente, tendo Fletcher transcrito um comentário seu, de que "aqui há cruzes em abundância, mas quando será sustentada a doutrina da cruz?

<sup>457)</sup> Ibidem, p.210

<sup>458)</sup> Ibidem

<sup>459)</sup> Ibidem, p.216

<sup>460)</sup> Ibidem, p.219

<sup>461)</sup> Cf. Kidder e Fletcher, op. cit., II, p. 233

Em abril de 1806 esteve na Bahia o irmão mais moço de Napo leão, Jerônimo Bonaparte, que comandava a nau "Le Veteran" parte da esquadra que saíra de Brest para conquistar a Colônia do Cabo e que entrara na Bahia sem ter podido executar seus planos, desprovida de quase tudo, e com cerca de quinhentos doentes.

Não conhecemos nenhuma outra documentação escrita desa pas sagem além do ofício feito pelo Conde da Ponte ao governo no Eio de Janeiro, datado de 22 de abril de 1806, em que registra os acontecimentos diários da estada de Jerônimo Bonaparte, de 19 a 21 de abril. informando sobre a troca de jantares havida entre o representante do governo francês e o português. 462

Segundo Waldemar Mattos, o ilustre visitante ficou hospeda do na casa particular do futuro Marquês de Barbacena, um solar  $\,$  nos Barris.  $^{463}$ 

Wanderley Pinho também documenta a passagem de Jerônimo Bo naparte pela Bahia, mas os registros a respeito são todos baseados nesse primeiro ofício do Conde da Ponta, que vem reproduzido na obra conjunta de Accioli e Bras do Amaral.

Um autor que foi de grande utilidade para os navegadores de primeira metade do século passado, tendo deixado um verdadeiro manual informativo sobre roteiro, direção de ventos, cabotagem, descrição hidrográfica e geográfica da costa brasileira foi Albin Reine Roussin, cujo livro conheceu várias edições, 465 mas que hoje em dia são raridades bibliográficas, não nos tendo sido até agora facultada a possibilidade de ver pessoalmente a obra, conhecendo-a apenas de fartas referências, inclusive do navegador que se propôs a modernizar, corrigir e retomar as pesquisas náuticas empreendidas por Roussin, levando a efeito uma grande obra especializada no gênero, em vã rios volumes, que foi Ernest Mouchez.

<sup>462)</sup> Cf. Accioli e Bras do Amaral, op.cit., III, 1931, pp.37 a 42.

<sup>463)</sup> Cf. Waldemar Mattos, A Bahia de Castro Alves, S.Paulo, Instit. Progresso Editorial S.A., 2a. ed. 1948, p.91.

<sup>464)</sup> Cf. Wanderley Pinho, op.cit., p.29

<sup>465)</sup> Albin Reine Roussin, Reconnaissances hydrographiques faites sur les côtes du Brésil en 1819. Paris, 1820-1824.

Karl Heinrich Oberacker refere-se a um naturalista alemão, Phillipp Salzmam, que deve ter estado na Bahia entre os anos de 1827 e 1830, mas do qual nada pudemos apurar.  $^{466}$ 

Outro amante das plantas e da natureza foi o jardineiro russo Luschnat, que se deslocou de São Petersburgo para o Rio, acom panhando Riedel, ao intentarem ambos a fundação da filial do Jardim Botânico daquela cidade no Rio de Janeiro. Ali estiveram juntos a partir de 1831, o jardim tendo existido até 1836. Mas já em 1833, Luschnat demite-se, volta à pátria, mas para surgir de novo no Brasil, herborizando no sul da Bahia em 1835, em Ilhéus e outras localidades, 467 enviando para Martius o resultado de suas buscas, contribuindo assim também para o enriquecimento da Flora Brasiliensis.

Não podemos deixar de assinalar a presença de Jean-Baptiste Douville, conhecido como autor de dois livros sobre o Brasil e o Congo,  $^{468}$  e em torno do qual se desencadeou uma grave polêmica, tendo sido ele acusado de embuste e plágio, "um tipo acabado de aventureiro e de impostor", segundo Alfredo de Carvalho.  $^{469}$ 

Douville legou à Bahia sua preciosa coleção de botânica e geologia, e o Vice-Presidente da Província da Bahia, Manoel Antônio Galvão, decretou o estabelecimento do Gabinete de História Natural, que tomou o nome de Gabinete Douville.

Fazendo-se passar por médico nos sertões do São Francisco, Jean-Baptiste Douville acabou sendo assassinado pela família de um paciente que morrera em suas mãos, em 1836.

A Biblioteca Sainte-Geneviève, em Paris, possui parte de um precioso manuscrito autógrafo, estando a outra parte na "Societé de Geographie" da mesma cidade, sobre a estada de Douville na Bahia,

<sup>466)</sup> Cf. Oberacker, op.cit., p.196

<sup>467)</sup> Cf. Urban, Biographische Skizzen, II, Leipzig, 1894, p.18.

<sup>468)</sup> Jean-Baptiste Douville, Voyage au Congo et dans l'Intérieur de l'Afrique Equinoxiale, fait dans les années 1828,1829, et 1830. Paris. Chez Jules Renouard, Librairs, 1832. Idem. Trinte mois de mavie, quinze mois avant et quinze mois après mon Voyage au Con go. Paris, chez l'auteur, 1833.

<sup>469)</sup> Alfredo de Carvalho, 1929, II, p.69

<sup>470)</sup> Cf., Colleção das Leis e Resoluções da Assemblea Legislativa da Bahia, sancionadas e publicadas de 1835 a 1838. Bahia, Typographia de Ant. Olavo da França Guerra, 1862, p.9 (Resolução de 2.5. 1835).

e do qual temos notícia pelo africanista Pierre Verger, <sup>471</sup> que está preparando um estudo sobre a vida cotidiana na Bahia em 1850, a ser publicado pela Livraria e Editora Hachette.

Douville chegou na Bahia em 1833 e nesse manuscrito descre ve pormenorizadamente a cidade, da notícias sobre os moedeiros falsos, sobre a política local, os títulos de nobreza, o estado de cor rupção e imoralidade públicas, a situação do cativeiro, dos negros e mulatos, preocupando-se de modo especial pela língua e fala dos negros nagôs, acrescentando ao manuscrito uma lista do vocabulário na gô, de sumo interesse.

Deixamos de incluir no elenco de visitantes tratados, o francês Eugêne Delessert, autor de uma narrativa de viagem ao Atlân tico e ao Pacífico, 472 durante os anos de 1834 a 1847. O autor este ve no Rio de Janeiro em 1837, descrevendo a cidade e dando além dis so notícias gerais sobre o resto do país. Descreve a Bahia às páginas 38 e 39, de modo superficial, e não cremos que tenha estado em outros pontos do país além da Bahia. Visitou ainda os Estados Unidos, a Nova Zelândia, o Taiti, as Filipinas, a China, o Egito, enfim, esteve um pouco por toda parte e seu livro desperta certo interesse.

Onde deveríamos inserir o conhecido médico português, radicado e integrado na Bahia, Dr. José Francisco da Silva Lima? Não sendo absolutamente viajante, veio para Salvador com a ¢idade de 12 anos, como caixeiro de uma loja comercial e aí ficou estudando medicina, e vindo a ser um dos grandes médicos de seu tempo, co-fundador da Escola tropicalista, juntamente com mais outros estrangeiros, Dr.Patterson, Dr. Wucherer e Dr. Abbott. 473

<sup>471)</sup> Sairá ainda este ano um artigo de Pierre Verger sobre Douville, na Revista do Centro Afro-Oriental da Bahia, Afro-Asia, no núme ro em homenagem a Roger Bastide. Pierre Verger teve a gentileza de nos ceder parte da côpia do manuscrito de Douville, antes mes mo que ele próprio o tenha divulgado.

<sup>472)</sup> Eugène elessert, Voyage dans les deux oceans: Atlantique et Pacifique, 1834 à 1847: Brésil, Estats Unis, Cap.de Bonne Esperance... Paris, A.Frank, 1848.

<sup>473)</sup> Sobre os médicos da escola tropicalista, quase todos estrangeiros, cf. Antônio Caldas Coni, A Escola tropicalista bahiana. Bahia, Livraria Progresso Editora, 1952. Sobre Dr. Abbott ha umaboa bibliografia, trabalhada por José Valladares, A Galeria Abbott, primeira pinacoteca da Bahia. Bahia, 1951.

Não poderíamos incluir os três últimos em nosso estudo, uma vez que as muitas publicações de que foram autores não versaram senão sobre assuntos médicos especializados. Mas Silva Lima deixou u ma preciosa crônica de costumes: A Bahia de hã 66 ancs atrãs, "7" lembranças e recordações dos ancs de 1840, que são um manancial de informações sobre toda uma época, tratando de pequenos detalhes da vida cotidiana, incluindo fartas informações sobre a vida difícil dos caixeiros da época, submetidos categoricamente a seus patrões.

Até onde Silva Lima adolescente já se tinha realmente inte grado no país que o acolheu, ou se na época para a qual essas recordações recuam não era ainda o peninsular estranho à terra que se con frontava com costumes e tradições, registrando um relato que não di fere muito dos escritos pelos estrangeiros que aqui permaneceram por mais tempo.

Robert Elwes foi um viajante que percorreu o mundo, visitando tanto a África como as Américas, deixando relatos dessa expedições, mas que desoonhecemos, não nos ficando senão a referência de Borba de Morais, que diz ter ele estado "no Rio, Bahia e cachoeira de Paulo Afonso em 1848". "Descreve os lugares, trata do tráfico de escravos, e conta interessantes incidentes de viagem", continua Borba de Morais. 475

Francis de la Forte, conhecido como o Conde de Castelnau, empreendeu uma viagem, como naturalista e geógrafo à América do Norte em 1837; mais tarde, subvencionado por Luis Filipe, dirige uma expedição científica à América do Sul, entre 1843 e 1847, numa das maiores expedições organizadas pelo governo francês, publicando em quinze volumes os resultados obtidos, em edição que se estendeu por quase toda a década de cinquenta. 476 Castelnau acumulou as atividades de cientista com as diplomáticas, tendo exercido o cargo de côn sul francês na Bahia de 1848 a 1855, existindo uma grande documentação por ele enviada da Bahia ao Ministério do Exterior de seu país, mas que permanece praticamente desconhecida. Antes do início de publicação de sua grande obra de naturalista, Francis de Castelnau deu

<sup>474)</sup> José Francisco da Silva Lima, A Bahia de há 66 anos, in: Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, XXXIV, 1907,pp. 92-123.

<sup>475)</sup> Robert Elwes. A sketcher's tour round the world. London, Hurstand Blackett, 1854.

<sup>476)</sup> Francis de Castelnau, Expedition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para. Paris, P.Bertrand, 1850-57.

a estampa um curioso livrinho que, embora não tratando propriamente da Bahia, traz farto material sobre os negros escravos dessa provincia, constituindo uma raridade bibliográfica. 477

O diplomata inglês Ouseley, que serviu no Rio de Janeiro, autor de delicada e preciosa documentação iconográfica, artista de valor e sensibilidade, deixou da Bahia, a par algumas pranchas, uma descrição por escrito, mas não conseguimos localizar a sua obra. Hadfield, em seu livro de 1854, cita algumas passagens das "notas so bre a América do Sul" do diplomata britânico. O volume das pranchæs é editado separadamente, sendo mais conhecido. 478

Não tivemos tão pouco possibilidade de conhecer o livro de Hamlet Clark, ministro protestante e colecionador de insetos,que es teve em Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro em fins de 1856 e inícios de 1857, publicando, dez anos mais tarde, suas "cartas".

Em sua viagem ao redor do mundo, Jean Baptiste Joseph Cham pagnac descreve o Brasil de modo geral, traçando um breve quadro his tórico de país, descrevendo algumas das principais cidades, entre elas Rio, Bahia e Pernambuco. Para falar da Bahia ("antigamente San Salvador" segundo ele), lança mão de Ferdinand Denis e não consegui mos chegar à conclusão se o autor esteve de fato na Bahia, dado à ausência do registro de experiências pessoais, limitando-se ao mera mente expositivo e descritivo. 480

<sup>477)</sup> Francis de Castelnau, Renscignements sur l'Afrique Centrale et sur une nation d'hommes à queuz qui s'y trouverart, d'après le rapport de négres du Soudan, esclaves à Bahia. Paris. P. Bertrand, 1851.

<sup>478)</sup> William Gore Ouseley. Views in South America from original drawings made in Brazil, the River Plate, the Parana. London. by Thomas Mac Lean 1852. Cf. também Tounay, 1942 o também in: Annaes do Museu Paulista, t.7, 1938, p.252.

<sup>479)</sup> Hamlet Clark, Letters home from Spain, Algeria and Brazil, during past entological rambles. John van Voorst, 1887.

<sup>480)</sup> Jean Baptiste Joseph Champagnac, Voyage autour du monde contenant la description geographique et pittoresque des divers pays. Paris, Morizot Libr. ed. A parte sobre a Bahia ocupa as pp.524 526.

Um outro viajante que esteve provavelmente na Bahia foi o inglês Hasting Charles Dent, particularmente importante para o estu do das questões de escravatura. O livro dele não pode ser encontra do nem no Brasil nem na Alemanha, não nos tendo sido possível consultá-lo. 481

Já tínhamos preparado todo um parágrafo sobre Alfred Marc, autor de um livro sobre o Brasil, querendo, pelo título, sugerir u ma "excursão através de suas vinte províncias", 482 quando verificamos que o autor, apesar da massa de informações sobretudo para o cam po da economia e da estatística, assim como para assuntos da agricul tura, descrevendo a Bahia com realismo, e colorido, nunca tinha estado no país.

Onde situar um Georg Adolph Stolze, com seu livrinho pan fletário em torno de "elocubrações de um mateiro no Brasil"? Ale mão emigrante, fazendeiro de Canavieira, no sul da Bahia, que procura, ao mesmo tempo em que dá informações variadas, defender a causa da colonização daquela região, revoltando-se com a preferência pelo sul brasileiro, cantando as excelências da terra fértil e pródiga, o clima benéfico, a produção e a colheita garantidas, sem abrir mão, contudo, de sua germanidade, considerando que se pode continuar a ser um bom alemão em qualquer parte. 484

O livro de Stolze já é do fim do éculo, 1895, mas há toda uma literatura encomiástica e convincente envolvendo essa complexa questão, e não caberia aqui estendermo-nos a respeito. Lembramos a penas que Stolze, no fim do século, e Freyreiss, na década de vinte, são dos poucos a terem escrito obras desse gênero, tendo a colonização da Bahia como meta e tema.

Talvez ainda pudéssemos evocar aqui os técnicos estrangei ros que, nas suas obras, muitas vezes ultrapassam um tratamento me

<sup>481)</sup> Hasting Charles Dant. A year in Brazil with notes on the abolition of slavery, the finances of the Empire, religion, meteorology, natural history, etc. Landon, Kagan Paul and Tranch.1886.

<sup>482)</sup> Alfred Marc. Le Brésil: excursion à travers ses 20 provinces. Paris, 1890.

<sup>483)</sup> Stolze, op.cit.

<sup>484)</sup> Ibidem, p.4

ramente especializado, fornecendo, aqui e ali, informações sobre usos e costumes, vida econômica e política, etc. Mas seria todo um a pêndice que não cabe propriamente na literatura de viagens. Lembramos apenas nomes como Hugh Wilson, encarregado de melhoramentos no Porto de Salvador, Wilhelm Friedrich Halfeld, geólogo e engenheiro a lemão, cujos mapas e relatórios sobre a exploração do Rio S. Francisco até hoje possuem validade, ou John Casper Eranner, com uma vasta bibliografia, tendo escrito sobre a geografia e geologia da região de S.Francisco, sobre assuntos de mineralogia, cultura de algodão e mui to mais. Mas um diário como o do Engenheiro Vauthier em Pernambuco, divulgado por Gilberto Freyre, não parece existir em relação à Bahia.

Não incluímos tão pouco a literatura virgem e de extremo valor que constituemos relatórios consulares, a correspondência diplomática, comercial e militar mantida pelos agentes das diferentes nações cujo governo tinha representações no brasil. Seria um trabalho a parte, de real importância e mesmo urgência, do qual damos como exemplo o relatório apresentado por Henry Hill a seu governo em 1808, ou ainda a documentação divulgada por Kátia Mattoso, a correspondência do Barão Albert Roussin, encontrada no arquivo do Ministério das Relações Exteriores da França, dirigida ao Ministro da Marinha, datada de 1822, com informações sobre a situação política e militar do Brasil, em especial da Bahia e Pernambuco, 486 ou ainda as onze cartas do Cônsul Jacques Guinebaud, datadas de 1824, escritas æ governo francês, sobre o mesmo assunto, e que foram postas ao conhecimento do público também pela Professora Kátia Mattoso. 487

A revista Navigator, em número comemorativo do Sesquicente nário da Independência do Brasil, divulgou as cartas do Comodoro Sir Thomas Masterman Hardy, vice-almirante que capitaneou o navio "Creo lo", ancorado no Rio de Janeiro, e depois na Bahia durante o período tempestuoso das lutas da independência, remetendo constantes relatórios da situação para Londres, em que testemunhou a gradativa perda

<sup>485)</sup> Gilberto Freyre, Diário intimo do Engenheiro Vauthier, Rio de Janeiro, 1940.

<sup>486)</sup> Kátia Mattoso, 1973, op.cit.

<sup>487)</sup> Idem, 1970, cp.cit.,

de posição dos portugueses, o cerco de Salvador, o movimento no interior, a total evacuação da cidade pelos portugueses, que cumulou com a definitiva ocupação da cidade por parte dos brasileiros a 2 de ju lho de 1823. Num conjunto de quarenta cartas e alguns anexos, podese acompanhar de modo bastante fiel o desenvolar dos acontecimentos dessa época marcante da história brasileira, e observar a posição das forças militares e navais estrangeiras, de maior ou menor neutralida de, durante esse período. As cartas são apresentadas no original, com breves resumos em português, trazendo ainda uma biografia do oficial britânico. 488

Um pouco posteriores, de 1828 a 1831, são os relatórios so bre o Brasil do Barão Emidio Antonini, chefe da primeira missão diplomática napolitana na América do Sul e que foram reunidos em forma de livro pelo Instituto Cultural Ítalo-brasileiro de São Paulo, conservadas em sua língua priginal, isto é, italiano. Grande parte das cartas ai contidas, muitas com o timbre de "reservado", encerram pre ciosa documentação a respeito da política interna e externa do sil, assim como pormenores pitorescos ou anedóticos, dignos de resse. Além de uma breve "apresentação" de Edcardo Bizzarri, a blicação traz os relatórios, divididos em três grupos segundo os des tinatários, datados ainda de Paris e de Londres (1828 e 1829)e os já feito no Rio de Janeiro (junho de 1829 a agosto de 1830), além de al guns apendices. 489 Segundo essa "apresentação", as cartas e relatorios do Barão Antonini estão guardados no Arquivo do Estado, de Nápoles, onde são conservados os documentos das relações entre o das Duas Sicílias e o Império do Brasil, de 1826 até junho de 1860.

Não nos ocorre mais nenhum autor cuja referência pelo menos tenhamos ouvido ou visto em algum lugar, mas fica-nos a certeza de que uma busca desse tipo não tem jamais um fim, e que sempre de novo emergirão do esquecimento e do anonimato outros viajantes que, escrevendo suas impressões de viagem, garantiram a imortalidade e contribuiram, de uma forma ou de outra, para o enriquecimento da historiografia brasileira.

<sup>488)</sup> Cf. Fevista Navigator, Subsidios para a História Marítima do Brasil, nº 5, junho de 1972. Com "A vide ∈ Carreire do Vice-Almirante Sir Thomas Nasterman Hardy", pelc Professor Brian Vale (pp.7-11) e "Cartas do Comodoro Sir Thomas Masterman Hardy", com resumos em português elaborados por Juanite Barral Dodd Farah (pp.12-64).

<sup>489)</sup> Antonini,op.cit.

<sup>490)</sup> Ibidem, p.6

Wills, Christ, Gottfreff v. Gelbrier's stempt. Cornall fie ben bie bitten Co-chicago name vom Constitute bir bitterious, ber beinfall Primari finn Confessions und tes Carlett, Don Loopenbelling films

Net en

durá

mehrere Probingen Brafifiens.

Mus feinen nachgelaffenen Papieren.

Erfter Ebeil.

Allgemeine Heberficht.

welle

Liegnih 1828. Dud ber Lintel, befoliobindeni bil E. D'erad.

#### A CIDADE. ASPECTOS TOPOGRÁFICOS E URBANÍSTICOS

"Epiteto após epíteto julgava-os eu demasia do inexpressivos para que transmitissem aqueles que nunca visitaram as regiões in tertropicais, uma idéia do deleite que en leva a mente nesses instantes".

Charles Darwin, Viagem de um naturalista
ao redor do mundo

"Foi um desses momentos felizes, em que se abre ao homem, virtualmente, um novo mundo, quando ele gostaria de possuir cem clhcs, para aprender as maravilhas desconhecidas que o invadem sem cessar e por todos os la dos; quando, no meio da alegria é tomado pela preocupação de não compreender tudo, não poder conservar tudo na lembrança".

Maximiliano da Austria. Reiseskizzen. Bahia

"Poucos espetáculos haverá no mundo tão belos e tão grandio sos como a chegada à cidade da Bahia", exclamava entusiasmado Dom Manuel de Almagro, em 1866.  $^{1}$ 

O viajante pasma ante o espetáculo que se desdobra a seus o lhos: a "entrada feérica" da Baía de Todos os Santos, "tão grande que talvez todos os navios a vela do mundo aí pudessem ancorar com segu rança", com uma vista "das mais belas que se podem imaginar", "superior a do Tejo", fazendo lembrar a de Constantinopla, mas entretan to inferior à de Nápoles, abrigando às suas margens "a cidade de S. Salvador da baía de todos os santos" que "se estende tanto para o les te da baía quanto o seu nome por extenso no papel", "anfiteatralmente, como um grande quadro", "situada no cimo e no declive de altíssi

<sup>1)</sup> Almagro, op.cit., p.11

<sup>2)</sup> Bornefous.op.cit., p.215

Asschenfeld, op.cit., p.16. O mesmo dissera Lindley em 1802: "ha vendo espaço para que se possam reunir sem confusão todas as esqua dras do mundo" (op.cit., p.160).

<sup>4)</sup> Tollenare, op.cit., p.279

<sup>5)</sup> Ibidem

<sup>6)</sup> Keith, op.cit., p.25. A Courcy são o burburinho e o colorido da cidade baixa que fazem lembrar Constantinopla (cf. p.63).

<sup>7)</sup> Keith, op.cit., p.25

<sup>8)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.19

<sup>9)</sup> Naeher, op.cit., p.67. A mesma expressão também foi empregada por Tollenare (op.cit., p.281), por Almagro: "una gran ciudad de grandes y hermosas casas dispuestas en anfiteatro" (op.cit., p.11),por Feldner, em 1816 (op.cit., p.220) e outros.

mo e alcantilado monte". 10

A vegetação tropical irrompe por entre "fileiras de casas o fuscantemente alvas" 11 "todas caiadas de maneira que, quando ilumina das ao sol do meio-dia, e vistas contra o fundo azul claro do céu do horizonte, mais parecem sombras que construções reais". 12 "Aqui e alí o solo de um vermelho vivo casa-se harmoniosamente com o telhado das casas", 13 "quase todas de vários andares". 14

No momento em que chega à terra, porém, o viajante se vê "mi seravelmente desapontado" e o demonstra abertamente. É interessan te observar as diferentes reações a respeito. Num pequeno detalhe co mo esse, o pesquisador poderá deduzir muito da posição do informante e do seu grau de objetividade, da impercialidade de seu testemunho, da carga de etnocentrismo ou de emotividade de suas observações. Embora todos sejam unânimes quanto à má impressão que a cidade baixa lhes causa, esse desagrado se manifesta diferentemente, e de modo bastante nuançado.

O Comandante O'Neil, por exemplo, em 1808, ao descrever a cidade, revela que "a parte baixa não é muito limpa, mas contém excellentes joalherias", acrescentando logo que "a parte alta" "é deliciosa, possuindo os panoramas mais lindos". 16

Asschenfeld, em 1848, limita-se a registrar que nessa parte inferior da cidade "as ruas são sujas", <sup>17</sup> sem outro comentário. E o capitão do "Albatrcs", cautelosamente refere-se primeiro as ruas are jadas e grandes praças da cidade alta, conservadas muito limpas, para só depois aludir à cidade baixa, explicando ser onde se encontram as casas das pessoas pobres, sendo muito abandonada e se podendo mesmo classificá-la de "pouco asseada". <sup>18</sup>

<sup>10)</sup> Graham, op.cit., p.144

<sup>11)</sup> Nasher, op.cit., p.67. Cf. também Gardner, op.cit., p.74

<sup>12)</sup> Darwin, op.cit., p.464

<sup>13)</sup> Graham, op.cit., p.144

<sup>14)</sup> Denis, 1957,p.59

<sup>15)</sup> Fitz-Roy, op.cit., p.62

<sup>16)</sup> O'Neil, op.cit., p.34

<sup>17)</sup> Asschenfeld, op.cit., p.18

<sup>18)</sup> Benko, op.cit., p.89. Talvez não seja inoportuno registrar como Gardner, em Pernambuco, se expressa quanto ao mesmo assunto: em quase todas as cidades do Brasil, a chuva é o único meio de limpe za e as ruos que são enladeiradas são desse modo conservadas "te leravelmente limpas", "mas, infelizmente, este não é o caso de Pernambuco" (op.cit.,p.80).

Poucos anos antes de Asschenfeld, em janeiro de 1843,o Príncipe Adalbert da Prússia passa apenas um dia na Bahia, de volta de sua grande excursão ao Amazonas e ao Xingu. Descreve rapidamente a cidade, em um único parágrafo, vendo-a construída "anfiteatralmente entre o mais refrescante verde de arborizadas elevações", coroando com "seus mais belos bairros as agradáveis colinas", prolongando-se pelo subúrbio da Vitória. 19 Refere-se ainda ligeiramente ao Passeio Público, ao Bonfim e ao Forte do Mar, e nem ao menos toca na cidade baixa, por onde certamente não deixou de passar.

A Michelena y Rójas, que visitou o Brasil no fim da década de 50, tão pouco interessaram "os horrores da Bahia", segundo expressão de Aurignac. "Apesar de estar muito familiarizado no decurso de minhas largas viagens com impressões dessa natureza", diz o viajan te espanhol, a vista da cidade de Salvador "deixará para sempre" nele "uma das recordações mais agradáveis" de sua vida. Da cidade baixa informa apenas que se comunica com a cidade alta "por boas ruas ou la deiras, calçadas de ladrilho ou macadame". 22

Outro é o tom, entretanto de Maria Graham, declarando de mo do extremado ser aquele "sem nenhuma exceção, o lugar mais sujo em que eu tenha estado", 23 no que repete Ferdinand Denis que, em sua correspondência familiar, em 1816, taxativamente considera a Rua da Praia "o lugar mais feio da terra". 24

O francês Biard, artista plástico que no Rio de Janeiro executou um retrato de D. Pedro II, "morreria de desgosto" só ao pensar na hipótese de passar alguns meses em tal lugar. 25 Indo mais longe ainda, Aurignac apressou-se, em 1877, em voltar a bordo, não permane

<sup>19)</sup> Adalbert von Preussen, op.cit., p.773

<sup>20)</sup> Aurignac, op.cit., p.9. Esteve no Brasil em 1877.

<sup>21)</sup> Michelena y Rójas, op.cit., p.657

<sup>22)</sup> Ibidem

<sup>23)</sup> Graham, op.cit., p.145

<sup>24)</sup> Denis, op.cit., p.17. Interessante observar que, quinze anos depois, em seu livro monográfico Le Brésil (editado em Paris. em 1837, e em versão brasileira, a 2a.edição pela Livraria Progresso Editora, na Bahia, em 1955), Denis limita-se a uma descrição mais objetiva da cidade, sem sequer referir-se ao estado de limpeza local (cf. p.57 do II vol. da edição brasileira). Isto se explica talvez por ser Le Brésil obra de gabinete, elaboração refletida e erudita de homem maduro, e conseqüentemente desprovida da esponta neidade de um relato de viagem de um jovem de menos de vinte anos.

<sup>25)</sup> Biard, op.cit., p.41

cendo em Salvador senão algumas horas, o suficiente para concluir que "afora alguns conventos, as casas são feios pardieiros, as ruas de  $\underline{\circ}$  diosa sujeira e abarrotadas de negros, que em nada ficam devendo  $\hat{a}$ s ruas".  $2^6$ 

Alguns tentam explicar a razão de tanta repulsa. Daniel Kid der, considerando que "a cidade baixa não oferece atrativos para o es trangeiro", esclarece que "a sargeta fica mesmo no meio, de maneira que a rua se torna asqueirosamente imunda", 27 exatamente o que disse ra Maria Graham uma década antes, de modo ainda mais minucioso: "A rua (...) ocupa aqui a largura de toda a cidade baixa da Bahia (...). É extremamente estreita; apesar disso, todos os artifices trazem seus bancos e ferramentas para a rua. Nos espaços que deixam livres, ao longo da parede, estão os vendedores de frutas, de salsichas, de chou riços e de peixe frito, de azeite e doces, negros trançando chapéus ou tapetes, cadeiras com seus carregadores, cães, porcos e aves domés ticas, sem separação nem distinção; e como a sargeta corre no meio da rua, tudo ali se atira das diferentes lojas, bem como das janelas. Ali vivem e alimentam-se os animais. Nessa rua estão os armazêns e os es critórios dos comerciantes, tanto estrangeiros, como os nativos: 28

Anos se passam e o estado das coisas não parece mudar muito, como a descrição de Wetherell, em 1855, o demonstra: "De manhã, ao se passar pelas ruas da cidade baixa, o nariz do transeunte é assaltado por uma profusão de cheiros", e isso devido sobretudo às diferentes frituras que se fazem por ali, exalando todas "um cheiro horrível", de tal modo que "não pode agradar a ninguém permanecer ali, a não ser a título de pura curiosidade". Em Asschenfeld, o olfato é menos sensível que a audição: "negros sobra; ando cargas molestam o ouvido com sua cantoria alta e desarmoniosa." 30

Talvez a admiração causada pela visão, ainda a bordo, da ci dade longínqua, a "entrada feérica" na baía, cuja "grandeza pacífica" e "majestade infinita" tem sido ressaltada em uníssono por todo re

<sup>26)</sup> Aurignac, op.cit., p.8

<sup>27)</sup> Daniel Kidder, op.cit., p.7. No livro que Flechter, anos mais tarde publicou baseado em parte nas anotações de Kidder, lê-se: "A cidade baixa não foi calculada para causar uma favorável impres são ao estrangeiro" (Kidder e Flechter, O Brasil e os Grasileiros, 1941, vol. II, p.197).

<sup>28)</sup> Maria Graham, op.cit., p.145

<sup>29)</sup> Wetherell, op.cit.,p.99 e s.

<sup>30)</sup> Asschenfeld, op.cit., p.18

<sup>31)</sup> Ferdinand Denis, 1955, II, p.55

cém chegado, fizesse crescer em razão inversa o impacto face à realidade da terra firme, que o desembarque na zona da "Praya" não podia deixar de provocar. Essa decepcionante impressão pode ser acompanha da através de toda a centúria, prolongando-se mesmo pelo século XX. Em 1909, o Dr. Latteux, médico e chefe do laboratório de clínica ginecológica na Universidade de Faris, em sua passagem pela Bahia, afirma que, ao saltar em terra, andou "em meio a imundícies e detritos sem nome", concluindo: "É infecto. Acreditar-se-ia estar em certas cidades do Oriente, por onde jamais passou uma vassoura". No que a penas repete Keith, que cem anos antes, exclamava: "Não há lugar de tal extensão e importância tão sujo, tão miserável e tão asqueiroso, em todo o sentido da palavra." 33

Deixando as reações, por assim dizer afetivas, embora desencadeadas por causas concretas, dos visitantes estrangeiros, tenta remos esboçar o aspecto topográfico da cidade, segundo as diversas descrições que temos em mão.

### A Cidade Baixa

A Cidade Baixa resumia-se "numa única rua paralela à prai a", 35 mais tarde provida de estreito; e irregulares becos perpendi culares, como descreve, na década de oitenta, o capitão do "Albatros", ressaltando que se está tentando melhoras urbanísticas: 36 pastor alemão Schwieger, quase no fim do século, refere-se a "uma série de ruas calçadas, tão estreitas quanto sujas e tristes." 37

Ali, o cais do porto, com seus trapiches "que ostentam proporções enormes" sendo, "ao que se afirma, dos maiores do mundo", 38 atraem a atenção de imediato. Seguem-se os edifícios da Alfândega,

<sup>32)</sup> Latteux, A travers le Brésil Au pays de l'Or et des Diamants. Paris, Ailland Alves et Cie. 1910, p.82.

<sup>33)</sup> Keith, op.cit., p.26

<sup>34)</sup> Não intencionamos fazer aqui uma descrição exaustiva da cidade. Para maior detalhes, remetemos a Vilhena, A Bahia no século ... XVIII, op.cit., vol.I.

<sup>35)</sup> Kidder, op.cit., p.7, ou também Lindley, op.cit., p.160

<sup>36)</sup> Benko, op.cit., p.84

<sup>37)</sup> Henry Schwieger, op.cit., p.117

<sup>38)</sup> Kidder, op.cit., p.7

"por onde passam todas as mercadorias estrangeiras"<sup>39</sup> e do Consulado "pelo qual devem transitar as exportações da província,"<sup>40</sup> o arsenal e mais adiante o da Bolsa, prédio moderno e majestoso, "com um bonito jardim arborizado e uma fonte", <sup>41</sup> mas pouco utilizado para o fima que se destinava, como observou Martius em 1817, <sup>42</sup> o mesmo sendo con firmado por Kidder em 1839 <sup>43</sup> e por Avé-Lallemant quando, vinte anos mais tarde, visitou o norte do país: "o comércio alemão, pelo menos, reune-se de preferência na "esquina" e procede exatamente como os an tigos germânicos: faz seus negocios diante da cerveja..." <sup>44</sup> Como se vê, não são só os brasileiros que rejeitam os amplos salões construí dos para tal fim, como pensou também Tschudi, já na década de sessen ta<sup>45</sup>, ou Detmer, no fim do século. <sup>46</sup>

Na Cidade Baixa está instalado o grande comércio e também o colorido mercado, onde são oferecidos, "sob árvores verdes, saboro sas frutas e legumes, camarões e peixes, macacos e papagaios, maravilhosas araras coloridas ou azuis cor de aço, além de genuínos cristais de rocha e lindas ametistas azul claro", 47 numa tal profusão de

<sup>39)</sup> Ibidem

<sup>40)</sup> Ibidem

<sup>41)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.54. Cf. também a opinião contrária ex pressada por Ferdinand Denis em seu *O Brasil*, à p. 57 do 2º vol. "A Praça do Comércio da Bahia é uma vasta casa construída segundo um estilo híbrido querendo imitar o grego, e assemelha-se an tes a uma grande loja de bebidas, que a um edificio destinado às transações comerciais mais importantes da província."

<sup>42)</sup> Spix 8 Martius já em 1817 expressavam seu espanto pelo pouco uso que se fazia do estabelecimento (cf. Spix e Martius, Pela Bahia, Bahia, 1928, p.56). Cf. também Tschudi, em 1866, que disse o mes mo.

<sup>43)</sup> Kidder, op.cit., p.7

<sup>44)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.54

<sup>45) &</sup>quot;Os comerciantes baianos, segundo me informaram, em geral não gostam dessas frias salas "preferindo" resolver seus negócios nos bares mais próximos, com vinho do porto e champagne" (Tschudi, op.cit., p.40).

<sup>46)</sup> Detmer (op.cit., p.30) confirma o mesmo, em 1895: "os comerciantes tratam de seus negócios em geral na rua".

<sup>47)</sup> Schwieger, op.cit., p.117. Maria Graham, na segunda década do século, traz mais ou menos a mesma descrição, acrescentando que a li ficava também o mercado de escravos (cf. Graham, op.cit., p. 150). E Wetherell (op.cit., p.41) apresenta um quadro muito vivo sobre o mesmo tema. Interessante notar que, em 1895. Detmer descreve um outro mercado, não mais ao ar livre; com barracas distribuídas em rualas, à semelhança dos atuais mercados cobertos. Mas o alarido e o tipo de mercadoria é o mesmo (cf. Detmer, op.cit., p.31).

cores e odores, sons e formas que o estrangeiro fica atordoado, 48 de modo que, "quando não se tem mais o que tratar nessa parte da cidade, procura-se deixá-la com prazer". 49

Na segunda década de oitocentos, Rugendas informa que "as casas têm em geral três, quatro e mesmo cinco andares, mas não com portam senão três ou quatro janelas nas fachadas". <sup>50</sup> E é devido "ā falta de espaço" que se teve que construir essas "casas altas e ruas estreitas, onde não circula senão um ar quente, pesado e carregado de miasmas nauseabundos". <sup>51</sup>

Silva Lima assim descreve a cidade baixa de 1840: "ruas es treitas, escurecidas (...) por altos edifícios, alguns dos quais ain da tinham nos andares superiores largas varandas, cercadas de rótulas de madeira e bastantes espaçosas. (...) As ruas eram calçadas em planos inclinados e convergentes para o centro, por onde corriam as aguas pluviais, cahindo das telhas sobre os passeios e os transeuntes". 52

Ali moravam os negros livres, os carregadores e os estiva dores, 53 em miseráveis mansardas. Sob uma série de arcadas, estavam estabelecidos os merceeiros, os ourives, os joalheiros com suas mer cadorias miúdas 54 e que tanto impressionaram O'Neil. 55 Fletcher refere-se ainda à Rua Nova do Comércio, cujas "principais casas comerciais... compoém o mais belo bloco de edifícios do Brasil -talvez de toda a América do Sul", capazes de "adornar os bairros comerciais de Londres, Paris ou Nova-Iorque". 56

<sup>48)</sup> Tollenare (op.cit., p.281), em 1817, usa a mesma expressão que Asschenfeld, anos mais tarde (cf. op.cit., p.18).

<sup>49)</sup> Tollenare, op.cit., p.281-282

<sup>50)</sup> Rugendas, op.cit., p.52

<sup>51)</sup> Mouchez, op.cit., p.46. Goegg, em 1880, espanta-se ainda com a altura das casas (cf. op.cit., p.115).

<sup>52)</sup> Silva Lima, 1907, p.94. Conviria talvez verificar o que diz Vilhena a respeito (op.cit., I vol., pp-91 e 92). Mouchez (op.cit., p.46) diz o mesmo: "as ruas são o escoadouro natural de todos os riachos, de todas as imundícies da cidade alta, e, o que é pior ainda, de tudo o que se joga pela janela". E adverte: "haveria pois grave inconveniente de ali se aventurar depois do por do sol".

<sup>53)</sup> Benko, op.cit., p.84

<sup>54)</sup> M. Graham, op.cit., p.150

<sup>55)</sup> D'Neil, op.cit., p.34

<sup>56)</sup> Kidder e Fletcher, op.cit., p.197

Todo o mundo passa a manhã na cidade baixa: o negociante, o médico, o artesão, o funcionário, o advogado, o cambista. Ao meio-dia, a maior parte come alguma coisa por ali mesmo, e às cinco horas todos voltampara casa, 57 na cidade alta.

Os dois níveis de cidade estão ligados por "meia dúzia de rampas, extremamente íngremes, incômodas e mesmo perigosas"; 58 "sete calçadas", na descrição de Vilhena, do fim do século XVIII. 59 Para não arriscar a "perder o pé, rolar até em baixo", 60 deve o viajante proceder como todos do lugar, isto é, aceder a um dos muitos "cadeira, senhor", "sol está munte quente hoje", 61 gritados convidativamente pelos negros, e usar esse bizarro meio de transporte. Ao ser de positado no termo da viagem, encontrará "a cidade do luxo, dos conventos e do repouso", 62 habitada pela burguesia, pelos empregados públicos, pelos negociantes e pelos estrangeiros. 63

#### A Cidade Alta

A maioria dos visitantes deixa escapar observações sobre o contraste entre as duas partes da cidade, manifestando uma impressão muito mais favorável, sentindo-se "recompensados" da decepção anterior, da se depararem com "belos passeios e boas ruas", 5 "mais largas, calçadas e bem alinhadas", 6 "mais limpas", 67 "mais longas", 68

<sup>57)</sup> Cf. Asschenfeld, op.cit., pp.48-49

<sup>58)</sup> Tollenare, op.cit., p.282. Mas lembramos que, na década de 50,Mi chelena fala das "buenas calles o rampas, empedradas de ladrillo o makadam" (cf. Michelena, op.cit., p.657), embora não se queira desmerecer a informação de Tollenare, é preciso ver que outros di vergem dele.

<sup>59)</sup> Vilhena, op.cit., vol. I, p.44

<sup>60)</sup> Tollenare, op.cit., p.282

<sup>61)</sup> Asschenfeld, op.cit., p.48

<sup>62)</sup> Mouchez, op.cit., p.45

<sup>63)</sup> Silva Lima, op.cit., p.115

<sup>64)</sup> Lamberg, op.cit., p.176

<sup>65)</sup> Denis, 1957, p.18

<sup>66)</sup> Tollenare, op.cit., p.282

<sup>67)</sup> Rugendas, op.cit., p.52

<sup>68)</sup> Benko, op.cit., p.85

com"bonitas fileiras de casas"<sup>69</sup>..., "espaçosas e ornadas de jardins", <sup>70</sup> com praças amplas, edifícios representativos, o conjunto se estendendo por "um vasto planalto, sem cessar refrescado pelas brisas marinhas", <sup>71</sup> podendo-se "gozar de toda parte do magnífico pano rama da baia", <sup>72</sup> tornando-se ao europeu "difícil encontrar em outro ponto da costa brasileira uma estada mais agradavel". <sup>73</sup>

Depende, talvez, por que caminho se atinge a cidade alta, nem sempre a primeira impressão sendo tão cordial quanto as acima <u>e</u> numeradas. Avé-Lallemant, em 1859, assim se expressa:

"Em cima, no alto, para o interior, a cidade alta, continuação alcantilada da cidade baixa, uma babel de casas, igrejas, con ventos, um caos de vielas, praças, recantos, becos e travessas, que sobem e descem, e em cuja conexão, só depois dalgum tempo, pode o recem-chegado descobrir alguma ordem".  $^{74}$ 

Lamberg, embora encantado com o panorama e as "grandes ebelas praças", 75 espanta-se em 1885, com a "irregularidade do traçado das ruas" e com o tipo de arquitetura das casas, em geral "pouco bonito". 76 Da mesma forma, Hänsel, em 1893, qualifica as ruas da cida de alta de 'estreitas, curvas e angulosas". 77

Os autores estrangeiros não trazem em geral uma descrição minuciosa da topografia da cidade, enumerando tão somente o que lhes chamava a atenção de algum modo. Nos fins do século XVIII, Vilhena informa que há na cidade alta "muitos edifícios nobres, grandes con ventos e templos ricos e asseados", 78 contando na época com três praças e seis bairros, 79 descrevendo-os pormenorizadamente, no que os comentários posteriores de Brãs de Amaral não ficaram atrás, numa ex

<sup>69)</sup> Asschenfeld, op.cit., p.19

<sup>70)</sup> Mouchez, op.cit., p.48

<sup>71)</sup> Ibidem

<sup>72)</sup> Ibidem

<sup>73)</sup> Ibidem

<sup>74)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.20. Cf. também Detmer, op.cit., p. 35

<sup>75)</sup> Lamberg, op.c1t., p.18

<sup>76)</sup> Ibidem

<sup>77)</sup> Hänsel, op.cit., p.34

<sup>78)</sup> Vilhena, op.cit., I, p.44

<sup>79)</sup> Ibidem

celente atualização e complementação do quadro traçado pelo velho professor de grego, dando ao estudioso moderno uma noção bastante exata e fiel do centro da Salvador oitocentista, do seu conservadorismo e dos seus progressos urbanísticos.<sup>80</sup>

Tollenare refere-se à "praça defronte do antigo colégic dos jesuítas", <sup>81</sup> que "é grande e decorada de duas belas igrejas", <sup>82</sup> uma das quais, "a grandiosa igreja dos antigos jesuítas", <sup>83</sup> foi a que deu nome ao lugar, tendo sido considerada em 1802 por Lindley como "sem dúvida a construção mais elegante da cidade", <sup>84</sup> afirmação aliás cor roborada ao longo do século. <sup>85</sup>

A praça do governo "é menos vasta, porém mais regular", <sup>86</sup> ostentando em um dos lados o palácio dos governadores, em outro a ca sa da moeda, além da prisão <sup>87</sup> e do senado. A presença da Casa da Re lação pode ser registrada até a década de 60. Mais tarde os forasteiros ali deparavam com a plataforma do elevador. <sup>88</sup>

## Arquitetura Civil

O palácio dos governadores, como as demais construções do centro da cidade, são sempre referidas pelos viajantes estrangeiros, ao lado da Alfândega, do Arsenal, <sup>89</sup> e da Bolsa, na Cidade Baixa, e

<sup>60)</sup> Ibidem, pp.111-119. Para o início do século XIX, cf. também a Chorographia do Imperio do Brasil, de Domingos José Antonio Rebello, publicada em 1829 na Bahia.

<sup>81)</sup> Tollenare, op.cit., p.282

<sup>82)</sup> Ibidem

<sup>83)</sup> Lindley, op.cit., p.161. A antiga igreja dos jesuítas é hoje a Catedral Basílica, tendo sido a Sé Velha destruída no começo do séc. XX.

<sup>84)</sup> Ibidem

<sup>85)</sup> Cf. Nota 203

<sup>86)</sup> Tollenare, op.cit., p.282

<sup>87)</sup> Excelente descrição da prisão (com conhecimento de causa...) é feita por Lindley (op.cit., pp.86 e 93). Para os naturalistas — Spix e Martius, a presença da cadeia "imprime a esse trecho da ci dade um carácter tristonho" (Spix e Martius, op.cit., p.62).

<sup>88)</sup> Cf. os comentários a respeito, feitos por Brás de Amaral (vide nota acima). O elevador foi erigido em 1869.

<sup>89)</sup> Sobre a situação do porto, do arsenal e dos estaleiros, cf. por exemplo o relatório da Corveta Aurora, de 1886, op.cit., p.9.

das múltiplas igrejas e conventos espalhados por toda parte.

A opinião quanto às qualidades arquitetônicas e estéticas desses edifícios varia muito. Para Maximiliano de Wied-Neuwied, por exemplo, a "arquitetura é pesada", 90 ou "massiça, sem o menor gosto", segundo Mouchez, em 1866. 91 Ao aludir aos edifícios públicos, Rugen das os considerou "mais notáveis pelo tamanho do que pela beleza", 92 e Ferdinand Denis concorda em se tratar de edificações sólidas, porém pouco elegantes. 93 Dugrivel, em 1843, justifica sua opinião de considerá-los bonitos: "relativamente ao país, entende-se". 94 o pastor americano Fletcher, escrevendo em 1857, considerou que tanto as igrejas como os edifícios públicos, embora sendo de grandes proporções, apresentam aspecto provinciano. 95

A residência do vice-governador era ao tempo de Lindley um "edifícic velho e insignificante", $^{96}$  "dignificado com o nome de palácio", ironiza Keith em 1805. $^{97}$ 

Com o Conde dos Arcos, no plano dos embelezamentos e melhorias da cidade, figurou também a construção de um novo palácio que, na opinião de um outro inglês, James Prior, em 1813, era "inferior ao do Rio de Janeiro", 98 considerado em 1816 por Feldner como "mau construído", 99 um edifício quadrangular com bom arejamento e bela vista, 100 embora "de arquitetura simples e sem importância". 101

<sup>90)</sup> Wied-Neuwied, op.cit., p.449

<sup>91)</sup> Mouchez, op.cit., p.49

<sup>92)</sup> Rugendas, op.cit., p.52

<sup>93)</sup> Denis, 1955, p.58

<sup>94)</sup> Dugrivel, op.cit., p.359

<sup>95)</sup> Kidder e Fletcher, op.cit., p.208

<sup>96)</sup> Lindley, op.cit., p.163

<sup>97)</sup> Keith, op.cit., p.26. Turnbull, como seus dois outros conterráneos, diz o mesmo anos antes, em 1800: "a casa em que o vice-red mora tem esse nome" je palácic (op.cit., p.9).

<sup>98)</sup> Prior, op.cit., p.101

<sup>99)</sup> Feldner, op.cit., p.206

<sup>100)</sup> Ibidem

<sup>101)</sup> Spix e Martius, op.cit., p.61. Segundo Domingos Rebello, em 1829, "O Palácio do Presidente da Província... ach: "38 bem para mentado" (apud Spix e Martius, op.cit., p.61, nota 10).

Em 1866, o inglês Scully informa que o palácio do presiden te da província "estava em péssimas condições até a administração de Mr. Sinimbu, que o consertou e o renovou, e cujo gosto refinado, se cundado pelos sábios conselhos de sua culta esposa, uma senhora de origem inglesa, que dirigiu a instalação interna, transformou-o em um verdadeiro palácio". 102

Sobre o "belo teatro S. João", 103 no dizer de Ferdinand De nis, localizado em um quarteirão próximo ao palácio governamental, 104 há muitas referências. Tendo sido começado em 1806 e inaugurado em 1812 pelo Conde dos Arcos, por muitas décadas foi o único palco de Salvador, se deixamos de lado a velha Casa de Ópera que, segundo Lin dley, entre os seus conterrâneos "seria denominada de celeiro", 105 e a qual provavelmente não foram muitos dos visitantes estrangeiros, pois "as suas vias de acesso são tão sujas que tornam muito desagra dável ir 1á". 106

Quem primeiro faz referências ao teatro São João é c médico sueco Gustav Beyer, que passa na Bahia no verão de 1813, informando que o "novo edifício da ópera" domina a cidade. 107

Situado numa posição privilegiada, dali se descortinando belíssimo panorama da baía, do porto e da cidade, a praça em que foi erigido, 108 que "é a parte mais elevada da cidade", 109 foi considera

<sup>102]</sup> Scully, op.cit., p.351

<sup>103)</sup> Denis, 1957, p.18

<sup>104)</sup> Tollenare, op.cit., p.283

<sup>105)</sup> Lindley, op.cit., p.179.Cf.Boccanera Jr..O Theatro na Bahia. Bahia, Dfficinas do "Diario da Bahia", 1915, p.262.

<sup>106)</sup> Lindley, op.cit., p.179. Maria Graham refere-se à "Ópera" como sendo "um belo edifício", e muito confortável, tanto para os es pectadores como para os atores (op.cit., p.152). Estaria a viajante inglêsa se referindo de fato ao velho sobrado da Rua do Saldanha, contrariando com isso a informação de Lindley, ou teria havida uma outra casa de espetáculos, o que seria improvêvel, uma vez que o Teatro S. João já tinha sido começado em 1806. Seria ainda possível que Graham tivesse estado neste último mas, segundo Boccanera Junior, justamente na época em que Maria Graham estava na Bahia, o Teatro S. João encontrava-se fechado. (Boccanera Jr., op.cit., p.66).

<sup>107)</sup> Beyer, op.cit., p.275

<sup>108)</sup> Trata-se da atual Praça Castro Alves. O teatro desapareceu em 1923, num incêndio.

<sup>109)</sup> Tollenare, op.cit., p.183

da pelo muito viajado Maximiliano da Austria como "surpreendente" 110

Tollenare traz uma descrição cuidadosa desse "nobre edificio que faria honra a uma das nossas cidades de segunda ordem em França", 111 dando-o com "quatro ordens de camarotes espaçosos e muito e levados para evitar os inconvenientes do calor", 112 com capacidade para duas mil pessoas, "passavelmente decorado", 113 e cujo salão se comunica com um café, um bilhar e uma sala de jogo. 114 Em 1854, Wetherell, contrariamente a Tollenare, cujas observações datam de quarem ta anos antes, considera as salas bem iluminadas e ricamente mobilizadas. 115

Martius adverte que a casa de espetáculos quase nunca está cheia, e "raramente se reune uma assemblea proporcional à população do logar". 116 Tollenare ressalva que as senhoras da alta sociedad. não comparecem aos espetáculos, supondo que tal ausência seria devida à exibição do lundu. 117 Os dois naturalistas bávaros, entretanto que estiveram na Bahia pouco antes do negociante francês, informam que "nas ocasiões de festas se enchem as três ordens de camarotes do espaçoso edifício, de senhoras e cavalheiros, luxuosamente vestidos e a platea, com variada multidão de homens de todas as cores e clas ses". 118 E em 1859, Avé-Lallemant, tendo assistido por duas vezes ac "Don Juan", registra, referindo-se ao auditório, que "o mundo brasileiro apresentou-se também da mesma maneira, seleto e distinto". 119 Não haveria senhoras entre as "figuras agradáveis nos camarotes", 120

<sup>110)</sup> Maximiliano, 1860, op.cit., p.46

<sup>111)</sup> Tollenare, op.cit., p.183

<sup>112)</sup> Ibidem

<sup>113)</sup> Ibidem

<sup>114)</sup> Ibidem

<sup>115)</sup> Wetherell, op.cit., p.79. Também Wetherell fala na "Ópera",ma. aqui não resta dúvida, pela descrição, de que se trata do teatro S. João.

<sup>116)</sup> Spix # Martius, op.cit., p.78

<sup>117)</sup> Tolleners, op.cit., p.29D. Sobre o lundu no teatro, cf. Boccane ra Junior, op.cit., p.123.

<sup>118)</sup> Spix e Martius, op.cit., p.79

<sup>119)</sup> Avé-Lallement, op.cit., p.47

<sup>120)</sup> Ibidem. Ainda um pequeno detalhe sobre a vida teatral: Em 1848, Asschenfeld observa que as apresentações começam muito tarde, freqüentemente terminando depois da meia-noite, como é costume entre os ingleses (cf. Asschenfeld, op.cit., p.49). Tschudi confirma isto (cf. op.cit., I. p.49).

por notadas pelo médico alemão?

Menos sobre a aparência e as instalações do teatro, os via jantes demoraram-se em discorrer sobre a qualidade das peças apresen tadas, dos atores, da música e da encenação.

É preciso conhecer o quadro cultural onde esses visitantes estavam inseridos em seus países de origem, lembrar o alto nível a que chegara o teatro na França, na Inglaterra ou na Alemanha, para compreender melhor o que se passava no íntimo do europeu ante tais a presentações. Ferdinand Denis escreve longamente à família, em 1817, comentando, escandalizado, a encenação da peça "Os sacrifícios de É figênia", concluindo depois de seu desalentador balanço: "tal é, sem exagero, a maneira como se representa a tragédia na Bahia, a segunda cidade do país". <sup>121</sup> Martius julgava ter encontrado a explicação ade quada para tal situação: "o clima é por demais quente para os assun tos trágicos e, além disto, o nortista prefere para seu divertimento ligeiras apresentações engraçadas e alegres, às grandiosas criações de um Calderon, Shakespeare, Racine ou Schiller..."

Maria Graham, estando uma vez na ópera, julgou os atores maus, sendo porém melhores os cantores e a orquestra "muito tolerável". 123 E acrescenta o detalhe de que, durante a apresentação,o público ria, comia doces e tomava café, esquecido do espetáculo. 124 Wetherell também considera muito ruim a qualidade das encenações has, apesar disso, "embora as peças apresentadas sejam ou péssimas traduções de obras francesas, ou estúpidos dramalhões portugueses, e os cenários e o vestuário dos atores sejam dos mais pobres, os teatros estão quase sempre repletos". 125 Avé-Lallemant, ao contrário de Maria Graham, nas duas ocasiões que esteve na ópera, achou a orquestra péssima, e o desempenho regular, tecendo intolerantes críticas aos a tores não europeus, não se podendo ver, "em nenhum palco,coristas de feições mais horrendas nem iguais comparsas" como as que ele teve o casião de presenciar na Bahia. 126

<sup>121)</sup> Denis, 1957, p.71 g s.

<sup>122)</sup> Spix e Martius,op.cit., p.78. Nesse contexto, a leitura do livro de Boccanera Jr., O theatro na Bahía, já aqui citado tantas vezes, com seus rasgos de eloqüente entusiasmo pela "arte" baiana, pode trazer uma curiosa contribuição ao estudo de opiniões.

<sup>123)</sup> Maria Graham, op.cit., p.152

<sup>124)</sup> Ib1dem

<sup>125)</sup> Wetherell, op.cit., p.79

<sup>126)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.47

Apenas como termo de comparação, lembramos aqui o testemu nho de um outro viajante, o francês Gaston Lemay que, em 1879, visitou o Rio de Janeiro, tendo a oportunidade de assistir ao "Fausto", no teatro carioca. Eis como ele expressa as suas impressões daquela noite: "A interpretação da obra de Gounod, como canto e como teatra lização, era um pouco abaixo do mediocre. Pelo menos esta foi a minha impressão. Mas, notem os senhores que é um parisiense quem está falando, e o Sr. Halanzier lhes poderá dizer que os parisienses são muito difíceis..." 127

A Biblioteca Pública também é sempre nomeada pelos viajan tes. Instalada pelo Conde dos Arcos, em 1811, em um salão sobre a sa cristia do Colégio dos Jesuítas, com um acervo inicial de cerca de 3.000 volumes, <sup>128</sup> foi visitada por muitos estrangeiros, movidos ora por simples impulso de curiosidade, ora para ali trabalhar.

James Prior, que a visitou dois anos depois de sua fundação, calcula em 5.000 o número de obras, acrescentando lá ter visto jornais em diferentes línguas e panfletos da Inglaterra. Em 1815, Wied Neuwied lhe dá 7.000 volumes, revelando ali se possuírem "até várias obras novas sobre todos os ramos do conhecimento". 130 Ferdinand Denis, em 1817, avalia em 8.000 os livros existentes, assina lando a ausência de obras em línguas orientais, e se propondo a compilar alguns elementos da língua turca, língua que conhecia bem, para presentear o pequeno trabalho, decorado com vinhetas de um amigo seu, aquela instituição pública. 131

Tollenare, em 1817, é talvez mais realista que seu jovem conterrâneo, reduzindo a cifra para 4.000, ressaltando serem, porém, todas obras bem escolhidas e das quais pelo menos 3.000 são em fran

<sup>127)</sup> Gaston Lemay, A bord de la "Junon". Gibraltar. Madère. Les iles du Cap Vert. Rio de Janeiro. Montevideo. 5.27.58 Ayres, Le Detroit de Magellan, etc.. Paris. G. Charpentier, 1881, p.95. To caram no Rio de Janeiro em 1878.

<sup>128)</sup> Cf. Spix e Martius, op.cit., p.63 (note do tradutor). Cf.também Maria Beatriz Nizza da Silva. A Livraria Publica da Bahia em 1818: obras de História, in: Revista de Historia, nº 87. Sōc Paulo, 1971, pp.225-240. Cf. ainda Pedro Ferrão Castelo Branco, Plano para o estabelecimento de uma Bibliotheca publica na Cidade de São Salvador, documento reproduzido no Correio brasilianse. VII (1811), pp.219-223. Antonio Ferrão Moniz. Catalogo Geral da obras de Sciencias e Litteratura que contem a Bibliotheca Publica da provincia da Bahia, I/2, pp.43-52.

<sup>129)</sup> Prior, op.cit., p.105

<sup>130)</sup> Wied-Neuwied, op.cit., p.448

<sup>131)</sup> Denis, op.cit., p.72

cês,  $^{132}$  confirmando Prior quanto aos jornais e gazetas francesas ein glesas que alí havia, "mas atrasadas e incompletas".  $^{133}$  Na mesma  $\stackrel{?}{\underline{e}}$  poca, Martius calcula o acervo em 12.000 volumes,  $^{134}$  não se tendo con dições para apurar a quantidade exata. Domingos Rebello, em 1829, dã a cifra de 6.600 volumes.  $^{135}$ 

Ludwig Riedel, nos poucos dias passados na capital, antes de seguir para Ilhéus, observando na oportunidade ser a Biblioteca não "muito rica", ali faz 'um extrato de uma Corografia do Brasil. 136

Wetherell nos faz uma descrição preciosa do local,informan do ser c teto circular "ricamente adornado com pinturas alegóricas e motivos arquiteturais. Os livros são guardados em caixas de metal e parecem estar muito bem conservados, embora seja impossível evitar de todo a ação destruidora dos insetos". 137 E dá em seguida a razão dessa tão grande variabilidade das estimativas a respeito do acervo da biblioteca: "Creio que existem ali uns doze mil volumes, mas não posso afirmá-lo pois nunca foram catalogados". 138 Em seu primeiro li vro de viagens à América do Sul, Hadfield, que passou na ocasião ape nas um dia na Bahia, em 1854, transcreve uma página de Sir W. Gore Que seley, encarregado dos negócios ingleses na Corte, em que são regis trados de 60 a 70 mil volumes na biblioteca da Bahia. 139 Dez aros mais tarde, o suíço Tschudi calcula o acervo da mesma biblioteca em 16.000 volumes... 140

Os visitantes estrangeiros manifestam-se naturalmente quan to ao grande problema do alojamento, com o qual se defrontam logo ao chegar.

<sup>132)</sup> Tollenare, op.cit., p.320

<sup>133)</sup> Ibidem

<sup>134)</sup> Spix e Martius, op.cit., p.63

<sup>135]</sup> Ibidem, Em 1839, segundo Kidder (op.cit., p.11), a biblioteca einde não tinha atingido a soma registrada por Spix e Martius, e vinte anos mais tarde, isto é, em 1859, Avé-Lallement (op.cit. p.53) dá a cifra de 16.054 volumes, o que mostra o abandono e que a biblioteca estava relegada. Sobre o Catálogo dos livros que se acham na Livraria Pública da Cidade da Bahia, em maio de 1818, relacionando 5.361 volumes completos mais 426 truncados, cf. Maria Beatriz Nizza da Silva, op.cit.,

<sup>136)</sup> Cf. folha 47 do manuscrito inédito de Ludwig Riedel.

<sup>137)</sup> Wetherell, op.cit., p.60

<sup>138)</sup> Ibidem

<sup>139)</sup> Hadfield, 1854, p.122

<sup>140)</sup> Tschudi, op.cit., p.44

"A Bahia está miseravelmente desprovida de acomodações para os estrangeiros, e não se conhece nenhuma hospedaria", queixa-se Lindley, em 1802, 141 acrescentando que as casas de pasto, reconhecidas por uma bandeira tricolor no alto das portas, "são de uma inconcebível sujeira". 142 Southey, em sua "História do Brasil", comenta, embora nunca tenha estado no Brasil, que "mal se poderia sentir esta falta, enquanto com país nenhum se mantinham relações afora a mãe pátria, não chegando pois da Europa ninguém que não tivesse parentes ou conhecidos no lugar ou viesse munido de cartas de recomendação 143

Essa triste fama deve ser de fato grande, pois o mineralogista inglês John Mawe, que durante os anos de 1809 e 1810 esteve no Brasil, escrevendo sobre a Bahia, informou que ali "os hoteis e hos pedarias são tão maus -senão piores- que os de qualquer outra região do Brasil". 144

Passam-se os anos, e a situação parece não ter mudado. O médico português Silva Lima, em sua crônica de costumes de 1840, lem bra que naquela época não havia nem hospedarias nem estalagens, só existindo um hotel, o Figueiredo, "para onde quase que só iam os via jantes estrangeiros". La Seus "leitos sem conforto", por exemplo, hospedou-se o futuro diretor do Jardim Botânico do Ceilão, George Gardner, quando, em 1837, esteve na Bahia. La Gardina de Ceilão, George Gardner, quando, em 1837, esteve na Bahia.

Em 1857, Wetherell afirma serem "os hotéis execráveis, tratando-se mais de restaurantes com salas de bilhar do que lugares des tinados a fornecerem acomodações aos viajantes". 147

Em 1866, Scully registra um hotel "muito bom" na Calçada. Deve ser o mesmo "pequeno Hotel Inglês" a que se refere Avé-lallement, anos antes, onde deixou sua bagagem ao seguir para Caravelas. Ao retornar, quatro meses depois, soube que os seus "bons e simples hospe deiros" se tinham mudado, e depois de muitas buscas localizou-os

<sup>141)</sup> Lindley, op.cit., p.174

<sup>142)</sup> Ibidem, p.175

<sup>143)</sup> Robert Southey, História do Brasil. Livreria Progresso Editora 1954, VI, p.257.

<sup>144)</sup> Mawe. op.cit. p.267

<sup>145)</sup> Silva Lima, op.cit., p.60

<sup>146)</sup> Gardner, op.cit., p.146

<sup>147)</sup> Wetherell, op.cit., p.146

<sup>148)</sup> Scully, op.cit., p.350

<sup>149)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.272

<sup>150)</sup> Ibidem

"na longíqua Rua das Mangueiras, perto da nova via férrea". 151

Lamberg recorda que, em 1885, eram "os hotéis na cidade bai xa pequenos, sujos e incômodos", indo ele por isso mesmo para a cida de alta. <sup>152</sup> Em 1888, o jornalista alemão Amand Goegg registra "um bom hotel alemão, o Hotel Muller", <sup>153</sup> sem dar-lhe a localização.

Até o fim do século, o desenvolvimento geral da Bahia pare ce ter contribuído, de forma sensível, para melhorar também a situação e o número dos hoteis e demais hospedagens.

Quando, em 1897, o botânico Detmer foi à Bahia, preferiu "a Hotel Sul-Americano... em frente ao Hotel Paris, sendo melhor que es te último... e ambos na cidade alta". 154 Já no século XX, Hesse-Wartegg, que esteve várias vezes no Brasil e na Bahia, considera que "os hotéis são pessimos", havendo, entretanto, "boas pensões, entre elas. uma alemã, ao pé do Clube Alemão, na Vitória. 155

Uma outra edificação da praça principal é a prisão, "que sem suas grades passaria por uma bela casa de moradia", 156 e da qual Lindley faz uma boa descrição, considerando-a uma "vasta construção cujo andar inferior é excepcionalmente forte e seguro, com duas séries de janelas, duas séries de barras redondas de pesado ferro, distanciadas dezoito polegadas uma da outra. Penetra-se nesses cárceres por uma sala gradeada, no andar superior, através de alçapões. No centro do primeiro existe um salão bem defendido, para o qual se abrem umas celas escuras (secretos) de aproximadamente seis pés quadrados, dotadas de fortes portas mas desprovidas de janelas, cada qual possu indo pesada corrente, ligada à parede por um anel. Essas celas destinam-se aos criminosos sujeitos à Inquisição ou que hajam cometido crime contra o Estado". 157

Candler e Burgess, os dois "quakers" americanos que fizeram ao Brasil uma viagem de reconhecimento, para verem de perto os

<sup>151]</sup> Ibidem, p.173

<sup>152)</sup> Lamberg, op.cit., p.176

<sup>153)</sup> Goegg, op.cit., p.115

<sup>154)</sup> Detmer, op.cit., p.35

<sup>155)</sup> Ernst von Hesse-Wortegg, Zwischen Anden und Amazonas. Stuttgert. Verlagsgellschaft, 1915, p.94

<sup>156)</sup> Tollenars, op.cit., p.283

<sup>157)</sup> Lindley, op.cit., p.163. A descrição de Lindley parece ser a de um observador de dentro do edifício.

horrores da escravidão, obtiveram licença do presidente da província para visitarem a principal prisão de Salvador e a descrevem també $^{15.8}$ 

Cotejando opimiões, vemos que dois contemporâneos reagiram de maneira muito diversa face às prisões da Bahia: enquanto Spix e Martius se apressam em afastarem-se da praça do governo, deprimidos pelo tinir das correntes dos detentos, "entre os quaes alguns homens brancos", 159 Tollenare registra despreocupadamente que, comparadas com as da França, "as prisões da Bahia e de Pernambuco não são muito odiosas", e "as da Bahia são até bonitas". 160 Quem folhear as páginas do diário de Lindley, prisioneiro do governo baiano durante mais de um ano, ficará convencido da excessiva benevolência do comerciante de Nantes...

Ainda entre as construções da arquitetura civil, desejamos evocar os chafarizes da Bahia, que despertaram a atenção de vários visitantes.

Sendo o serviço de água em Salvador muito deficiente, dan do-se frequentemente o esgotamento de águas das cacimbas e fontes do perímetro urbano, les os chafarizes se multiplicaram no correr do sé culo e, repetindo Francisco Vicente Vianna, embora houvesse "muitos outros mais singelos, de ferro fundido bronzeado, regulando de 13 a 20 palmos de altura, representando candelabros, fontes e outras ale gorias", les um certo número deles eram especialmente bonitos e elegantes, como alguns viajantes assinalaram.

O pastor protestante Kidder, frisando não haver na cidade nenhum aqueduto de vulto, informa que "aqui e acolá encontram-se cha farizes antigos talhados em pedra e instalados em vales mais ou menos profundos, para captar as águas de algum riacho". 163

<sup>158)</sup> Candler & Burgess, op.cit., p.152

<sup>159)</sup> Spix a Martius, op.cit., p.62

<sup>160)</sup> Tollenare, op.cit., p.355

<sup>161)</sup> Cf. Affonso Ruy, História Política e Administrativa da Cidade do Salvador, Bahia, Tipografia Beneditina Ltda., 1949, p.482.

<sup>162)</sup> Francisco Vicente Vienna, Memória sobre o Estado da Bahia, Bahia Typografia e Encedenação do Diário da Bahia, 1893, p.348. Dá a descrição das fonte de Terreiro, da Praça Castro Alves, da Praça 13 de Maio, da Francição da Praia, da Praça Conde dos Arcos e do Largo do Pilar.

<sup>163)</sup> Kidder, op.cit., p.9.Sobre o abastecimento de água e sobre as fon tes da cidade, cf. também Thales de Azevedo, Povoamento da Cida de do Salvador. Bahia, Editora Itapua, 1969, pp.371-377

Wetherell também confirma que "algumas das fontes que foram construídas pela nova companhia de abastecimento de água da cida de são lindas obras de arte que embelezam da maneira mais agradável os logradouros públicos". Le esclarece que a fonte em frente da Catedral é um "belíssimo trabalho de bronze que constou da exposição de Paris", tendo constituído uma das obras mais importantes da exposição. Avé-Lallemant, descrevendo-a com "magnifícias figuras de bronze de dimensões colossais", informa que o conjunto foi todo fundido na França. Em contraposição com a opinião que as fontes no Rio lhe provocam, o médico alemão encanta-se com "a poesia" com que na Bahia se trabalharam as fontes, algumas em bronze, como a do Terrei ro, outras em mármore "realmente belas", "e os baianos deviam ir até as fontes para verem algo nobre e educarem seu senso de beleza", con clui ele. 166

Wetherell, sempre tão minucioso, prolonga-se na descrição dos outros chafarizes, informando que o da Praça da Associação Comercial também é de bronze, e também figurou na Exposição Internacional, sendo de certo modo mais bonito que a do Terreiro. 167 De mármore de Carrara são chafarizes de outras partes da cidade "adornadas de figuras alegóricas", 168 ur das quais mereceu igualmente a admiração do viajante suíço Tschudi, isto é, a Fonte da praça da Igreja da Pieda de. 169 O diplomata inglês Wetherell conclui, com isso, que "um gosto apurado parece ter sido demonstrado na seleção dos desenhos das fontes", 170 mostrando-se um tanto surpreso de encontrar esse traço positivo na cultura local.

# Arquitetura Militar

Não podemos deixar de fazer referência à arquitetura mil<u>i</u> tar, importante na época, como, por exemplo, os fortes da cidade,par te deles também utilizados como prisões, conforme atesta e vivencia

<sup>164)</sup> Wetherell, op.cit., p.148

<sup>165)</sup> Ave-Lallemant, op.cit., p.23

<sup>166)</sup> Ibidem

<sup>167)</sup> Wetherell, op.cit., p.149

<sup>168)</sup> Ibidem

<sup>169)</sup> Tschudi, op.cit., p.42

<sup>170)</sup> Wetherell, op.cit., p.149

Thomas Lindley. O contrabandista inglês, descreve pormenorizadamente o Forte do Mar e o do Barbalho, 'fora da cidade", <sup>171</sup> onde sofreu na pele as desditas de prisioneiro, considerando as acomodações de Forte do Mar menos lastimáveis que as do segundo. <sup>172</sup>

Martius registra um grande número de fortes - oito - dando breve descrição da localização de cada um; 173 Mouchez também os arrola e descreve rapidamente, considerando, como os demais informantes, que "a entrada da Bahia e a cidade são defendidas por algumas velhas baterias e pequenos fortes em muito mau estado", 174 acrescentando ser o Forte de São Marcelo, ou do Mar, o mais importante. Em 1884, o capitão da Corveta Aurora informou serem "sete pequenas construções, a lém do Forte do Mar, oriundo ainda do tempo dos holandeses", e que a penas serve atualmente para dar salvas, não tendo nenhum deles maior significação como baterias de defesa da cidade. 175

Apenas a título de comparação, evocamos a impressão que os fortes da cidade despertaram no médico sueco Gustav Beyer que, em 1813, considerou a Bahia inacessível a tropas hostis, pela "formidá vel bateria de 40 morteiros" a qual "junto com as outras fortalezas, especialmente uma rotunda com 100 canhões em 3 séries, edificada há pouco no centro da baía, impede qualquer desembarque inimigo". 176 finteressante observar que os escritores do século anterior detêm-se bastante na descrição da arquitetura militar. 177

Sem poder basear-nos só nas descrições e opiniões às vezes superficiais, é sintomática a tendência para a deteriorização do papel militar dos fortes baianos, registrada pelos viajantes no decorrer do século XIX. Efetivamente, tanto a técnica naval, com o declí

<sup>171)</sup> Lindley, op.cit., p.86

<sup>172)</sup> Ibidem, p.85

<sup>173)</sup> Spix e Martius, op.cit., pp.54, 68, 70

<sup>174)</sup> Mouchez, op.cit., p.51

<sup>175)</sup> Corveta Aurora, op.cit., p.9. Sobre os fortes da Bahia cf.Vilhe na, op.cit., I. segunda carta, p.211 e seguintes. E mais Edgard C. Falcão, Fortes Coloniais da Cidade do Salvador, Rio de Janei ro, Livr. Martins, 1942, com a cópia da carta sexta de Vilhena a bela documentação fotográfica. Luis Monteiro da Costa, em No Bahia Colonial, Bahia, Livr. Progresso Ed., 1958, traz notas para a história do Forte de São Pedro e para a da fortaleza do Barbalho (pp.137-162). Cf. ainda J. Silva Campos, Fortificações da Baía, Rio de Janeiro, 1940.

<sup>176)</sup> Beyer, op.cit., p.276

<sup>177)</sup> Cf. p. ex. Dampier em 1701, Frézier em 1712 e outros.

nio da navegação à vela, quanto a crescente importância relativa de outras partes da costa brasileira, fizeram com que a Bahia figurasse cada vez menos como a província "mais rica, e preponderante no Império do Brazil, e ao mesmo tempo a mais aberta, e accessível aos ataques Estrangeiros", 178 e perdendo a importância, consequentemente havia menos necessidade de defesa. Típico é o comentário de Tschudique, considerando a aparência do Forte do Mar mais "cordial do que ameaçadora" conclui que os "sete pequenos fortes" de que se compõe a defesa da Bahia não poderiam praticamente opor nenhuma resistência a um ataque sério de navios de guerra europeus. 179

Em geral, como dissemos, os visitantes que se referem aos fortes da cidade, lembram sobretudo a localização em que estão, em um lado ou outro da baía, ou no corpo da cidade. Já Lindley nos dá pormenores sobre os dois fortes que conheceu de perto, o do Mar,construído em cerca de 1600, "sobre um pequeno banco de rochas", sendo a princípio em forma circular, porém alargado para suprir melhor as ne cessidades de defesa contra os holandeses, com fortificações adicionais. Apresenta uma torre elevada, circundada por extensa bateria inferior, montada com vinte e nove canhões. O forte possui for ma irradiada, com depósitos para polvora, 181 servindo também de aloja mento à tropa. Ao centro vê-se um vasto reservatório, destinado a recolher as águas da chuva, proporcionando, é ainda Lindley quem in forma, provisão de água suficiente para seis meses, sem qualquer su primento. 182

Lindley informa ainda que "a cidade é defendida por três fortes, do lado da terra", sendo a vasta fortificação e obras externas do Forte de S. Pedro "as mais completas do conjunto".

Sobre o Forte do Barbalho, situado fora da cidade num local elevado, em meio a jardins e roçados, sendo "um quadrado regular, marcando os quatro pontos cardeais do horizonte. Dois de seus cantos se compõem de um bastião quadrangular e os outros são em meia-lua O fosso que o rodeia é profundo, com uma ponte levadiça à entrada".

<sup>178]</sup> AEBa. SH, m. 675, fl. 98v-99r

<sup>179)</sup> Cf. Tschudi, op.cit., I. p.42

<sup>180)</sup> Lindley, op.cit., p.165

<sup>181)</sup> Ibidem

<sup>162)</sup> Ibidem

<sup>183)</sup> Ibidem, p.166

<sup>1841</sup> Ibidem, p. 86. cf. também a recente publicação da Secretaria da Indústria e Comércio. Coordenação de Fomento ao Turismo, Inventario de proteção do acervo cultural. Vol. 1: Monumentos do Município do Salvador-Bahía. Bahía, 1975.

## Arquitetura religiosa

A arquitetura religiosa é geralmente tratada por todos os viajantes. Não nos alongaremos aqui na descrição das muitas igrejas baianas, restringindo-nos a anotar certas observações feitas pelos viajantes, de caráter mais pessoal, e sobressair a abordagem de alguns deles ao assunto.

Thomas Lindley, em sua "descrição da Província de São Salvador", anexada como um dos apêndices ao seu diário, introduz a par te descritiva das edificações da cidade com o seguinte comentário: - Como em todas as cidades católicas, as igrejas são os edifícios de mais relevo, e aqueles aos quais foram dispensacos o máximo cuidado e os maiores gastos". 185 E reproduz, em traços fiéis, as caracterís ticas arquitetônicas das principais, obedecendo à disposição topográfica onde elas se encontram.

Dois anos antes, em sua brevíssima estada em Salvador,Turnbull passa em uma igreja. Não a descreve. É o povo aglomerado ali dentro que lhe interessa: "apesar de protestante, é magnífico se ver um espetáculo de fé", 186 e sai reconciliado com o povo e com a terra

Em 1815, o Príncipe Maximiliano von Wied-Neuwied, ao dizer que "a cidade alta é cheia de conventos e igrejas", considerou algu mas belíssimas, 187 afirmando haver na Bahia 36 igrejas. Tollenare o cupa oito folhas de suas "Notas Dominicais" discorrendo sobre o tea tro da Bahia e na Bahia, mas só de passagem evoca as "duas belas igrejas" que adornam o Terreiro de Jesus. 188 Ao devanear sobre "o arrabalde da Vitória", refere-se à igreja Nossa Senhora das Graças, 189 a pressando-se em justificar-se: "citei a sua igreja porque é, dizem, a primeira que foi levantada no Brasil; nada contém de notável a não ser dois antigos quadros". 190

<sup>185)</sup> Lindley, op.cit., p.161

<sup>186)</sup> Turnbull, op.cit., p.12. Não podemos deixar de lembrar que Lindley, ao longo de todo o seu diário, também faz comentários acbre a religiosidade do povo, de modo, aliás, bem diverso do de Turnbull.

<sup>187)</sup> Wied-Neuwied, op.cit., p.448

<sup>188)</sup> Tollenare, op.cit., p.161

<sup>189)</sup> Ibidem, p.301

<sup>190)</sup> Ibidem, p.302

Maria Graham, tão minuciosa em suas descrições, não se de mora em retratar os edifícios religiosos da cidade. Mas se sente a traída em descrever a comunidade religiosa de seus conterrâneos. Rugendas cita a "Igreja e o Colégio dos Jesuitas", bem com a dos Bar badinhos italianos, acrescentando possuir a Bahia "numerosas igrejas e vinte e cinco conventos". 192 Kidder também não se demora em descrições arquitetônicas, mas historia longamente a organização religiosa da arquidiocese, arrolando os conventos, separando os masculi nos e femininos, 193 só se detendo na "Igreja do Bom Fim", da qual revela ser "de estilo moderno" e apresentar "um bom gosto bastante fora do comum". enfeitada com "numerosas telas e abundantes arabescos dourados". 194

Avé-Lallemant refere-se à "Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, a pequena igreja ricamente construída de mármore", descrevendo-a sumariamente em três linhas, para então concentrar-se na ridicularização da procissão que ali se efetuava, "pantomina sem ordem". Seu contemporâneo Michelena a achou de "belíssima arquitetura". 197

Maximiliano da Áustria intrigou-se por "encontrar, de cin co em cinco minutos, um gigantesco convento", 198 considerando-os "ar tigos de luxo que não podem alegrar a Deus Nosso Senhor" pela tibie za e pouca espiritualidade de seus habitantes. A descrição que o fu turo imperador do México faz da igreja da Conceição da Praia ressal ta sobretudo o grotesco que ali se passava, pretensa cerimônia religiosa. 199

Tschudi, em 1863, remete ao fato da Bahia ser a sede do ar cebispado a explicação possível para a grande importância que se dá aí à vida religiosa, considerando ser talvez devido à influência epis

<sup>191)</sup> Graham, op.cit., p.154

<sup>192)</sup> Rugendas, op.cit., p.52

<sup>193)</sup> Fidder, op.cit., pp.40-49

<sup>194)</sup> Ibidem, p.52

<sup>195)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.45

<sup>196)</sup> Ibidem

<sup>197)</sup> Michelena y Rójas, op.cit., p.658

<sup>198)</sup> Maximiliano da Áustria, op.cit., p.85

<sup>199)</sup> Ibidem, p.43 Friis, op.cit., considera a cerimônia religiosa a que assistiu no Bonfim mais "um parque de diversões".

copal que se construíram tantas igrejas e se organizaram tantos conventos. E conclui que, "apesar dessa grande quantidade de igrejas, conventos e capelas, que ultrapassam de longe a necessidade da densa população, essa desproporção para com o número de habitantes não é tão notável quanto em muitas outras cidades do interior do país".

Certos viajantes, como por exemplo, o capitão do"Albatros", em 1885, limitam-se a esparsas e convencionais informações turísticas, considerando as trinta e oito igrejas da Bahia como entre as como truções mais dignas de serem vistas, e nomenado apenas três delas, sem maiores esclarecimentos, 201 o que corresponde, aliás, ao tom ge ral das suas descrições, onde os aspectos físicos não ocupam um lugar muito preeminente.

Schwieger, pastor protestante em gozo de férias, sentiu sua atenção concentrada, na curta estada pela Bahia, sobre a "quantidade de igrejas e conventos, cuja arquitetura, aliás, nada mostra de atrativo. Tudo é construído no simples estilo jesuítico". <sup>202</sup> Na mesma é poca, um conterrâneo seu, Lamberg, não descreve nenhuma dessas casas de oração, informando entretanto serem elas em número de 120, sensivelmente mais do que a trintena registrada por Rugendas, quantidade que naturalmente chama a atenção do recém chegado. <sup>203</sup>

A Catedral é, dos edifícios da arquitetura religiosa,o que mais sobressai ao visitante. Depois que a Sé velha perdeu sua função, passou a igreja dos jesuítas a Catedral. Na opinião de Tschudi, que considera que "das muitas igrejas da Bahia nenhuma é de importân cia arquitetônica especial", só a Catedral é digna de atenção, sendo mesmo, "de todas as igrejas do Brasil" que ele já viu, a mais rica e a de mais bom gosto na decoração interna. 204 Martius considera-a,juntamente com o colégio dos jesuítas, "o mais notável edifício da cida de alta". 205

<sup>200)</sup> Tschudi, op.cit., p.42

<sup>201)</sup> Benko, op.cit., p.85

<sup>202)</sup> Schwieger, op.cit., p.118. Hadfield, pelo contrário, ao falar da Catedral, registra ser ela "um esplêndido monumento do gênio ar quitetural dos jesuítas" (op.cit., p.126).

<sup>203)</sup> Lamberg, op.cit., p.117

<sup>204)</sup> Tschudi, op.cit., p.41. Cf. Hadfield, op.cit., p.126

<sup>205)</sup> Spix e Martius, cp.cit., p.72 Sobre a Sé velho. cf. Fernando Peres, Memória da Sé. Bahia, Edições Macunaíma, 1974.

A Igreja da Conceição da Praia é também muito citada, a to dos impressionando o fato de ter sido toda pré-construída em Portugal, tendo sido utilizadas pedras das vizinhanças de Lisboa e manda das do Reino como lastro de navios, levantando-se a igreja a rahia. Martius, depois de esclarecer que "sem dúvida não é de estilo purd 207 o templo da Conceição, evoca a estranhez que experimentou ao ver as paredes decoradas com gravuras e telas de motivos religiosos e pægãos, em contraste com a aparente indiferença do povo "que não achava inconveniência do desarrazoado arranjo". 208

A Igreja do Bonfim é outro templo religioso que atrai a a tenção do visitante, e são muitos os que se deslocam até o outro ex tremo da cidade, apenas para ir até lã. As descrições são sempre muito reduzidas, restritas quase que exclusivamente à impressão que o monumento desperta, uns achando-o interessante, outros o mais belo de todos, outros encantando-se com a beleza do lugar, muitos espantando-se com a sala dos ex-votos, já na época, cheia. Michelena con sidera que o "Santuário é um edifício do arquitetura bastante regular, e os enfeites interiores são ricos e de bom gosto" e, à vista dos ex-votos conclui que, "pelo prodigioso número de moldes de cera representando todos os membros do corpo humano, e pelos quadros de pinturas extravagantes, pode-se deduzir logo o estado de superstição em que se acha a imensa maioria da população". 209

# Os bairros residenciais

Saindo do centro da cidade, o recém chegado depara com os bairros residenciais. Fora a Vitória, os pontos mais visitados pelos viajantes foram sem dúvida o Dique e o Passeio Público. Outros trechos da cidade foram pouco percorridos ou, pelo menos, não se con Siderou importante o registro da passagem por ali. O certo é que se tem muito poucas informações a respeito, e mesmo essas informações são quase sempre eventuais, sem maiores descrições ou comentários, e sem a menor preocupação com uma visão de conjunto topográfico ou al go semelhante.

<sup>206)</sup> Cf. Benko, op.cit., p.84

<sup>207)</sup> Spix e Martius op.cit., p.57

<sup>208)</sup> Ibidem

<sup>209)</sup> Michelena y Rójas, op.cit., p.658 Cf. a respeito Friis, op.cit.

Lindley, na medida em que sua semi-liberdade o permitia, virou a cidade pelo avesso, conhecendo-lhe todos os recantos, explo rando-lhe os arredores. Deixou-nos referências sobre São Lázaro, 210 Soledade, 211 Matatu, 212 Itapagipe, 213 Bonfim 214 além de excursões mais distantes, como até ao Morro de S. Paulo, 215 pintando a traves sia e a localidade, e à Ilha de Itaparica, 216 que igualmente descreve.

Tollenare refere-se longamente à Vitória, 217 onde morou du rante sua estada na Bahia, "a linda povoação de Nazaré, 218 ao Rio Ver melho, 219 Itaparica, 220 Itapagipe. 211 Típica é a sua reação ao falar sobre este último lugar: "O que dizer de uma excursão que fiz ao rio Matuim e a Itapagipe,... senão que fui assaltado por carrapatos e que vi quão pouco aqui se encende da arte de utilizar os motores hidráulicos". 222 Cremos que um tal comentário corrobora nossa afirmação anterior de que muitas vezes o informante não considerou válido referir-se à sua passagem por certos pontos, tão insignificante lhe pareceu o ambiente. Mas também dessa frase desavisada pode-se deduzir a má vontade do visitante face ao país que o hospeda, o desdém superior como caso, por exemplo, a armação de baleias, a fortifição ou os estaleiros navais para reparações de monta, ali existentês.

Martius, ao descrever tão minuciosamente a cidade do Salva dor, dá informações breves mas variadas sobre instituições, edifícios públicos, administrativos, religiosos ou militares, sobre a popula-

<sup>210)</sup> Lindley, op.cit., pp.92 a 106

<sup>211)</sup> Ibidem, p.93

<sup>212)</sup> Ibidem, p.99

<sup>213)</sup> Ibidem, p.105

<sup>214)</sup> Ibidem, p. 135

<sup>215)</sup> Ibidem, p.119

<sup>216)</sup> Ibidem, p.123

<sup>217)</sup> Tollenare, op.cit., p. 295 e ss.

<sup>218)</sup> Ibidem, p.296

<sup>219)</sup> Ibidem, p.317

<sup>220)</sup> Ibidem, p.342

<sup>221)</sup> Ibidem, p.359

<sup>222)</sup> Ibidem,

<sup>223)</sup> Cf., por exemplo, Feldner, op.cit., p.211. Corvette Aurora, op.cit., p.9

ção e costumes locais, festas populares, doenças, sobre a fauna e a flora, sobre o comércio de importação e de exportação, sobre senhores e escravos. Mas não se preocupa em deixar nenhuma descrição de conjunto da cidade, não se refere aos acidentes topográficos senão enquanto acidentes isolados ou enquanto evocadores de qualquer outro tipo de informação, como ao aludir ao Bonfim, em função das festividades ali realizadas, 224 ou a referência ao Dique, onde se podem ob servar "numerosos pequenos jacarés, de focinho comprido". 225

Feldner, que esteve na Bahia de fevereiro a setembro de 1816, faz referências, além de Itapagipe, a pontos não citados por outros viajantes, como a aldeia de Itapoã, "um lugar miserável", 226 além de Cabussu, Abrantes e o Rio Joanes. 227

O médico inglês tantos anos em atividade na Bahia, Dr. Dun das, traz largas descrições de certas partes da cidade, como a "aldeia de S. Lázaro", 228 o "subúrbio do Bomfim", 229 e o da Vitória. 230

George Gardner passou muito rapidamente pela Bahia, apenas quarenta e oito horas, em sua rota para Pernambuco, deixando da cida de uma breve descrição de meia dúzia de páginas. Alugou um barco para ir ao Bonfim, refere-se vagamente ter passado pelo pé de uma colina, onde há uma grande igreja, alongendo-se então na descrição das plantas que colheu e observou. 231

Os apontamentos de Wetherell não trazem praticamente notícias sobre localidades, com exceção da Ilha de Itaparica<sup>232</sup> e o Rio Paraguassu.<sup>233</sup> Os lugares "de casa" não foram descritos pelo minucios o cronista. Aos Barris referiu-se, mas para descrever a atividade das lavadeiras que ali se reunem.<sup>234</sup> Valeria, talvez, uma reflexão

<sup>224)</sup> Spix e Martius, op.cit., p.81

<sup>225)</sup> Ibidem, p. 69 e ss.

<sup>226)</sup> Feldner, op.cit., p.213

<sup>227)</sup> Ibidem, p.214 e ss.

<sup>228)</sup> Dundas, op.cit., p.220

<sup>229)</sup> Ibidem, p.237 e ss.

<sup>230)</sup> Ibidem, p.248 e ss.

<sup>231)</sup> Gardner, op.cit., p.77

<sup>232)</sup> Wetherell, op.cit., p.101

<sup>233)</sup> Ibidem, p.102

<sup>234)</sup> Ibidem, p.89

sobre as razões dessa omissão, não se podendo, entretanto, esquecer que os "Apontamentos" do vice-consul honorário foram editados postumamente, sem elaboração nem revisão do autor, que talvez pretendesse de fato uma publicação posterior de suas impressões em terra estranha e, quem sabe, incluindo descrições como as de que sentimos no momento falta.

Os Barris, no dizer ce Martius, é "um arrabalde verdejante e agradável, sendo, porém, muito pouco visitado pelos baianos", 235 provavelmente, cremos, por estar ainda pouco ou nada habitado. Vilhe na o chama de "charco do Barril" 236 onde, na época, havia a única fonte perene para o abastecimento da água na cidade, e onde os aguadei ros iam encher seus barris para a venda do precioso líquido. 23 Weche rell, em 1854, explica o nome do local "por causa do grande número de barris que se acham enterrados nas margens barrosas do rio, a fim de formar espécies de tanques para lavar". 238 Quando, em 1885, o ca pitão do "Albatros" cita os bairros da cidade alta, nomeia apenas a "Vitória e o Barril". 239

Lindley esteve em 1803 no Matatu, em suas excursões fora da cidade, descrevendo-o como uma "comunidade rural" em "encantadora s $\underline{i}$ tuação".  $^{240}$ 

Ao Bonfim ia-se de barco, como Lindley, em 1802, ou de sa veiro, como Kidder, em 1839. Ambos fizeram mais ou menos o mesmo tra jeto, e ambos preferiram voltar à cidade a pē, o primeiro cotejando a praia, e passando pelas ruínas de "uma igreja e um convento de je suítas, abandonados, <sup>241</sup> e o segundo, "subindo a ladeira", passando pe lo Convento da Soledade. <sup>242</sup> Kidder revela ainda que "a rua principal do lugar" "já é calçada e ostenta duas belas alas de casas perfeita

<sup>235)</sup> Spix e Martius, op.cit., p.69

<sup>236)</sup> Vilhena, op.cit., I, p.108

<sup>237)</sup> Avé-tallement lembra ironicamente que o nome viria talvez mais pelos barris que lá se iam despejar - os tigres olorosos, carre gados de excrescências - do que de água que os aguadeiros lá iam buscar (cf. op.cit., p.27).

<sup>238)</sup> Wetherell, op.cit., p.89

<sup>239)</sup> Benko, op. cit., p.83

<sup>240)</sup> Lindley, op.cit., p.99

<sup>241)</sup> Ibidem, p.135 e ss.

<sup>242)</sup> Kidder, op.cit., p.52

mente uniformes em tamanho, estrutura e aparência, circunstância es sa bastante rara no Brasil. 243

De certo Asschenfeld não lançou mão do caminho marítimo para alcançar a "Igreja de Nossa Senhor do bom fim", "merecedora de to da atenção", "localizada em um ponto especialmente alto", e do qual se descortina toda a cidade e toda a baía. 244 E conclui: vale a pena ao estrangeiro o sacrifício "de ir lá", "embora o caminho que conduz até ali seja muito monótono", "andando-se durante horas seguidas por fileiras de casas sempre iguais". 245

Uma década depois, Michelena y Rójas parece ter trilhado o mesmo caminho, visitando o "Santuário do Senhor do Bomfin", distante "a uma légua do centro da cidade, que se comunica por uma grande rua acompanhando a orla da baía até o sul, bordada em ambos os lados por lindas casas de campo à inglesa, com jardins floridos à frente, con servadas tanto com gosto quanto com asseio". 246 E conclui: "digna i mitação do que se pratica na Inglaterra, Holanda e Bélgica". 247

Anos mais tarde, em 1889, Alfred Marc vai registrar a existência de um serviço regular de bondes para o Bonfim, facilitando as sim a comunicação.  $^{248}$ 

Todos são unânimes quanto à bela localização e deslumbrante panorama de lá descortinado. Ali se realizam muitas reuniões em diæs de festa, sobretudo durante o verão.  $^{249}$  O ar, muito salubre e o cl<u>i</u> ma tão bom que os ricos lá vão veranear e tomar banho.  $^{250}$ 

São Lazaro, com sua quinta no alto da colina, é também um

<sup>243)</sup> Ibidem, p.53

<sup>244)</sup> Asschenfeld, op.cit., p.50

<sup>245)</sup> Ibidem

<sup>246)</sup> Michelena y Rojas, op.cit., p.658

<sup>247)</sup> Ibidem

<sup>248)</sup> Marc, p.319

<sup>249)</sup> Cf. Lindley, op.cit., p.135; Kidder, op.cit., p.52; Dundas, op.cit., p.240. Scully refere-se à "festa" anual, usando a palavra em português, e para a qual acorre "toda a população da cidade" (op.cit., p.350).

<sup>250)</sup> Dundas, op.cit., p.240. Dundas acrescenta que o Bonfim tem a re putação de ser, "em certas estações, um dos distritos mais sau dáveis do Brasil" (ibidem). Muito interessante todo o paragrafo do médico inglês a respeito do Bonfim a seus fenômenos sanitérios (cf. pp.237-240)

dos pontos ao qual muitos dos viajantes se referem. Lindley lá este ve mais de uma vez, em 1802, admirando as instalações do hospital dos leprosos, e das "extensas plantações de mandioca" que o circundam, "havendo grande fábrica que transforma essa raiz em farinha," 251 o comigunto fornecendo uma visão de atividade bem mais elevada do que tudo quanto estamos ultimamente habituados a ver". 252 Já data do tempo de Lindley o plantio de pimenteiras da India, recém importadas. 253 Å pimenta da India referem-se também Martius 254 e Ludwig Riedel. 255 O Dr. Dundas revela que a "Povoação de São Lázaro é o local favorito dos ingleses e outros residentes estrangeiros, que aí acorrem para andar a cavalo ao cair da tarde, ou para passeios de todo o dia, retornan do somente à noite. 256

Ao Rio Vermelho, "povoado de pescadores" e que em 1817 con tava com "umas cem cabanas", 257 dirigem-se muitos visitantes.

"Os arredores são encantadores", havendo para completar a cor local, "um forte muito arruinado", 258 forte este, aliás, que ao tempo de Vilhena ainda estava sendo construído. 259 Uma légua adiante, continua Tollenare em sua descrição, "há um estabelecimento de pesca que ocupa 200 negros, e uma cordoaria que só fabrica as redes e cor das necessárias à pesca". 260

Kidder, em 1839, também lá esteve, a cavalo, referindo-se igualmente à armação de baleias e dando um detalhe que não encontra mos facilmente em outra parte: "as linhas divisórias dos subúrbios, na Baía, são constituídas por limeiras de cujas folhas, quando recentemente aparadas, desprende-se uma fragrância toda peculiar". <sup>261</sup>

<sup>251)</sup> Lindley, op.cit., p.91

<sup>252)</sup> Ibidem

<sup>253)</sup> Ibidem. p.92

<sup>254)</sup> Spix e Martius, op.cit., p.108. A nota de Pirajá da Silva eo tex to de Spix e Martius é muito noticiosa. Cf. também Southey,1954 VI, p.258

<sup>255)</sup> Ludwig Riedel, manuscrito inédito, folha 48

<sup>256)</sup> Dundas, op.cit., p.220

<sup>257)</sup> Tollenare, op.cit., p.317

<sup>258)</sup> Ibidem

<sup>259)</sup> Vilhana. op.cit., I, p.212

<sup>260)</sup> Tollenare, op.cit., p.317

<sup>261)</sup> Kidder, op.cit., p.10

Aschenfeld, em 1848, comenta a boa estrada que conduz até lá, a melhor de todas dos arredores da Bahia, revelando que a local<u>i</u> dade é bastante procurada por ocasião de festas religiosas, quando grande número de pessoas aí acorrem, vindas da cidade; para o aloja mento ou pelo menos para uma rápida refeição nada existe, porém, a não ser uma simples "venda" onde se pode comprar apenas cerveja, vinho, rum, torradas e queijo. 262

Avé-Lallemant, em 1859, refere-se à "freguesia do Rio Vermelho, com bonitas e alegres casas, bem protegidas contra a arrebentação do oceano por agudos rochedos". 263

Com o passar dos anos, o cavalo foi substituído pelos trans portes coletivos e o Capitão Benko informa que et Rio Vermelho se pode em 1855 ir de bonde (puxado a cavalo) ou, acs sábados e domingos, de tramway. Alfred Marc, que foi tão exato em seus apontamentos sobre o sistema viário na Bahia, esclarece que tanto a empresa "Transportes Urbanos", possuindo quetro linhas, serve com uma delas ao Rio Vermelho, como também a "Trilhos Centraes".

A última década do século XIX levou ac Rio Vermelho uma i lustre visitante: a Princesa Teresa da Baviera, que excursionou pelo Brasil, interessada em assuntos da história natural, e que pouco ou nada deixou sobre sua estada na Bahia, a não ser um rápido relatório de rua malograda viagem a Santo Amaro, quando chuvas intensas torna ram inútil sua ida até lá, 266 e um pequeno e simpático parágrafo so bre o Rio Vermelho, considerando "uma excursão que vale a pena ser feita", e descrevendo o trajeto do tramway que, com dificuldade, vai abrindo caminho por entre a vegetação abundante. 257 Lambert, na década anterior, considera imprescindível um passeio até lá, onde o pano rama é "para ser visto e não para ser descrito". 267a

<sup>262)</sup> Asschenfeld, op.cit., p.50

<sup>263)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.28

<sup>264)</sup> Benko, op.cit., p.85

<sup>265)</sup> Marc, op.cit., p.318

<sup>266)</sup> Thereas von Bayern, op. cit., pp. 227 s ss.

<sup>267)</sup> Ibidem, pp.234 e ss. Eis em parte a tradução da descrição: É um passeio sumamente compensador ir até a freguesia do Rio Ver melho". "O bonde volteia penosamente pelos caminhos abertos como brechas no mato, passando por vales generosamente arborizados, por barrancos estreitos e encantadores, cobertos completamente pela vegetação, e bosques inteiros de palmeiras elevam ao cáu seu leque de folhas".

<sup>267</sup>a) Cf.Lambert, op.cit., p.46

O botânico W. Detmer, em 1895, fala igualmente de seu ines quecível passeio "ao simpático balneário do Rio Vermelho", passeio feito em parte de bonde, em parta a pé, e do qual o botânico alemão traz uma longa e entusiástica descrição, relembrando com gozo a experiência vivida, quando pela primeira vez se viu confrontado com a pujança da floresta tropical. 268

Antes de tratarmos da Vitória, gostaríamos ainda de arrolar rapidamente o testemunho dos estrangeiros que se referiram ao Passeio Público e ao Dique, outros dois pontos da cidade onde os habitantes locais "raras vezes vão 259 e que só despertaram expressões de agrado e admiração. O visitante vê, por assim dizer, compensadas suas expectativas, numa ratificação da idéia paradisíaca da exuberância tropical.

O Dique é a natureza reinando "indómita", no dizer de Avé-Lallemant. O Um verdadeiro parque de laranjeiras, limoeiros, mangueiras, coqueiros, elevando-se acima das mimosas e das pitangueiras com folhas de mirta e no meio do qual "goza-se da vista de um lago o célebre Dique - que bordeia a cidade em quase toda a sua extensão". Ela Spix e Martius examinam pequenos e perigosos jacares, enquanto que outros se escandalizam ou se repugnam mesmo, com o espetáculo das negras semi-nuas, lavando a roupa pelas margens, erca das pelos filhos pequenos.

A descrição que o Arqueduque Maximiliano da Áustria faz de um passeio ao dique é uma página deliciosa de seu magnifico livro de memórias sobre a Bahia. Com muito colorido e o espírito que caracte riza seu estilo, Maximiliano conduz o leitor, pouco a pouco introduzindo-o nesse lago que, à primeira vista, não difere muito dos congêneres europeus, levando-o a observar os negros que ali banham os cavalos, as negras lavadeiras no trabalho, em meio a enorme ruído... A fastando-se das margens populosas e sonoras, penetra-se nom outro mun

<sup>288)</sup> Detmer, op.cit., p.52 e ss.

<sup>269)</sup> Denis, 1955, p.64

<sup>270)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.26

<sup>271)</sup> Denis, 1957, p.18

<sup>272)</sup> Ibidem

<sup>273)</sup> Spix e Martius, op.cit., p.69

<sup>274]</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.26

do, onde plantas aquáticas, raras e misteriosas, fascinam o visitan te, que se maravilha igualmente com as portentosas árvores das margens. "As colinas em semi-círculo, a forma do terreno, as cores principais poderiam ser tomadas de um parque inglês, onde a arte da natureza desempenha um papel tão importante. O olhar do forasteiro se extasia com o brilho das cores, com o gigantesco das formas, com a profundidade das sombras, com a impenetrabilidade da luxuriante vege tação. Mas todos os detalhes são novos, como pertencantes a um outro mundo". 275

E nesse tom continua Maximiliano, pintando a vegetação, os recortes que as águas fazem nas margens, a visão de uma cabana nativa, entre bananeiras e mangueiras, para de repente voltar à mordaci dade, referindo-se à água suja, única coisa que ali não é paradisía ca, aos jacarés carnívoros e assassinos, fixando-se, enfim, no quadro ao mesmo tempo repulsivo, cômico e pitoresco, das negras lavando roupa, gigantescas e tagarelas, acompanhadas por adoráveis crianças de dois ou três anos, de grandes olhos brilhantes... 276

O Passeio Público foi mandado construir pelo Conde dos Arcos, em 1810, e desde então passeio obrigatório de todo visitante. Gustav Beyer já registra que o "viajante é agradavelmente surpreendido por um belo, extenso e bem tratado jardim público, que de noite costuma estar caprichosamente iluminado". 277

Martius faz uma extensa e agradável descrição, de suas "ala medas de laranjeiras, limoeiros, jambeiros, mangueiras e árvores do pão, densas e aparadas cercas de pitangueiras", 278 além de muitas plantas em filas multicolores", 275 com um "pavilhão construído com arte, "em estilo de templo grego" de onde se descortina maravilhosa vista tendo-se de um lado a baía e suas numerosas ilhas e do outro o oceano bravio; 282 "apenas uma leve grade de ferro protege o público à borda do enorme precipício que circunda o Passeio", 283 acrescenta Kid der, em 1839.

<sup>275)</sup> Cf. Maximiliano da Áustria, 1860, pp.70 e ss.

<sup>276)</sup> Ibidem

<sup>277)</sup> Beyer, op.cit., p.275

<sup>278)</sup> Spix e Martius, op.cit., p.68

<sup>279)</sup> Ibidem

<sup>280)</sup> Ibidem

<sup>281)</sup> Kidder, op.cit., p.34

<sup>282)</sup> Spix e Martius, op.cit., p.68

<sup>283)</sup> Kidder, op.cit., p.34

Vimos como os viajantes, ao se deixarem alçar pelas íngre mes ladeiras que desembocam na cidade alta, espantam-se por depararem-se com um cenário completamente diverso daquele que acabaram de abandonar, contrastando violentamente com o formigamento e o mal estar da "rua da Praya".

A estratificação das duas cidades é bem nítida: em baixo, a cidade do grande e do pequeno comércio, dos negócios e do dinheiro, a cidade malsã e mal cheirosa, abafada e espremida entre a montanha e o mar, antro da sujeira, do ruído e da ballúrdia, protótipo do exótico. Porém de um exotismo turbulento e repulsivo, que atordoa e a fasta, que confunde e choca. Choque mais ainda exacerbado pelo inesperado engodo, pela decepcionante frustração da expectativa que a en trada feérica, lenta e progressiva na majestosa baía, a antevisão do paraíso tropical ousaram despertar e acender.

Na parte superior, a cidade governamental e residencial. A cidade bem ornada com edificações de relevo, praças "surpreendentes", casario alvacente. A cidade silenciosa, inesperadamente calma, luminosa e ampla, arejada e salubre. A cidade cartão-postal, dos belos jardins, da esperada arboração luxuriante, das laranjeiras perfumadas, das mangueiras portentosas, jaqueiras monumentais, coqueirais a se perder de vista.

Em baixo, os pardieiros altíssimos, escuros, imundos, lem brando bazares de Constantinopla.

Em cima, as vilas espaçosas e imponentes, o ambiente europeizado. Kidder esteve na Bahia por ocasião das festas de aniversa rio do Imperador, a 2 de dezembro de 1839, quando o Passeio Público foi fartamente ornamentado e iluminado com "nove mil combustores" 284 colocados em globos transparentes, que irradiavam feericamente as cores do arco-íris, ocasião em que "a riqueza, a elegância e a beleza das baianas... teve a melhor oportunidade de se exibir". 285 o cronis ta continua, acrescentando que "jamais se tinha visto tão grande número de senhoras abrilhantando, com sua presença, festejos públicos. Anos mais tarde, Wetherell ainda fica "admiradissimo vendo como são pouco frequentados pelos seus habitantes" os passeios públicos da cidade.

Lo mesmo Wetherell, em 1857, afirma que "os jardins têm sido ultimamente muito melhorados e vêm sendo cuidados com muito ca rinho, sendo agora regularmente tratados". 288 Embora o sexo feminino não esteja lá muito representado, aos domingos à tarde há um bom nú mero de visitantes, e "uma banda de música toca durante algum tempo". 289 O viajante suíço Tschudi, na década seguinte, não poupou pa lavras para expressar sua admiração face o Passeio Público, observan do que "os jardins, ao lado das maravilhosas aléias de mangueiras, es tão cuidadosamente tratados e propiciam ao europeu recem-chegado, pe la sua esplêndida floração, um real deleite". 290

Lamberg, que visitou a Bahia em 1885, descreve o Passeio Público como um "parque magnífico com árvores seculares", 291 cuja be leza, entretanto é perturbada pelas "estátuas pintadas, de tamanho natural, de mau gosto e sem arte". 292

Detmer alonga-se por muitas páginas, descrevendo os diferentes espécimens vegetais ali encontrados, com minúcias de especialista.

<sup>284)</sup> Ibidem

<sup>285)</sup> Ibidem, p.35

<sup>286)</sup> Ibidem

<sup>287)</sup> Wetherell, p.144

<sup>288)</sup> Ibidem, p.144

<sup>289)</sup> Ibidem

<sup>290)</sup> Tachudi, op.cit., p.42

<sup>291)</sup> Lamberg, op.c1t., p.177

<sup>292)</sup> Ibidem

Vilhena, em 1798, nem ao menos faz referência à Vitória em suas variadas e noticiosas cartas. Nem em Lindley encontramos tam pouco alguma informação a respeito, enquanto que, a partir de 1815, temos um sem número de registros sobre essa parte sul da cidade.

Quando Ferdinand Denis era na Bahia um pequeno funcionário consular, a Vitória longínqua já consistia o ponto preferido de residência dos diplomatas, estrangeiros e homens de negócio, das pessoas abastadas que moravam "fora da cidade", seduzindo já na época o euro peu pela sua privilegiada situação topográfica. Denis a vê "erguida sobre um risonho promontório", 293 e Tollenare, na mesma época, ali habitava uma "casinha humilde" que "dista três quartos de légua ao sul da cidade", 294 e duvida "que se possa encontrar algo de mais interes sante do que os vales românticos que se avizinham da Vitória".

O Dr. Dundas, médico do hospital inglês na Bahia por tantos anos, descreve o "subúrbio da Vitória" como estando nas "vizinhan ças imediatas da cidade", "nada se podendo imaginar de mais belo', es tendendo-se por cerca de uma milha, indo do Campo da Vitória até a Graça". Em 1839, Kidder afirma não conhecer "lugar algum" que ri valize com o "morro da Vitória"; ali "encontram-se os mais belos jardins da Bahia, as mais encantadoras alamedas, e as mais vastas ex tensões de sombra. Aí se acham também as melhores casas, o melhor clima, a melhor água e a melhor sociedade". 298

Silva Lima relembra que, em 1840, os negociantes, residindo na Vitória, "vinham a cavalo para os seus escritórios..." e os seus caixeiros pede calcante". Acrescenta ainda o cronista que a ex tensa rua não era calçada. Se chovia, tudo se transformava em lama cal. 299

<sup>293)</sup> Denis, op.cit., p.18

<sup>294]</sup> Tollenare, op.cit., p.297

<sup>295)</sup> Ibidem, p.295

<sup>296)</sup> Dundas, op.cit., p.248 e ss. Dundas explica que o General Madeira, durante as guerras da independência, mandou destruir a mata da Graça, a fim de prevenir o avanço das tropas brasileiras (cf. p.250).

<sup>297)</sup> Kidder, op.cit., p.38

<sup>298)</sup> Ibidem

<sup>299)</sup> Siles Lima, op.cit., p.115

Em 1848, Asschenfeld descreve a Vitória como sendo a "con tinuação da cidade alta, uma espécie de arrabalde ou cidade nova, mas que não tem em si absolutamente nada de urbano, consistindo, pelo contrário, em uma série de casas de campo, jardins e sítios encanta dores e veredas para passeios". 300 Continunado, acrescenta que, se a cidade alta é bonita, ali é simplesmente maravilhoso. "Nada foi poupado em elegância, luxo e bom gosto, tanto no exterior como no interior das casas". 301 Os jardins são, com suas magníficas árvores, be líssimos, havendo, além disso, a maravilhosa vista para o mar, que de toda parte se pode descortinar. 302

Naeher, na década de 70, vai de tramway, morro abaixo, até a Vitória, expressando também sua admiração. 303 E em 1885, o capitão do "Albatros" refere-se à Vitória como "um longinguo subúrbio". 304

Schwieger, que esteve brevemente na Bahia em 1898, registra que teve apenas poucas horas "para uma rápida visita à cidade alta, a assim chamada Vitória", 305 onde as ruas e as praças são bem mais agradáveis do que na cidade baixa e protegidas por árvores bem cuidadas. 306 Marc, na mesma época refere-se aos "tramways que conduzem à Barra, através dos mais belos bairros da cidade", 307 o que já mostra a integração da Vitíria e talvez a perda de seu exclusivismo, uma vez que a técnica levava o homem mais depressa para mais longe e a urbanização tivesse roubado muito do "tropicalismo" antes tão ardentemente admirado.

Num rápido exame, vemos que a maioria dos visitantes se limitou ao que se chamaria hoje "un tour touristique", a um "sight seeing" "pelos pontos mais pitorescos da cidade", e só muito poucos alongaram seus caminhos para o além do convencional e do mais conhecido.

<sup>300)</sup> Asschenfeld, op.cit., p.19

<sup>301)</sup> Ibidem

<sup>302)</sup> Ibidem

<sup>303)</sup> Naeher, pp.cit., p.70

<sup>304)</sup> Benko, op.cit., p.83

<sup>305)</sup> Schwieger, op.cit., p.

<sup>306)</sup> Ibidem

<sup>307)</sup> Marc, op.cit., p.

Se nem Tollenare, que passou mais de um ano entre os baia nos, nem Wetherell, que aí viveu por mais de uma década, nem Dundas, que dirigiu o hospital inglês de 1819 a 1842 - para só citar alguns dos poucos que aqui se fixaram por mais tempo - deixaram informações de maior fôlego sobre os diferentes pontos da cidade, não se pode es perar mais dos visitantes fugazes para quem a Bahia foi uma escala a mais de uma movimentada e aventurosa viagem.

Não cremos ser sobejo frisar novamente o que já levantamos na introdução deste trabalho, isto é: esse tipo de informação tem so bretudo um caráter casual e fortuito, cujo valor é talvez menos his tórico do que antropológico-social, quiçá psicológico; por que cami nhos terá levado a curiosidade do viajante, até onde terá ele se aventurado, o que o terá impelido a esse porto, como reagiu ante esta ou aquela situação ou este ou aquele aspecto da cidade nova que se desdobrava e se oferecia a seu conhecimento e gozo, à sua comparação e espanto.

Ao desembarcar, é o mundo físico o primeiro que se apresen ta aos sentidos: sons e odores, formas e cores, em novas combinações e novas intensidades, envolvem e dominam o recém chegado. As suas reações revelam se se trata de um espírito de amplos horizontes, e visão realista e objetiva, se se está diante de um indivíduo conserva dor e acanhado, enfim, o retrato interior do viajante pode ser feito enquanto ele retrata a cidade.

# Michigan de la constante de la

## and meinem Ragebude,

Ç1'- 11

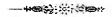
mahrend meiner Beifen und meines Antenthaltes

Brafflien

in ten

Sahren 1543 bis 1817.

Friedr. Asidenfeldt, Dr. med.



Olbenburg in Solftein.

Drud unt Berlag von G. Grandet.

Leipzig, in Ormmirten tei Onfian Branue.

1848

#### A CIDADE. ASPECTOS SOCIAIS

"La douceur des moeurs, l'indulgen ce pour la fragilité humaine ont facilité la fusion de ces differentes races et rapproché les diverses classes sociales".

A. Bertrand, Lettres ...

"... O cultivo desses produtos po deria ser igualmente desenvolvido por negros livres; isso seria ver dade, se os negros livres trabalhassem. Trabalho é para eles, en tretanto, um fantasma, o sinal da escravidão. Indolência, o símbolo da liberdade... Uma vez desfeitas as cadeias do cativeiro,os ne gros so se deixariam levar pela própria preguiça... E porque, afinal, a raça etíope deveria ter o privilégio de não trabalhar? Friedriech Asschenfeld, Memoiren aus meinem Tagebuche.

Em baixo, o ar carregado de miasmas, a sargeta, o borburinho. Em cima, a ausencia de ruído, a calma idílica, o perfume da ve getação, a brisa marinha, a magia da paisagem.

De um lado, a cidade porto, a cidade armazém, a cidade em pório, a cidade formigueiro. Do outro, a cidade jardim, a cidade la zer, a cidade residencial, a cidade paradisíaca.

A cidade baixa - cidade negra, cidade escrava.

A cidade alta - cidade branca, cidade senhorial.

O quadro das duas cidades é complementado pelos dois mundos sociais, numa correspondência entre a estratificação topográfica e e cológica de um lado, e a estratificação social e racial do outro.

## Estratificação social

Um sem número de visitantes estrangeiros, recém saídos do mundo europeu e onde se deconhecia praticamente a confrontação racial, arrolou informações preciosas sobre as questões étnicas e a estratificação social da Bahia de oitocentos.

Não menos enriquecedora é a observação da reação e o comportamento desses indivíduos face a esse novo complexo etno-social, de pacífica (ou tormentosa) convivência de três raças, com todas as suas gradações de intercruzamento, e todo o seu escalonamento hierárquico.

Martius chama a atenção para o "quadro da vida, dos mais grandiosos que o viajante pode encontrar", <sup>1</sup> oferecido pelo espetácu lo humano de uma procissão religiosa na Bahia quando, ante o observa dor, desdobram-se "as particularidades das diferentes classes e raças": <sup>2</sup> as numerosas irmandades de todas as cores, alas sucessivas de religiosos de todas as ordens, "além disso, as tropas portuguesas de linha, ...e as milícias da capital, ... em meio do barulho selvagem de negros exóticos ... cercados do bulício dos mulatos irrequietos",

Não era possível ao estrangeiro compreender essa mistura e liberalidade raciais e foi o próprio Martius quem advertiu, logo ao

<sup>1)</sup> Spix e Martius, op.cit., p.81

<sup>2)</sup> Ibidem

<sup>3)</sup> Ibidem, p.82

chegar à Bahia, à vista do mercado de peixe na cidade baixa, que "em contacto com as diversas outras raças humanas" "o europeu deve pôr à margem certas exigências". "

As aparências desconcertam o estrangeiro. Em 1802, Lindley considera "surpreendente ver como se observa pouco, neste país, a ma téria de subordinação de classes". E acrescenta que, nem mesmo na França, com toda a sua tradição de liberdade e igualdade, encontrase algo semelhante. O empregado branco não apenas conversa com a maior cordialidade com a patrão, como também discute-lhes as ordens, o que "o superior recebe de boa cara, concordando, freqüentemente, com ele". E esse sistema liberal se estende "aos mulatos e até mes mo aos negros. Ninguém sofre qualquer humilhação, exceto o servo pa ciente e trabalhador: c índio". Essa "mesma liberdade licenciosa" pode ser vista entre os marinheiros e na hierarquia militar. Em Por to Seguro, Lindley muitas vezes espantou-se vendo "tenente, sargento e soldados no mesmo grupo, jogando cartas. Até o próprio capitão-mor e outras pessoas, entre os mais respeitáveis moradores do lugar, fa zem apostas e jogam, sem o menor escrúpulo". 8

Em 1843, o Conde de Suzannet escandaliza-se com a "imoral $\underline{i}$  dade de todas as classes" que "possibilitou o cruzamento das raças e destruiu todos os preconceitos de casta". $^9$ 

Detmer, que visitou o Brasil ao terminar o século, observando o mesmo fenômeno, partilha de uma opinião bem diferente, sendo justamente essa falta de preconceito motivo de positiva admiração. "Mais do que tudo, impressiona que no Brasil, apesar da sensível diferença quanto à propriedade, não existe praticamente nenhum preconceito social. Ricos e pobres, instruídos e não instruídos relacionam-se uns com os outros do modo mais cordial. Freqüentemente o que sobressai de maneira mais louvável é o relacionamento puramente huma

<sup>4)</sup> Ibidem, p.56. A tradução de Pirajã da Silva traz o termo exigências; a de Ed. Sūssekind de Mendonça e Flavic Poppa (e Figueiredo, com anotações de Oliverio Pinto (coleção Brasiliana, 1940) usa a palavra "preconceito" (cf. p.294). O texto original alemão traz o termo "Ansprāche", ao qual corresponde melhor a primeira tradução.

<sup>5)</sup> Lindley, op.cit., p.71

<sup>6)</sup> Ibidem

<sup>7)</sup> Ibidem

<sup>8)</sup> Ibidem, p.72

<sup>9)</sup> Suzannet, op.cit., p.43

no; nenhum orgulho de um lado nem, do outro, nenhuma desagradavel ma nifestação de servilismo. Justamente nos, alemães, deveríamos tomar como modelo esse exemplo dos brasileiros". 10

Tenta-nos uma divagação a respeito das características da organização e manifestações do poder e da autoridade na sociedade es cravocrata brasileira. Entretanto, evocaremos apenas que a forma e o sistema de colonização do Brasil, adotado por Portugal, eram de ca ráter escravista (até o século XVII de modo absoluto, daí por diante, predominantemente), la apresentando, por outro lado, laivos e traços de um sistema feudal, já na metrópole em desintegração. Dessa combinação de feudalismo, escravismo e patrimonialismo (o qual favoreceria sobretudo o comércio externo e a exploração escrava), dessa com binação se moldou uma estratificação em castas bastante sui generis, bem pouco ortodoxa. 12

Não cabe, aqui, retornar à longa e encarniçada discussão sobre "capitalismo ou feudalismo" no Brasil ou na América Latina. Li mitamo-nos a remeter o leitor ao recente estudo de Slicher van Bath, e que traz uma resenha das principais contribuições para o debate da questão.  $^{13}$ 

Entretanto, na "sociedade de castas" brasileira, dividindo grosseiramente a população entre senhores e escravos (deixando para discutir oportunamente o entrelaçamento, aí, dos sistemas de estamento, de casta e de classe) o "pária" dessa sociedade, o escravo, podendo comprar a sua liberdade, podia, com isso, melhorar sua condição, romper as barreiras da convenção e, com essa transação singular, tor nar negociável a sua mobilidade social. Além disso, "a inexistência

<sup>10)</sup> Datmer, op.cit., p.65

N. Werneck Sodré, História da Burguesta Brasileira, Rio de Janei ro, Editora Civilização Brasileira, S.A., 1964, p.33.

<sup>12)</sup> O sistema ideal de castas "é aquele em que cada estrato é tão per feitamente fechado - teoricamente e na prática - que não há mobilidade" possível (cf. B. Berger, Societies in Change. An Introduction to Comparative Sociology, N. York, London, Basic Books, Inc. Publis here, 1971, p. 102), sendo "a casta uma camada social hereditária, endogema, cujos mentros pertencem à mesma raça, etnia, profissão ou religião" (cf. Disienario de Sociologia, 1956, p. 59).

<sup>13)</sup> Slicher van Bath, Feudalismo y Capitalismo en América Latina in: Boletín de Estudios Latino Americanos y del Caribe, ed. pelo Centro de Estudios y Documentación Latinoamericanos (CEDLA), Amsterdam, nº 17, dez. de 1974, pp.21-41.

de repugnância mútua entre as camadas constituintes da sociedade es cravocrata configuraria uma especial estratificação em castas em que a cor e, portanto, a raça, desempenhariam meramente função de símbo lo da condição econômica dos indivíduos". 14

Lançaremos mão das reflexões da autora paulista Heleieth Saffioti não para impetrar uma interpretação da formação da socieda de brasileira, mas na tentativa de, a partir do testemunho dos informantes estrangeiros, ressaltarmos certos enfoques por eles tomados, na medida em que possam contribuir para melhor conhecimento e mais clara interpretação do real contexto em que suas observações tiveram lugar.

Cabe ainda frisar rapidamente que, justamente essa "ausen cia de repugnância mútua", de que fala Saffiotti, faz a sociedade de classes brasileira, como a latino-americana em geral, ser considera da bem mais como um sistema de estamentos do que de castas. O siste ma de estamentos define tipicamente, como o sistema de castas, uma hierarquia de ocupação, conservando igualmente rígidas regras de ca samento e interação social, prescrevendo e proscrevendo conúbio e co mensalidade, como se expressa Brigitte Berger. E apesar de todas as barreiras de proibições e inibições, que dificultam a mobilidade social, no caso latino-americano tal não sucede de modo absoluto, rígido, sendo possível (e, com o decorrer do século, cada vez mais), uma quebra dessa rigidez, um afrouxamento das normas, o que provoca, no estrangeiro, espécie, estranhesa, quando não indignação.

#### A classe alta

A pirâmide social, durante amplo período do oitocentos,ain da tinha no ápice o senhor de engenho, constituindo-lhe os escravos a vasta e maciça base, base esta não descolorida, apenas outramente denominada, com os efeitos gradativos do tempo e com o advento da abolição.

0 senhor de engenho, sim, foi tendo aos poucos seu  $\,$  lugar deslocado, empurrado pela burguesia comercial alastrante e a elite  $\,$  in

<sup>14)</sup> Heleieth Saffioti, A mulher na sociedade de classes. Mitc e realidade. S.Paulo, Livraria Quatro Artes Editora, 1969, p.172.

<sup>15)</sup> Cf. Berger, op.cit., p.105

dustrial nascente, muito embora o Império tenha prestigiado muito a classe dos grandes proprietários, dignificando-os com títulos de no breza e dando-lhes posição de destaque na política, na economia e na vida social do país. Os primórdios da formação de uma sociedade de consumo, e os interesses do "burgus" vão aos poucos sobrepujando os do baronato rural, a abertura dos portos e a livre entrada de gêneros de necessidades primeiras e segundas despertando a sede aquisitiva, propiciando o levantar dessa nova camada social que iria predominar no século seguinte: a dos comerciantes abastados, secundados pelos industriais.

Os viajantes estrangeiros têm, em geral, contacto mais di reto com as camadas dominantes da população. Hospedam-se quase sempre em casas particulares, na maioria das vezes de estrangeiros, que a recomendação de conhecidos comuns ou um encontro casual propiciava; mas, tendo em vista uma demora mais longa no lugar, alugam em algum ponto uma casa, como foi também o caso de Tollenare, que morou em "mo desta casinha na Vitória" ou Kidder que, depois de encontrar abrigo para a primeira noite em casa do cônsul norte-americano Foster, alo jou-se em seguida em frente as Merces. 15

Quando, em 1701, Dampier escreveu sobre a Bahia, informou que "os mercadores, que ali residem, são muito ricos", e "têm grande número de escravos. A maior parte desses negociantes são Portugueses". 17 Ao encararmos o século dezenove, vemos que, no começo do século, como no decorrer dos anteriores, a classe dominante mostrava-se sobretudo composta pelos portugueses, donos da colônia. A opinião dos viajantes sobre eles não é das mais positivas e quando muito, condescendente.

Lindley não esconde seu desdém face à atitude prepotente das autoridades em Porto Seguro, ou do desembargador, na Bahia, encarregado do julgamento de seu processo. 18 Ao governador não conseguiu ele ter acesso durante muitos meses, permanecendo suas cartas dirigidas àquela autoridade longo tempo sem a menor resposta. 19 Turnbull. seu conterrâneo e contemporâneo, que tocou em terras da Bahia em 1800,

<sup>16)</sup> Cf. Kidder, op.cit., pp.11e53

<sup>17)</sup> Dampier, op.cit.

<sup>18)</sup> Lindley, op.cit., p. 65 e passim

<sup>19)</sup> Ibidem. p.76

foi agraciado com tal honra, tendo sido chamado à presença do Vicerei para lhe explicar as razões de sua entrada em águas brasileiras. Nessa ocasião, informou que o governador falava muito bem inglês, e que o recebeu "com arrogância e frieza", vestindo seu uniforma comple to de general. 20

Isto se pode atribuir às ordens reais, para serem tratados com severidade e desconfiança os navios estrangeiros que chegassem æ porto. Já depois da abertura dos portos, Grant ainda comenta a seve ridade das autoridades, no Rio de Janeiro, quanto à entrada de navios estrangeiros, e mesmo portugueses, que são obrigados a lançar âncora antes de chegar ao porto e, numa chalupa, mandarem um oficial a té o Forte de Santa Cruz, o qual depois segue até o palácio do Vice. Rei, a fim de informá-lo da chegada e do motivo de estadia do navio naquele porto. 21

Seria falso partir-se da idéia de uma "classe dominante" compacta e homogênea, branca, em contraposição a uma outra classe, a serviçal, de cor, distinta, afastada e reprimida na sua condição so cial, econômica e cultural de escravos. Sem pretendermos aqui elabo rar uma análise de classe, com base em teorias e formulações mais ou menos complexas, nem levantar debates ideológicos, é nosso propósito apresentar certos aspectos que poderão contribuir para o conhecimen to concreto da multicolorida realidade social local, dos entrelaçamentos das gamas indefinidas das camadas sociais e da sua interação.

Os viajantes não só ressaltam, em múltiplos testemunhos,os fenômenos de contatos, intercâmbios, cordialidade e convivência entre as classes, mas percebem também, e a registram, a diferenciação existente no seio de cada uma, as contradições e as tensões. E seus comentários estão longe de serem sempre lisongeiros.

Martius comenta que, "embora a cor branca no Brasil quase enobreça e dê, habitualmente, pretengões a uma certa posição na sociedade, enganar-se-ia muito aquele que esperasse da parte branca da população, das classes mais elevadas, mesmo, uma igualdade de educação e de idéias". <sup>2</sup> E esclarece que, se a educação e os costumes

<sup>20)</sup> Turnbull, op.cit., p.10. Lindley, aliás, quando finalmente se a vistou com o governador considerou-o "de maneiras polidas" (op. cit., p.94).

<sup>21)</sup> A. Grant, Andrew Grant's Doctor's der Arzneikunde, Beschreibung von Brasilien. Weimar, im Verlage des Landes- Industrie-Comptoirs, 1814, p.99.

<sup>22)</sup> Spix e Martius, op.cit., pp.76 e ss.

são os de Portugal, portanto, de um país já por si menos desenvolvido e "cultivado", a influência da Inglaterra ou da França se faz sentir através da literatura que chega até o Novo Mundo, ou do contacto de jovens que, indo educar-se na Europa, retornam mais abertos e mais ex perientes, transmitindo essa vivência a seus conterrâneos. Os brasileiros que tiveram a oportunidade de uma estada na Europa são bem mais acessíveis, e Martius conclui que "o europeu pode convencer-se em muitas ocasiões agradáveis" "de como atua sobre o desenvolvimento dos brasileiros uma estada na Europa". Entretanto, é ainda Martius quem informa que "os ricos fazendeiros e comerciantes da Bahia" hesitam em mandar os filhos a Portugal por receio das más companhias ou dos maus casamentos. 24

Em seus diversos contatos com a sociedade baiana, Maria Graham, em 1821, chegou à conclusão de que "os homens portugueses tem todos uma aparência desprezível. Nenhum parece ter qualquer educação acima da dos escritórios comerciais e todo o tempo deles é gasto", a credita ela, "entre o negócio e o jogo". 25

Não alimenta ilusões, a viajante inglesa, quanto ao que a aguarda, assim se externando sobre seus conterrâneos: "a sociedade dos ingleses é exatamente o que se poderia esperar: alguns comerciantes, não de primeira ordem, cujas reflexões giram em torno do açúcar e do algodão". <sup>26</sup>

Suzannet, em 1843, ressaltando que "só em circunstâncias es peciais o estrangeiro é recebido por brasileiros, sendo assim difícil estudar-lhes a vida privada", 27 considera que a sociedade da Bahia seja bem diferente daquela da Corte, havendo na província mais fran queza, mais cordialidade, e as mulheres gozando de maior liberdade. "Não são contrafeitas nem tímidas, como em geral aquela espécie de es cravatura doméstica torna as brasileiras. Reunem-se nos teatros, to mam parte nas conversas, e os maridos, apesar de muito ciumentos, per mitem que a gente se aproxime delas". 28

<sup>23)</sup> Ibidem

<sup>24)</sup> Ibidem

<sup>25)</sup> Graham, op.cit., p.156

<sup>26)</sup> Ibidem

<sup>27]</sup> Suzannet, op.cit., p.46

<sup>28)</sup> Ibidem

É interessante a opinião de Suzannet sobre as relações so ciais na Bahia, contrastando com o ponto de vista de outros viajantes; desde Lindley que, ao comentar a visita do Capitão do Forte do Barbalho e sua família, registrou que se sentaram "durante duas horas, com aquele formalismo insípido, usual entre eles", 29 a Wetherell que em 1856, anota a separação dos sexos durante uma reunião, observando que as mulheres "em vez de conversar, parecem somente olhar umas para as outras", enquanto os homens reunem-se entre si, em geral perto das portas ou no meio do salão". Tschudi, em 1863, falando de modo geral sobre a "vida brasileira", e tendo provavelmente a vida ca rioca como modelo, comenta que uma "soirée brasileira é a reunião mais insípida que se pode imaginar", confirmando a separação entre homens e mulheres, e onde "cada qual fala com o seu vizinho a meia voz, abor recendo-se terrivelmente durante algumas horas". 31

No fim do século, Lamberg considera igualmente "a vida social na Bahia monótona e aborrecida, assemelhando-se a uma cidade provincial européia de tamanho médio". 32

Em 1854, Wetherell resume em poucas frases sua opinião a respeito do caráter do brasileiro, referindo-se sobretudo à classe dominante. "Não existem altas classes fechadas de sociedade - qual quer que seja o lugar onde se vai, nota-se que todos os tipos de pas soas são aceitos no mesmo pé de "camarada muito bem". Nas recepções encontra-se entre algumas das melhores pessoas, visitas que, na Inglaterra, seriam corridas da sociedade respeitável". 33

Pode-se ver bem a nítida origem do autor de tais reflexōæ; britânico educado nas concepções vitorianas, fruto do mundo industrial nascente, em que as convicções de classe, a defesa da integridade da "sociedade respeitável" constituem um necessário e inevitável corolário.

<sup>29)</sup> Lindley, op.cit.,p.86

<sup>30)</sup> Wetherell, op.cit., p.134

<sup>31)</sup> Tschudi, op.cit., I, p.141

<sup>32)</sup> Lamberg, op.cit., p.177

<sup>33)</sup> Wetherell, op.cit.,pp.80 e ss. A citação reproduz a tradução puplicada pelo Banco da Bahia. O texto em inglês é o seguinte: "There are no high exclusive ranks of society - wherever you go amongst them you find that all descriptions of persons are admitted upon the same footing of "hail fellow well met". At evening parties there are persons visiting amongst some of the first people, who at home would be scouted from respectable society" (p. 74 do original).

Em 1860, Maximiliano da Áustria assim resume a distribuição demográfica da Bahia: "os negros são escravos, isto é, animais com al ma humana. Os brancos são os donos dos escravos, isto é, homens com alma de animal". 34

É interessante comparar a atitude de Maximiliano, em muitas ocasiões em contraposição com a grande parte dos observadores estran geiros. Se situamos o nobre austríaco em seu contexto histórico, e o evocamos como irmão do imperador Francisco José, da Áustria, ele mes mo governador em chefe do Reino Lombardo Siciliano, politicamente for mado sob a influência e a atuação de Metternich (que morreu em 1859), criado na rigidez da corte austríaca, afeito ao convívio da mais fina e seleta socicedade da época, não podemos deixar de registrar a aber tura de seu espírito, que soube compreender e admirar um "senhor Giri moabo", vendo-o corretamente em sua situação de senhor de engenho, do minante e operoso, influente e grande à sua maneira.

Maximiliano não soube, porém, fugir ao mal-estar que lhe cam sou ser servido pelas próprias mãos de Geremoabo, quando, no Recônca vo, o brasileiro o honrou com um banquete em seu engenho, e quando, "segundo os antigos costumes patriarcais". 35 era sobretudo o Senhor que, gentilmente, fazia as honras da casa, oferecendo a champanha; "e ra constrangedor ser servido por suas mãos, pois Girimoabo não era mais o pequeno homem insignificante como nos parecera pela manhã, mas sim o Homem do Mundo". 36

Cabe aqui, de novo, a mesma observação que fizemos em relação a Wetherell. O espanto do europeu face a certos rasgos de "libe ralidade" ou "democracia" dos grandes senhores locais é compreensível, e não se podia esperar atitude diferente. Em 1866, Scully, no Rio de Janeiro, também espanta-se com o "gentleman" que não se peja em ir receber seu convidado ou a inesperada visita à entrada da casa, não sen do orgulhoso demais para ir até à porta ao seu encontro, com as mais afáveis expressões. 37

É talvez preciso não esquecer que tais "liberalidade" e de

<sup>34)</sup> Maximiliano, 1861, p.19

<sup>35)</sup> Ibidem, p.267

<sup>36)</sup> Ibidem

<sup>37)</sup> Scully, op.cit., p.10

mocracia" se movimentam dentro de uma determinada área, isto ε, a á rea dos livres e dos homens de posse, essas manifestações em geral não se estendendo aos escravos nem aos humildes.

É interessante também ressaltar que, relativamente, não são tantos os viajantes que trazem informações acerca da sociedade local Muitos, tendo visitado a Bahia de fato apenas de passagem, não podem ter vivenciado essa sociedade, não lhes ocorrendo talvez, por isso mesmo, uma tentativa de informação a respeito. Afora as costumeiras observações quanto à excentricidade da população, ou ligeiras anota ções sobre a indolência dos brancos, a grande parte dos viajantes o cupa-se mais em descrever a cidade, arrolando para o futuro "turista" os pontos pitorescos, ou perdendo-se em deslumbramentos face à naturo za tropical, detendo-se com maior ou menor fidelidade na fauna, na flora e, não por último, na população indígena, primitiva; outros, com intenções mercantilistas particulares ou de encomenda, arrolam preciosos dados informativos, visando às possibilidades de investimento.

A interação entre os membros de um grupo é geralmente regida por padrões de relações e a esses padrões se convencionou chamar de sistema de status. Esperam-se determinadas condutas, consideradas as mais apropriadas, no relacionamento entre indivíduos ocupando posições diferentes na hierarquia do status. A conduta, o compertamento, estão associados ao status do indivíduo na relação direta em que aí se vê um aspecto de seu papel social. Baí não ser nêm um pouco estranha a surpresa de Lindley, face ao modo de agir dos senhores para com os seus subalternos, nem o constrangimento de Maximiliano da Austria, ou do inglês Scully, que não podiam esperar um comportamento, para eles, de serviçal, da parte de seus anfitriões.

Da mesma forma, é para o estrangeiro surpreendente verificar a ociosidade das camadas altas da população, de perto imitada, como uma questão de conquista de status, por todo homem livre, não só os brancos como os mestiços ou negros.

Para o brasileiro branco, comenta Tschudi, "o trabalho físico desonra, sendo quase considerado uma vergonha quando alguém não possui pelo menos um escravo que o sirva", 39 tendo como inteiramente

<sup>38)</sup> Cf. Cardoso e Ianni. Teorias de estratificação (Leituras de Socio logia). S.Paulo, Cia. Editora Nacional, 1972, p.71.

<sup>38)</sup> Tachudi, op.cit.. I, p.176

abaixo de sua dignidade aprender um ofício manual. 40 Escolhem, pelo contrário, um emprego como caixeiro em alguma loja, na esperança de um dia serem independentes. 41 Um pai de família prefere ver seu filho como preguiçoso, jogador ou vagabundo, a artesão. 42

Os processos de integração e aculturação das várias etnias a sociedade são acelerados por uma possível cooperação das várias classes sociais.

L fato que nesse século XIX se foi diluindo a estratificação social puramente colonial, onde a concentração da renda, do pres tígio social e do poder reduzia a termos de "castas", ou melhor, de "estamentos" a amplitude e a variabilidade dos estratos sociais. Com a modificação da estrutura econômica ocasionada pela extinção do trá fico, o incipiente desenvolvimento fabril, a expansão mercantil e do mecanismo do crédito, verifica-se uma correspondante modificação na estrutura social, cujo sistema se tornou mais plástico e variado, a través da mobilidade social possível, se bem que limitada ainda, pe la formação e dilatação de classes intermediárias entre escravos e 90 nhores, sobretudo pelo prestígio e importância de que a cidade e seu complexo de atuações e desempenhos vieram a gozar na centúria passa-Se, desde a época colonial, não se desconheciam os estratos termediários, constituídos por homens livres, mas sem terras e de u ma escala variada e multicor de mestiços, esses estratos foram adqui rindo cunho próprio, caracterização mais nítida com o decorrer do oi tocentos. Do seio dessas classes intermediárias e da aristocracia rural, cujas luzes lentamente se apagavam, acrescentando-se o sempre maior número de empresários estrangeiros, é que talvez se possa dizer que vai surgindo, paulatinamente, o estrato da burguesia nacional São desses três elementos - ou melhor, são dessas três camadas distin tas - que, aos poucos, se irá formando a pequena classe influente e poderosa, a nata da sociedade, o vértice da escala social.

<sup>40)</sup> Ibidem

<sup>41)</sup> Ibidam

<sup>42)</sup> Ibidem. Aqui, conviria, entretanto, enotar a interpretação da um outro autor, afirmando que os brasileiros não querem ser caixei ro, preferindo tornarem-se funcionários públicos, como é o caso de Wetherell: "elos recusam-se a empregar-se em tão dogradante posição... preferem aceitar pequenas situações governamentais mai pagas", cf. p.81.

### O elemento estrangeiro

Os viajantes entram, sobretudo, em contato com os demais es trangeiros estabelecidos no local, trazendo para eles cartas de recomendação, hospedando-se na maioria das vezes em casa de seus conterrâneos, como jã vimos.

Dampier, no começo de setecentos, só viu na Bahia uma meia dúzia de europeus não portugueses, 43 e Barrow, no final do século .. XVII, surpreendeu-se com as medidas de precaução tomadas pelo gover no do Rio de Janeiro a respeito dos estrangeiros, não lhes permitin do andar sem a vigilância de um policial, proibindo-lhes a saída polas ruas depois do toque de recolher.

Depois da abertura dos portos, o número de estrangeiros multiplicou-se rapidamente e o estabelecimento de agências consulares tornou-se uma exigência, todo o afluxo de comerciantes estrangeiros nas principais províncias brasileiras, criando-se um elo cada vez mais poderoso de ligação entre os comerciantes aqui estabelecidos e mercadores europeus. Sabe-se da presença do comerciante americano Henri Hill, já residente na Bahia quando o Príncipe Regente aqui aportou em 1808, e que foi, na ocasião nomeado consul. Havia certa mente mais alguns poucos, mas esse número crescer rapidamente.

O viajante inglês John Mawe, testemunha ocular, registra a concupisciência com que os comerciantes ingleses invadiram os portos brasileiros, afogando-os com produtos necessários, supérfluos, o mos mo absurdos; "o mercado ficou abarrotado... a baia estava coalhada de navios e, em breve, a alfândega transbordou com o volume de mercado rias."

Freyreiss, ac chegar à Bahia em 1816, foi logo visitado "por varios alemães aqui residentes", 48 entre eles Peter Weyll, "estabele

<sup>43)</sup> Cf. nota anterior a respoito.

<sup>44)</sup> Barrow, op.cit., p.85

<sup>45)</sup> Sobre a vinda dos primeiros representantes diplomatas no Brasil s o conhecimento dos primeiros alemães estabelecidos na Bahia, cf. Edolweiss, op.cit., pp.223-242.

<sup>46)</sup> Pinto de Aguiar, op.cit., p.115

<sup>47)</sup> Mawe, op.cit., p.318

<sup>48)</sup> Freyreiss, op.cit., p.206

cido no Almada e pouco antes chegado via Holanda", 49 também conhecido de outros viajantes que andaram pela região, como Spix e Martius, na mesma época e, ja na década de 20, Ludwig Riedel. 51

Na companhia do "amável patrício Snr. C.F. Schlüter, de Hamburgo", partiram Spix e Martius para o sul da Bahia; <sup>52</sup> e Riedel assim que aportou em Salvador, nos primeiros dias de 1821, travou conhe cimento com alguns franceses, <sup>53</sup> com um senhor de nome Adolf Saueracker, "químico alemão" <sup>54</sup> e com um certo Dr. Müller, médico "que este ve por muito tempo no serviço prussiano". <sup>55</sup>

Ferdinand Denis, em suas cartas familiares escritas duran te sua estada na Bahia entre 1816 e 1817, informando que, praticamen te, só mantinha contacto com estrangeiros, assinala a presença de vários outros franceses entre os quais, o impostor Alexis Martin, que se dizia pertencer à casa Martin et Bournichon, M. Récamier, sobrinho do célebre banqueiro parisiense e consignatário de navios franceses, que não circulava na cidade senão levado em cadeirinha, e Tollename, "rico negociante de Nantes, de passagem pelo Brasil", e que "tem gos to pelas ciências e pelas artes". 57

Aqui chegado em 1819, e permanecendo 23 anos como médico do Hospital Britânico, o Dr. Robert Dundas presta muitos serviços não só à colônia estrangeira, como aos nacionais. Maria Graham o encontra, em 1821, esclarecendo em seu diário que a capela co hospital ingleses ficam sob o mesmo teto, sendo ambos mantidos por um fundo de contribuição. 58

O Barão Albert de Roussin, chefe da esquadra naval francesa, que por ocasião das lutas da independência, navegava os mares ma

<sup>49)</sup> Edelweiss, op.cit., p.229

<sup>50)</sup> Spix e Martius, op.cit., p.126

<sup>51)</sup> Riedel em seu diário da Bahia, refere-se amiudo a este e outros colonos e plantadores alemães, franceses, suíços e ingleses, en tre eles Level, Lavigno, Borel, além de Woyll & Saueracker.

<sup>52)</sup> Spix e Martius, op.cit., p.117

<sup>53)</sup> Riodel, op.cit., dia 10. I. 1821, folha 46.

<sup>54)</sup> Ibidem, dia 11.I.1821, fl. 46. Cf. tb. AEBa., S.H., m.1170.

<sup>55)</sup> Ibidem, dia 16.I.1821, fl. 47

<sup>56)</sup> Denis, 1957, p.19

<sup>57)</sup> Ibidem, p.20

<sup>58)</sup> Graham, op.cit., p.154

sileiros em defesa dos interesses comerciais daquele país; em relatório de 1822, enviado ao Ministro da Marinha da França, informando ao seu governo sobre a situação política e militar brasileira, detendo se sobretudo nas províncias de Pernambuco e Bahia, diz que os portugueses da Bahia, "vêem com desconfiança e ciúme as outras nações frequentarem o Brasil", <sup>59</sup> enquanto os brasileiros, mais seguros em sua luta pela independência, certos de que, mais cedo ou mais tarde, a vencerão, olham para os estrangeiros com benevolência; os franceses, mais imparciais e conduzindo uma política de neutralidad, diz Roussin, são mais tolerados, enquanto que os ingleses são geralmente odia dos pelos portugueses; os brasileiros, pelo contrário, "os poupam e os consideram como apoiando os seus interesses". <sup>50</sup>

Pouco depois, o cônsul francês na Bahia, Jacques Guinebaud, em 1824, informa ao seu governo que "os franceses são muito mal vistos, principalmente nas Frovíncias do Norte", 61 uma vez que a neutra lidade propagada por Roussin se tinha transformado numa proteção e a poio ao estabelecimento de uma monarquia no Brasil, indispondo "necessariamente as pessoas ligadas a um sistema contrário". 62 Os acon tecimentos políticos nesses dois anos se tinham de tal modo precipitado que não era mais o fantasma palpável da separação de Portugal que pairava, conturbando os interesses comerciais das nações mercan tilistas, mas, independência realizada, os inquietos brasileiros do norte ansiavam por "um sistema contrário", isto é, uma forma de governo liberal e republicana.

O capelão da colônia anglo-americana, Mr. Parker, ciceroneia o Reverendo Daniel Kidder, quando este, em 1839, passa pela Ba
hia, 63 gozando ainda da companhia do cônsul inglês em exercício, Mr.
Whately, e do cônsul americano, Mr. Foster, em casa de quem, aliás,
pernoitou. 64 Candler e Burgess, os dois "quakers" que percorreram o
Brasil em 1852, munidos de uma carta de apresentação de comerciantes
de Liverpool, são recebidos e hospedados por Robert Baines, em sua

<sup>59)</sup> Kátia M. de Queiroz Mattoso, 1973, p.160.

<sup>60)</sup> Ibidem, p.159

<sup>61)</sup> Kátia M. de Queiroz Mattoso, 1970, p.185.

<sup>62)</sup> Ibidem

<sup>63)</sup> Kidder.op. cit., p.9

<sup>64)</sup> Ibidem, p.11

"casa de campo na Vitória". 65 No fim do século, perduram os mesmos costumes, e Detmer deixa o quarto do Hotel Sul-Americano para aceitar o convite de seu conterrâneo Weber, representante da casa comercial Ottens. 66

Wetherell informa que os estrangeiros muito se divertem na Bahia, fazendo muitos piqueniques, em geral à beira do mar, e os homens frequentemente se reunem em jantares, dos quais, entretanto, nem sempre as senhoras participam. Há ainda frequentes reuniões dançan tes, na casa de um ou de outro, 67 mas o número das senhoras é muito reduzido. 88 No ano seguinte, acumulando suas observações, Wetherell reconhece que "os hábitos estrangeiros, e sobretudo dos ingleses, são absolutamente impróprios para o clima tropical... pesados jantares, realizados tarde e regados a vinho e cerveja, supostamente considera dos necessários para que o corpo agüente os efeitos cansativos do clima, são seguidos por vezes de ceias com champagne... Mas os ingleses são garfos moderados quando comparados aos alemães que os ganham de longe pela quantidade do que comem e bebem!" 69

Entre os visitantes estrangeiros que computamos, vários são os que não integram o rol dos viajantes propriamente ditos, tendo-se fixado por mais tempo na Bahia; seja por motivos superiores ou alhei os ãs suas forças ou escolha, como Lindley, prisioneiro durante um a no por crime de contrabando, ou Dundas, por vinte e três anos médico a serviço da colônia inglesa na Bahia, ou ainda Wetherell, representante diplomático, também inglês, durante quinze anos no Brasil; ou seja por iniciativa e vontade próprias, como Ferdinand Denis, movido pelo impulso romântico e juvenil de tentar fortuna e contribuir para o dote da irmã, ou como Tollenare, negociante de algodão, por alguns meses tratando na Bahia, depois de ter feito o mesmo em Pernambuco, de assuntos de seu interesse econômico, ou Ludwig Riedel, que se dei xou ficar por mais de um ano na então decadente cidadezinha de Ilheus, coletando e pesquisando espécimes botânicos regionais, ou ainda As-

<sup>85)</sup> Candler, op.cit., p.11

<sup>68)</sup> Detmer. op.cit., p.37

<sup>87%</sup> Wetherell, op.cit., p. 6. Dundas refere-se também aos piqueniques no verão, quando "estrangeiros, assim como nativos, passam uma grande parte das noites estivais ao ar livre". (op.cit., p.208).

<sup>88)</sup> Wetherell, p.117

<sup>69)</sup> Ibidem, p.394

schenfeld, que por motivos ignorados se desloca de seu país, para clinicar, depois de muitas buscas, por três anos na Colônia Leopoldina...

Conservam-se todos eles, em geral, puramente visitantes, es pectadores na maioria das vezes inocuos e inatuantes ou, se atuantes, apenas restringidos ao fechadíssimo e limitado círculo do punhado de estrangeiros residentes. Típico é o comportamento de Oscar Canstatt quando, na Bahia, depois de informar da dificuldade de conhecer as famílias baianas, confessa não sentir a necessidade de entrar em um contato mais próximo ou mais frequente com a população local do que o estritamente necessário. A natureza, e os seus produtos tão exóticos, eram para ele suficientemente interessantes, de tal modo que o viajante, mergulhado nessa contemplação, considera o contato com os homens bastante dispensável. 70

Não é, entretanto, acertado incluir Robert Dundas entre es ses "espectadores", uma vez que o médico inglês, passando mais de duas décadas entre os baianos, participou de modo ativo dos problemas sanitários locais, interessando-se vivamente pelas moléstias tropicais, comparando suas experiências em diversos países, como o demons tra seu livro, contratando permanentemente médicos de outros hospitais da cidade e da Escola de Medicina, amigo pessoal de Lino Coutinho, Abbot e Patterson, tendo sido obrigado a encarregar-se exinho dos quinhentos ou mais pacientes do Hospital da Misericordia, duran te a revolução da Sabinada, uma vez que os demais médicos viram-se forçados a se refugiar. 72

Como disse Carlos Guilherme Mota, "discutir a presença eu ropéia implica também discutir a alteração de ritmo que essa presença provocou na vida política, social, econômica, cultural, etc.,e es se ritmo varia conforme o nível de realidade considerado". 73 Não pre tendemos levar a efeito essa discussão, o que fugirá às intenções e à seqüência do presente trabalho, mas desejamos, de novo, enfatizar que os relatos de viagem evidenciam de modo ideal as mudanças contínuas por que a Bahia vai passando no decorrer de todo o século XIX.

<sup>70)</sup> Canstatt, op.cit., p.272

<sup>71)</sup> Oundas, op.cit., p.391

<sup>72)</sup> Ibidem, p.394

<sup>73)</sup> Carlos Guilherme Mota, 1965, p.12

Não cabe tão pouco no momento uma análise aprofundada da presença estrangeira na sociedade local, porém não podemos deixar de aventar esse aspecto ao esboçarmos aqui os elementos da estratificação social na Bahia oitocentista.

O número de estrangeiros radicados na província eleva-se, com o avançar da centúria, sobretudo na esfera comercial e industrial, mas também no setor da prestação de serviços, na implantação das técnicas e da tecnologia aperfeiçoada, na insuflação de necessidades de consumo. Grande parte desses estrangeiros integrou-se de tal forma no processo histórico, no sentido mais lato do termo, da sociedade em que viviam, que nela se fundiram, em fenômenos "expressis verbis" de simbiose. Reciprocidade de benefícios, reciprocidade de influências. Reciprocidade que fez Henry Koster passar a chamar-se Henrique da Osta e tornar-se senhor de terras em Itamaracã. Simbiose que fez c espanto de Maximiliano da Austria quando, ao chegar em Ilhéus, verificou não serem os descendentes dos colonos alemães, ali estabelecidos e prosperos, capazes de se comunicar na língua de seus pais... 75

São comerciantes de café e de açúcar, de fumo e de algodão, mais tarde de cacau e borracha, para quem o viajante tem uma carta de apresentação, permitindo-lhe "ser recebido com gosto à mesa", e a quem "se servem bons pratos e vinhos, se reserva um lugar num sofá elegan te... mas a quem se proporcionou pouco mais além disso, por não per tencer ele à classe". 76

São fazendeiros no Sul do Estado ou comerciantes no Recôn cavo; são artesãos especializados, suprindo a mão de obra que o escravo sem aprendizado ou os nacionais de todas as cores não querem ou não podem exercer.

São a grande família de religiosos, missionários, catequis tas ou educadores, cuja presença esteja talvez ainda pouco dimensio nada pelos pesquisadores.

<sup>74)</sup> Koster, Viagem ao Nordeste do Brasil, S.Peulo, Companhia Editora Nacional, 1942.

<sup>75)</sup> Maximiliano da Austria, 1864, p.31. Simbiose que fez ainda Maximiliano entusiasmar-se pela harmoniosa adaptação ao meio realizada por Heinrich Berbert, suábio, de nascimento, chamado pelo principe austríaco de "Rei da Floresta", (ibidem, pp.142 e ss.).

<sup>76)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.273

Os tempos vão evoluindo. Tomamos todo um século para analisar, lapso de tempo já por si tão longo, e época em que as transfor mações se precipitam num encadeamento que arrasou sistemas e instituições milenares, de não apenas mudanças, mas de revoluções e reviravoltas, numa sucessão relampejante de sucessos, só comparável ao século seguinte, o atual.

Em 1816, acorre a Cachoeira gente de todo o canto, "jovens e velhos", para ver o alemão Feldner, que lá apareceu para examinar de perto, por ordem de El Rei, a anunciada existência de prata, chum bo e carvão. 77

As margens do Paraguassu vai em breve instalar-se grandenú mero de empórios fumageiros, atraindo muitos estrangeiros, dos quais Suerdick e Dannemann se tornaram os mais conhecidos. Respectivos espalharam-se no Recôncavo como no sul, nos sertões como na capital. A tal ponto que a primeiramente festejada europeização, o elã de se comportar "como as nações cultas", acabou transformando-se em um certo xenofobismo. A afirmação de Moritz Lamberg, calculando para todo o estado da Bahia o número de estrangeiros em "mil cabeças", não pode ser correta. Mas ao lado disso, informa que os estrangeiros são muito bem vistos entre os brasileiros da Bahia, e isso porque "o nativismo que, no Rio, vai se levantando tão fortemente, quase

<sup>77)</sup> Feldner, op.cit., p.216

<sup>78)</sup> Sobre o assunto.cf. Wilhelm Overbeck, op.cit., que registra aformação de firmas alemães envolvidas no comércio financeiro, ou Rotícia Histórica de Wildberger & Cia., 1829-1942. Bahia, Tipografia Beneditina, 1942.

<sup>79)</sup> Essa expressão se vê empregada em muitos passos da correspondência dos presidentes de província. Cf., p.ex., AEBa., Secção Histórica, m.675 em diante.

<sup>80)</sup> Lamberg, op.cit., p.178. Naeher dá, em 1878, 4.000 estrangeiros na Bahia (op.cit., p.70). Mouchez, com dados de 1880, refere-se já a 3.000 (cf. p.50). Manoel Jesuino Ferreira, em seu Trabalho Exposição de Philadelphia. A Provincia da Bahia. Rio de Janeiro, Typographia Nacional, 1875, à p.32, dá a população da capital por freguesia, assinalando, entre outros. 621 estrangeiros na Sé, 1.975 em São Pedro Velho, 1.296 em Sant'Anna, 835 na Conceição da Praia, 1.220 na Vitória, 994 em Santo Antonio, 1.952 nos Mares e apenas 57 em Itapoã. Em relação a toda a província, haveria em 1872, 22.397 estrangeiros e em 1890, 26.776 e em 1900.29.387. (Cf. Diccionario Histórico, Geografico e Ethnographico do Brasil Commemorativo do 19 Centenario da Independência. Introdução Geral I vol.(Brasil), Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1922, p.247. Restaria saber ainda qual o critério usado para a designação de estrangeiros, se estariem ai incluídos os portugueses e os africanos livres, por exemplo.

que não se faz sentir na Bahia". 81 0 volumoso estudo de Lamberg sobre o Brasil, a terra e agente"82 publicou-se um ano antes do final do século, pretendendo ser, segundo a folha de rosto, um de vivências, estudos e experiências" recolhidos durante uma estada de vinte anos no país. Suas vivências na Bahia datam de 1885. 83 Não cabe, no momento, analisar até que ponto o autor alemão captou a nâmica desses vinte anos da permanência no país, porém assinalamos, apenas, uma documentação existente no Arquivo do Estado da Bahia, na pasta de correspondência do consulado dos Estados Unidos, datada de 20 de junho e de 26 de julho de 1881, do cônsul americano ao Pre sidente da Provincia na qual, protesta contra "a infração sujeita à multa" <sup>84</sup> de que foi acusado, por ter fixado uma tábua para à janela de sua casa, dispensando-se de comentar "o fato de que até hoje se não tenha imposto a um meo vizinho uma multa por motivo igual, e que só o acto praticado por mim seja uma infração". 85 Na se gunda carta, o diplomata americano protesta vivamente, pois à Câmara não importamas tábuas colocadas às janelas de seus vizinhos, "demonstra cabalmente que a referida multa é uma injustiça especial" para com ele "e, como tal, uma afronta". 86

Nativismo, afronta pessoal, excessiva sensibilidade do enviado estrangeiro? Evocamos aqui a reflexão de Beyhaut, consideran do que "a europeização agravou a eurofobia e a desconfiança da massa agravou a rivalidade entre o camponês e o artesão europeu, entre o pequeno funcionário público e o gringo comerciante". 87

Não se pode esperar, em princípio, da parte dos visitantes europeus, uma posição crítica face aos efeitos do fenômeno da constante e crescente penetração do "mundo europeu" no seio da sociedade colonial e do Império. Pelo contrário, predomina a consciência da

<sup>81)</sup> Ibidem

<sup>82)</sup> Existe uma versão em português, datada de 1896, da Typographia Nunes, Rio de Janeiro. Cf. nota 434 do I capítulo.

<sup>83)</sup> Lamberg, op.cit., p.176

<sup>84)</sup> AEB, Secção Histórica, m. 1178. Carta de 20.6.1881.

<sup>85)</sup> Ibidem

<sup>86)</sup> Ibidem. carta de 26.7.1881

<sup>67)</sup> Gustave Beyhaut, Süd. und Mittelamerika. Fischer Geschichte II. Frankfurt, 1965, p.168.

superioridade da civilização moderna, que cabe ao colono assimilar, imitar, admirar e reverenciar. Raramente se vê uma anotação crítica a respeito, ou reflexões sobre o mal que o "moderno" traz, ou sobre os entraves à autenticidade da nação emergente, as aspirações a um nível de consumo orientado para fora, enfim o lado negativo da "euro peização" do mundo luso-brasileiro não se articula senão em reações, em sinais talvez inconscientes, e até certo ponto instintivos, de a gressividade defensiva.

#### Estratos intermediários

Os estratos intermediários foram surgindo no Brasil desde a época colonial, constituídos de homens brancos sem terras, embora livres, e de uma grande variedade de mestiços. 88

Aqui e ali encontram-se informações e opiniões sobre esses estratos intermediários, embora sejam elas parcas e fragmentárias. 89

Muitos viajantes referem-se aos mulatos que, seguidos de perto pelos negros livres, formam, pouco acima dos escravos, a grande massa populacional. "Os homens de cor", como disse Rugendas, "embora legalmente muito assimilados aos brancos, constituem, em sua maioria, as classes inferiores da sociedade". Tollenare, em Pernambu co, observou que "o número dos negros livres e dos mulatos... é muito considerável", acrescentando que os mesmos se ocupavam em ativida des várias, contando-se entre eles "alfaiates, sapateiros, etc., in teligentes e que possuem escravos". O mesmo se pode dizer sem dú vida para a Bahia. E as reflexões seguintes do comerciante francês se encontram igualmente entre muitos outros viajantes: a diligência dos mulatos é tal, sobretudo em comparação com os brancos ociosos, "que a linha de demarcação entre as cores é quase destruída, e com ela o preconceito sobre o qual, nas outras colônias, o branco conta tanto para manter o negro na submissão". O Conde de Suzannet, duas

<sup>68)</sup> Cf. J. Honorio Rodrigues. Historia e Histografia. Rio de Janeiro Ed. Vozes, 1970, p.118.

<sup>89)</sup> Cf. p. ex. Denis, 1955, I,pp.235 e ss.

<sup>90)</sup> Rugendas, op.cit., p.93

<sup>91)</sup> Tollenars, op.cit., p.148

<sup>92)</sup> Ibidem

décadas mais tarde, depois de informar que a quantidade de mulatos está crescendo "em proporção ameaçadora", 93 considera não ser fácil, para "esta parte da população, suportar o domínio dos brancos", 94 não tendo dúvida o conde francês que, sendo o mulato mais trabalhador e mais inteligente que os brasileiros, sua aspiração é assenhorear-se do poder". 95 Interpretação e receios de um representante desse poder estabelecido, que viu em seu país os efeitos da Revolução de Julho a qual, embora não tendo sido feita por mulatos, o foi por representantes populares, usando a expressão na sua accepção mais ampla, enfim, por uma classe também em ascenção, a classe burguesa, mas empreendida em nome da "igualdade" e "fraternidade" de todos, sobretudo dos a té então oprimidos.

O mestiço não số é apresentado como elemento subversivo da ordem. Maria Graham, por exemplo, enfoca o mesmo fenômeno por um ou tro prisma bem diverso. Depois de considerar os mulatos também"mais industriosos e mais espertos que qualquer das outras classes", e com isso acumulando "grandes fortunas em muitos casos", acrescenta que "estão longe de ficar para trás na campanha pela independência do Brasil". 96

Em suas Viagens pela América do Sul, editadas em 1866, Tschudi, no primeiro volume, tece considerações gerais sobre o Brasil e suas condições sociais. Afirmando que "com o negro foi trazido para o Brasil um mau elemento para a mistura das raças", e que a experiência comprovou, sem contestação, que "em todos os países nos quais houve ou ainda há escravidão, toda mistura racial com o negro trouxe um sensível atraso", 97 discorre longamente sobre as diferentes misturas raciais no Brasil, considerando o produto do negro com o índio a classe humana provavelmente mais decaída do mundo; 98 colocando os mulatos um pouco mais acima, admite haver entre eles até mesmo "homens extraordinários", políticos, escritores, artistas ou militares, mas que não são senão exceções bastante raras. "Em geral, são os mulatos extremamente sensuais, frívolos, levianos, na maioria preguiço-

<sup>93)</sup> Suzannet, op.cit., p.190. Contou-os como sendo em número de 12,000, mas sem esclarecer a proporção.

<sup>94)</sup> Ibidem, p.191

<sup>95)</sup> Ibidem, p.44

<sup>96)</sup> Graham, p.137

<sup>97)</sup> Tschudi, op.cit., I, p.173

<sup>98)</sup> Ibidem

sos, amantes do jogo e da bebida, vingativos, astuciosos e manhosos. As mulatas, decantadas por tantos estrangeiros, 100 não atraem o via jante suíço, nem tão pouco lhe despertam senão desprezo e escândalo, pois "mesmo no rosto da mais bela mulata não se pode descobrir nenhum indício de formas nobres", sendo "ilimitada vaidade e lúbrica sensua lidade os traços básicos do caráter da mulata". 101 Como é comum, diz ainda Techudi, que os bastardos sejam estéreis, tal particularidade só lhes traz vantagens para a vida irregular e livre que levam... 102

Celebrado ou combatido. aos olhos de forasteiro, o mulato aspira pela branquitude. O dinheiro, o poder econômico facilitou a muitos essa segunda carta de alforria, esse atestado de pertencer à classe privilegiada. Não aceitam ser chamados de mulatos, termo grandemente ofensivo e humilhante. Freyreiss observa que só se usa tal expressão com a intenção aberta de rebaixar o indivíduo, ou menospre zá-lo, preferindo-se empregar a denominação de "pardo ou parda".

Interessante lembrar a observação do inquieto Major Semple Lisle, em 1708, que, ao ver no Rio de Janeiro um regimento de mulatos, magnificamente uniformizados em azul claro com enfeites vermelhos e valiosas fivelas de prata, conclui que os regimentos de cor são mais "esplêndidos" que os brancos, porque nos brancos há uma promíscua reu nião de todos os homens, pobres e ricos, enquanto que o regimento dos mulatos é constituído apenas pelos que são bastante ricos para pode rem comprar a própria liberdade. Uma vez livre, por "industriosidade superior" adquirem independência (financeira) muito mais depressa que os outros. 104

<sup>99)</sup> Ibidem, p.174. Anos antes, em 1861, Freyreiss procura ser mais objetivo quando, depois de dar ao mulato qualidades como "agili dade de corpo, grande capacidade de assimilação e muitos predicados intelectuais", esclarece que, não sendo bem encaminhados por uma educação conveniente, essas mesmas qualidades redundam em seu próprio prejuízo, sendo usadas para c mal, trazendo con sigo como conseqüência o desbarato moral desses mestiços,vistos frequentemente ainda mais degradados que os negros (op.cit., p. 133).

<sup>100)</sup> Cf., p. ex., Detmer: "entre as mulatas há sem dúvida beldades que impressionam o europeu" (op.cit., p.31).

<sup>101)</sup> Tachudi, op.cit., I, p.174

<sup>102)</sup> Ibidem, p. 175

<sup>103)</sup> Freyreiss, op.cit., p.133

<sup>104)</sup> Lisle, op.cit., p.179. Cf. o que Lindley diz das tropas na Bahia (pp.80 e ss.) e também Avé-Lallemant, I, pp.44 e ss., ambos prestando um depoimento muito negativo sobre os regimentos militares na Bahia, os soldados estando vestidos e calçados miseravel e andrajosamente.

Rugendas, na década de vinte, observou com acuidade que se ria através dos mulatos que se poderia "penetrar os costumes nacionais".  $^{105}$  mas na verdade, bem poucos viajantes puderam ultrapassar  $\infty$  umbrais da generalidade.

Para um estudo das idéias, o material escrito por esses se nhores europeus é um pródigo manancial. Justamente quando se manifestam sobre raça, religião ou política deixam transparecer mais cla ramente o fio condutor de suas idéias, as bases de seu pensamento, suas concepções e seu etnocentrismo. Os viajantes encontram-se, des ta forma, no contexto de toda uma corrente mental e ideológica que transparece a cada passo nas suas afirmações e valorações. Na apreciação de um fenômeno estranho ao contexto originário, e por sua propria natureza colocado em uma esfera intermediária em que as posições não se definem fácil e nitidamente, os viajantes refletem a contradição da própria posição do mulato: entre o negro e o branco, entre o escravo e o livre, entre o rebelde e o acomodado, entre o indolente e o operoso, plasmando em si uma síntese nova, desnorteante e surpreendente.

## A classe servil

O fenômeno da escravidão e o impacto do europeu confronta do com a população negra, inesperadamente numerosa, sobretudo na Ba hia, deram lugar a muitas páginas na literatura dos viajantes estran geiros.

Ao descer do navio, o primeiro contato do estrangeiro, já no cais do porto, e por toda a "idade Caixa, é com os homens de cor, ficando em geral "extraordinariamente impressionados" 106 com a população, a ponto de muitos terem a sensação de estarem em uma capital africana, como disse Ave-Lallemant, 107 ou em Constantinopla, 108 ou ainda, conforme a opinião de Michelena y Rojas, vendo os africanos

<sup>105)</sup> Rugendas, op.cit., p.93

<sup>106)</sup> Candler, op.cit., p.11

<sup>107)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.20. Já em 1714, Frézier espantou-se com o número de pretos da Bahia, que parecia "uma nova Guiné". (op.cit., p.532).

<sup>108)</sup> Cf. Keith, op.cit., p.25, ou Courcy, op.cit., p.63

engalonados com variados turbantes brancos, amarelos, verdes azuis, encarnados, em uma povoação da Índia. $^{109}$ 

"Desembarcando como embarcando", diz Jean de Bonnefous, em 1898, "é a negra baiana que lhe salta aos olhos. Muito amável, sem pre com um sorriso nos lábios, a negra baiana é o verdadeiro tipo que indica ainda o Brasil da escravidão". 110

O grupo étnico a que pertencem os escravos trazidos para a Bahia é, na maior parte, o grupo Mina, constituindo, como disse Arnold, "uma raça superior", 111 mais fortes, mais atléticos, mais altos e de formas mais belas que, por exemplo, os negros de Moçambique, Benguela e outras partes da África. 112 Percebe-se neles "uma raça trabalhadora e inteligente", 113 e aparentam um ar de dignidade ou or gulho, como em geral não se vê entre os escravos. 114 Conservam-se mais unidos entre si, e são mais inclinados a se revoltarem do que os de mais africanos. Têm também um nível cultural mais elevado, muitos deles conhecendo o árabe, que lêem e escrevem. 115 Gardner justifica essa superioridade pela aproximação dessa tribo com os mouros e árabes, o que parece perfeitamente comprovado.

Os viajantes arrolam muitos pormenores sobre a vida negra na Bahia, e tentaremos aqui aproveitar dos relatos disponíveis, logicamente sem intentarmos, com isso, esgotar o assunto, não pretendendo apresentar senão alguns poucos aspectos da vida e dos costumes obsescravos e demais população negra da Bahia.

Tollenare, ao referir-se às negras quando vão à missa na <u>ca</u> pela da Vitória, descreve as vestidas "apenas de uma camisa de gaze ou musselina clara, deslumbrante de alvura, tendo à cabeça invariavel mente "um lenço graciosamente disposto em turbante". 116 Vão à missa

<sup>109)</sup> Michelena y Rójas, op.cit., p.658

<sup>110)</sup> Bonnefous, op.cit., p.219

<sup>111)</sup> Arnold, op.cit., p.68

<sup>112)</sup> Gardner, op.cit., p.20

<sup>113)</sup> Suzannet, op.cit., p.184

<sup>114)</sup> Tschudi, op.cit., p.5D

<sup>115)</sup> Gardner, op.cit., p.20. Cf. também Wetherell, que acrescenta se rem os negros, quando surpreendidos com escritos em árabe, pre sos ou até expulsos do país, pois a polícia receia tratar-se de conjuração ou assassinato (op.cit., p.136). O Conde de Castelnau, em seu livro sobre a Africa e os homens de cauda, fornece uma lista das principais reças de escravos na Bahia. (Cf.op.cit., 1851).

<sup>116)</sup> Tollenare, op.cit., p.298

descalças, continua o informante, e todas trazem amuletos suspensos ao peito, muitas delas tendo "o colo e os braços carregados de cadeias de ouro e relicários do mesmo metal". 117

Em 1880, o inglês Lambert encanta-se ao ver um grupo de mu lheres negras saindo da igreja, "alegremente vestidas com turbantes, largas saias coloridas, camisas brancas lindamente trabalhadas, e con trastando com o polido de ébano de suas peles. Usavam pesados brace letes de ouro e colares com borlas de ouro, pendendo pelo dorso, e sa patos de getim branco."

A descrição coincide com a dos demais viajantes ao longo de todo c século; 119 a blusa transparente e decotada figura sempre, ocasionalmente acrescidos alguns detalhes, como em Avé-Lallemant, que informa: "a orla de cima da camisa é, muitas vezes, ornada de bico branco e toda em tecido tão diáfano, e este, ainda por cima, sobretu do aos domingos, enfeitado com tantos bordados vasados, que todo o busto de basalto negro transparece, deixando adivinhar-lhes as formas". 125 £ ainda o médico alemão quem diz que "a pele dessas mulheres é negra e limpa" e de grande "frescor", tendo, além disso todas elas um "porte soberbo, ombros bem inclinados para trás". 121

Pouco antes, em 1854, Wetherell traz uma descrição muito completa do traje de festa da africana que, segundo disse Avé-Lalle mant, "mesmo na sua gala, aos domingos, procura permanecer uma negra Mina". 122 A descrição do vice consul inglês corresponde perfeitamen te ao conhecido quadro das chamadas "baianas": Não repetiremos aqui

<sup>117)</sup> Ibidem. Cf. também Friis (op.cit.), que diz os negros andarem "com muito ouro em forma de joias".

<sup>118)</sup> Lambert, op.c1t., p.47

<sup>119)</sup> Cf., p.ex., a descrição de Detmer, em 1897 (op.cit., p.30), ou a de Schwieger, na mesma época (op.cit., p.117). Lamberg. pouco mais tarde. lamenta que "essa em geral admirada tribo, esteja co meçando a desaparecer através da miscigenação com outros grupos inferiores que, depois da abolição, acorreram em grande número para a cidade. (op.cit., p.178).

<sup>120)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.23

<sup>121)</sup> Ibidem

<sup>122)</sup> Ibidem, p.22. Canstatt, em 1868, ridiculariza a tentativa do ne gro de vestir-se com trajes europeus, em geral usados de modo in discriminado e sem harmonia, dando-lhes uma aparência "interminavelmente cômica" (op.cit., p.265).

as anotações sobre a blusa rendada, nem da saia balão, cuja "orla é bordada com renda ou leva um arabesco branco aplicado sobre a mesma. A saia de baixo também é bordada e rendada, diz Wetherell, e "cs pés, sem meias, são enfiados em pequenos sapatos que cobrem a ponta dedos e os saltos, muito altos e pequenos, não alcançam o calcanhar. Os braços são cobertos de pulseiras de coral e de ouro; o pescaço e o peito carregados de colares e as mãos de anéis... Um elegante pano da costa é jogado sobre o ombro. Estes panos são tecidos com quenas tiras de algodão colorido, de duas a quatro polegadas de lar gura ... Um grande lenço de renda branco ou musselina de cor,com or la de renda branca ou preta, e transformado de maneira mais elegante num turbante para a cabeça, e curiosos brincos completam esse vestua rio... Um grande molho de chaves pendurado numa correia de prata na qual também são colocadas umas moedas de prata, um dente de porco ou de tubarão montado em prata e diversos outros amuletos são amarrados num dos lados do vestido; uma pequena cesta, usada mais como adorno do que como objeto de uso, é por vezes carregada à cabeça". 124

Evidentemente, não foi sempre assim que os europeus viram as negras andarem pelas ruas da Bahia. Trata-se de um traje domingueiro. Não eram, tampouco, todas as escravas que se podiam permitir um tal luxo, muito mais característico das negras libertas ou livres e das mulatas, como o próprio Wetherell acrescenta ao fim de sua des crição. 125

Nem sempre os adornos usados são jóias de ouro ou prata, mas sim, frequentemente, simples colares de missangas, de cores varia das e significação também diversa, ou gargantilhas de contas. 126 Wethe rell instrui também sobre o uso de conchas, na confecção de pulseiras e anéis, usados em grande quantidade, alguns deles no polegar, como um amuleto contra mordidas de cobras. 127

<sup>123)</sup> Wetherell, op.cit., p.79. A expressão "baiana" é do século XX. Anteriormente usava-se sobretudo a designação de "crioula", embora não tenhamos encontrado essa expressão nos viajantes por nos analisados.

<sup>124)</sup> Ibidem, p.80

<sup>125)</sup> Ibidem. Candler, entretanto, encontrou duas escravas, amas de leite bem pagas, ricamente vestidas, e com pesadas correntes de ouro (op.cit., p.53),

<sup>126)</sup> Wetherell, ap.cit., p.77

<sup>127)</sup> Ibidem, p.115

Asschenfeld, que esteve na Bahia em 1848, não parece impres sionado com a parte feminina da população de cor. Depois de conside rar os negros da Bahia especialmente dignos de nota pela sua estatu ra, sua compleição física vigorosa, acrescenta que eles também se so bressaem pela aparência especialmente selvagem que possuem, aparência essa ainda mais reforçada pelo modo de vestir: em geral usam apenas uma calça curta, que não chega nem mesmo à altura do joelho, e pelo costume de rasparem completamente a cabeça. Quem os vê assim ves tidos pelas ruas, carregando pesados trastes, "gritando e berrando" há de concordar com a opinião de certos brasileiros, que os conside ram não muito acima do nível dos macacos... 129

Sempre que temos oportunidade, gostaríamos de cotejar e colocar lado a lado a opinião dos viajantes. Aqui, lembramos a observação do viajante Lambert, em 1880, que, em Feira de Santana, assistindo ao movimento dos feirantes, assim expressou-se: "o assim chama do brasileiro branco, amarelo, de ombros estreitos e diminuto" contrastava "muito pobremente com os negros e negras, esplêndidamente constituídos e musculosos". 130

Quando, em grupo, precisam carregar um objeto pesado, "aper tados uns contra os outros, sob o varal, esses homens cor de azeviche formam o mais admirável grupo atlético que se possa imaginar", diz Avé-Lallemant; gritam e cantam, ajudando assim o esforço físico dos músculos hercúleos, de tal modo que "carregar um peso é como uma dança". 131

Em Wetherell pode-se ler uma interessante página a respei to desses "ganhadores" que, "quando trabalham, estão o menos vestido possível: sua única roupa consiste numa reduzida calça de algodão gros seiro". 132 Como é costume entre eles, transportam sobre a cabeça to dos os objetos menores, 133 enquanto que se agrupam em equipes de 4 a

<sup>128)</sup> Asschenfeld, op.cit., p.53

<sup>129)</sup> Ibidem, p.54

<sup>130)</sup> Lambert, op.cit., p.52

<sup>131)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.22

<sup>132)</sup> Wetherell, op.cit., p.61

<sup>133)</sup> Ibidem, p.62. "As mulheres são as mais ágeis nesse modo de car regar", acrescenta Wetherell. "Uma laranja, uma xícara, uma ve la acesa, qualquer coisa é levada na cabeça a fim de deixar as mãos livres" (ibidem). Cf. também Dugrivel, op.cit., p.373, ou Detmer, no fim do século, op.cit., p.30.

30 homens, munidos de varas de sustentação, para transportarem merca dorias pesadas. 134 Số trabalham cantando, e a música, assim como c ritmo, têm uma função, "compondo uma espécie de marcha que acompanha o compasso dos carregadores". 135

Essa pouca roupa com que se vestem os negros choca bastame e o recem chegado, que muitas vezes interpreta essa semi-nudez como produto da miséria e pobreza, sem atentar que o clima local e o trabalho a que grande parte deles se dedica, assim o exige\*Dugrivel, em 1843, impressiona-se, sobretudo, com a visão das "negras quase nuas deitadas no chão, ocupadas em amamentar seus filhos completamente nus". 136 Anda o francês pelas ruas de Salvador, "penosamente e pen sativo", abafado pelo espetáculo tristíssimo desses infelizes que não tinham com que se cobrir... 137

Da mesma forma, Forth-Rouen, que passou casualmente uns pacos dias na Bahia, em 1847, e do qual se conhecem somente duas rápidas cartas, considerando que "nada é mais pitoresco, nada é mais ou rioso para um estrangeiro chegando pela primeira vez a uma cidade da América do Sul, do que a cidade da Bahia", 138 espanta-se com os "ne gros e negras semi-nus" que a seus olhos, contrariamente a Dugrivel, parecem "fortes, alegres, barulhentos e bem dispostos". 139

Não é permitido ao cativo usar sapatos. Andam eles sempre descalços, mesmo se uniformizados de libré e casaca com galões dou rados e outros enfeites, transportando as bizarras cadeirinhas. Ao ganharem a liberdade, apressam-se naturalmente em adquirir calçados. E o chapéu cilíndrico, observa Canstatt em 1868, é o acessório do traje europeu que mais encanta os homens de cor. 141

Informa Asschenfeld, que frequentemente se vêem negros usano do máscaras de lata no rosto, empregadas pelos seus patrões para lhes

<sup>134)</sup> Wetherell, ibidem. Friis também fala a respeito (cf., op.cit.,).

<sup>135)</sup> Ibidem

<sup>136)</sup> Dugrivel, op.cit., p.342

<sup>137)</sup> Ibidem

<sup>138)</sup> Cordier, op.cit., p.116

<sup>158)</sup> Ibidem

<sup>140)</sup> Cf. Dugrivel, op.cit., p.374, ou Tschudi, I, op.cit., p.178

<sup>141)</sup> Canstatt, op.cit., p.265

impedir o hábito de beber cachaça ou de comer terra. "Esse simples método, continua o médico alemão, "cura quase sempre bem depressa o negro de seus hábitos"... pois eles têm compreensivelmente, um grande horror a essa máscara". 142

Wetherell, a quem os hábitos dessa parte da população pare ceu particularmente interessar, anota ainda o estranho costume dos ne gros de limarem e afiarem os dentes, fazendo-os selvagemente pontea gudos. Tais hábitos são comuns aos homens vivendo à beira-mar, não tendo ele visto nenhuma mulher com essa deformação. 143

As crianças negras são levadas, no fim do século, como Wetherell as viu também na década de cinquenta: atadas às costas da mãe e tão apertadamente que só a cabeça aparece. 144 Fara o diplomata inglês ver assim o pretinho causa-lhe grande piedade; chama-os de "pobres pequenos infelizes" e considera que, quando estão assim amarradas "as pequenas criaturas oferecem um retrato perfeito da resignação". 145

Alguns viajantes observam que nenhum escravo pode ser visto andando pelas ruas depois das nove horas da noite, sem um documen to de seu senhor, assegurando que ele está saindo a serviço. Se um escravo é encontrado sem esse "passaporte", é logo mando para a Casa de Correção, onde tem a cabeça raspada e ali fica até seu dono ir comprar sua liberdade, por quatro ou cinco mil reis. E, em consequência dessa medida, as ruas podem ser cruzadas sem perigo a qualquer hora da noite, assim interpreta a austríaca Ida Pfeiffer, em 1846, em relação ao Rio de Janeiro. 146 Tschudi, em 1863, confirma a informa-

<sup>142)</sup> Asschenfeld, op.cit., p.54. Interessante c fato do médico alemão ignorar ser motivada por doença essa necessidade do organis mo de se suprir de ferro e sais minerais. Cf. também Thomas Ewbank, Life in Brazil, or A Journal of a Visit to the Land of the Cocoa and the Palm. New York, Harper & Brothers, Publishers. 1856, p.437. Ewbank refere-se ao Rio de Janeiro, onde os escravos encontrados essim mascarados eram sobretudo mulheres e ocas tigo era devido ac excesso de bebida; acrescenta que as máscaras estão sendo menos empregajas, devido à reação pública contra e las. O autor traz inclusive uma interessante ilustração a respetto.

<sup>143)</sup> Wetherell,op. cit., p.133. Cf. também Spix e Martius, op.cit.,p. 97. Martius refere-se, aliás, a ambos os sexos.

<sup>144)</sup> Detmer, op.cit., p.31

<sup>145)</sup> Wetherell, op.cit., p.74

<sup>146)</sup> Ida Pfeiffer, A woman's journey round the world. (Tradução do a lemão). London, Ingram Cooke, & Co. 1852, p.19.

ção, referindo-se à Bahia, acrescentando ser assa medida um controle dos escravos fugidos. 147 Em José Alvares do Amaral, no seu Resumo Chronológico, vemos que já a 18 de março de 1814 foi expedido pelo governo geral um aviso ao Conde dos Arcos, "no sentido de se extingú rem os batuques dos negros nas ruas desta capital, e dahi a prohibição delas transitarem à noite, depois do toque de recolher, salvo exibindo ordem escripta do senhor. O transgressor era punido com 150 a coites". 148

### Sincretismo religioso

Encontramos bem poucas referências, em meio a toda a torren te de material a respeito do negro no Brasil, sobre o culto religio so por eles praticado. Não se evocam senão os muitos amuletos usados por homens e mulheres de cor, dando-lhes mais um caráter de superstição. 149 Hã alusões aos negros maometanos, 150 e Wetherell chegou a receber de presente um livro de orações escrito em árabe, oferecido por um deles. 151 O hoje evidente sincretismo religioso das festas populares não parece ter sido percebido pelos cronistas da época, a pesar de alguns deles se deterem, curiosos, em descrições mais ou me nos alongadas das festividades do Bonfim, do Rio Vermelho e outras, estranhando, contudo, o conjunto, qualificando-o de "esquesito", 152 considerando-se mais uma festa paga que religiosa. 153

Da década anterior possuímos uma rara descrição sobre osin cretismo religioso, dada por Avé-Lallemant, que observa, de passagem, ao referir-se aos Minas, que "vive também entre eles, secretamente, e com uma significação mística sagrada, uma forma cristã, que se en contra nas mãos daqueles que exercem uma espécie de sacerdócio no seu meio e celebram e dirigem certas reuniões secretas. 155 Para essa tri

<sup>147]</sup> Ischudi, op.cit., p.188

<sup>148)</sup> José Alvares Amaral, Resumo chronológico e noticioso da Provincia da Bahia desde o seu descobrimento em 1500, 2a.edição,revis ta e anotada. Bahia, Imprensa Official do Estado, 1922, p.142.

<sup>149)</sup> Watherell, op.cit., p.115

<sup>150)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.48

<sup>151)</sup> Wetherell, op.cit., p.136

<sup>152)</sup> Spix e Martius, op.cit., p.81

<sup>153)</sup> Ibidem

<sup>154)</sup> Scully, op.cit., p.49

<sup>155)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.49

bo semitizada, tais atividades representam uma espécie de maçonaria e "mais de uma vez as autoridades públicas se viram obrigadas, quando descobertas, a dissolvê-los e processar os cabeças". <sup>156</sup> E o médico a lemão conclui que, com a abolição recente do tráfico, essas associa ções de africanos tendem a desaparecer cada vez mais, acabando por se extinguirem. <sup>157</sup> O médico alemão vislumbra, quem sabe "sem perceber charamente, o caráter de "defesa", a "técnica de sobrevivência" que adquirem os ritos religiosos de uma população escravizada. O autor correlaciona a existência de práticas religiosas secretas com a con dição da escravidão, exatamente ao postular o desaparecimento de uma com a abolição da outra.

Ma cidade baixa, os negros são visto, em suas atividades cos tumeiras, como carregadores, trançando esteiras, cestos ou chapéus, carregando as famosas cadeirinhas. As mulheres, ocupadas como vende doras de quitutes, frutas, peixes. Dominam o ambiente de tal forma que a Avé-Lallemant "tudo parece negro: negros na praia, negros na ci dade, negros na parte baixa, negros nos bairros altos. Tudo que cor re, grita, trabalha, tudo que transporta e carrega é negro". 158

# Negros libertos

Os negros livros ou libertos distinguem-se dos escravos pelo uso de sapatos. Exercem as mais diversas atividades, que em par te são as mesmas dos cativos, ganhadores ou transportadores de cadeiras, barqueiros, vendedores ambulantes das mais diversas mercadorias, artífices, artesãos.

Os negros são excelentes músicos, e se organizam em peque nas bandas que, embora em grande número, sempre encontram ocupação, engajando-se para tocarem nas festas de igreja ou particulares, em o casiões festivas ou graves, em enterros ou casamentos, em paradas mi litares ou procissões religiosas, na entrada ou na saída de navios no porto. Lindley já se refere a eles, informando, inclusive, que são ensaiados pelos barbeiros-cirurgiões da cidade, 159 igualmente ne gros como seus companheiros de ritmo e melodia.

<sup>156)</sup> Ibidem

<sup>157)</sup> Ibidem

<sup>158)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.20

<sup>159)</sup> Lindley, op.cit., p.73

O barbeiro não apenas corta cabelo e faz a barba, como ain da "arranca dentes e faz sangrias com sangue-sugas, além de ser músi co", descreve Wetherell, em 1849<sup>160</sup> Silva Lima, na sua crônica de"hã 66 anos", nos pinta o quadro desse tipo popular, completando c de Wetherell. As tendas de barbeiros, em geral servidas por africanos, têm pendurados à porta uma bacia e um frasquinho de sangue-sugas. 161 A sangria, privilégio dos barbeiros, custava quatro patacas, enquan to o corte de cabelo ou uma barba, quatro vinténs. 162

Os negros e mulatos, quando livres, querem ter geralmente escravos, e não raro os tratam piores do que os brancos. 163 Podem al cançar algumas posses, mas em geral contentam-se com pouco e preferem não se esforçar muito. Maria Graham diz, em 1821, que "um negro li vre, quando sua loja ou seu jardim corresponde ao seu esforço, vestin do-o e a sua mulher com um belo fato negro, um colar e pulseiras para a senhora, e fivelas nos joelhos e sapatos para adornar as meias de seda, raramente se esforça muito mais, e contenta-se com sua alimentação diária". 164

0 mesmo afirmou o botânico alemão Detmer, 76 anos mais tar de: "o negro số trabalha o suficiente para ter com que viver naquela semana. As mulheres fazem alguma economia para comprar enfeites"  $^{1.65}$ 

Segundo o médico alemão Asschenfeld, trabalho é algo que a fasta e amedronta o negro livre por ser um característico, a sex ver, da escravidão, enquanto que a indolência é símbolo da liberdade. 166 É interessante examinar o que uns e outros autores estrangeiros dizem a respeito do mesmo tema. O problema do negro, na maior parte das vezes, é sempre tratado pelos viajantes, servindo assim, de maneira excelente para tal tipo de análise.

Ao lado de informações episodicas sobre a vida e os costumes dos negros, os viajantes, em geral, exteriorizam os sentimentos

<sup>160)</sup> Wetherell, op.cit., p.42

<sup>161)</sup> Silva Lima, op.cit., p.95

<sup>162)</sup> Ibidem. Cf.também pp.113 e ss.

<sup>163)</sup> Marjoribanks, op. cit., p. 96

<sup>164)</sup> Graham, op.cit., p.137

<sup>165)</sup> Detmer, op.c1t., p.33

<sup>166)</sup> Asschenfeld, op.cit., p.110

que lhes são despertados em confrontação com o fenômeno do cativeiro, tecendo reflexões mais ou menos longas sobre os horrores ou benefícios do sistema, ou comparando a escravatura do Brasil com a vigente em outras partes do globo.

Muitos estrangeiros que chegam a um país escravocrata, mo vidos por sentimentos humanitários, sentem uma revolta instintiva con tra o cativeiro. É quando mais se nota o derramamento do afeto em escritores na maior parte do tempo reservados e pouco participantes.

A única passagem que Lindley, em seu diário, traz sobre es cravos é por ocasião da chegada de cinco navios negreiros, quando en tão as "ruas e praças da cidade" estavam "atravancadas de grupos de seres humanos expostos à venda em frente às portas dos diversos nego ciantes" a que pertencia. 167 O mercador inglês, que em geral não cu mula as suas observações com lisonjas, anota que "os negros mostramse alegres e contentes", o que se compreende dada à política acerta da que "é a mola da aparente humanidade dos colonos portugueses". 168

A venda dos escravos, apresentados como uma mercadoria como qualquer outra, é quase sempre chocante para o estrangeiro. O na turalista Freyreiss, em seu livrinho, encerrando algumas "contribuições ao melhor conhecimento do Império do Brasil", 169 conforme reza o título, descreve o "raro e triste espetáculo" dessa transação. Os escravos, amontoados às centenas num barração, estão vestidos apenas com um lenço ou trapo de lã em torno do ventre. Por uma questão de higiene, são-lhes raspados os cabelos. Assim nus e pelados, sentados ao chão, olhando curiosamente os que passam, não diferem muito, na aparência, dos macacos. 171 Muitos escravos, acrescenta o naturalista alemão, já vêm da África até mesmo marcados a ferro quente, como animais. 172

<sup>167)</sup> Lindley, op.cit., p.128

<sup>168)</sup> Ibidem

<sup>169) &</sup>quot;Beiträge zur näheren Kenwinis des Kaiserthume Brasilien". Opcit.: cf. nota 101 do 1º capítulo.

<sup>170)</sup> Freyreiss, op.cit., p.149

<sup>171)</sup> Ibidem

<sup>172)</sup> Ibidem

Maria Graham emociona-se com o espetáculo do mercado dos es cravos, visto pela primeira vez em Recife. 173 Darwin, o celebrado ci entista da origem das espécies, ao concluir sua longa viagem de cir cunavegação, espera "nunca mais visitar um país de escravos", 17- e descreve uma série de atrocidades, presenciadas ou pressentidas, de que os escravos são vítimas no Brasil, 175 tão horríveis a ponte de lhe fazer "ferver o sangue nas veias, e tremer no peito o coração", 76 quando pensa que os responsáveis por tudo isso são eles, ingleses, e seus descendentes americanos, "a despeito do nosso ostensivo brado de liberdade". 177

Em seu"passeio sentímental pela França e pelo Brasil". em 1843, Dugrivel chega à Bahia munido "com todas as idéias de filantropia da civilização moderna" para, "com o coração cortado", confrontar-se com "esses milhões de seres nus, sob o sol ardente" a "gemer no cativeiro". 178

Os dois ingleses Candler e Burgess, autores da Marrativa de uma recente visita ao Brasil , dão enorme ênfase ao problema do cativeiro. Ao chegarem à Bahia, como primeira iniciativa, vão ao Palácio Arquiepiscopal, onde visitam o Arcebispo e, comunicando-se em francês, congratulam-se com o prelado por sua posição contra o tráfico. 179 O livro dos dois "quakers" é um libelo contra a escravidão, co mo, em grande parte, também o é a Vida no Brasil , do americano Thomas Ewbank, 180 ou do seu conterrâneo John Codman, publicado quase dez

<sup>173) &</sup>quot;Era a primeira vez que tanto os rapazes quanto eu estávamos num país de escravidão, e por mais que os sentimentos sajam penosos e fortes quando em nossa terra imaginamos a servidão, não são nada em comparação com a visão tremenda de um mercado de "escravos". Graham, op.cit., p.114.

<sup>174)</sup> Darwin, op.cit., p.467

<sup>175)</sup> Ibidem, pp.467 e ss.

<sup>176)</sup> Ibidem, p.469

<sup>177)</sup> Ibidem

<sup>178)</sup> Dugrivel, op.cit., pp.341 e ss.

<sup>179)</sup> Candler, op.cit., p.48

<sup>180) &</sup>quot;Observador excelente, analisou a vida do Rio com extraordinárle acuidade. É sem dúvida um dos melhores livros sobre a vida bre sileira, publicados nessa época", assim se expressa Borba de Morais, sobre Ewbank (cf. op.cit., [4218], p.605).

anos depois, 181 que visitaram sobretudo o sul do país, conhecendo a vida nas plantações de café dos arredores do Rio de Janeiro.

Mas não desejamos aqui, em princípio, usar senão o material fornecido pelos viajantes que passaram pela Bahia, lançando mão de outros apenas eventualmente, à guisa de ilustração, cotejo ou complementação. 182

Michelena y Rójas, descrevendo sua grande "exploração oficial", realizada entre os anos de 1855 e 1859, ao tratar da Bahia refere-se à exportação interna dos escravos, recrutados nas províncias do norte para serem vendidos mais vantajosamente no Rio de Janeiro. De novo o estrangeiro é sensibilizado ao ver os infelizes "desnudos quase; muitos deles sem uma manta sequer; ao sol e à chuva sem um para-sol; homens, mulheres, crianças, todos misturados; alimentados misteravelmente", 34 muitos a lamentarem a separação dos entes queridos, a esposa do marido, o filho da mãe, o irmão do irmão. 185

A narração de viagens de Avé-Lallemant está entremeada de comentários apiedados sobre os escravos, revoltando-o de modo especial o fato de terem que trabalhar aos domingos, "numa profanação do preceito dominical", 186 o que fazia o contraditório médico alemão lembrar-se de seus conterrâneos, colonos em Santa Catarina, os quais"lá guardam muito devota e catolicamente o domingo, e por isso o Senhor abençoa o trabalho durante toda a semana, de segunda-feira ao sábado". 187

<sup>181)</sup> Rico em informações sobre plantações de café na província do Rio de Janeiro, sobre a guerra do Paraguai e sobre a imigração (cf. Poppino, Brazil. The Land and The People. New York, Oxford University Press.

<sup>182)</sup> Lembramos aqui o artigo de Manoel Cardozo, op. cit., que encerra uma extensa análise da posição de viajantes "anglofones"face à escravidão, à religião e à monarquia. O artigo de Hamilton é igualmente muito rico em informações sobre viajantes ingleses e americanos no Brasil, na segunda metade do século passado. Sem pretenderem exaurir o material, ambos os autores dão um tratamento inteligente e útil ao assunto.

<sup>183]</sup> Michelena y Rójas, op.cit., p.659

<sup>184)</sup> Ibidem

<sup>185)</sup> Ibidem, p.660

<sup>186)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.34

<sup>187)</sup> Ibidem, p.35

Já nos referimos em outra passagem ao comentário de Maximi liano da Áustria, contrapondo os escravos, "animais com alma humana" aos donos de escravos, "homens com alma de animal". 188 Depois de sua visita ao engenho de Tomás Percira Geremoabo, que o impressionou vi vamente, o arquiduque futuro imperador do México deixa escapar esta confidência: "Não tivesse o homem escravos no presente, nem obscuras histórias de escravos no passado, eu me sentiria feliz, por causa de sua atividade e de sua capacidade intelectual, em poder contá-lo en tre meus amigos". 189

Ao deixar o engenho, Maximiliano presenteou cada escravo com cinco mil réis. 190 No entretanto, não se pode dizer que o nobre austríaco experimentava maior boa vontade pelos negros, como uma ob servação feita em Ilhéus o pode demonstrar. Referindo-se às negras que lá viu, comenta que "a maioria tinha um belo porte, mas caræs hor ríveis, com uma boca imensa da qual os dentes brilhantes sobressaíam impertinentes"... 191 Também na capital da província, teve oportuni dade de revelar seus preconceitos em comentários semelhantes. 192

### Preconceito

Preconceitos são percebidos em uma grande parte dos estran geiros. Manifestam-nos pela desaprovação às ligações interraciais, encontrando para isso toda sorte de justificativas e fundamentando su a ojeriza à maculação da pureza de cor com argumentos ora de cunho moral 193 ora social, 194 ou mesmo procurando uma base "científica" pa ra o seu nojo, como é o caso do cientista suíço naturalizado america no, que discorre doutoral e longamente sobre o "resultado das alian ças ininterruptas entre mestiçagens" que têm como consequência "uma classe de homens nos quais o tipo puro desapareceu e com ele todas

<sup>188)</sup> Maximiliano, 1860, p.19

<sup>189)</sup> Ibidem, p.275

<sup>190)</sup> Cf. "Jornal de Bahie" de época, apud Francisco Marques dos Santos, op.cit., p.45.

<sup>191)</sup> Maximiliano, 1864, p.31

<sup>192)</sup> Cf. seu comentário sobre as lavadeiras encontradas no Dique(1860, p.56),

<sup>193)</sup> Cf. Charles Expilly, 1862, p.151 e passim; Tschudi.op.cit..etc.

<sup>194)</sup> Além dos já citados, certifique também Susannet, op.cit., Avé-Lallemant, op.cit., etc.

as boas qualidades físicas e morais das raças primitivas, deixando em seu lugar um povo bastardo tão repulsivo como esses cães cruzados, com horror aos animais de sua própria espécie, nos quais é impossível descobrir-se um só indivíduo que tenha conservado a inteligência, a nobreza, a afetividade natural que fazem do cão de raça pura o com panheiro e o favorito do homem civilizado". 195

O viajante suíço Johann Jakob von Tschudi, segundo seus bió grafos, com os cinco volumes da sua "Viagem pela América do Sul" tor nou-se "a fonte mais importante sobre as condições sociais, econômicas e políticas do Brasil em meados do século XIX". 196 Tschudi excreve no prefácio do primeiro volume, que "descrições de viagem são a expressão de visões pessoais, daí também as diferentes opiniões, frequentemente diametralmente opostas, dos viajantes sobre o país e seus habitantes". 197 Mais adiante afirma que tem consciência de durante suas viagens de observações, ter-se esforçado para apresentar sempre suas descrições de modo o mais desprovido de preconceito possível. 198

Sem desconhecer que, no contexto histórico, cultural e científico da época, dificilmente se poderia esperar um comportamento diferente, coligimos algumas das observações feitas pelo celebrado viajante, em que transparece claramente seu desprezo pelo africano ou seus descendentes. Suas notas sobre o mulato já foram talvez suficientemente eloquentes e, convencido de suas razões, Tschudi discorre longamente sobre a maléfica influência do permanente contato dos ser viçais negros ou de cor com a infância e a juventude do país e, embora reconhecendo que "seria absurdo e injusto negar ao negro habilidades e talentos", pois eles mostram-se muito jeitosos para trabalhos mecânicos e têm sobretudo uma extraordinária capacidade de imitação. 200

Interessante registrar a opinião da viajante austríaca Ida Pfeiffer que, em 1846 assim se expressa: "eu admito que eles (os negros) estejam um pouco abaixo dos brancos em relação à cultura inte

<sup>195)</sup> Agassiz, op.cit.,pp.302 e ss.

<sup>196)</sup> Tschudi, op.cit., p.5 da Introdução sobre o autor.

<sup>197]</sup> Ibidem, p.V

<sup>198)</sup> Ibidem, p. IX

<sup>199)</sup> Ibidem, p.137

<sup>200)</sup> Ibidem, p.186

lectual, mas acredito que isto não seja porque eles tenham dificulda de de compreensão, mas sim porque a educação deles é totalmente negligenciada". 201

Avé-Lallemant não teve pejo em expressar seu horror pela "cidade negra da Bahia", apesar de seu entusiasmo pela paisagem local. Se quase maravilhou-se num momento, ao admirar o espetáculo no vo de uma procissão da Conceição da Praia, as negras Mina garbosamen te expondo suas "rijas formas flexíveis, arredondadas", 201 "classica mente típicas", 203 poucas horas depois, "num baile alemão, onde só se encontravam damas estrangeiras", considerou que, "diante desses radi antes exemplares das raças nórdicas, as belezas africanas transforma vam-se num horrendo quadro noturno". 204

Achamos importante registrar, neste apanhado de episódics e observações um tanto esparsas, colhidas aqui e ali dos relatos de viagem, a impressão causada ao alemão Oscar Canstatt, mais tarde ra dicado no sul do país e um incansável propagandista da imigração ale mã, quando, entrando em contato primeiro com os trópicos e a sua gen te, depara com um grupo de negros velhos, vendedores ambulantes de frutas, desses muitos que coalhavam as ruas da cidade.

Sem constrangimento, Canstatt expressa sua reação ante a "reunião de repulsivos e feios negros", a maioria dos quais "velhas negras fanadas", "cuja pele preta, da consistência do couro, parecia apenas cobrir, em mil rugas, um esqueleto humano". Os dentes brancos e brilhantes, o olhar agudo e agressivo, a gesticulação animal na vívida conversa das mulheres causaram a Canstatt a mais repulsiva im pressão.

Apesar da tendência para a clarificação das mestiçagens, e mesmo depois do tráfico e da escravatura pertencerem ao passado, a ci dade do Salvador continua a despertar no viajante a sensação semelhan te de "cidade negra". O já referido médico e professor francês, Dr. Latteux, embora conseguindo encontrar na Bahia famosas laranjas que

<sup>201)</sup> Pfeiffer, op.cit., p.18

<sup>202)</sup> Avé-Lallemant, op.cit., p.46

<sup>203)</sup> Ibidem, p.47

<sup>204)</sup> Ibidem

<sup>205)</sup> Canstatt, op.cit., p.264

<sup>206)</sup> Ibidem

o reconciliaram de certo modo com a terra, e "algumas" belas praças, ladeadas de casas modernas, bem construídas" lhe terem deixado uma im pressão favorável, confessa ter-se tornado "verdadeiramente negrófo ho" ao desembarcar na Bahia". 207 Dos negros, tudo o que se pode dizer sobre eles, não é exagerado, "são animais, às costas dos quais de boa vontade se quebraria uma bengala, e que não receiam senão a violência. 208

E mais comum do que os parágrafos anteriores podiam deixar a supor que os viajantes falem com benevolência e positiva admiração do tipo de escravidão existente no Brasil, mais brando e menos desumano do que em muitas outras colônias.

Lindley ja deixa entrever seu pensamento, referindo-se à p litica acertada" que impede os escravos de se revoltarem, vivendo con tentes, pelo menos aparentemente.

No seu apêndice à História das Revoluções em Portugal", Louis de Boisgelin, em 1809, considera que "o que prova o quanto a es cravatura é hoje menos dura no Brasil que em outras colônias européias da América é o pequeno número de escravos fugidos que fornece esse imenso país".

A visão do negro como sub-homem corresponde perfeitamente à apresentação da escravidão como instituição amena, humanizada, e quase um benefício para esses seres selvagens da África. Uma tal visão se alimenta, frequentemente, da comparação com as formas mais de sumanas praticadas em muitas outras colônias em que vigora o mesmo regime.

"As condições sociais desses escravos não são absolutamente tão tristes, como se pensa na Europa", afirma Martius, na sua "Via gem ao Brasil": "Não sofrem falta de alimentação, vestem-se tanto quanto exige o clima, e raramente são sobrecarregados de trabalho". No campo, os escravos vivem em geral com sua família, habitando uma senzala própria. Na cidade, os que são obrigados a trazer para seus senhores, diariamente, uma certa quantia de dinheiro ganho nas atividades mais diversas, certamente têm uma sorte menos risonha, mas que

<sup>207)</sup> Latteux, op.cit., p.82

<sup>208)</sup> Ibidem, p.81

<sup>209)</sup> Boisgalin, op.cit., p.189

<sup>210)</sup> Spix B Martius, op.cit., p.98

"é preferível, sob muitos pontos de vista, ao estado de inquietação anárquica e indigência, em que vive na sua pátria, aviltada pelos per versos artifícios dos europeus". 211

"Antes de minha chegada ao Brasil", conta Gardner, nas pri meiras paginas de seu livro, eu fui levado a acreditar, pelos relatos que tinham sido publicados na Inglaterra, que as condições do escra vo neste país eram as mais terríveis que se possa imaginar". Entretan to, "uns poucos anos de residência no país, durante os quais eu vi mais do que acontece à maioria dos europeus, levaram-me a alterar mui to concretamente aquelas minhas impressões". 212

Frisando não ser ele um advogado da continuação do cativei ro, mas que pelo contrário preferiria ver tal instituição desaparecida da face da terra, Gardner mostra que os brasileiros, indolentes por natureza, deixam passar muita coisa que, em povos mais ativos e mais ardentes, seria severamente punida. Os europeus, possuidores dessas qualidades, são conhecidos pela sua dureza. 213

Logo nos primeiros anos depois que chegou à Bahia, o cônsul honorário Wetherell considera que é, "no momento, um benefício para o Brasil a conservação da escravidão", pois "em numerosos casos apos se ou o uso de escravos é o único meio com que o brasileiro conta para a sua subsistência". 214

Talvez alguns viajantes se espantem em não ver os escravos, seres sem liberdade, em torno dos quais tantas histórias infelizes e atrozes circulam "gemerem sob o peso da escravidão", como a sensibilidade de Dugrivel parece tê-los visto. A impressão, em meio ao bulício do cais do porto, ã cantoria dos carregadores, aos pregões dos vendedores ambulantes, ao pitoresco dos turbantes e anos da Costa, entre pilhas de frutas tropicais, é a de que "tanto as mulheres como os homens escravos parecem ser a raça mais feliz que se possa i maginar", como observou o inglês Marjoribanks, em 1850. Quarenta anos mais tarde, o naturalista Detmer ainda tinha a mesma opinião,

<sup>211)</sup> Ibidem

<sup>212)</sup> Gardner, op.cit., p.17

<sup>213)</sup> Ibidem

<sup>214)</sup> Wetherell, op.cit., p.29

<sup>215)</sup> Marjoribanks, op.cit., p.46

tendo tido "a impressão de que os negros na Bahia, como em geral no Brasil, hoje em dia se sentem bastante felizes e satisfeitos".

Enfim não queremos chegar a nenhuma conclusão a respeito do bom ou do mal tratamento dos escravos, nem da excelência ou horror do regime. Como o já tão citado suíço Tschudi concluiu, as opiniões variam a respeito, dependendo do que foi observado, do tipo de trata mento dispensado ao escravo, que varia conforme a individualidade do senhor e da sua maneira de pensar, mas também do próprio tipo de escravo que possui. Em muitas fazendas, os escravos são alimentados suficientemente, são bem vestidos e dirigidos com brandura; em outros, ao contrário, eles são tratados miserável e rudemente, e maltratados desumanamente. Fato é que a classe mais alta, de modo geral, é branda para com os cativos, enquanto, quando se ouve falar de maltratos e perversidades, pode-se garantir quase que partem de um homem de côrou de um estrangeiro (portugueses ou franceses, sobretudo as mulheres)... 218

Tschudi, produto da classe dominante, não tenta, aqui, in conscientemente, uma defesa da sua sociedade? Essa sua reflexão parece-nos mais um exemplo de preconceito, funcionando como álibi para o fato, já referido e também correspondendo a observações procedentes de viajantes, de que o escravo é a base da produção, representando, pelo seu trabalho e seus resultados, o sustentáculo da economia da é poca e do bem-estar daquela sociedade.

Passeando pela cidade, o viajante se espanta com o silêncio e o vazio ali reinantes nas horas mais quentes, ouvindo-se apenas "o leve sussurro dos pes descalços dos pretos andando pelas ruas", 219 dando "à primeira vista a impressão de uma cidade deserta; como se al go tivesse ocorrido a seus habitantes". 220

A não ser a população negra, não há ninguém nas ruas da cidade, e o viajante não encontra explicação para tal fenômeno.

A vida branca se desenrola dentro de casa, para além das

<sup>216)</sup> Detmer, op.cit., p.31

<sup>217)</sup> Tschudi, op.cit., p.184

<sup>218)</sup> Ibidem

<sup>219)</sup> Wetherell, op.cit., p.61

<sup>220)</sup> Ibidem, p.28

altas portas ou das janelas cerradas. Durante a hora da sesta, instituição funcional dos países quentes, "ninguém, a não ser os cadhor ros e os ingleses são vistos ao sol", segundo um ditado local, revelado por Wetherell. 221

## A família e a mulher

Os viajantes muito se surpreendem com o resultado do isola mento das famílias brasileiras, gerando a desconfiança e o distancia mento com que se tratam estranhos e estrangeiros.

O Capitão de fragata Juan Francisco Aguirre, que esteve em nossos portos jã na penúltima década do século XVIII, considera que "a atenção e cortesia são características da nação", 222 porém os habitantes esmeram-se em permanecer o mais reservado possível, evitan do pessoas de fora, e isso, segundo a explicação que recebeu, "por estranhos receios de adquirir a indignação dos superiores". 223

Não se pode dar a mesma justificação à reserva existente na Bahia de oitocentos, certamente menor do que a sentida no Rio de sete centos pelo Capitão Aguirre. Mas os hábitos domésticos sabidamente custam mais a se transformar que os públicos, e mudanças teóricas e exteriores de estrutura precisam de um certo tempo para, de fato, pe netrarem nos lares ou se incorporarem aos hábitos coletivos.

A exclusão da família da área da participação social foi um dos entraves no processo de desenvolvimento e de formação de uma nacionalidade peculiar própria. A presença árabe na Península Ibérica vai contribuir para o enrijecimento da sociedade patriarcal brasileira. O capelão do navio americano "Congress", Charles Samuel Stewart, "prebisteriano liberal com idéias de Nova Jersey", autor de um excelente comentário sobre o Rio de Janeiro, diz em 1856 que "o uso do país nega às mulheres as prerrogativas de sairem para fazerem compras. O ponto de vista espanhol e português sobre a liberdade de

<sup>221)</sup> Ibidem, p.

<sup>222)</sup> Aguirre, op.cit., p.167

<sup>223)</sup> Ibidem

<sup>224)</sup> Sobre o assunto, of. por exemplo, Gilberto Freyre, em Casa Gran de e Senzala (op.cit.),

locomoção permitida às mulheres, segundo o modo de pensar mouro sobre a falta de dignidade e a virtude femininas, proíbe-lhes aqui, em grau muito grande, os privilégios da rua". 226

O comentário feito no Rio, em 1856, não é em absoluto par ticular ao local nem ao ano, tendo-se os mesmos registros ao longo do século, e para todo o país, tento na capital como no interior. Wetherell, em 1855, também escreve que "as senhoras não costumam sair para compras", escolhendo o que desejam entre a mercadoria oferecida pelos muitos vendedores ambulantes que, de porta em porta, exibem, "ante o char entusiasmado das belas senhoras, as lindas futilidades da França". 227

Os estrangeiros que chegam à Bahia vão registrando, ao lon go do século XIX, as resistências às peias provindas dessa reclusão.

Lindley e sua mulher vão à Soledade, e o prazer do passeio é perturbado pelos olhares curiosos e espantados dos circunstantes, ao verem uma mulher a pé, sem o indispensável apêndice da cadeirinha. 228

Os anos se sucedem. Em 1833, o francês Dugrivel vê passar uma mulher coberta da cabeça aos pés, e pensa ser uma religiosa. Mas é informado de que se trata de uma mulher do povo, e que elas em ge ral assim saem à rua, envoltas em uma capa "que lhes deixa apenas o nariz visível". 229 O viajante não se furtou à reflexão de que a ampla capa deve representar um papel importante nas aventuras galantes, sendo ao mesmo tempo a peça principal nos "doces encontros". 230

Andrews informa ainda que as mulheres não acompanham os fu nerais, nem mesmo dos parentes mais próximos, privilégio só dos ami gos do sexo masculino, que então acorrem em grande número.  $^{231}$  Às festas de casamento, se não se chegava a esse extremo, não eram permitidas, entretanto as moças solteiras.

<sup>225)</sup> Segundo a expressão de Hamilton, op.cit., p.543.

<sup>226)</sup> Stewart, Brazil and La Plata. N.York, 1856, p.147.

<sup>227)</sup> Wetherell, op.cit., p.99. Stewart, aliás, informa que "as compras das mulheres eram feitas pelos maridos ou país... ou de <u>u</u> ma correria da loja e para loja de garotos e portadores de ca<u>i</u> xas de amostras e de peças"(op.cit., p.148).

<sup>228)</sup> Lindley, op.cit., p.93

<sup>229)</sup> Dugrivel, op.cit., p.358

<sup>230)</sup> Ibidem

<sup>231)</sup> Andrews, op.cit., p.58

Stewart reconhece que os preconceitos têm sido modificados pela influência estrangeira. "Contudo, se se encontra uma mulher nas ruas a passeio, pode-se ter a certeza de que não é brasileira, sobre tudo se estiver usando chapéu". <sup>232</sup> Essas poucas estrangeiras que se arriscam a andar pelas ruas "são molestadas com olhares indecentes e ditos desavergonhados", continua o capelão prebisteriano. <sup>233</sup>

Canstatt, que em 1869 passa na Bahia, vindo pela primeira vez ao Brasil, observa que não teve oportunidade de conhecer as mulheres residentes na cidade, uma vez que elas nunca se apresentam na rua, como é costume na Alemanha, mostrando-se no máximo e excepcional mente, na varanda de sua casa. 234

O homem "civilizado" não pode deixar de registrar, com sur presa, a grande diferença que nota entre os hábitos domésticos e os praticados em público. Em casa, uma relativa promiscuidade, tento entre os sexos, como entre as classes sociais. Mas pelas ruas, amai or reserva. Não é vista nenhuma mulher branca de categoria, o uso da cadeirinha é severamente observado, as saídas se limitam à ida à igre ja, às visitas de cerimônia, aos eventuais bailes. Os passeios públicos são pouco frequentados, as reuniões sociais são insossas, com excessiva separação entre os sexos, um rapaz solteiro não devendo ou sar conversar com uma moça a quem não foi apresentado. 235

Lindley, preso com sua mulher nas masmorras de Porto Segu ro e de Salvador, choca-se com a falta de compostura no vestir dos de mais moradores do Forte, considerando que "o próprio vestuário dos homens é chocante para uma pessoa do mais elementar pudor" pois,prin cipalmente pela manhã, os homens passeiam pela prisão metidos em cal gas de algodão ralo, que mal lhes chegam aos joelhos". 236 O homem 'bi vilizado" não pode deixar de registrar com surpresa essa grande dife rença entre os hábitos domésticos e os praticados em público. O pudor e a discreção não são tão necessários no interior do lar, aten-

<sup>232)</sup> Stewart, op.cit., p.145

<sup>233)</sup> Ibidem. A respeito, lembra-nos a observação feita pela viajante austríaca Ida Pfeiffer, que se divertia com o espanto que causa va na população, vendo-a chegar sozinha, acompanhada apenas por um guia (op.cit., p.44).

<sup>234)</sup> Canstatt, op.cit., p.272

<sup>235)</sup> Andrews, op.cit., p.34

<sup>236)</sup> Lindley, op.cit., p.48

dendo-se às solicitações do dima tropical, que exige roupa leve e pou ca, tanto para os homens como para as mulheres, para escândalo, por exemplo, de Maria Graham, ao constatar que "raramente os vestidos têm qualquer manga", e as senhoras não usam "lenço ao pescoço", nan cole tes nem espartilho", o que faz o corpo tornar-se "indecentemente de salinhado". 237 As mulheres, brancas ou escravas, jovens ou mais velhas, passam o dia, em casa, com o cabeção transparente e caindo aos ombros, o seio quase a mostra, sem meias e sem roupa interna. 233 Quan do saem para a missa ou para a festa, vestem-se de sedas, veludos, fi tas e joias. As donzelas convivem com os molegues de recado, a meni na diafanamente vestida de branco e de rendas e bordados, o rapazola, nu, em irrefletida promiscuidade. 239 Fora de casa, entretanto, ta reserva no caráter feminino, apesar dos brasileiros de modo geral, serem informais. Sobretudo as moças solteiras da alta sociedade são dignas e formais", comenta o cônsul americano no Rio de Janeiro, já na decada de oitenta. 240

O estrangeiro, ante o inexplicável e descabido hábito de reclusão, mesmo quando tinha a mulher que se locomover de um lugar para o outro, obrigadas a esconderem-se numa cadeirinha com cortinas cerradas, se são de uma classe mais alta, ou envoltas em mantos, co mo a mulher do povo vista por Dugrivel, dá como razão plausível para tanto cuidado (não o considerando absoluto como recato) que as cadei rinhas são por elas usadas para poderem ir, incógnita e comodamente, à casa dos amantes, apesar dos maridos ciumentos, como concluí o con de de Suzannet.<sup>241</sup>

A fama de sexualmente ardentes, até mesmo depravadas, acom panhou a crônica dos viajantes estrangeiros por todo o século. Até onde tal informação é mais pressentida ou deduzida do que fruto de experiências pessoais, não podemos dizer. Citamos, anteriormente, as

<sup>237)</sup> Graham, op.cit., p.148

<sup>238)</sup> Ibidem

<sup>239)</sup> Tschudi, op.cit., p.139

<sup>240)</sup> Andrews,op.cit., p.34. Talvez não seja deslocado lembrar aqui a observação feita por Lady Brassey, em 1878, que viu em um baile na Corte poucas damas, estando as casadas, lindamente vestidas e as solteiras, com simplicidade.

<sup>241)</sup> Suzannet, op.cit., p.187

idéias do viajante suíço Tschudi a respeito da moralidade da mulata brasileira.

Tollenare refere-se a "um jovem francês, muito amado de uma viuva que goza de toda a sua liberdade". 242 Em 1834, nas três se manas que passou na Bahia, o oficial sardo Joseph de Rochette tem uma ligação amorosa com "Madame A.", a "doce Pauline", em casa de quem é recebido. No Recife, na década de 40, o engenheiro Vauthier, apesar da tentativa de conservar-se fiel à noiva distante, en volve-se em vários casos amorosos que, contudo, não parecem arrastar maiores implicações sentimentais. 244

As africanas ou mestiças, escravas ou de nível social inferior, são as mais livres sexualmente, "desenvoltas", para usar a expressão da época, desprovidas dos tabus da sociedade ocidental. Predutora e reprodutora da força de trabalho, a mulher negra assume uma posição muito peculiar, muito sui generis, na estratificação social do Brasil patriarcal. Fonte de prestação de serviço no eito, no comércio, no ambiente doméstico, no setor sexual. A escravidão venére a a conduzia, por uma lado, a uma maior "coisificação", na medida em que era simples instrumento dos humores sexuais do patrão mas, ao mesmo tempo, entrando no processo econômico, estabelece um elo entre as duas camadas, descaracterizando o sistema colonial, desviando-o de seus paradigmas, solapando a ordem social estabelecida. 245

As camadas sociais mais altas são, por excelência, as depositárias da mentalidade herdada da Península Ibérica, católico-romana, sobrecarregada pelo elemento árabe-muçulmano. As senhoras dessas camadas "são como prisioneiras em casa", 246 gozam de menos privilégios que as do Oriente, 247 são alvo do permanente ciúme dos maridos

<sup>242)</sup> Tollenare, op.cit., p.334

<sup>243)</sup> Mugnier, op.cit., pp.1393 ss.

<sup>244)</sup> Freyre, 1940. O diário íntimo do Engenheiro Vauthier, que este ve no Recife de 1840 a 1846, publicado por Gilberto Freyre, é u ma preciosa documentação a respeito da vide cotidiana do Recife, e através do qual se pode entrever o relacionamento da socieda de local, os contactos dos nacionais e dos estrangeiros e, não em último lugar, o relacionamento entre os sexos.

<sup>245)</sup> Cf. Saffioti, op.cit., p.181

<sup>246)</sup> Stewart, op.cit., p.148

<sup>247)</sup> Suzennet, op.cit., p.46

ou zelo dos pais, que as obrigam a essa grande e desnaturada reclu são. A mulher branca, a filha ou a esposa do grande proprietário ou do grande comerciante, criada e educada para o casamento, formada desde o berço para a submissão absoluta aoedemento masculino. Diferindo não apenas socialmente, mas também funcionalmente da mulher ne gra, pois enquanto está última se destina, entre outras atribuições, ao entretenimento da libido dos senhores, à primeira cabem as funções legalmente constituídas de esposa e mãe dos filhos legítimos e, às vezes, tutora dos ilegítimos, como o pretende Suzannet. 248

A excessiva delimitação da mulher ao lar, na sociedade patriarcal brasileira, sua pelo menos quase completa exclusão de uma participação ativa fora dos muros caseiros, pode-nos levar a uma reflexão sobre a "participação condicionada", 249 uma vez que o grau de participação ou exclusão da mulher estará igualmente delimitado pelo status que lhe é concedido pela sociedade eminentemente centrada no elemento masculino, pela reação e atitudes adotadas em consequência dessa discriminação, tanto da parte dos dominantes, como das dominadas.

Não é senão sintomático do que acabamos de analisar, o cos tume percebido por Dugrivel por parte "dessas beldades dos trópicos, de olhar vivo e animado" 250 que fixam sem timidez os homens que encontram, na igreja ou em suas raras excursões extra-muros. Hábito co mum às jovens de todas as cores, pretas, mulatas, ou brancas, tão ines perado para os estrangeiros que eles se vêem muitas vezes "obrigados a baixar os olhos... desacostumados a afrontar o olhar das belas" 251 Para o conde de Suzannet, o descontraimento das brasileiras é por de mais chocante, e ele considera que "o atrevimento do seu olhar e o ci nismo das suas conversas inspiram quase sempre uma repulsa invencível". 252

<sup>248)</sup> Ibidem

<sup>249)</sup> Cf., por exemplo, o Dicionário de Sociologia, organizado por Fairchild, p.211. O estudo de Chombart de Lawe sobre a mulher na sociedade (op.cit.) é bastante elucidativo e cheio de suges tões para uma reflexão teórica a respeito.

<sup>250)</sup> Ougrivel.op.cit., p.372

<sup>251]</sup> Ibidem

<sup>252)</sup> Suzannet, op.cit., p.31

A agressão do olhar da sinhazinha cativa pode naturalmente ser interpretada como provocação despudorada, e o é provavelmente mui tas vezes: porém pode também se dar o caso do estrangeiro, ao se deparar com toda essa reserva e aparato de reclusão que envolve a mulher brasileira do século passado, espergruma correspondência total entre a imagem e o modelo, fazendo-se uma figura idealizada da submissão e resignação da mulher à sua sorte ou, não admitindo em absoluto a possibilidade de uma tal existência, veja em toda atitude um sinal de rebelião, de revolta, que venha a comprovar a inadmissibilidade desse hábito colonial, procurando, consciente ou inconscientemente, to da oportunidade para ver confirmadas suas suspeitas.

Não é outra a atitude do inglês Matthinson que, durante um baile oferecido pelos oficiais do exército em honra à Constituição, narra ter visto "meninas de dez, nove anos e, até menos, tão perfei tas adeptas da arte do flirt e da coqueteria como outras beldades mais velhas e mais experientes". <sup>253</sup>

Do mesmo nível ou da mesma categoria, a observação de Dugrivel de que as meninas no Brasil "aos dez anos já têm pretensões", o que não é de se espantar num país em que se é avó aos vinte e cinco anos... <sup>254</sup>

Barrow, ainda no século XVIII, à primeira vista espantouse e chocou-se com o hábito observado no Rio de Janeiro das moças sor rirem ao forasteiro, ou atirar-lhe flores à passagem. Prior, poucos anos depois, observa que a linguagem por demais fluente das cariocas escapa de seus lábios com uma ingenuidade incomum, interessando assim muito ao estrangeiro. Mas Barrow acaba concluindo não se tratar de imodéstia ou licenciosidade, mas sim mostra de ingenuidade, alegria e confiança. Prova disso é fazerem o mesmo até na presença dos maridos ou dos pais. E considera natural que as damas no Rio tenham uma grande dose de vivacidade e pouca reserva pois, passando o dia

<sup>253)</sup> Gilbert Farquhar Mathinson, Narrative of a visit to Brazil, Chile, Peru and the Sandwich islands. London, Charles Knight, 1825 p. 14. Curioso é o testemunho de Frézier, em 1712, sobre o comportamento feminino; "apesar de todas as precauções elas são qua se todas libertinas, e encontram o meio de enganar a vigilância dos país e maridos, expondo-se à crueldade desses últimos que as matem impunemente desde que descubram suas intrigas". (op.cit., p.531).

<sup>254)</sup> Dugrival, op.cit., p.373

<sup>255)</sup> Cf. Prior, op.cit., p.104

inteiro trancadas em casa, sem ver nenhum estranho, aproveitam os ra ros momentos de anoitecer, quanco lhes é permitido ir à janela ou sa ir à igreja para as vésperas. Nesses momentos, filosofa o viajante inglês, são como pássaros fugidos do confinamento de suas gaiolas. 256

Na década de trinta, entretanto, Ferdinand Denis, em seu livro O Brasil, lamenta que as "amáveis americanes" tenham "perdido o gosto de lançar flores sobre a cabeça daqueles que distinguiam", mas es tempos muito mudaram e hoje elas "não hesitam em aceita o braço de um cavalheiro,no passeio ou numa sala", não sendo "raro ve-las to mar parte na conversação". 257

A reflexão do Tollenare, ao observar as moças negras que iam buscar agua na fonte próxima à sua residência, considerando que "em todos os climas, sob todos os aspectos, o amor é o primeiro e o mais dominador de todos os sentimentos", ilustra otimamente o relativismo das conclusões diversas a que se pode chegar a respeito, sendo por demais sugestiva para deixarmos de citá-la aqui: "as minhas ar dentes beldades africanas entram nas moitas talvez um pouco mais cedo do que as nossas senhoras civilizadas; mas estas também não aca bam sempre entrando nelas? Um pouco mais ou um pouco menos de ardor, eis toda a diferença. O fundo do sentimento é ainda o mesmo que o resultado da sensação". 258

James Prior, en 1813, depois de ter ouvido dizer "que o es tado da moral pública é censurável"  $^{259}$  e ter visto na Bahia nas  $\,$  mu lheres muitas jóias, mas nem sempre virtudes,  $^{260}$  comenta judiciosamente que o adultério, entretanto, não parece ali ser mais frequente do que em outras partes.  $^{261}$ 

Por mais importante e precioso que o testemunho dos viajan tes estrangeiros possa ser, por melhor fonte para o estudo de hábi tos, costumes do passado que possa constituir e de fato constitui num ca e demais frisar o relativismo das observações arroladas, e de no vo chamar a atenção para o cuidado como tais informações têm que ser

<sup>256)</sup> Barrow, op. cit., pp.92-96

<sup>257)</sup> Danis, 1955, pp.243 B ss.

<sup>258)</sup> Tollenare, op. cit., pp.300 e ss.

<sup>259)</sup> Prior, op. cit., p.104

<sup>260)</sup> Ibidem

<sup>261)</sup> Ibidem

abordadas, justamente pela sua indispensabilidade, exigindo uma per manente reflexão crítica. Num campo de análise tão complexo como o jogo e a interação dos sexos, em que muito da individualidade do au tor obrigatoriamente entra, filtrando-se no episódio ou no objeto ob servado, quando, não só questões ligadas ao etnocentrismo têm que ser levadas em conta, mas também aspectos psicológicos, tais como inibições de diversas ordens, entraves, transferências, projeções que podem deturpar e falsear a informação, é preciso receber com frieza científica e desconfiança precavida cada um dos dados coletados, se parando a interpretação subjetiva do registro factual, o que dificil mente é realizável.

Ao lado da percepção dos objetos, acontecimentos e fatos sociais, a percepção das pessoas e dos grupos coloca problemas especiais. A natural seleção que o informante ou o observador faz, dificultando a observação imparcial e objetiva, efetua-se em função de fatores ligados à personalidade, às experiências pessoais, às neces sidades e às motivações pessoais. 262

Seria perigoso, por exemplo, generalizar a informação con tida em muitos dos viajantes quanto a receptividade de que foram al vo ao serem recebidos em casa de famílias locais.

Tollenare passa quase oito meses em Pernambuco, e declara não poder dizer de que maneira os brasileiros ali vivem, porque não penetrou em nenhuma casa. Atendendo ao convite do único negociante que o chama a seu sítio, percebe que, ã sua chegada, "as senhoras de sapareceram", ficando ele "só, no salão, a palestrar com o dono da casa". 263

O botânico inglês Gardner, na década de trinta, discorren do de modo geral sobre os costumes brasileiros, no início de seu li vro, afirma que "no Rio, e nas outras grandes cidades, as mulheres sempre aparecem quando os estrangeiros chamam, mas tal não é o caso na maior parte do interior. Lã, elas ainda permanecem tímidas, embora com uma grande curiosidade". 264 E recorda sua vivência pessoal a respeito, tendo morado por vezes uma semana inteira em uma casa,

<sup>262)</sup> Cf., entre outros, John Madge, Las herramientas de la Ciencia Social. B.Aires, 1969, pp.119 e ss., ou Chombart de Lawe, op.cit., pp.21 e ss.

<sup>263)</sup> Tollenare, op.cit., p.131

<sup>264)</sup> Gardner, op.cit., p.14

sem ver das mulheres que ali moravam senão seus olhos escuros espian do pela porta dos aposentos internos.  $^{265}$ 

Kidder, também viajando pelo interior de Pernambuco, é atendido por toda uma família nativa, que o recebe com natural hospitalidade, entrando ele em contato tanto com a mulher do dono da casa, como com a filha viúva, mãe de cinco filhos, que também partilhava do teto paterno. Não conseguiu, entretanto, "apesar de ter insistido" em que lhe "fizesse companhia", que as mulheres sentassem também à mesa, durante as refeições, das quais participavam apenas o dono da casa e o neto mais velho, enquanto as mulheres "almoçaram depois, em outro comodo". 266

Suzannet, na década de quarenta, registra igualmente que "só em circunstâncias especiais o estrangeiro é recebido por brasileiros, sendo assim difícil estudar-lhes a vida privada". E observa que na Corte, as mulheres podem tomar parte da vida social, enquanto no interior, uma pessoa pode passar semanas inteiras sob um teto sem nem ao menos entrever a mulher e as filhas do dono da casa.

Bigg-Wither, viajante inglês que explorou sobretudo a província do Paraná, permanecendo no Brasil por três anos a partir de 1872, narra um interessante episódio, com ele ocorrido em casa de um fazendeiro. Cordialmente recebido, tendo a própria senhora ela mes mo lhe servido um café, criva-o, curiosa, de perguntas. Sabendo que ainda não era casado, a boa senhora tece largos elogios à vida matrimonial, revelando ter cinco filhas solteiras. O inglês demonstra, então, o desejo de conhecê-las, o que provocou um grande constrangimento a seus hospedeiros. As moças, entretanto, recusam-se a vir a té à sala, por não estarem "acostumadas a verem estranhos", segundo o esclarecimento do fazendeiro. Finalmente, com a insistência materna, tomam coragem, e deixando o interior da casa, são apresentadas ao forasteiro, a quem as "meninas" pareceram de uma "intensa timidez", escondendo "um quase histérioo desejo de rir ". 269 Bigg-Wither rea

<sup>265)</sup> Ibidem

<sup>266)</sup> Kidder, op.cit., p.102. Andrews, anos mais tarde, ainda diz o mesmo: "as mulheres raramente sentam-se à mesa com os homens, sobretudo se há estranhos; comem com as crianças, no chão" (op. cit., p.80).

<sup>267]</sup> Suzannet, op.cit., p.46

<sup>268)</sup> Ibidem

<sup>269)</sup> Bigg-Wither, I, pp.120 e ss.

salva, entretanto, que o sistema do fazendeiro Andrada, encerrando as filhas em casa, trancando-as à chave até a idade de "se obter um ma rido para elas", 270 não é seguido por todos os patriarcas da região, estando toda uma geração mais atrasada do que nas partes mais civil<u>i</u> zadas da própria província". 271

Talvez seja interessante comparar aqui o testemunho de Det mer que, entretanto já em 1897, conheceu, em Orobo, um professor pri mário de nome Sihany, cujas filhas, de quinze e dezessete anos. apre sentavam permanentemente um comportamento descontraído e natural, não se constrangendo em, várias vezes por dia, lavarem na sala o rosto e as mãos, à frente do estrangeiro, ou trançar e destrançar a bela ca beleira negra... 272

Houve naturalmente uma evolução nos costumes, mas a informação vai depender, em grande parte, dos preconceitos do narrador e sobretudo do que ele tem oportunidade de vivenciar. Impossível generalizar a experiência de um estrangeiro, em uma cidade, em uma única família. Variam as circunstâncias, o status do visitante, o fato de possuir ou não uma carta de recomendação, como também variam as condições sociais da família observada, a região em que a observação se dã, etc..

Talvez varie menos a opinião do estrangeiro quanto ao tipo e à qualidade da educação que se administrava ao elemento feminino da sociedade brasileira. Bordar, tocar violão ou piano, no máximo a prender alguma língua estrangeira parece ter sido o sistema mais se guido. <sup>273</sup>

A viajante inglesa Maria Graham refere-se com simpatia a <u>u</u> ma senhora da corte, que "prefere os livros às cartas ou aos escânda los domésticos", e que "sem pretender mais do que é devido ao sexo". "é capaz de promover uma cultura mais difundida, e um gosto mais refinado na sociedade a que pertence".<sup>274</sup> Mas parece que se trata de <u>u</u>

<sup>270]</sup> Ibidem. p.211

<sup>271)</sup> Ibidem, p.218

<sup>272]</sup> Detmer, op.cit., p.80

<sup>273)</sup> Cf. Andrews, op.cit., p;34, ou Agassiz, op.cit., p.465

<sup>274)</sup> Graham, op.cit., p.348

ma honrosa exceção.

A esposa do naturalista Agassiz, principal autora do diário de viagem da expedição que os cientistas da Nova Inglaterra fizeram ao Brasil em 1864 e 65, discorre longamente acerca da educação feminia no Brasil, considerando que "salvo duas matérias bem estudadas, o francês e a música, a educação das mulheres é pouco cuidada eo tom geral da sociedade se ressente disso". <sup>275</sup> E acrescenta a dama americana, tão segura de seus valores, certamente evocando o sistema educacional de Boston, acurado e profundo, que não é possível esperar se não mesmo essa mentalidade estreita, essa pobreza de horizontes, das quais as próprias mulheres já começam a ter consciência e a se revoltarem interiormente, não podendo ser "outra coisa com o sistema de educação atual". <sup>276</sup>

Tendo tanta dificuldade de travar conhecimento com o elemento feminino, sendo-lhe tão difícil penetrar no interior de um lar e participar do convívio diário, os viajantes deixaram poucas informações a respeito da família baiana.

É mais comum que penetrem em lares de estrangeiros, ou pe lo menos onde um dos cônjuges é estrangeiro. Avé-Lallemant encantase com a atmosfera doméstica do Engenho Vitória, de propriedade de Egas Moniz de Aragão, no Recôncavo Baiano, onde a senhora, "uma ale mã nata" é a alma da casa, os numerosos filhos são as "crianças mais amáveis. Desembaraçados, confiantes, sem abusarem, bem comportados e delicados sem afetação, obedientes à primeira palavra, como dificil mente se encontrariam em outras casas brasileiras". 277 Maximiliano da Austria, visitando a fazenda de Ferdinand von Steiger, cuja esposa brasileira lhe causou viva impressão, louva igualmente o ambiente fa miliar ali encontrado. 278

O alemão Julius Naeher, em 1878, morando em casa de seu cu nhado durante alguns meses, numa fazenda de açúcar do Recôncavo baia no, teve a oportunidade de observar a vida familiar, dando-nos, entre tanto, muito poucas informações. A família compunha-se de treze mem

<sup>275)</sup> Agassiz, op.cit., p.465

<sup>276)</sup> Ibidem

<sup>277)</sup> Ave-Lallemant, op.cit., pp.61 a ss.

<sup>278)</sup> Maximiliano, 1864, pp.59 e ss.

bros, para os quais havía um corpo de empregados de trinta e cinco escravos, mais a governanta e uma professora. Considera o visitante alemão um traço muito louvável de caráter brasileiro a moderação, as sim como o espírito doméstico "e a bela vida familiar". <sup>279</sup>

Detmer, já em 1897, ainda faz referências à grande família patriarcal, espantando-se com o número de parente que vivem sob um mesmo teto, parecendo-lhe "o relacionamento entre os membros da família entre si ser sempre muito cordial". 280

Também o grande apego mútuo entre pais e filhos é bastante admirado por aqueles que cle aram a vivenciá-lo, chamando-lhes a atenção o amor e o respeito que os filhos dedicam aos pais, mesmo de pois de adultos. Naeher comenta a respeito, e também o suíço Tschudi, que chega a considerar que esse "maior respeito e consideração cheia de atenção dos filhos para com seus pais" fazem da vida familiar brasileira um exemplo do qual muitas nações têm necessidade. 281

Ao tratarmos do branco e do negro, do mulato e do estrangeiro não foi por lapso que deixamos de lado o aborígene. Muitos via jantes ocupam-se longamente do elemento étnico nativo, conhecedores de fato do assunto, como Maximiliano de Wied e Neuwied ou Martius, ha vendo também os que o fizeram na qualidade de amadores ou curiosos, empenhados em informar aos leitores europeus a respeito desse povo exótico e estranho. Seria sumamente interessante uma análise desse material informativo, não só pelo testemunho e pela documenteção científica ali contida, como para a avaliação da carga preconceituosa que encerra. Mas furtamo-nos a uma tal empreitada por serem os indígenas uma população não urbana e estarmos, neste trabalho, tratando da capital da Província.

Esperamos ter conseguido alcançar o nosso intento, fazendo sobressair alguns dos elementos constitutivos da sociedade baiana o<u>i</u> tocentista, tal como ela se apresentava na capital da Provincia da Bahia. Ao coletarmos documentação sobre as diferentes classes sociais, seu mútuo relacionamento, destacamos a classe dominante e a classe servil, das quais os viajantes mais se ocupam sem, contudo, deixarem completamente de lado os estratos intermediários. Se existe

<sup>279)</sup> Naeher, op.cit., p.105

<sup>280)</sup> Detmer, op.cit., p.67

<sup>281)</sup> Cf. Tschudi, op.cit., p.140

na historiografia, e mesmo na consciência coletiva, a ideía de um distanciamento muito grande entre a classe alta e a classe baixa, os relatos de viajantes não se colocam fora desse quadro de referências. Trazem, contudo, como demonstramos em alguns exemplos, sobressaindo aí o papel representado pelos mulatos e pelos negros livres, informações relevantes sobre essa classe intermediária, multiforme e complexa.

Procuramos, ao mesmo tempo, compreender a posição do observador estrangeiro, descobrindo a perspectiva ou o prisma segun do os quais a realidade local era vista e sentida, deformada e colorida, denunciando inferências e preconceitos, desnudando etnocentrismos, problemati-ando a distância cultural, relativando e contextualizando o imprescindível - indiscutivelmente valioso - a cervo de informações fornecido pelos visitantes estrangeiros.

# DA. suig 1454 \*

The Bastern Coast of Africa.

TO

MOSAMBIQUE, JOHANNA, AND QUILOA:

TO

### ST. HELENA:

Tu

Rio de Janeiro, Bahia, and Pernambuco in Brazil.

IN THE NISUS FRIGATE.

BY JAMES PRIOR, Esq. R.N.

LONDON:

PRINTED FOR SIR RICHARD PHILLIPS AND Co. "
BRIDE-COURT, REIDGE-STREET.

1819.

,63

CONCLUSÃO: OS VIAJANTES ESTRANGEIROS E O PROCESSO DE EUROPEIZAÇÃO

"As capitais do Brasil oferecem uma es tranha mistura de pobreza brasileira e luxo europeu. Assim, por exemplo... a forma da cadeirinha aproxima-se da habitual liteira; os carregadores es tão vestidos meio militarmente - tudo parece bastante urbano, bastante distinto. Mas eles andam descalços, e com isso se disse tudo.

Mais uma década, e não haverá mais na da disso. O europeísmo é como uma tre padeira: uma vez enralzada, expandese em todas as direções. Até mesmo o mínimo detalhe é da maior importância para a avaliação do progresso cultural.

Christian Fischer, Neuestes Gemälds von Brasilien, 1819.

Chegamos ao fim da tarefa a que nos propusemos, tendo-nos servido do enorme valor, reavaliado e ratificado, que o testemunho deixado pelos visitantes estrangeiros representa para a historiografia baiama e brasileira em geral.

As considerações feitas na parte introdutória, levando-nos a uma reflexão sobre o relativismo das informações das crônicas de viagem, assim como sobre a precaução exigida na abordagem dessa fon te primária, não nos devem senão levar a uma utilização ainda mais proveitosa e enriquecedora do vastíssimo material oferecido.

Os viajantes e demais visitantes estrargeiros, discorrendo sobre os usos e costumes, o povo e a natureza, estão especialmente bem colocados para nos fazer conhecer e acompanhar a passagem de uma sociedade colonial tradicional para uma sociedade moderna, pauta da no modelo europeu.

A abordagem descritivo-comparativa dos relatos e crônicas de viagem possibilitou-nos uma melhor compreensão do caráter intrín seco da dinâmica da sociedade baiana oitocentista, mostrando-nos, a través do enfoque de elementos sociais e culturais escolhidos, aspectos de progresso, inércia e estagnação, isto é, aspectos de uma evolução a longo prazo que o estrangeiro tem mais condições de registrar, pelo próprio recuo de sua posição de observador exógeno, externo e alheio aos acontecimentos, ou pelo menos, diversamente do que as pessoas nela envolvidas, dela participantes e atuantes.

Ao escolhermos a literatura de viagem abrangendo toda a cen túria, moveu-nos a necessidade de dar a esse estudo, fugindo a um tratamento estático, unidimensional, uma visão diacrônica da socieda de baiana oitocentista, fazendo sobressair diferentes etapas do desenvolvimento e evolução dessa mesma sociedade. Não dispensamos um manejamento sincrônico das questões abordadas, mas julgamos essencial uma visão de conjunto para melhor avaliação e compreensão do período do Império na Bahia.

0 dia-a-dia narrado por Lindley, em 1802 ou 1803, não  $\acute{\rm e}$  o mesmo daquele entrevisto nas páginas de Tollenare, em 1817 ou 1818; as próprias narrativas de Wetherell, que se estenderam por quinze  $\underline{\rm a}$ 

nos, de 1842 a 1857, atestam transformações importantes, por ele mesmo sentidas, e expressas em várias passagens. La interessante acompanhar o trajeto do cais do porto à Vitoria, ao longo do se culc, passeio obrigatório de todos os estrangeiros que acui esti veraz. Lindley refere-se apenas aos arredores da cidade, onde, "alguns membros das classes elevadas, não em grande número, cons truíram grandes e elegantes mansões", 2 e não evoca nem uma a Vitoria, embora provavelmente a incluísse nesses "arredores da cidade". Nem James Prior que descreve cuidadosamente a Bahia, nem Gustav Beyer, que aí estiveram em 1813, tocam tão pouco em mo me de bairro nenhum, o que talvez possa significar a pouca estru turação, como aglomerado urbano organizado, que a Vitória ainda tinha por aquela época. Já Tollenare refere-se com deleite "aprazível arrabalde que dista três quartos de légua ao sul cidade", 3 e desde então muitos outros autores não poupam elogios ao local, acompanhados de exclamações admirativas, ora chamado-o de arrabalde, ora de suburbio, ou "continuação da cidade alta", até cs mais recentes, que se referem simplesmente à "Vitória", sem cutra denominação, evidenciando a integração da mesma no cor po da cidade. 5 Em 1886, Ernest Courcy vai de bonde até à Barra, mostrando com isso o alargamento e ampliamento da capital, 6 como alias, Hadfield, em 1877, "expressis verbis" afirmou: "a cidade ultrapassou consideravelmente seus limites".7

Silva Lima lembra que, em 1840, os negociantes iam a cavalo de lá para seus escritórics na Cidade Baixa. Os que não Possuíam cavalo, como os caixeiros, precisavam fazer o extenso

<sup>1)</sup> Cf. Wetherell, op.cit., pp.61,119,145

<sup>2)</sup> Lindley, op.cit., p.164

<sup>3)</sup> Tollenare, op.cit., p.295

<sup>4)</sup> Cf. Asschenfeld, op.cit., p.19

<sup>5)</sup> Cf., por exemplo, Naeher op.cit.,p.70, ou Detmer, op.cit., p.37

<sup>6)</sup> Cf. Courcy, op.cit., p.63

<sup>7)</sup> Cf. Hadfield, 1877, p.22

caminho a pé. Em 1858, quando Oscar Canstatt visitou a Bahia, utilizou-se da cadeirinha, "menos por preguiça do que pela curiosidade de conhecer o aparelho", para locomover-se até o Passeio Público, não tendo, entretanto, paciência, ou desacostumado com o balancear ritma do do antiquado meio de locomoção, preferiu continuar a pé o resto do trajeto. Além de incômoda, o médico norueguês Friis a considera extremamente perigosa, ocorrendo o risco de se cair a qualquer momento.

Quando os participantes da expedição Thayer estiveram na Bahia, em 1865, a cronista do grupo, Sra. Agassiz, pouco ou nada dig se sobre a cidade. Mas espanta-se com a cadeirinha, acrescentando que "a cidade, com suas ruas em precipício, suas casas bizarras, suas velhas igrejas, é tão estranha e tão antiga como esse singular veículo".

Vinte anos depois, Julius Naeher registra, como coisa natural e óbvia, o transcurso da Cidade Baixa para a Alta, por meio do e levador, em seguida, tomando um bonde, deslocando-se até à Vitória, morro abaixo, morro acima. No findar do século, o pastor protestante Schwieger, provavelmente já influenciado por todos esses preconceitos, tem uma exclamação de surpresa ao deparar-se com o elevador, pois "ra cidade negra da Bahia não esperávamos realmente encontrar uma tal obra mestra da técnica moderna, e que despertou nossa to tal admiração. A existência do elevador, patenteando uma outra face do país, não está em harmonia com a impressão e a fama de atraso, anacronismo e bizarria com as quais o viajante vem premunido.

Na resolução nº 12, de 2 de junho de 1835, o Vice-Presiden te da Província já tinha concedido ao Senador Visconde de Pedra Bran

<sup>8)</sup> Cf. Canstatt, 1877, p.22

<sup>9)</sup> Cf. Friis, op.cit.

<sup>10)</sup> Agassiz, op.cit., p.43

<sup>11)</sup> Cf. Naeher, op.cit., p.70. Sobre a cadeirinha, cf. Frederico Edelweiss, A serpentina e a cadeirinha de arruar (achegas historicas). Bahia, Publicação da Universidade Federal da Bahia,1968, onde o autor se refere a um grande número de viajantes que descreveu esses dois meios de transporte.

<sup>12)</sup> Schwieger, op.cit., p.119

ca a autorização para "a formação de uma companhia, destinada a esta belecer, por meio de máquinas próprias, um vehículo para a condução de cousas, e pessoas da Cidade Alta para a Baixa, e vice-versa." 13

Num requerimento a respeito, o Visconde se tinha proposto, para o citado fim, "uma Companhia de Capitalistas Nacionais e Estran geiros".  $^{14}$ 

Entretanto, so na década de sessenta é que começaram os preparativos concretos para a realização daqueles planos, e agora na mão de outros concessionários. Antonio de Lacerda & Cia. iniciaram as construções da torre do "Parafuso" no ano de 1869, e em 1873 foi inaugurado o "Elevador Lacerda", de maquinaria hidráulica e inglesa, mas fruto da engenharia nacional, passando indispensavelmente a fazer parte das descrições dos viajantes estrangeiros.

O curto parágrafo em que Detmer registra as possibilidades de acesso à Cidade Alta é um exemplo feliz para ilustrar o modo com que, na Bahia de oitocentos, o passado e o presente, o antigo e o mo derno se entrelaçavam; explicando que as duas partes da Bahia estão ligadas uma a outra por muitas ladeiras, e que ali se pode ver gran de número de carroças puxadas por muares, as vêzes mesmo elegantes carruagens de duas parelhas, acrescenta que só viu bem poucas cadei ras, e que é muito cômodo deslocar-se da Cidade Baixa para a Alta a través do plano inclinado, não se devendo esquecer o elevador, que em um abrir e fechar de olhos transporta o visitante para a outra parte da cidade, onde se podemobservar os bondes, correndo em diferentes di reções. 16

Os visitantes da década de setenta em diante apontam com gosto o bonito espetáculo da cidade iluminada por lampiões a gas, 17

<sup>13)</sup> Cf. Collecção das leis c resoluções da Assemblea Legislativa da Bahia, sanccionadas e publicadas nos annos do 1835 a 1838. Op. cit., pp.31 e ss.

<sup>14)</sup> Ibidem, p.33

<sup>15)</sup> Cf. Carlos Alberto, A Locomoção da Cidade Através dos Tempos. Se parata da Revista do Instituto Geografico e Bistórico da Bahia, n.66, Escola de Aprendizes Artífices, Bahia, 1940, pp.17 e ss...

<sup>16)</sup> Detmer, op.cit., p.35.Sobre os meios de transporte em Salvador, cf. Carlos Alberto, op.cit.

<sup>17)</sup>Cf. Braz do Amaral, op.cit., p.209

impressionados com o efeito ao longo da baía. <sup>18</sup> A capital da província era completamente sem iluminação noturna; somente a partir de 1829, foram introduzidos os lampiões alimentados com azeite de baleia. A iluminação agás data de junho de 1862. <sup>19</sup> Salvador evolui e progride, assumindo cada vez mais ares de grande cidade, na opinião de Lamberg, a ela pertencendo, por direito, a liderança de todo o norte. <sup>20</sup>

É sumamente interessante de acompanhar os movimentos de progresso e também de estagnação registrados pelos viajantes. As ca deirinhas, persistindo ao longo do século, os velhos fortes de defe sa da cidade, que fizeram o sueco Beyer vibrar com a inexpugnabilida de que eles ofereciam, ainda em 1813, ao passo que os cronistas do fim do século os consideravam insignificantes, incapazes de resistir a um ataque europeu. O estaleiro, que nos anos vinte despertava a admiração, dizendo-se poder ali construírem-se ótimos navios,foi con siderado pelo capitão da corveta "Aurora" de proporções reduzidas,on de só se podem fazer pequenos reparos". 21

É ainda o capitão do "Aurora" que se espanta com o mau estado do porto, admirando-se do governo não fazer retirar do mar os restos dos navios naufragados, que constituem um perigo aos navegantes. 22

Através das diferentes observações feitas pelos viajantes sobre o vestuário das classes mais altas da população (porque o modo de vestir dos negros, sobretudo das negras permaneceu mais ou menos o mesmo) pode-se ver também um aspecto da evolução dos costumes. Em 1803, Lindley registra que "a Bahia está sem dúvida progredindo em ci vilização", e "trajes europeus cada dia mais" estão "generalizados en tre as mulheres". Prior, em 1813, considera a moda feminina mais próxima da francesa do que da inglesa, 24 no que é ratificado por

<sup>18)</sup> Cf., por exemplo, Goegg, op.cit., p.174; Benko, op.cit., p.85.

<sup>19)</sup> Cf. Affonso Ruy, op.cit., p.476

<sup>20)</sup> Lamberg, op.cit., p.178

<sup>21) &</sup>quot;Aurora", op.cit., p.9

<sup>22)</sup> Ibidem

<sup>23)</sup> Lindley, op.cit., p.108

<sup>24)</sup> Prior, op.cit., p.104

Tollerare, quatro anos depois<sup>25</sup> e ainda por Wetherell, em 1856; o a gente consular inglês crítica esse atentado ao clima tropical, mos trando que sacrificam à aparência a comodidade; e os homens, quando vestidos a rigor, usam um "terno inteiramente preto, ... hábito absurdo para um clima tropicale herdado do barbarismo português". Os viajantes das últimas décadas não falam praticamente sobre a vestimenta, o que faz crer que os hábitos se tinham de tal forma generalizado e europeizado que o estrangeiro nem ao menos percebia algo digno de notificação.

Os viajantes vão registrando as mudanças verificadas, as transfirmações dos costumes, a crescente europeização que se estava processando. A informação crítica que Christian Fischer dá a seus leitores sobre a mistura de "pobreza brasileira" com "luxo europeu", ilustra de modo bastante eloquente esse tempo de transição. 27 0 si mulacri de urbanidade, assim como a aparência de beleza tropical que a visão da cidade, a partir do navio ancorado na Baía de Todos os Santos proporciona , frustram o viajante desprevenido. Christian Fischer não saiu de seu país natal para descrever sua viagem imaginaria ao Brasil. Suas narrativas, ele mesmo diz em várias passagems de seu livrinho", 28 foram tiradas de relatos diversos e é interessan te observar a "herança" dos preconceitos e imagens, numa estandartização de informações que merece uma reflexão mais prolongada.

Tanto as formas de estagnação ou resistência cultural, co mo as de dinamismo e progresso se constatam muito mais de modo exter no.

O saneamento da cidade, por processos ingleses, foi-se e fetuando lentamente, a partir do modelo do Rio de Janeiro. Theodoro Sampaio, escrevendo em 1923, revela que "a cidade do Salvador...ain da não o conseguiu", tendo entretanto havido várias tentativas, todas frustadas, segundo o autor, devido à má orientação dos políticos responsáveis. 29

<sup>25)</sup> Tollenare, op.cit., p.308

<sup>26)</sup> Wetherell, op.cit., p.120

<sup>27)</sup> Cf. Christian Fischer, Neuestes Gem"alde von Brasilien, II. Leipzig, H. Leder, 1819, p.13.

<sup>28)</sup> Trata-se de dois pequenos volumes, que ele mesmo chama de 'Bändchen", isto é, volumezinho.

<sup>29)</sup> Cf. Theodoro Sampaio, A engenharia e sua evolução no século da Independência, na Bahia; in: Diário Official, edição comemorativa, 1923, p.331.

O estado de sujeira da Cidade Baixa ofendeu os sentidos e as concepções civilizatórias de todos os visitantes, evidenciando um desses aspectos de estagnação que entrava em choque com o crescente progresso da metrópole. Alfred Marc, que escreveu em 1889, possivelmente sem ter estado no Brasil, depois de tratar longamente dos transportes urbanos, achando-os evidentemente muito bons, acrescenta que "o que falta numa cidade como a Bahia é um sistema de esgotos". 30

Embora procurando analisar a situação da Bahia, lembramos, partindo dos elementos que Richard Graham nos fornece, o relatório do cônsul inglês em Pernambuco, no ano de 1872, a partir do qual se deduzem os esforços daquela nação para fazerem penetrar nos mercados e nos hábitos brasileiros o sistema de encanamento de água e es goto, o que significaria não só a importação do material necessário como o estabelecimento de companhias, naturalmente inglesas, para a administração e organização dessas futuras empresas, a "venda" técnicos (que se preservariam ciosamente de trarsmitir aos nativos o "know how" que os libertaria da tutela também tecnológica dos bri tânicos), enfim, nova mina de lucros, novos elos de dependência. E, comenta Richard Graham, "ainda que o cônsul britânico proclamasse 'os benefícios que adviriam com as grandes obras progressistas Drainage Company, cujos serviços, certamente, ajudariam a introduzir hábitos de higiene e limpeza nas residências da cidade", o presiden te da província foi obrigado a admitir que "há 400 habitações cu fo cos que comportam aparelhos, mas a empresa não os há podido colocar em virtude da oposição dos proprietários e dos inquilinos". 31

A modernização da cidade, o desenvolvimento cultural, o crescente amalgamento das raças, a incipiente formação de camadas so ciais intermediárias, todos os aspectos do desenvolvimento transfor mam a sociedade colonial baiana gradativamente e sempre mais, calcan do-a sobre moldes europeus, cujos representantes aí presentes, de modo fortuito ou mais ou menos permanente, atuam como agentes e tes temunhas. Trazem a sua maneira de ser, as suas idéias, seus costu-

<sup>30)</sup> Alfred Marc, op.cit., p.319

<sup>31)</sup> Richard Graham, op.cit., p.123

mes, suas novidades, e assim contribuem para o processo de integramento da sociedade local, segundo parâmetros importados, na órbita de gravitação européia.

Já tem sido muito analisada, nos últimos anos, a contextu ra da importação das idéias políticas européias, melhor dito, hauridas da difusão do enciclopedismo e da ilustração, na propaganda da Revolução Francesa e, mais próximo do Brasil, na concretização do ideal acalentado por toda colônia sul-americana: a independência dos Estados Unidos. 32 Qualquer estudo sobre independência trata obriga toriamente da influência dos ideais políticos franceses na separação de Portugal. Todo trabalho sobre a economia brasileira salienta a aceitação do Novo Mundo dos princípios liberais ingleses de Adam Smith e seus seguidores.

Toda pesquisa de literatura destaca a filiação espiritual e intelectual dos representantes das letras brasileiras com as diversas correntes e tendências européias. Se até o século XVIII as manifestações literárias no Brasil conservavam eminentemente o cunho português, o romantismo brasileiro mostra suas nítidas dependências do francês, sobretudo nas pessoas de Musset e Victor Hugo, notadamente em Castro Alves. A prosa de José de Alencar, apesar de sua o riginalidade, paga um tributo ao romance folhetinesco francês. Alvaros de Azevedo, morto aos 21 anos, mostra em seus poemas atormentados, a inspiração byroniana. Não se pode esquecer que foi de Paris que se lançaram os manifestos fundamentais da literatura brasileira romântica, através da Revista Nictheroy, Revista Brasileiro, como João Manuel Pereira da Silva, Domingos Gonçalves Magalhães e outros.

Machado de Assis foi chamado até mesmo de "o mulato inglês", pela sua finidade com a literatura inglesa e sua dívida para com Shakespeare, Swift e Sterne. Durante as manifestações do natu

<sup>32)</sup> Sobre o assunto, cf. Emília Viotti da Costa, Introdução ao estu do da emancipação política do Brasil, in: Brasil em Perspectiva. Organização e introdução de Carlos Guilherme Mota, São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1971, p.64-125. Cf. ainda os dois livros de Carlos Guilherme Mota, Nordeste 1817: e estruturas e argumentos. São Paulo, Ed. Perspectiva e Ed. da Universidade de São Paulo, 1972, e Dimensões. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1972.

ralismo, é de novo avassalante a presença francesa, principalmente de Emile Zola, que rege a produção brasileira da época. O simbolis mo é igualmente de inspiração francesa, e até mesmo o próprio moder nismo português e brasileiro vão mergulhar suas linhas mestras na estética francesa da década de dez e vinte, ainda mais do que na estética italiana.

Houve, sem dúvida, uma deglutição, uma incorporação dessas idéias, e as letras nacionais apresentam indiscutivelmente laivos originais desde suas primeiras manifestações, mas queremos, com isso, apenas ressaltar a contribuição estrangeira neste, como em to dos os demais setores, tanto culturais como econômicos do país.

É sintomático que grande parte dos livros da Biblioteca ("Livraria") Pública da Bahía era constituída por livros estrangeiros, sobretudo franceses. 33 Do total dos livros entrados no Brasil, no ano financeiro de 1844-45, apenas um terço do valor total da im portação provinha de Portugal, sendo os cutros dois terços de prove niência francesa, belga e inglesa. 34

Em 1832, um certo Eusébio Nanério se propõe a traduzir "huã colleção completa das materias que se ensinão nas escolas ele mentares da França", 35 e a mesma idéia tivera Maria Graham quando, enviuvando e retornando ao Brasil, depois de ter estado no Chile, a ceitou, a convite da jã então Imperatriz D. Leopoldina, o cargo de preceptora dos filhos imperiais, principalmente de D. Maria da Glória, então com 5 anos. Maria Graham partiu para a Inglaterra, a fim de preparar o material para tão importante missão, mandando traduzir para o português livros didáticos famosos.

Quando, na sua fala de 1840, o Presidente da Província da Bahia recomenda à Assembleia Legislativa Provincial conceder a ver ba necessária para a Biblioteca Pública, ele declara como finalida de dessa verba: "afim de se comprarem as melhores obras scientificas, que em cada anno se publicarem na Europa". 37

<sup>33)</sup> Cf. Beatriz Nizza da Silva, op.cit.

<sup>34)</sup> Cf.Straten-Ponthoz, op.cit., vol II, p.155

<sup>35)</sup> AEBa., Secção de Doc. Histórica, março 680, fl. 99v-100r.

<sup>36)</sup> Cf. M. Graham, op.cit.

<sup>37)</sup> AEBa., Secção de Doc. Histórica.

Não podemos deixar de dar uma palavra ainda sobre o hábito das classes mais elevadas de mandarem seus filhos estudar em univer sidades européias, constituindo o diploma estrangeiro, ou mesmo tugues, um elemento importante da definição do status do indivíduo. Os menos aquinhoados pela fortuna contentavam-se em enviar os rapazes para as escolas superiores existentes no país, no Rio, em São Paulo, no Recife, na Bahia. Esses jovens acadêmicos foram, sem dúvida algu ma, parte significativa na integração dos brasileiros no civilizatório" europeu. A própria "inteligentzia" brasileira tem as suas raízes e suas origens. Não poderia certamente ser de outro do, bem o sabemos, mas cremos ser necessário de novo sublinhar o to óbvio, flagrante, para ressaltar o caráter múltiplo, nem autóctone, embora profundamente devedor ao substrato indígena e à contribui ção africana, nem simplesmente transplantado, ou de única origem ropéia, de todo esse complexo em amalgamento que constitui a naciona lidade brasileira.

A presença estrangeira se fazia sentir materialmente atra vés da afluência de produtos de todo tipo que invadiram de forma crescente o mercado brasileiro. A importação de artigos de primeira ne cessidade - indo da manteiga eda farinha ao ferro exo chumbo - é prio ritária numa economia de exportação monocultural. Os bens importados abrangem um espectro muito amplo e variado, escalonando-se desde aqueles cobrindo realmente necessidades imprescindíveis, como os de necessidades criadas pelo próprio processo de modernização.

Os hábitos alimentares são igualmente reveladores das transformações dos costumes brasileiros e de sua dependência de comprar para sobreviverem. Thomas Lindley, tão minuncioso em tudo que escreveu, embora se tenha referido em várias oportunidades a refeições ou jantares, não entra em detalhes quanto à qualidade ou conteúdo dos mesmos. Nota-se que sente falta da "boa cerveja e (do) bom queijo" de sua terra, 38 mas não parece de todo insatisfeito com a dieta local. Em Porto Seguro, observou que "a alimentação comum dos habitan tes é o peixe salgado e a farinha (...), laranjas, banana e coco". Praticamente não se usa o leite na alimentação, sendo ele considera

<sup>38)</sup> Lindley, op.cit., p.102

<sup>39)</sup> Ibidem, p.150

do mesmo prejudicial à saúde dos mais fracos. 40 E mais adiante, falando de Salvador, revela o quanto é difícil adquirir-se boa carne para comer. "A carne de carneiro, cordeiro e vitela é praticamente desconhecida, não se encontrando nunca no mercado. A carne de vaca, nos dias que existe (...) é extremamente magra, mole e sem gos to". 41

O mesmo foi dito, cinquenta anos depois, pelo vice-cônsul inglês na Bahia, James Wetherell: "a carne animal não parece ter si do feita para se tirar proveito dela. Só conhecem a carne de vaca, e que às vezes é tão ruim que não se pode comê-la". Quase não se usa a carne de porco, e muito menos a de carneiro.

Entretanto, em 1860, quando o Arqueduque Maximiliano da Áustria visitou o engenho do Recôncavo pertecente a Geremoabo da Costa Vasconcelos, apesar de afeito aos opíparos banquetes da Corte de Viena, e malgrado sua mordacidade inteligente e oportuna, não escon de o entusiasmo diante da "mesa principesca, com todo o luxo gastro nômico da antiga cozinha brasileira", 43 servida em sua homenagem. "Os pratos brasileiros eram todos muito finos, bem escolhidos e com binados", e "a arte principal dos brasileiros consiste na preparação de pratos de peixe e carne, sobretudo fortes ragus e outros pratos de moluscos e caranguejos". 44

O contraste entre o testemunho dos ingleses e do austríaco é bastante grande, não se tratando certamente de uma questão de mudança ocorrida com o passar dos anos. Maximiliano da Áustria presenciou um banquete festivo, ostentação provavelmente não repet<u>i</u>

<sup>40)</sup> Ibidem, p.151. A respeito, John Barrow, ao passar no Rio em 1732, a caminha da Conchinchina, fez observação semelhante: "Lei te, manteiga e queijo são raramente usados. Com a maior dificul dade, conseguimos um pouco do primeiro para o nosso chá, e que foi miseravelmente ruim" (op.cit., p.89).

<sup>41)</sup> Lindley, op.cit., p.174

<sup>42)</sup> James Wetherell, 1860, p.91. Pedro Tito Regis confirma as observações dos estrangeiros, esclarecendo que as classes pobres só se alimentam quase exclusivamente de banana e farinha, comen do as vezes carne seca, salgada ou peixe sílgado. A carne de galinha, a carne de vaca fresca só são de uso dos mais abastados. Carneiro, cabrito, etc. são pouco usados, e só mesmo pelos ricos, e em ocasiões excepcionais (Cf. Duas palavras sobre a Provincia da Bahia. Bahia, 1845, pp. 18 e 19).

<sup>43)</sup> Maximiliano da Áustria, 1861, p.267

<sup>44)</sup> Ibidem

da diariamente. Lindley e Wetherell, tendo passado anos na terra, viveram - e sofreram - das carências cotidianas Entretanto, deve tratar-se também de uma questão de atitude pessoal face ao novo, ao inusitado. Ao aventuroso príncipe agradaram os gostos exóticos, os sabores estranhos e inesperados, o que parece bastante coerente com seu caráter livre e espírito aberto.

Os hábitos iam-se tornando cada vez menos rústicos e as necessidades se iam diversificando no decorrer do século. Consequen temente, a importação de bens suntuários passa a ocupar uma vultosa proporção no balanço geral, indicador e reflexo de uma classe, espe lho de um status, alvo da aspiração à ascenção social de outras ca madas, anseio justificavel e objetivo atingível neste país em forma ção, em que a mobilidade social, embora ainda diminuta, era uma de corrência corolária.

"A classe alta tem todos os hábitos europeus com os rafinamentos do luxo que comporta a vida creoula", 45 opinava Orbigny no começo da década de cinquenta, confirmando Rugendas que, vinte a nos antes, comentava "ser de bom tom, na alta sociedade, imitar os costumes ingleses", embora tais vezes fossem inteiramente "contrários à vivacidade dos habitantes e mesmo ao clima". 46

E nos perguntamos, ao final deste trabalho, em que medida a importação de mentalidade constituiu um meio de perpetuar e cristalizar a subalternidade do Brasil para com as nações industrializa das. Uma dependência reforça a outra. Os bens importados provocam o despertar de uma necessidade de consumi-los, necessidade alargada do essencial para o supérfluo, necessidade que gera o gosto pelo uso, uso que desencadeia novos hábitos, por sua vez plasmadores de novo estilo de vida, estilo de vida que depende de um lastro intelectual e cultural a ser também adquirido, inspirando novas aspirações, denunciando transformações no próprio modo de ser do brasileiro.

Círculo vicioso. Circuito fechado. Dependência ideológica, tutela intelectual agindo como reforçadores do afilhadismo mate

<sup>45)</sup> Orbigny, op.cit., p.147

<sup>46)</sup> Rugendas, op.cit., p.135

rial, impedindo mesmo que este seja percebido. Quando muito, dirigindo os esforços de superá-lo no sentido imitativo. Não se chega nem mesmo a indagar se os bens que se pretendem adquirir, ou os valores aos quais se aspiram, correspondem ou não às necessidades proprias, específicas da sociedade do país.

O uso da casimira inglesa nos trópicos, a compra de aguar dente das mais diversas proveniências nas terras da cana de aguar, o ensino de latim em vilas do interior, o transporte para o sertão de pianos e cabriclés, por um lado fazem o conde belga concluir,da pois de sua minuciósa análise do comércio exterior brasileiro. "Tem se, pois, provas ... da notável necessidade de bem-estar em sua or ganização social". 47 Por outro lado, essa dependência provoca também comentários como este de um outro observador estrangeiro, já en 1906: "O povo é pouco patriótico em assuntos de dinheiro, costumando preferir facilmente mercadorias estrangeiras". 48

A modernização do Brasil, nos quadros históricos do século XIX, "equivale à europeização e acarreta efeitos europeizadores". "Opera-se um salto, em várias esferas concomitantes da vida, do legado português às formas econômicas, jurídicas e políticas da Europa moderna - do liberalismo econômico, do parlamentarismo e da monarquia constitucional, dos mitos progressistas". "A europeização, em primeiro lugar, processou-se mais aos níveis de aspirações das elites dirigentes do que em relação aos modos de agir, modos de ser ou no estilo de vida accessível a todos. "O que prevaleceu, como for ça histórico-social dinâmica, foi a identificação com a civilização ocidental". "50

<sup>47)</sup> Straten-Ponthoz, op.cit., vol.II, p.96

<sup>48)</sup> Eduard Dettmann, Brasiliens Aufschwung in deutscher Beleuchtung Berlin, Hermann Paetel, 1908, p.

<sup>49)</sup> Florestan Fernandes, Sociedade de classes e subdesenvolvimento, Rio de Janeiro, Zahar, 1968, p.25

<sup>50)</sup> Ibidem, p.26

1 6 106

Deueftes

Gemalbe von Brafilien.

Ben

Prof. Chr. 2. Bifder.

Grftes Binbden.

Die wier Rupfern.

Leipzig 1819. En Bartiebent Derlagerreditien.

Grindringer

fra

et Togt med Gregallen "Sjælland" til Braflien og Defindien

Barens 1860-61

, bch

enod med. & chir. Briff, Fregettene Stibologe.

(Befficenigff Libenbes Beuilleton)

Mogellonder. Erbit bos W. Larfen. 72. 100

Gemalde von Brafilien.

Bon

Prof. Cbr. 3. Bifder.

Amentes und feates Banb den.

- Igde Muntern.

Ceipgig 2819. In Gartiebine Scriegeernebitten.

SKETCHES OF BUAZIES

LEE VIEWS

TROPICAL AND LEBOPEAN FEVER.

SIN'S BY A PENNINE DE PRONT OF THE BESTEW ANTOENT TO STEEDER IN OUT HIS BATTLES COOR HOS CARROLTES.

ROBERT DUNDAS, M.D.,

order to par america septial, Orderes, appearance line armoor a a brie america , one par enterprise blass from an armomenant or the author from all all and

JOHN CHTICHUL, PRINCES BIREET, SONO

1863.

## <u>Viajantes e visitantes estrangeiros na Bahia no século XIX</u> (As indicações bibliográficas constam da bibliografia geral)

Adalbert, Príncipe da Prússia, alemão, 1842 Agassiz, Elizabeth Cabot Cary, americana, 1865 Agassiz, Jean Louis Rodolphe, suíço-americano, 1865

Almagro, Manoel de, espanhol, 1862

Arnold, Samuel Greene, americano, 1847

Asschenfeldt, Friedrich, alemão, 1843-1847

Assier, Adolphe d', francês, (1867)

Aurignac, Romain d', francês, 1877

(Aurora, Corveta austro-húngara, 1884)

Avé-Lallemant, Robert Christian Berthold, alemão, 1859

Benko, Jerolim Freiherr von, austríaco, 1885

Bertrand, Artur, francês, 1840

Beyer, Gustavo, sueco, 1813

Biard, Auguste François, francês, 1858-1859

Bonnefous, Jean de, francês, (1898)

Burgess, Wilson, ingles, 1852

Burke, Ulick Ralph, inglês, 1882

Candler, John, inglês, 1852

Canstatt, Oscar, alemao, 1868

Castelnau, Francis de, francês, 1848-55

Champagnac, Jean Baptiste Joseph, francês, década de 50

Clark, Edwin, in les, 1876

Clark, Hamlet, inglês, 1856

Courcy, Ernest de, francês, 1886

Darwin, Charles, inglês, 1831 e 1836

Denis, Ferdinand, francês, 1816-1819

Delessert, Eugène, francês, 1839

Dent, Hasting Charles, ingles, (1886)

Detmer, W., alemão, 1895

Douville, Jean-Baptiste, francês, 1833-35

Dugrivel, A., francês, 1832-1833

Dundas, Robert, inglês, 1819-1842

Elwes, Robert, inglês, 1848

Expilly, Jean Charles Marie, francês, 1862

Feldner, Wilhelm Christian Gotthelf von, alemão, 1816

Fitzroy, Robert, inglês, 1831-1836

Fletcher, James Cooley, americano, 1837-1840

Forth-Rouen, francês, 1847

Freyreiss, Georg Wilhelm, alemão, 1816-1823

Friis, G. M., dinamarques, 1860

Gardner, George, inglês, 1837

Goegg, Armand, alemão, 1880-81

Graham, Maria, inglesa, 1821 e 1823

Hadfield, William, inglês, 1854 e 1870

Halfeld, Henrique Guilherme Fernando, alemão, 1852-1854

Hänsel, Emil, alemão, 1894

Hartt, Charles Frederick, canadense, 1865

Hill. Henry, americano, 1808

Jerônimo de Bonaparte, francês, 1806

Joinville, Principe de, francês, 1840

Keith, George Monat, escossez, 1805

Kidder, Daniel Parish, americano, 1837-1840

Kreekel, holandês, 1806

Lamberg, Moritz, austríaco, 1885

Lambert, Charles, ingles, 1880

Lambert, S., inglesa, 1880

Las Cases, Emmanuel Barão de, francês, 1840

Lima, José Francisco da Silva, português, 1840 em diante

Lindley, Thomas, ingles, 1802-03

Luschnat, russo, decada de 1830

Marjoribanks, Alexander, inglês, 1853

Martius, Karl Friedrich Phillip von, alemão, 1817-1820

Martyn, Henry, americano (?),1805

Maximiliano da Austria, 1860

Maximiliano de Wied-Neuwied, alemão, 1815-1817

Michel, Errest, francês, (1887)

Michelena y Rojas, Francisco, espanhol, 1855

Mouchez, Ernest, francês, 1861

Naeher, Julius, alemão, 1878

O'Neil, Thomas, inglês, 1808

Orbigny, Alcide d', francês, entre 1826 e 1832

Ouseley, William Gore, inglês, (1852)

Paul Alexander von Württemberg, alemão, 1853

Prior, James, inglês, 1813

Riedel, Ludwig, alemão, 1821-1822 Rochette, Joseph de, corso, 1834 Roussin, Albin Reine, francês, 1818-1820(?) Rugendas, Johann Moritz, alemão, 1821-1825 Salsmann, Philipp, alemão, 1827-1830 Schwieger, Henry, alemão, 1897 Scully, William, inglês, (1866) Spix, Johann Baptist von, alemão, 1817-1820 Stevenson, Frederick James, ingles, 1867 Suzannet, Conde de, francês, 1843 Therese von Bayern, alema, (1897) Toelsner, Carl August, alemão, década de 20 (?) Tollenare, L. F. de, francês, 1817-1818 Tschudi, Johann Jacob von, suico, 1863 Turnbull, John, ingles, 1800 Ver Huell, holandes, 1807 Wetherell, James, ingles, 1843-1857 Wilberforce, Edward, inglês, (1856)

## Bibliografia

- Accioli, Ignacio v. Silva, J. Accioli de Cerqueira e Adalbert, Prinz von Preussen, Aus meinem Tagebuch. 1942-1843. Berlin, 1847
- \_\_\_\_\_\_, Principe da Prússia, Diário de minha viagem ao Brasil.

  Tradução e notas de Sérgio Buarque de Holanda, São Paulo,
  Livraria Martins Editora
- ADB v. Allgemeine Deutsche Biographie
- Agassiz, Elizabeth Cabot Cary e Agassiz, Jean Louis Rodolphe, A journey to Brazil, by professor and Mrs. Louis Agassiz, Boston, Ticknor and Fields, 1868
- \_\_\_\_\_\_, lissem as Bhasil. 1865-1866. Tradução e notas de Edgard
  Stasekind de Mendonça. São Paulo, Comp. Editora Nacional,1938
  \_\_\_\_\_\_, Voyage au Brésil. Traduit de l'anglais par Félix Vogeli,
  Paris, Librairie Hachette, 1869
- Aguiar, Pinto de, A abentuna dos pontos do Brasil. Bahia, Livraria Progresso Editora, 1960
- Aguirre, Juan Francisco, Diario del Capitán de Pragata Juan Prancisco Aguirre,in: Revista de la Biblioteca Nacional, tomo XVIII, 19 y 29 trimestre de 1948, n. 45 y 46, Buenos Aires, Imprenta de la Biblioteca Nacional, 1949
- Aldenburgk, Johann Gregor, Relação da conquista e perda da Cidade do Salvador pelos holandeses em 1624-1625. São Paulo, Brasiliense Documenta, 1959
- Allgemeine Deutsche Biographie.Ed. pela Academia das Ciencias, Munique, 56 vols., Leipzig, 1875-1912. reprodução, Berlin, Duncker & Humblot, 1967-1971 (ADB)
- Almagro, Manoel de, Breve descripcion de los viages hechos en America por la Comision cientifica enviada por el gobierno de S. M. C. durante os años de 1862a 1866. Acompañada de la enumeracion de las colleciones que forman la exposicion publica. Publicada por orden del Ministerio de fomento. Madrid, Imprenta y estereotipia de M. Rivadeneyra, 1866
- Almanaque da Provincia da Bahia para o ano de 1873. Compilado por Altino Rodrigues Pimenta. Bahia, 1872
- Amaral, Braz do, Historia da Bahia, do Imperio  $\bar{a}$  Republica. Bahia, Imprensa Official do Estado, 1923

- Amaral, José Alvares do, Resumo chronologico e noticioso da Provincia da Bahia desde o seu descobrimento em 1500. 2a. edição, revisto e consideravelmente annotado por J. Teixeira Barros. Bahia, Imprensa Official do Estado, 1922
- Andrews, Christopher Columbus, Brazil, its conditions and prospects.

  New York, D. Appleton, 1887
- Antonini, Barão, Relatorios sobre o Brasil (1828-1831). São Paulo, Instituto Cultural Italo-Brasileiro, Caderno nº 2, 1962
- Arago, J. E. Victor, Souvenins d'un aveugle. Voyage autour du monde. 4 vols., Paris, Hortet et Ozanne, 1839
- Arnold, Samuel Greene, Viaje por America del Sur (1847-48). Buenos Aires, Emece, 1951
- Asschenfeldt, Friedrich, Memoiren aus mei: em Tagebuche, geführt während meiner Reisen und meines Aufenthaltes in Brasilien in den Jahren 1843 bis 1847.Oldenburg in Holstein, C. Fränckel, 1848
- Assier, Adolphe d', Le Brésil Contemporain. Races. Moeurs. Institutions. Paysage. Paris, Durand et Lauriel, 1867
- Le Brésil et la société brésilienne. Moeurs et paysages.
  Revue des Deux Mondes, ler juin 1863, vol. XXXIII, t.XLV

  Le Mato Virgem. Scènes et souvenirs d'un voyage au Brésil. Revue des Deux Mondes, ler juin 1864, vol. XXXIV,
  t. XLVI
- Augel, Moema Parente, Um diário inédito de Ludwig Riedel. 1820-1823 (São Petersburgo-Bahia-Rio de Janeiro). A ser publicado nas Atas do XLI Congresso de Americanistas, Mexico, 1974
- Arquivo Nacional. Ministério da Justiça, Registro de Estrangeiros. 1808- 1822. Rio de Janeiro, 1960
- Aurignac, Romain d', Amérique du Sud: trois ans chez les argentins, Paris, Librairie Plon, 1890
- Avé-Lallement, Robert Christian Berthold, Fata Mongana. Reiseeindrücke aus Aegypten und Unteritalien. Altona, 1872
- \_\_\_\_\_, Reise durch Nord-Brasilien im Jahre 1859. Leipzig, F.A.
  Brockhaus , 1860
- \_\_\_\_\_\_, Viagem pelo Norte do Brasil no ano de 1859, vols. I e II, Tradução de Eduardo de Lima Castro, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1961
- Azevedo, Fernando de, A cultura brasileira. Introdução ao estudo da cultura no Brasil. São Paulo, Ed. Melhoramentos, 3a. ed., revista e aumentada: 1955

- Azevedo, Thales de, Povoamento da Cidade do Salvaron. Bahia, Editora Itapuã, 1969
- \_\_\_\_\_, Italianos e Gauchos. Os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grandc do Sul. Porto Alegre, A Nação-DAC/SEC,1975
- Baldus, Herbert, Bibliografia critica da etnologia brasileira. 19 vol., São Paulo, 1954, 29 vol., Hannover, 1968
- Baldus, Herbert, e Willems, Emílio, Dicionário de Etnologia e Sociología. São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1939
- Barbinais, Le Gentil de la, Nouveau vig :ge autour du monde.tomo III, Paris, 1729
- Bath, Slicher van, Feudalismo y Capitalismo en América Latina, in:

  Boletín de Estudios Latinoamericnos y del Caribe, ed. pelo Centro de Estudios y Documentación Latinoamericanos (CEDLA), Amsterdam, nº 17, dez. de 1974, p. 21-41
- Barrow, John, A voyage to Cochinchina in the years 1792 and 1793; containing a general view of the valuable productions and the political importance of this flourishing kingdom; and also of such European settlements as were visited on the voyage; with sketches of the manners, character, and condition of their several inhabitants....London, T. Cadell and W. Davies, 1806
- Benko, Jerolim Freiherr von, Reise S.M. Schiffes "Albatros" unter des K. K. Fregatten-Kapitäns Arthur Muldner nach Süd-Amerika, dem Caplande und West-Afrika, 1885-1886. Auf Befehl des K. K. Reichs-Kriegsministeriums, Marine-Section, unter Zugrundelegung des Berichtes des K. K. Schiffscommandos verfasst von Jerolim Freiherrn von Benko. Pala, 1889
- Berbert, Henrique, "O Rei da Floresta" Epaminondas Berbert de Castro, in:Revista do Instituto Genealógico da Bahia, nº 18, Salvador/Bahia, 1972, p. 25-37
- Berger, Brigitte, Societies in change. An introduction to comparative Sociology. New York, London, Basic Books, Inc., 1971
- Berger, Paulo, Bibliografia do Rio de Janeiro de viajantes 2 autores estrangeiros, 1531-1900. Rio de Janeiro, Livraria Sac José, 1964
- Bertrand, Artur, Lettres sur l'expédition de Saint-Hélène en 1840 par Arthur Bertrand Paris, Paulin Ed., 1841

- Beyer, Gustavo, Ligeiras notas de viagem do Rio de Janeiro à Capitania de S. Paulo, no Brasil, no verão de 1813, com algumas noticias sobre a cidade da Bahia e a ilha Tristão da Cunha, entre o Cabo e o Brasil e que há pouco foi occupada, por Gustavo Beyer. Traducção do sueco pelo Sr. Dr. Alberto Löfgren, in:Revista do Instituto Historico e Geografico de São Paulo, vol. 12, p. 275-311
- Beyhaut, Gustavo, Slid- und Mittelamerika 11, Frankfurt, Fischer, 1965
- Biard, Auguste François, Deux années au Brésil, Paris, 1862
  \_\_\_\_\_\_, Dois anos no Brasil. Tradução de Mário Sette. São Paulo,
  Comp. Editora Nacional, 1945
- \_\_\_\_\_, Viaje al Brasil, 1858-1859. Santiago de Chile, sig-sag,
- Bigg-Whither, Thomas P., Pioneering in South Brazil...London, John Murray, 1878, 2 vols.
- Biographisches Jahrbuch, vol. 2, Berlin, 1898
- Blake, Sacramento, Diccionario bibliographico brazileiro.
- 7 vols., Rio de Janeiro, Typ. Nacional, 1883-1902 Boccanera Jr., Silio, O theatro na Bahia. Livro do Centenario (1812-1912). Bahia, Officinas do "Diario da Bahia", 1915
- Boisgelin, Louis de, chevalier de Malte, Histoire des revolutions de Portugal par l'Abbé de Vertot ... enrichie ...d'une description du Brésil, 1809
- Bonnefous, Jean de, En Amazonie, s.1., 1898
- Boudon, Raymond, Les méthodes en sociologie. Paris, Presses Universitaires de France, 2a. ed., 1970
- Bourdon, Léon, v. Denis 1957 e Tollenare 1970

Upsala, 1758 Aran Ost-Indien Sodra America. Upsala, 1758

- Brelin, Johan, De passagem pelo Brasil e Portugal em 1756. Tradução de Carlos Pericão de Almeida, Lisboa, Casa Portuguesa, 1955
- Burgess, Wilson, v. Candler, John
- Burke, Ulick Ralph, e Staples Jr., Robert, Business and pleasure in Brazil. London, Field & Ther, New York, Schribner & Welford etc., 1884
- Calasans, José, No tempo de Antonio Conselheiro: figuras e fatos da campanha de Canudos. Salvador, Livraria Progresso Editora, 1959

- Calmon, Francisco Marques de Goes, Ensaio de retrospecto sobre o commercio e a vida economica e commercial na Bahia de 1823 a 1900, in: Diario Official, de 2 de julho de 1923, Edição Comemorativa do Centenário. Salvador/Bahia
- Calmon, Pedro, Historia social do Brasil. 3 vols, São Paulo, 1937-39
- Campos, João da Silva, Fortificações da Bahia. Rio de Janeiro, 1940
- Campos, Pedro Hoacyr, Um naturalista e a história, in: Revista de História, vol. XLIII, nº 87, ano XXII, São Paulo, 1971, p. 211-248
- Candido, Antonio, The brazilian family, in: Brazil. Portrait of half a continent, ed. por T. Lynn Smith e Alexander Marchant, New York, The Dryden Press, 1951
- Candler, John, e Burgess, Wilson, Narrative of a recent visit to Brazil, to present an adress on the slave-trade and slavery, issued by the Religious Society of Friends. London, Edward Marsh, 1853
- Canstatt, Oscar, Brasil. A terra e a gente. 1871. Rio de Janeiro, Pongetti, 1954
- \_\_\_\_\_, Brasilien. Land und Leute. Berlin, Ernst Siegfried & Sohn, 1877
- \_\_\_\_\_\_, Repertório crítico da literatura teuto-brasileira. Rio de Janeiro, Ed. Presença, 1967
- \_\_\_\_\_, Das republikanische Brasilien in Vergangenheit und Gegenwart. Leipzig, Ferdinand Hirt & Sohn, 1899
- Cardoso, Fernando Henrique, e Ianni, Octavio (org.), Homem e sociedade. São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1966
- \_\_\_\_\_\_, Teorias de estratifiacção social (Leituras de Sociologia). São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1972
- Cardozo, Manoel, A escravidão no Brasil, tal como é descrita pelos americanos: 1822-1888, in: Revista de História, nº 43 São Paulo, 1960, p. 139-163
- Carvalho, Alfredo de, Bibliotheca exotico-brasileira. Rio de Janeiro, Empreza Graphica Editora, 3 vols, 1929
- \_\_\_\_\_, Horas de leitura. Recife, M.Nogueira de Sousa Editor,
- , Viajantes ingleses em Pernambuco, in: Rev. do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco, Recife, junho de 1908, vol. XIII, no 72, p. 265-271

- Carvalho, Alfredo de, Aventuras e aventureiros no Brasil. Rio de Janeiro, Paulo Pongetti, 1929
- \_\_\_\_\_\_, O Recife de 1813, in: Rev. do Instituto Arqueológico Histórico e Geográphico Pernambucano, vol. XII, nº 68. Recife,1907
- Carvalho, Joaquim Barradas de, A literatura portuguesa de viagens (séculos XV, XVI e XVII), in: Revista de História, nº 81, São Paulo, 1970, p. 51-73
- Castelnau, Francis de, Expedition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima au Para, exécuté par ordre du gouvernement français pendant les années 1843 a 1847 sous la direction de Francis de Castelnau, Paris, P. Bertrand, 1850-57
  - Renseignements sur l'Afrique Centrale et sur une nation d'hommes à queue qui s'y trouverait, d'après le rapport des nègres du Soudan, esclaves à Bahia, Paris, P. Bertrand, 1851
- Castro, Epaminondas Berbert de, Henrique Berbert, o "Rei da Floresta", in:Rev. do Instituto Genealógico da Bahia, nº 18, Salvador,Bahia, 1972, p. 25-37
- Chambolle, Monique, Les voyageurs français au Brésil au XIXe. siècle. (Mémoire de fin d'études pour l'obtention du Diplôme de l'Institut ational des Techniques de la Documentation). mimeografado
- Champagnac, Jean Baptiste Joseph, Voyage autour du monde, contenant la description géopraphique et pittoresque des divers pays. Paris, Morizot Libr., s.d.
- Chombart de Lauwe, Marie José e Paul Henry Chombart de La we e outros, la femme dans la locieté. Son image dans différents milieux sociaux. Travaux du Groupe d'Ethnologie Sociale. Paris, 2ême éd., Centre National de la Recherche Scientifique, 1967
- Clark, Edwin, A visit to South America. With notes and observations on the moral and physical features of the country, and the incidents of the voyage. London, Dean, 1878
- Clark, Hamlet, Letters home from Spain, Algeria and Brazil, during past entological rambles. London, John van Voorst, 1867

- Codman, John, Ten months in Brazil. With incidents of voyages and travels, descriptions of scenery and character, notices of commerce and productions, etc. Boston, Lee and Shepard, 1867
- Cohen, Percy S., Teoria social moderna. Rio de Janeiro, Zahar, 1970
- Collecção das leis e resoluções da Assemblea Legislativa da Bahia, sancionadas e publicadas de 1835 a 1838. Bahia, Typographia de Ant. Olavo da França Guerra, 1862
- Condamine, Charles Marie de la, Relation abrégée d'un voyage fait à l'intérieur de l'Amérique Méridionale. Paris, chez la veuve Pissot, 1735
- Coni, Antonio Caldas, A escola tropicalista bahiana. Bahia, Livraria Progresso Editora, 1952
- Cordier, H., Ferdinand Denis. 1798-1890. s.l.n.d.
- Cordier, Henri, Melanges aménicaines. Paris, Librairie des Cinq Parties du Monde, Jean Maisonneuve à Fils, ed.,1913
- Corvette Aurora. Die Reise S.M. Convette "Aurora" nach Brasilien und den La Plate-Staaten in den Jahren 1884-1885.... Pola, Carl Gerold's, 1885
- Costa, Luis Monteirom Na Bahia colonial. Apontamentos para a história militar da cidade do Salvador. Bahia, Livraria Progresso Editora, 1958
- Courcy, Ernest de, Six semaines aux mines d'or du Brésil: Rio de Janeiro, Ouro Preto, Saint-Jean del Rei, Petropolis. Avec dessins de l'auteur. Paris, L. Sauvaitre, 1889
- Cox, Edward Godfrey, A reference guide to the literature of travel including voyages, geographical descriptions, adventures, shipwrecks and expeditions. Seattle, University of Washington Press, 3 vols., 1935-1949
- Dampier, William, A new voyage round the world. With an introduction by Sir Albert Gray. London, Argonaut Press, 1927 , Voyage aux terres australes. Rouen, 1723
- Darwin, Charles, Viagem de um naturalista ao redor do mundo. Tradução do inglês por J. Carvalho. Rio de Janeiro, Cia.

Brasil Editora, 1937

Debret, Jean Baptiste, Viagem pitoresca e historica ao Brasil. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo, 1940

- Delessert, Eugène, Voyage dans les deux océans, Atlantique et Pacifique, 1834 à 1847: Brésil, Etats Unis, Cap de Bonne Espérance....Paris, A. Franck, 1848
- Denis, Ferdinand, O Brasil. Bahia, Livraria Progresso Editora, 2a. ed., 1955
- , Bresil. Paris, Firmin-Didot freres, 1837
- Ferdinand Denis à Bahia (1816-1819). Editadas e comentadas por Léon Bourdon. Coimbra, Editora Ltda., 1957
- Denis, Ferdinand, e Taunay, Hippolyte, Le Brésié ou histoire, moeurs, usages, et coutumes des habitants de ce royaume.

  Paris, Nepveu, 1822
- Dent, Hasting Charles, A year in Brazil. With notes on the abolition of slavery, the finances of the empire, religion, meteorology, natural history. London, Kegan Paul, Trench & Co., 1885
- Detmer, W., Botanische Wanderungen in Brasilien: Reiseskizzen und Vegetationsbilder. Leipzig, Verlag von Veit & Co., 1897
- The dictionary of national biography. From the earliest times to 1900. Fundado por George Smith, ed. por Sir Leslie Stephen e Sir Sidney Lee. Reprodução dos vols. 1 22, Oxford, University Press, 1968 (DNB)
- Diegues Júnior, Manuel, Regiões culturais do Brasil. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais -INEP -Ministério da Educação e Cultura, 1960
- DNB  $\mathbf{v}$ . The dictionary of national biography
- Douville, Jean-Baptiste, Trinte mois de ma vie, quinze mois avant et quinze mois après mon voyage au Congo. Paris, chez l'auteur, 1333
- \_\_\_\_\_, Voyage au Congo et dans l'Intérieur de l'Afrique Equinoxiale fait dans les années 1828,1829, et 1830. Paris, chez Jules Renouard, s.d.
- Dugrivel, A., Des bords de la Saone à la Baie de San Salvador, ou Promenade sentimentale en France et au Brésil. Paris, 1843
- Dundas, Robert, Sketches of Brazil. Including new views on tropical and european fever, with remarks on a premature decay of the system incident to Europeans on their return from hot climates. London, John Churchill, 1852

- Edelweiss, Frederico ., A sespentina e a cadeirinha de arruar. (Achegas Históricas). Salvador, UFBa, 1968
- Anquivo do Estado da Bakia, vol. 39, Salvador 1970, p. 223 242
- \_\_\_\_\_\_, A visita de Maximiliano da Austria a Bahia. Bahia, Centro de Estudos Baianos, nº 43, de 15-VIII-1960,Bahia 1961
- Elwes, Robert, A sketcher's tour round the world. Illustrations from original drawings by the author. London, Hurst & Blackett, 1854
- Embacher, Friedrich, Lexicon der Reisen und Entdeckungen. Leipzig, 1882
- Encyclopedia e Diccionario Internacional.Rio de Janeiro, New York, W. M. Jackson, Inc. Editores, s.d.
- Engelmann, Wilhelm, Bibliotheca geographica. Verzeichnis der seit der Mitte des 18. Jahrhunderts bis zu Ende des Jahres 1856 in Deutschland erschienenen Werke über Geographie und Reisen mit Einschluss der Landkarten, Plänc und Ansichten. 1857. Reprodução, Amsterdam, Meridian Publishing Co., 2 vols., 1965
- Ewbank, Thomas, Life in Brazil. or A journal of a visit to the land of the cocoa and the palm. With an appendix, containing illustrations of ancient South American arts, in recently discovered implements and products of domestic industry and works in stone pottery. New York, Harper & brothers, 1856
- Expilly, Jean Charles Marie, Le Brésil tel qu'il est. Paris, E. Dentu, 1862
- et Huillery, 1863
- \_\_\_\_\_, Mulheres e (ºstumes do Brasil. Tradução, prefácio e notas de Gastão Peralva, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1935
- Fairchild, Henry Pratt, Dictionary of sociology. New York, Philosophical Library, 1944
- Falcão, Edgard de Cerqueira, Fontes coloniais da Cidade do Salvador Rio de Janeiro, Livraria Martins, 1942
- Feldner, Wilhelm Christian Gotthelf von, Reisen durch mehrere Provinz in Brasiliens. Aus seinen nachgelassenen Papieren. Liegnitz, E. Doench, 1828
- Fernandes, Florestan, Sociedade de classes e subdesenvolvimento, Rio de Janeiro, Zahar, 1963

- Ferreira, Manoel Jesuino, Exposição de Philadelphia. A Provincia da Bahia. Rio de Janeiro, Typogrphia Nacional, 1875
- Fischer, C. A., Neuestes Gemälde von Brasilien. 2vols., Leipzig, In Hartlebens Verlagsexpedition, 1919
- Fitzroy, Robert (editor), Narrative of the surveying voyages of His Majesty's ships 'Adventure' and 'Beagle' between the years 1826 and 1836, describing their examination of the southern shores of South America, and the 'Beagle's' circumnavigation of the globe. 4 vols., London, Henry Colburn, 1839
- Fletcher, James Cooley, and Kidder, Daniel Parish, Brazil and the Brazilians, portrayed in historical and descriptive shetches. Philadelphia, Childs and Peterson, 1857
- Freyre, Gilberto, A casa brasileira. Tentativa de sintese de 3 diferentes abordagens, jã realizadas pelo autor, de um assunto complexo: a antropológica, a histórica, a sociológica. Rio de Janeiro, Grifo Ed., 1971
- \_\_\_\_\_, Ingleses no Brasil. Aspectos da influencia britanica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil.
- \_\_\_\_\_, Nos e a Europa Germânica. Rio de Janeiro, Grifo Edições, 1971
- \_\_\_\_\_, Casa-Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime de economía patriarcal. 6a. ed., Rio de Janei-ro, José Olympio, 1950, 2 vols.
- \_\_\_\_\_\_, Sobrados e Mucambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. 4a. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1968, 2 vols.
- Freyreiss, Georg Wilhelm, Beiträge zur näheren Kenntnis des Kaiserthums Brasiliens nebst einer Schilderung der neuen Colonie Leopoldina und der wichtigsten Erwerbszweige für europäische Ansiedler, so wie auch einer Darstellung der Ursachen, wodurch mehrere Ansiedelungen missglückten. Erster Theil. Frankfurt am Main, 1824
- \_\_\_\_\_\_, Reisen in Brasilien. Estocolmo, 1968
  \_\_\_\_\_\_, Viagem ao interior do Brasil nos anos de 1814-1815
  pelo naturalista G. W. Freyreiss. in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol.xI, 1907,
  p. 158-236

- Preyreiss, Georg Wilhelm, Viagens a varias tribus de selvagens na capitania de Minas-Geraes, pelo naturalista allemão G.W. Freyreiss. Traducção do Sr. Alberto Löfgren, in: Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo, vol. 6, 1900-1901.
- Frézier, Amadeu Francisco, Relation du voyage de la Mer du Sud aux cotes du Perou, fait pendant les années 1712,1713 & 1714 ....par M. Frézier, ingénieur ordinaire du Roy... Paris, Nyon, 1716
- Friis, G. M., Erindringer fra et Togt med Fregatten "Sjaelland" til Brasilien og Vestindien i aarene 1860-61 ved cand. med. & chir. Friis, Fregattens Skibslaege. Mogeltonder, Trykt hos P. Larsen, 1862
- Froger, François, Relation d'un voyage fait en 1695, 1696, 1697 aux Côtes d'Afrique, Détroit de Magellan, Brésil..., enrichie d'un grand nombre de cartes et de figures dessinées sur les lieux, dont deux vues panoramiques de S. Sébastien, Rivière de Janeiro et de la Baye de Tous les Saints (St. Salvador). Paris, à la Sphère Royale, 1698
- \_\_\_\_\_\_, Relation d'un voyage.... Amsterdam, Antoine Schelte,1699
  Gardner, George, Travels in the interior of Brazil, principally
  through the northern provinces, and the gold and diamond districts, during the years 1836-1841. London, Reeve, brothers,
  1846
- \_\_\_\_\_, Viagem ao Brasil, principalmente nas provincias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. Tradução de Albertino Pinheiro. São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1942
- Garraux, Anatole Louis, Bibliographie bresilienne. Catalogue des ouvrages français & latins relatifs au Bresil (1500 1898). par A. L. Garraux, ex-libraire à Saint Paul (Bresil). Paris, Ch. Chadenat, Jablonski, Vogt et cie., 1898
- Gerth, Hans, e Mills, C. Wright, Character and social structure. London, Kegan Paul, 1954
- Goegg, Armand, überseeische Reisen. Zürich, Verlag von F. Schabelitz, 1888

- Graham, Maria, Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos 1821,1822 e 1823. Tradução e notas de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1956
- \_\_\_\_\_\_, Journal of a voyage to Brazil and residence there during the years 1821, 1822, 1823. London, Longman, 1824
  Graham, Richard, Grā-Bretanha e o inīcio da modernização no Brasil. São Paulo, edição brasiliense, 1973
- La Grande Encyclopédic. Inventaire raisonné des sciences, des lettres et des arts. Paris, H. Lamirault et Cie., Editeurs
- Grant, Andrew, Andrew Grant's, Docktor's der Arzeneikunde,
  Beschreibung von Brasilien, nebst dem am 19. Februar 1810
  zu Rio-de-Janeiro zwischen Sr. Britannischen Maj. und Sr.
  Königl. Hoheit dem Prinz-Regenten von Portugal, abgeschlossenen Freundschafts-, Handels-, und Schifffahrts-Vertrage.
  Aus dem Franzusischen übersetzt und mit den Berichtigungen
  des Srn. Navarro de Andrade portugisischen Geschäftsträger
  am St. Petersburger Hofe, versehen. Weimar, im Verlage des
  Landes-Indusstrie-Comptoirs, 1814
  - , History of Brazil, comprising a geographical account of that country, together with a narrative of the most remarkable events which have occurred there since its discovery. A description of the manners, customs, religion &c. of the natives and colonists, interspersed with remarks on the nature of its soil, climate, production and foreign and internal commerce, to which are subjoined cautions to new settlers for the preservation of health. London, Henry Colburn, 1809
- Hadfield, William, Brazil, the River Plate and the Falkland Islands, with the Cape Horn route to Australia. Including notices of Lisbon, Madeira, the Canaries, and Cape Verds. London, Longman, Brown, Green and Longmans, 1854
- \_\_\_\_\_\_, Brazil and the River Plate in 1868. Showing the progress of those countries since his former visit in 1853.

  London, 1869
- \_\_\_\_\_, Brazil and the River Plate. 1870-76. With supplement.
  London, Edward Stanford, 1877

- Halfeld, Henrique Guilherme Fernando, Atlas e relatorio concernente a exploração do rio de S. Francisco, desde a cachoeira de Pirapora até o oceano Atlantico, levantado por ordem do governo de S. M. o senhor Dom Pedro II, pelo engenheiro civil Henrique Guilherme Fernando Halfeld em 1852, 1853 e 1854 e mandado lithographar na lithographia imperial de Eduardo Rensburg. Rio de Janeiro, 1860
- Hamilton, Charles Granville, English-speaking travelers in Brazil, 1851-1887, in: Hispanic American Historical Review, 40:4,November, 1960, p. 533-547
- Hänsel, Emil, Ein Ausslug nach Brasilien und den La Platastaaten. Mit Berücksichtigung der Melloschen revolutionüren Bewegung in Brasilier. Leipzig, 1894
- Hardy, Thomas Masterman, Cartas do Comodoro Sr. Thomas Masterman Hardy. in: Navigator. Subsidios para a História Marítima do Brasil, nº 5, junho de 1972, p. 12-64
- Hartt, Charles Frederick, Geology and physical geography of Brazil (Thayer expedition. Scientific results of a journey in Brazil by Louis Agassir and his travelling companions).

  Boston, Fiel, Osgood &co., 1870
- \_\_\_\_\_\_\_, Geologia e geografia fisica do Brasil. Introdução de E. Roquette-Pinto. Tradução de Edgar Süssekind de Mendonça e Elias Dolianiti. Sãu Paulo, Comp. Editora Nacional, 1941
- Hesse-Wartegg, Ernst von, Zwischen Anden und Amazonas: Reisen in Brasilien, Argentinien, Paraguay, Uruguay...Stuttgart, Union Deutsche Verlagsgesellschaft, (1915)
- Hill, Henry, A view of the commerce of Brazil. Uma visão do comercio do Brasil em 1808. Tradução de Gilda Pires. Notas de Luis Henrique Dias Tavares. Rio de Janeiro, 1964
- Hinden, H., Deutsche und deutscher Handel in Rio de Janeiro, 1821-1921. Ein hundertjähriges Kulturbild zur Zentenar Feier der Gesellschaft "Germania". Herausgegeben von der Gesellschaft Germania zur Erinnerung an ihr hundertjähriges Bestehen. Rio de Janeiro, August 1921

- Horch, Rosemarie E., Viajantes estrangeiros no Brasil. Um ensaio bibliográfico, in: Revista de História, nº 74, São Paulo, 1968, p. 534-37
- Ianni, Octavio, As metamorfoses do escravo. Apogeu e crise da escravatura no Brasil Meridional. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1962
- \_\_\_\_\_\_, Raças e classes sociais no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966
- Joinville, Príncipe de, Víeux souvenits. 1818-1848. Paris, Calmann Lévy, 3ème éd., 1894
- Joppien, Rüdiger, Künstlerische Darstellungen von den Expeditionen des Baron Georg Heinrich von Langsdorffs. Manuscrito ineito, 1974
- Journal d'un voyage sur les costes d'Afrique et aux Indes d'Espagne, avec une description particulière de la riviere de La Plata, de Buenos-Ayres & autres lieux. Commencé en 1702 & fini en 1706. Amsterdam, aux dépens de la Compagnie, 1730
- Keith, Sir George Monat, A voyage to South America and the Cape of Good Hope, in his Majesty's Brig Protector. London, Printed for the Author, 1819
- Kidder, Daniel Parish, Reminiscências de viagens e permanência no Brasil. Rio de Janeiro e provincia de Jão Paulo, compreendendo noticias historicas e geográficas do império e de diversas províncias. Tradução de Moacyr N. Vasconcelos. São Paulo, Martins, (1940)
- Kidder, Daniel Parish,e Fletcher, James Cooley, O Brasil e os brasileiros. Esboço histórico e descritivo. Tradução de Elias Dolianiti. Revisão e notas de Edgar Süssekind de Mendonça, 2 vols., São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1941
- Kindersley, Nathaniel, Mrs., Letters from the island of Teneriffe, Brazil, the Cape of Good Hope, and East Indies. London, J. Nourse, 1777

- Kletke, H., Reise Seiner Königlichen Hoheit des Prinzen Adalbert von Preussen nach Brasilien. Aus dem Tagebuche Seiner Königlichen Hoheit mit Höchster Genehmigung auszüglich bearbeitet und herausgegeben. Berlin, Hasselberg'sche Verlagsbuchhandlung, 1857
- La Barbinais, Le Gentil de, Nouveau voyage autour du monde, par Le Gentil de La Barbinais, enrichi de plusieurs plans, vues et perspectives des principales villes et ports du Perou, Chily, Brésil et de la Chine... Paris, Briasson, 1728,2 vols.
- Lamberg, Moritz, Brasilien. Land und Leute in ethnischer, poiitischer und volkswirtschaftlicher Beziehung und Entwicklung. Erlebnisse, Studien und Erfahrungen während eines zwanzigjährigen Aufenthaltes. Leipzig, Zieger, 1899
- \_\_\_\_\_, O Brazil. A terra e a gente. Rio de Janeiro, Typographia Nunes, 1896
- Lambert, C., e Lambert, S., The voyage of the "Wanderer", from the journal and letters of C. and S. Lambert. London, Gerald Young, 1883
- Lange, Otto, Americana. Voyages around the world. Florença,1936 Langsdorff, Baronesa de, Diário da Baronesa de Langsdorff, relatando sua viagem ao Brasil por ocasião do casamento de S.A.R. o Principe de Joinville, em 1843. Paris, 1954
- Las Cases, Emmanuel , Journal écrit à bord de la fregate La Belle Poule. Paris, H. L. Deloye Editeurs, 1841
- Latteux, Dr., A travers le Brésil. Au pays de l'or et des diamants. Paris, Millaud Alves & Cie.etc., 1910
- Laval, Francisco Pyard de, Viagem. Porto, Livraria Civilização, 2 vols., 1944
- Lemay, Gaston, A bord de la "Junon". Gibraltar. Madêre. Les iles du Cap Vert. Rio de Janeiro. Montevideo. Buenos Ayres. Le Dêtroit de Magellan. Les Canaux Latéraux des Cotes de Patagonie. Valparaiso et Santiago. Le Callao et Lima. L'isthme de Panama. New-York....Paris, G. Charpentier, 1881
- Leonardos, Othon Henry, Geociencias no Brasil. A contribuição britanica. Rio de Janeiro, Forum Editora, 1970
- \_\_\_\_\_\_, Geociências no Brasil. A contribuição germânica. Rio de Janeiro, Forum Editora, 1973

- Lima, José Francisco da Silva, A Bahia de há 66 anos. Reminiscencias de um contemporáneo, in: Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia, vol. XXXIV, 1907, p.92-123
- Lindley, Thomas, Narrativa de uma viagem ao Brasil. São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1969
- , Narrative of a voyage to Brazić, terminating in the seizure of a British vessel, and the imprisonement of the author and the ship's cren by the Portuguese, with general sketches of the country, its natural productions, colonial inhabitants... and a description of the city and provinces of St. Salvadore and Porto Seguro.... London, J. Johnson, 1805
- Lisle, J. G., The life of Major J. G. Lisle, containing a faithful narrative of his alternate viciositudes of splendor and misfortudes. Written by himself. The whole interspessed with interesting anecdotes, and authentic accounts of important public transactions. London, 1799
- Madge, John, Las herramientas de la ciencia social. Buenos Aires, Paidos, 1969
- Maggs Bros., Voyages and travels. Catalogue...Londres, 1930
  Manchester, Alan K., Preeminencia inglesa no Brasil. São Paulo, edição brasiliense, 1973
- Marc, Alfred, Le Brésil. Excursion à travers ses 20 provinces. Paris, M.J.G.Argollo-Ferrão, 1890
- Marjoribanks: Alexander, Travels in South and North America... London, Simpkin, Marshall and co., 1853
- Mathison, Gilbert Farquhar, Narrative of a visit to Brazil, Chile, Peru, and the Sandwich islands, during the years 1821 and 1822, with miscellaneous remarks on the past and present state, and political prospects of those countries. London, Charles Knight, 1825
- Matos, Odilon Nogueira de, Viajantes estrangeiros que percorreram o Brasil durante o século XIX, in: Boletim Paulista de Geografia, nº 38, julho de 1961, p. 57-73
- Mattos, Waldemar, A Bahia de Castro Alves. São Paulo, Instituto Progresso Ed., 2a.ed., 1948

Mattos, Waldemar, Panorama econômico da Bahia. 1808-1960. Edição comemorativa do sesquicentenário da Associação Comercial da Bahia, Bahia, 1961 Mattoso, Kátia M. de Queiros, Alberto Roussin: testemunha das lutas pela independência na Bahia (1822), in: Anais do Arquivo do Estado da Bahia, vol. 41, Bahia 1973, p. 116-168 , O consulado francês na Bahia em 1824, in: Anais do Arquivo do Estado da Bahia, vol. 39, Bahia 1970, p.149-221 \_\_\_, Presença francesa no movimento democrático baiano de 1798. Bahia, Ed. Itapua, 1969 Mawe, John, Travels in the interior of Brazil, particulary in the gold and diamond districts of that country. London, 1812 , Viagens ao interior do Brasil, principalmente aos distritos do ouro e dos diamantes. Tradução de Solena Benevides Viana. Rio de Janeiro, Zelio Valverde, 1944 Maximilian von Österreich, Aus meinem Leben. Reiseskizzen. Aphorismen. Gedichte, 7 vols., Leipzig, 1867 , Mato Virgem. 1860. Wien, 1864 , Reise-Skizzen. Bahia. 1860. Wien, 1861 Maximilian, Principe de Wied-Neuwied, Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817. Frankfurt, H.L. Bronner, 2 vols., 1820-1821 , Viagem ao Brasil. Tradução de Edgar Süssekind de Mendonça e Flavio Poppe de Figueiredo. Ref. e anot. por Oliverio Pinto. São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1940 Melo Leitão, C. de, O Brasil visto pelos ingleses. São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1937 \_\_\_\_, Histōria das expedições científicas no Brasil. São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1942 , Visitantes do Primeiro Império. São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1934 Michaud, Louis Gabriel, Biographie universelle ancienne et moderne. Histoire, par ordre alphabetique, de la vie publique et privée de tous les hommes qui se sont fait remarquer par leurs ēcrits...45 vols., Paris, 1854. Reimpressão, Graz,

Akad. Druck- und Verlagsanstalt, 1966-1970

- Michel, E., A travers l'hemisphère Sud, ou Mon second voyage autour du monde. Paris, Librairie Victor Palmé, 1887
- Michelena y Rojas, Francisco, Exploración oficial por la primera vez desde el norte de la America del Sur siempre por
  rios....Viaje a Rio de Janeiro desde Belen en el Gran Para,
  por el Atlântico, tocando en las capitales de las principales provincias de imperio en los años de 1855 hasta 1859...
  Publicado bajo los auspicios de gobierno de los Estados Unidos de Venezuela. Bruselas, A. Lacroix, Verboeckhoven y C.,
  1867
- Ministério das Relações Exteriores. Biblioteca, Tradução de autores brasileiros e livros sobre o Brasil escritos em idioma estrangeiro. Rio de Janeiro, 1961
- Moraes, Rubens Borba de, Bibliographia brasiliana. A bibllographical essay on rare books about Brazil published from 1504 to 1900, and works of Brazilian authors published abroad before the Independence of Brazil in 1822. Rio de Janeiro, Colibris, 2 vols., 1958
- Moraes, Rubens Borba de, e Berrien, William, Manual bibliográfico de estudos brasileiros. Rio de Janeiro, Gráfica Editora Souza, 1949
- Moré, Jean Louis, le Brésil en 1852 et sa colonisation future. Notice écrite sur des documents communiques par le Consulat Suisse à Rio de Janeiro. Genève et Paris, 1852
- Moriconi, Ubaldo A., Nel paese de' "Macacchi". Torino, Roux Frassati. 1897
- Mota, Carlos Guilherme, Atitudes de inovação no Brasil (1789-1801). Lisboa, Livros Horizontes, 1970
- do, in: Anais do Museu Paulista, tome XIX, 1965, p. 11-25
- Mouchez, Ernest, Les cotes du Brésil. Description et instruction nautiques. 2 ème section. De Bahia à Rio de Janeiro. Paris, P. Dupont, 1864
- Mugnier, François, v. Rochette, Joseph de
- Naeher, Julius, Land und Leute in der brasilianischen Provinz Bahia. Nebst genauer Angabe der Reisegelegenheiten nach Brasilien und Beschreibung der Seefahrt von Hamburg nach Brasilien...Leipzig, Gustav Weigel, (1881)

- Naylor, Bernard, Accounts of nineteenth-century South-America.

  An annotated checklist of works by British and United States observers. London, The Athlone Press of the University of London. Published for the Institute of Latin American Studies, 1969
- NDB v. Neue Deutsche Biographie
- Neeser, Hermann, A Colônia Leopoldina. Bahia, Centro de Estudos Bahianos. Caderno nº 5
- Nekrasova e Prussak, A história da filial brasileira do Jardim Botânico de S. Petersburgo, in: Jornal Botânico, Moscou 1957, p. 804-813 (nomes transcritos do russo, títulos traduzidos)
- Neue Deutsche Biographie
- Oberacker Jr., Karl Heinrich, Der deutsche Beitrag zum Aufbau der brasilianischen Nation. São Paulo, Herder, 1955
- , Carlos Henrique, Vestígios suíços na História do Brasil, in: Revista de História, vol. XXXV, nº 72, ano XVIII, São Paulo, 1967, p. 463-482
- O'Neil, Thomas, A concise and accurate account of the proceedings of the Squadron under the command of Rear Admiral Sr. Sydney Smith, K. S. &c, in effecting the escape of the Royal Family of Portugal to the Brazils on November, 29, 1807...London, 1810
- Orbigny, Alcide Dessalines d', Voyage dans les deux Amériques. Nouv. éd. revue et corrigée, Paris, 1854
- , Alcide d', Voyage dans l'Amerique Meridional, pendant les années 1826 a 1833... Paris, 1834-1847, 7 vols.
- Ouseley, William Gore, Description of views in South America, from original drawings, made in Brazil, the River Plate, the Parana etc etc, with notes. London, Thomas McLean, 1852
- Overbeck, Wilhelm, Fünfzig Jahre Deutscher Verein Germania und Deutschtum in Bahia. Festschrift zum 50 jührigen Gründungstage der Germania. 3. April 1923, Berlin, 1923
- Paul Alexander von Württenberg, Viagem do Principe Paulo Alexandre de Württemberg à América do Sul, in: Revista do Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro, vol. 171 (1936), Rio de Janeiro, 1939, p. 5-30

- Peres, Fernando da Rocha, Memória da Se. Bahia, Edições Macunaíma, 1974
- Pettinati, Francesco, O elemento italiano na formação do Brasil. De Amerigo Vespucci a Libero Badaro. São Paulo, Pocai etc., 2a.ed., 1939
- Pfeiffer, Ida, A lady's voyage round the world. A selected translation from the German of Ida Pfeiffer. by Mrs. Percy Sinnett, New York, Harper, 1852
- \_\_\_\_\_, A woman's journey round the world. London, Ingram, Cooke, & Co., 1852 (tradução do alemão)
- Pinho, Wanderley, A abertura dos portos. Bahia, Publicações da Universidade da Bahia, 1961
- , Salões e damas do Segundo Reinado. São Paulo, Livraria Martins Editora, 4a.ed., 1970
- Poppino, Rollie E., Brazil. The land and people. New York, Oxford University Press, 1968
- Prado, J. F. de Almeida, D. João VI e o início da classe dirigente do Brasil. 1815-1889. Depoimento de um pintor austríaco no Rio de Janeiro. São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1968
- Prior, James, Voyage along the eastern cost of Africa to Mosambique, Johanna, and Quiloa, to St. Helena, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, in the Nisus frigat. London, Printed for Sir Richard Phillips and Co., 1819
- Pyrard de Laval, François, Voyage de François Pyrard de Laval, contenant sa navigation aux Indes Orientales, Maldives, Moluques et au Brésil... París, Louis Billaine, 3 vols., nouvelle édition, 1679
- Quelle, Otto, A atuação germanica no Estado da Bahia, in: Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, mº 59
  1933, p. 361
- Querino, Manuel, A Bahia de outr'ora. Vultos e factos populares. 2a. ed. aumentada, Bahia, Livraria Economica, 1922
- Raeders, Georges, Ouvrages français sur le Brésil au début du XIX siècle, in: Revista da Universidade Catôlica de São Paulo, vol. X, junho-setembro 1956, fasc. 18-19, p. 226-240

- Ramirez, Ezekiel Stanley, As relações entre a Austria e o Brasil. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1968
- Rangel, Alberto, Os dois ingleses. Strangford e Stuart. Rio de Janeiro, Publicação conjunta do Conselho Federal de Cultura e do Arquivo Nacional, 1972
- Rebello, Domingos José Antonio, Corographia ou abreviada histpria geographica do imperio do Brasil.... Bahia, Typographia Imperial e Nacional, 1829
- Bichert, Gertrud, J. M. Rugendas. Ein deutscher Maler des XIX. Jahrhunderts. Berlin. 1959
- Robiano, Eugene de, Dix-huit mois dans l'Amérique du Sud, le Brésil, Uruguai,...Paris, E. Plon et Cie, 1878
- Rochette, Joseph de, Relation d'un voyage à Fez en 1825 et extrait d'un voyage au Brésil et a La Plata en 1834.... avec notices et généalogie par François Mugnier. Chambéry, Imprimerie Ménard, 1888
- Röder, Josef e Trimborn, Hermann, Maximilian Prinz zu Wied. Unveräffentlichte Bilder und Handschriften zur Völkerkunde Brasiliens. Stuttgart, 1954
- Rodrigues, José Carlos, Bibliotheca Brasiliense. Catalogo annotado dos livros sobre o Brasil... Rio de Janeiro, Typ. do "Jornal do Commercio", 1907
- Rodrigues, José Honório, Aspirações nacionais. Interpretação histórico-política. Rio de Janeiro, Civ. Brasileira, 4a.ed., 1970
- \_\_\_\_\_, As fontes da história do Brasil na Europa. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1950
- , História e historiografia. Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 1970
- Roussin, Albin Reine, Le pilote du Brésil, ou description des côtes de l'Amérique méridionale...Cartes et plans de ces côtes et instructions, composées sur les documents recueillis dans la campagne hydrographique exécutée en 1818, 1819 et 1820 sur la corvette "La Bayadère" et le brick "Le Favori". Paris, impr. Royale, 1826
- \_\_\_\_\_\_, Reconnaissances hydrographiques faites sur les côtes du Brésil en 1819. Paris, 1820-1824

- Rugendas. Introdução de Frederico Edelweiss. IOB. Imagens e Documentos, nº 2, Salvador, 1965
- Rugendas, Johann Moritz, Malerische Reise in Brasilien. Paris, Engelmann &Cie., 1835
- \_\_\_\_\_\_, Viagem pitoresca através do Brasil. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1954
- , Voyage pittoresque dans le Brésil. Paris, Engelmann, 1827-1835
- Ruy, Affonso, Historia política e administrativa da Cidade do Salvador. Bahia, Tipografia Beneditina, 1949
- Saffioti, Heleieth Iara Bongiovani, A mulher na sociedade de classes. mito e realidade. São Paulo, Livraria Quatro Artes Editora, 1969
- Sampaio, Theodoro, Emplorações scientificas no Brasil no século da Independencia, in: O Estado de São Paulo, 7-IX-1922
- \_\_\_\_\_, A engenharia e sua evolução no século da Independência, na Bahia, in: Diario Official, edição comemorativa, 2 de julho 1923
- Sampaio, Teodoro Fernandes, e Teschauer, Carlos, Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e a etnografia indigena. Salvador, Livr. Progresso Editora, 1955
- Santos, Francisco Marques dos, Viagem do principe Maximiliano ao Brasil em 1860. in: Anuário do Museu Imperial, vol. XVI, Petrópolis, 1955
- Santos, Milton, O centro da cidade do Salvador. Estudo de geografía urbana. Bahia, Livraria Progresso Editora, s.d.
- Schumacher, Martin, Auslandsreisen deutscher Unternehmer, 1750-1851, unter besonderer Berücksichtigung von Rheinland und Westfalen. Köln, 1968
- Schwieger, Henry, Eine Ozeanfahrt nach Brasilien. Hamburg, Herold, 1858
- Scully, William, Brazil. Its provinces and chief cities. The manners and customs of the people. Agricultural, commercial and other statistics, taken from the latest official documents. With a variety of useful and entertaining knowledge, both for the merchant and the emigrant. London, Murray, 1866

- Secretaria da Indústria e Comércio. Coordenação de Fomento ao Turismo, Inventário de proteção do acervo cultural. Vol.I:

  Monumentos do Município do Salvador Bahia, por Paulo Ormindo D. de Azevedo (coordenador) e Vivian Lene R. Correia Lima, Salvador, 1975
- Silva, J. Accioli de Cerqueira e, Memórias históricas e políticas da Provincia da Bahia. Anotado por Bráz do Amaral. 6 vols., 2a.ed., Bahia, Imprensa Official do Estado, 1919-1940
- Silva, Maria Beatriz Nizza da, A Livraria Pública da Bahia em 1818: obras de História, in: Revista de História, vol. XLIII, nº 87, ano XXII, São Paulo, 1971, p. 225-240
- Simonsen, Roberto C., Història econômica do Brasil. 1500-1820. São Paulo, Cia. Editora Nacional. 6a.ed., 1969
- Smith, T. Lynn, Brasil. Povo e instituições. Trad. do Prof. José Arthur Rios. Rio de Janeiro, Bloch Editores
- Smith, T. Lynn, e Marchant, Alexander (organizadores), Brazil:
  Portrait of half a continent. New York, 1951
- Snyder, Louis L., The imperialism reader. Documents and Readings on modern expansionism. Port Washington/London, Kennikat Press, 1973
- Sodré, Nelson Werneck, História da burguesia brasileira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964
- , As razões da independência. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965
- Southey, Roberto, Historia do Brasil. 6 vols., Bahia, Livraria Progresso Editora, 1954
- Spix, Johann Baptist, e Martius, Karl Friedrich Phillip von, Atraves da Bahía. Tradução do Dr. Manoel A. Pirajã da Silva e Dr. Paulo Wolf. Bahia, Imprensa Official do Estado, 1916. 3a.ed., São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1938
- \_\_\_\_\_, Reise in Brasilien. 3 vols., München, 1823-1831
- \_\_\_\_\_, Viagem ao Brasil. Tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer.

  Notas de Basílio Bagalhães. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 2 vols., 1938
- Staples, Robert, Jr., v. Burke, Ulick Ralph

- Stevenson, Frederick James, A traveller of the sixties: being extracts from the diaries kept by the late Frederick James Stevenson of his journeyings and explorations in Brazil, Peru, Argentina, Patagonia, Chile and Bolivia, during the years 1867-1869, selected, arranged and edited with a memoir by Douglas Timins...London, Constable & Co., 1929
- Stewart, Charles Samuel, Brazil and La Plata: the personal record of a cruise. New York, G. P. Putnam & Co., 1856
- Stolze, Georg Adolph, Gedanken eines Hinterwäldlers Brasiliens.

  über soziale Verhältnisse, besonders in Bezug auf die deutsche Auswanderung nach Brasilien in Cannavieiras, Provinz
  Bahia. Leer, 1895
- Straten-Ponthoz, Auguste van der, Le budget du Brésil, ou recharches sur les ressources de cat empire dans leurs rapports avec les intérêts européens du commerce et de l'emmigration. Bruxelles, Librairie de C. Muquardt, éditeur, 3 vols., 1854
- Suzannet, Conde de, O Brasil em 1845.Trad. por Márcia de Moura Castro. Introd. de Austregésilo de Athayde, Rio de Janeiro, 1957
- , Le Brésil en 1944. Situation morale, politique, commerciale et financière. Intérieur du pays, villes maritimes, avenir politique, in: Revue des Deux Mondes, ler juillet 1844, vol. XIV,t.7,p.66-106
- \_\_\_\_\_, Souvenirs de voyage. Les provinces du Caucase...l'Empire du Brésil. Paris. G.A.Dentu, 1846
- Swārd, Svend Ola, As relações sueco-brasileiras no início do XIX século, in: Revista de História, ano XV, vol. XXIX, nº 59, São Paulo, 1964, p. 133-146
- Taunay, Affonso de Escragnolle, Em Santa Catharina Colonial. in: Annaes do Museo Paulista, tomo 7, 1936, p. 687-729
- \_\_\_\_\_, A missão artistica de 1816. Rio de Janeiro, 1956 \_\_\_\_\_, Na Bahia de Dom João VI. Bahia, Imprensa Official d
- , Na Bahia de Dom João VI. Bahia, Imprensa Official do Estado, 1928
- \_\_\_\_\_, No Brasil de 1840. in: Annaes do Museu Paulista, tomo 7, 1936, p. 249-416
- dos Baianos. Publicação nº 40, Bahia 1960
- Na Bahia Colonial. 1610-1764, in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Tomo 90, vol. 144, 1921, p. 237-382, Rio de Janeiro, 1924

- Taunay, Affonso de Escragnolle, Viagens e viajantes, in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, tomo 92, vol. 146, p. 211-307, 1922
  - , Visitantes do Brasil Colonial. Seculos XVI-XVIII. São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1934
- Taunay, Alfredo d'Escragnolle, visconde de Taunay, Estrangeiros illustres e prestimosos no Brasil (1800-1892) e outros escriptos. São Paulo (etc.), Comp. Melhoramentos, (1932)
- Teixeira, Cid, Francisco Agostinho Gomes e seu brasão de Armas, in: Revista do Instituto Genealógico da Bahia, 1,1, 1945, p. 11-18
- Therese, Prinzessin von Bayern, Meine Reise in den brasilianischen Tropen. Berlin, Dietrich Reimer, 1897
- Toelsner, Carl August, Die Colonie Leopoldina in Brasilien. Göttingen, 1853
- Tollenare, L. F. de, Notas dominicais, tomadas durante uma viagem em Portugal e no Brasil em 1816,1817 e 1818. Bahia, Livraria Progresso, 1956
- \_\_\_\_\_\_,Notes dominicales prises pendant un voyage en Portugal et au Brésil en 1816, 1817 et 1818. Edition et commentaire du ms. 3434 de la Bibliothèque Sainte-Geneviève par Léon Bourdon. 3 vols., Paris, Presses Universitaires de France, 1971-1973
- \_\_\_\_\_\_, Notas dominicais. Extratos publicados por Alfredo de Carvalho, in: Revista do Instituto Arqueológico e Geográfico Pennambucano, vol.XI (1907), p.352-546
- , Notas dominicais. A parte referente \( \tilde{a} \) Bahia publicada e anctada por Oliveira Lima, in: Revista do Instituto Geografico e Histórico da Bahia, vol. XIX, 1907, p. 35-127
- Tschudi, Johann Jacob von, Reisen durch Südamerika. 5 vols., Leipzig, Brockhaus, 1866-1869
- Turnbull, John, A voyage round the world in the years 1800, 1801, 1802, 1803, and 1804, in which the author visited Madeira, the Brazils, cape of Good Hope, the English settlements at Botany bay and Norfolk islands in the Pacific ocean....

  2a. ed., London, A. Maxwell, 1813

- Urban, I., Biographische Shizzen. II. Leipzig, W. Engelmann, 1894 (Separata do Engler' Botanische Jahrbücher, vol. XLIII, caderno 3
- Vale, Brian, A vida e a carreira do vice-almirante Sr Thomas Masterman Hardy, in: Navigator. Subsidios para a História Maritima do Brasil. Nº 5, junho de 1972, p. 7-11
- Valladares, José, A Galeria Abbott, primeira pinacoteca da Bahia. Publicação do Museu do Estado, nº 12, Bahia, 1951
- Vauthier, Diario intimo do Engenheiro Vauthier. Prefacio e notas de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saúde, 1940
- Verger, Pierre, Flux et reflux de la traite des negres entre le Golfe de Benin et Bahia de Todos os Santos, du dix-septieme au dix-neuvieme siecle. Paris, Mouton & Co., 1968
- \_\_\_\_\_\_, La vie quotidienne à Bahia au Brésil vers 1850, époque de l'extinction de la traite clandestine des esclaves. Manuscrito, a sair pela Librairie Hachette, Paris, na coleção "La vie quotidienne"
- Ver Huell, Mijne eerste Zeereis. Rotterdam, 1842
- Vertot, Abbé, v. Boisgelin, Louis de
- Vianna, Francisco Vicente, Memoria sobre o Estado da Bahia. Bahia, Typographia e encadernação do "Diario da Bahia",1893 Vilhena, Luís de, A Bahia no seculo XVIII. Bahia, Ed. Itapuã, 1969
- Wawra, Heinrich, Botanische Ergebnisse der Reise Seiner Majestät des Kaisers von Mexico, Maximilian I., nach Brasilien. 1859-1860. Wien, Druck und Verlag von Carl Gerold's Sohn, 2 vols., 1966
- Wawra von Fernsee, Heinrich Ritter, Itinera principum S. Coburgi.

  Die botanische Ausbeute von den Reisen Ihrer Hoheiten der Prinzen von Sachsen-Coburg-Gotha. 1. Reise der Prinzen Philipp und August um die Welt (1872-1873). 2. Reise der Prinzen August und Ferdinand nach Brasilien (1879). Wien, Gerold, 1883
- Wetherell, James, Brasil. Apontamentos sobre a Bahia. 1842-1857.

  Apresentação e tradução de Miguel P. do Rio-Branco. Bahia,
  Banco da Bahia, s.d. (1972)

- Wetherell, James, Brazil. Stray notes from Bahia: being extracts from letters, etc. during a residence of fifteen years. Edited by William Hadfield. Liverpool, Webb and Hunt, 1860
- Wildberger, Arnold, Fatos e reminiscências em torno à história do Consulado da Belgica na Bahia. 1837-1937. Bahia, 1971 , Os presidentes da Provincia da Bahia. 1824-1889. Salva
  - dor, Tipografia Beneditina Ltda., 1949
- Wildberger, Arnold, Neeser, Hermann e Edelweiss, Frederico, Noticia histórica de Wildbor er & Cia. 1829-1942. Bahia, Tipografia Beneditina Ltda., 1942
- Wilberforce, Edward, Brazil viewed through a navel glass. With notes on slavery and the slave trade. London, Langman, Brown, Green, and Longmans, 1856
- Wilkins, Jacobs, A true description of the Bay Todos los Santos in Brazil, and taking the towne Salvador by the Admiral Master Jocob Wilkins 1624. London, 1625
- Willems, Emilio, Dicionario de sociologia. Porto Alegre, Editora G'cbo, 1950
- Williams, Thomas Rhys, Field methods in the study of culture. Holt (etc.&, 1967
- Zucchelli (Antonio Z. von Gradisca), Merckwüttrdige Missionsund Reise-Beschreibung nach Congo in Ethiopien. Franckfurt am Mayn, 1715

## Adenda

- Alberto, Carlos, A locomoção da Cidade através dos tempos. Bahia, Escola de Aprendizes Artífices, 1940
- Dettmann, Eduard, Brasiliens Außschwung in deutscher Beleuchtung. Berlin, Hermann Paetel, 1908
- Douville, Jean-Baptiste, Voyage chez les sauvages du Bresil..., fait pendant les années 1833, 1834 e 1835. Manuscrito da Biblioteca Sainte Genevieve, Paris.
- Fernandes, Florestan, Sociedade de classes e subdesenvolvimento. Rio de Janeiro, Zahar, 1968

- Preyreiss, Georg Wilhelm, Viagens a várias tribus de selvagens na capitania de Minas Gerais. Permanencia entre elas, descrição de seus usos e costumes, in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. VI, 1907
- Mota, Carlos Guilherme (Org.), Brasil em perspectiva, São Paulo, Dif. Europeia do Livro, 1971
- \_\_\_\_\_, Nordeste 1817: estruturas e argumentos. São Paulo, Ed. Perspectiva e Ed. da Universidade de São Paulo, 1972
- Regis, Pedro Tito, Duas palavras sobre a Provincia da Bahia. Palia, Typ. de José da Costa Vilhaça, 1845
- Viotti da Costa, Emilia, Introdução ao estudo da emancipação política do Brasil, in: Brasil em Perspectiva, São Paulo, Dif. Europeia do Livro, 1971